﻿The Project Gutenberg EBook of A Filha do Arcediago, by Camilo Castelo Branco

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.net

Title: A Filha do Arcediago

Terceira Edição

Author: Camilo Castelo Branco

Release Date: November 29, 2008 [EBook #27364]

Language: Portuguese

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK A FILHA DO ARCEDIAGO \*\*\*

Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This book was

produced from scanned images of public domain material

from the Google Print project.)

A FILHA DO ARCEDIAGO

FILHA DO ARCEDIAGO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

TERCEIRA EDIÇÃO

PORTO

EM CASA DE CRUZ COUTINHO--EDITOR

18 E 20--CALDEIREIROS--18 E 20

1868

PORTO--TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO rua Ferreira Borges, 31

Leitores! Se ha verdade sobre a terra, é o romance, que eu tenho a honra

de offerecer ás vossas horas de desenfado.

Se sois como eu, em cousas de romances (que no resto, Deus vos livre, a

vós, ou Deus me livre a mim) gostareis de povoar a imaginação de scenas,

que se viram, que se realisaram, e deixaram de si vestigios, que fazem

chorar, e fazem rir. Esta dualidade, que caracterisa todas as cousas

d'este globo, onde somos inquilinos por mercê de Deus, é de per si um

infallivel symptoma de que o meu romance é o unico verdadeiro.

Eu sou um homem, que sabe tudo e muitas outras cousas. Não espreito a

vida do meu proximo, nem ando pelos salões atraz d'uma ideia, que possa

estender-se por um volume de trezentas paginas, que, depois, vil espião,

venho vender-vos por 480 reis. Isso, nunca.

Tudo isto que eu sei, e muito mais que espero saber, é-me contado por

uma respeitavel senhora, que não vai ao theatro, nem aos cavallinhos, e

que tem necessidades organicas, mas todas honestas, e, entre muitas, é

predominada pela necessidade de fallar onze horas em cada dez. Desde que

tive a ventura de conhecel-a, não invejo a sorte de ninguem, porque vivo

debaixo das mesmas telhas com esta boa senhora, e posso satisfazer a

mais imperiosa necessidade da minha organisação, que é estar calado. É

que não podemos fallar ambos ao mesmo tempo.

E, depois, a sua conversação, escassa d'arrebiques, e despretenciosa,

abunda em riquezas naturaes, em thesouros impagaveis para o escriptor

publico, em estudos sociaes adquiridos no testemunho de factos da vida,

que não vieram ás locaes do jornalismo, porque a imprensa, ha poucos

annos que denuncia os casamentos, os obitos, e os suicidios.

Ingrato seria eu, se não significasse aqui, com toda a cordialidade de

que sou susceptivel, o meu reconhecimento á dita pessoa, que promette

elevar-me á importancia de escriptor veridico, n'um genero em que todos

os meus collegas mentem sempre.

No momento infausto em que os sêllos do tumulo me fecharem este livro do

passado, obliterar-se-ha a fecunda veia de romancista, d'onde tenho

havido uma barata immortalidade para mim, e para a minha collaboradora.

O publico, maravilhado da minha esterilidade, dirá então que os meus

romances eram d'ella; e um nome, hoje obscuro, será exhumado do

esquecimento para quinhoar da gloria dos escriptores-fêmeas d'esta nossa

terra tão escassa--ainda bem--d'esse contra-senso.

A FILHA DO ARCEDIAGO

CAPITULO I

Em 1815, um dos mais abastados mercadores de pannos da rua das Flores na

cidade do Porto, era o senhor Antonio José da Silva. E a 23 d'agosto, do

mesmo anno, o negociante da rua das Flores que mais suava, e bufava

afflicto com a calma, era o mesmo senhor Antonio José da Silva. O senhor

Antonio, como os seus caixeiros o chamavam, tinha razão para suar. As

bochechas balofas e tremulas, dilatadas pelo calor do estio,

ressumavam-lhe um succo oleoso, que descia em rêgos pelos tres rofêgos

da barba, e vinha adherir a camisa ás duas grandes esponjas, que

formavam os seios cabelludos do nosso amigo attribulado.

O senhor Silva inquieto, e resfollegando como um hippopótamo, passeava

no seu escriptorio. O seu traje era muito simples: andava de cuecas, e

alpercatas de estôpa com sola de cortiça. Este vestido, com quanto

singelissimo, e o primeiro talvez que se seguiu ao que trajou Adão no

Paraizo, dava-lhe ares d'um sátyro voluptuosamente gordo.

O negociante representava cincoenta e cinco annos, bem conservados. No

ôlho direito tinha muita vida; o esquerdo, porém, n'esta occasião tinha

um tersolho, e inflammado, de mais a mais, pelo calor.

Além do dito, o senhor Silva estava soffrendo um segundo tersolho no

espirito. Era uma paixão, uma paixão d'alma, a mocidade na velhice, essa

ancia impotente d'um coração, que quer romper os tecidos atrophiados de

cincoenta e cinco annos para dar quatro pulos em pleno ar.

Quem era a victima d'esta paixão impetuosa? Uma menina de quinze annos,

que a leitora enjoada das indecentes cuecas do senhor Silva, póde vêr,

no segundo andar d'esta mesma casa, sentada a costurar na varanda, com

uma gata malteza no regaço, e um papagaio ao lado, que lhe depenica os

sapatos de cordovão.

É uma bonita menina, para quem gosta d'um rosto oval, olhos azues, leite

e rosas na face, labios acerejados e pequenos, dentes como perolas,

olhar alegre e penetrante. Conversa com o papagaio, e o metal da sua voz

tem aquelle timbre sonoro e puro, que nos faz jurar na belleza de quem

falla, sem lhe vermos as feições. O papagaio salta-lhe á mão, e esta mão

é pequena, dedos longos, rosados nas extremidades, transparentes como o

collo de sua dona, onde o proprio Lucifer de Gautier choraria uma

segunda lagrima, por se vêr impossibilitado de armar ás boas mulheres

(quando é de suppôr que lhe não vão lá ter as peores...)

Concordemos em que Rosa Guilhermina era uma bonita moça, e desculparemos

a paixão fatal do infeliz negociante, que, no andar de baixo, está

fumegando por todos os orificios, e distillando por todos os póros.

Como veio esta menina para a casa do negociante?

Da seguinte maneira:

Quatro annos antes, o arcediago de Barroso, padre Leonardo Taveira,

amigo velho do senhor Silva, em expansiva conversa com o seu amigo, n'um

domingo de tarde, nas hortas de Campanhã (onde semanalmente saturavam as

respectivas massas adiposas com o excellente vinho verde de Cabeceiras

de Basto), quatro annos antes, vinha eu dizendo, fallava assim, com o

seu amigo, o rubicundo arcediago:

--Sabes tu, Silva, que me está dando bastante cuidado o futuro de Rosa!

--Deixa-te disso. Não tens tu, em minha mão, um bom patrimonio que lhe

dês?! Acho que vinte mil cruzados, afóra o juro de cinco por cento, ha

dez annos, capitalisado no proprio, a vencer até que ella faça os vinte

e cinco, acho eu que é um dote de lhe tirar o chapéo.

--Bom dote é; mas isso não é o que me dá cuidado. O que eu queria para

minha filha é um bom marido...

--Ó homem, já tratas disso!? Que idade tem a tua filha?

--Tem onze annos; d'aqui a três é mulher, e póde talhar futuros por sua

conta e risco. É o que eu não quero. A pequena está em mestra-de-dentro;

mas isto de mestras ensinam a cozer e a bordar, mas não sabem adivinhar

o coração d'uma rapariga, que... emfim, Silva, vou ser franco comtigo...

--Diz, padre Leonardo...

--Que é filha de tal pae e de tal mãe... Eu tenho sido o que tu sabes...

--Isso lá é verdade... tu tens sido levadinho da breca com o gado de

contrabando...

--E a mãe, se queres que te diga a verdade, tinha uma perfeita

embocadura...

--Diz-m'o a mim, Leonardo! Era uma namoradeira dos quatro costados...

Mas, emfim, está casada, e já não é a mesma.

--Caro me custou o casamento...

--Isso custou! O que tu déste ao francez p'ra montar a loja de livros,

ainda que não rendesse senão a sete por cento, podia hoje montar a

reis... deixa vêr... quatro vezes sete vinte e oito, vão dous, com cinco

cifras, faz... faz...

--Aguas passadas... não fallemos n'isso. Agora o que me importa é a

rapariga, já que fiz a asneira de a procurar na roda... Tira-me o somno,

Silva! Lembra-me ás vezes que esta pequena ha de ser a disciplina com

que hei de ser castigado por muitas asneiras que fiz...

--Isso lá é verdade. Diz o dictado: «Onde se fazem, ahi se pagam.» Já

vem dos velhos a experiencia... Sabes tu que mais? Casa a rapariga assim

que ella pozer as ventas no ar a contar os ventos. Não lhe dês tempo a

namoricos. Janella fechada, e marido entre mãos, era o systema de minha

mãe, que Deus haja, e minhas irmãs não deram desgosto á sua familia.

--Tens razão, Antonio; mas quando o diabo está atraz da porta, não vale

nada fechar a janella... Olha lá... Queres tu casar com a minha Rosa?

--Homem, essa!... tu serás o espirito ruim que me appareces em corpo

d'homem? Não vês que tenho cincoenta feitos, e que nunca me deu na

cabeça a asneira de me casar?

--Alguma vez ha de ser a primeira...

--Isso lá é verdade; mas cada qual mede-se com as suas forças, e eu já

não estou homem para tropelias. O que eu quero é comer bem, é beber-lhe

melhor. Isto de creanças, casadas com velhos, não provam bem...

--Estás enganado com o mau exemplo da tua visinha Anna...

--Que pôz na cabeça do marido um chinó, porque elle era calvo... e eu

não estou menos calvo que o pobre João Pereira, que deu com o negocio em

pantana, por causa da mulher...

--Não meças tudo pela mesma rasa, Antonio. A pequena é docil, tem um

genio de pomba, vai para onde a levam, e será uma boa esposa. Ponto é

pilhal-a nos cueiros... Tu sabes melhor que eu o dote que ella tem...

--Não fallemos em dote, Leonardo... Eu, se casar com a tua filha, tanto

se me dá que ella tenha um como dous... A cousa não é essa... O peor é o

resto.

--Que resto?

--Eu te darei a resposta ámanhã.

Continuaram fallando largamente sobre o assumpto, em que o senhor Silva,

tres vezes, citou o chinó do seu visinho João Pereira.

No dia seguinte, o arcediago de Barroso encontrou o seu amigo

meditativo.

--Pensas ainda, Antonio?

--Estava pensando no nosso negocio. Isto de mulheres deve a gente

suppôl-as sempre mercadoria avariada... Mas, diz-me cá, a tua filha só

tem onze annos...

--Só, e d'aqui a dous tem treze...

--Se a cousa se arranjasse, não podia ser senão d'aqui a dous annos.

--De certo.

--Pois, então, fallaremos.

--Não que é preciso decidir-se a cousa já.

--Porquê?

--Se disseres que sim, a pequena ha de vir para tua casa já; quero que

seja educada por tua irmã, e que se afaça comtigo, para te ganhar

amizade, e o amor depois virá.

--Qual amor, nem qual carapuça! Ella póde lá ganhar-me amor!... Eu cá de

mim, se casar, o que quero é uma herdeira, porque tenho para ahi uns

sobrinhos, que se penteam muito, e que não querem estar ao mostrador a

medir covados de panno. Ha de me custar se elles vierem metter a mão no

que me custou a ganhar com honra e trabalho. Um d'elles metteu-se-lhe na

cabeça ir a Coimbra estudar para doutor!... Que tal está o catavento!

Meus paes foram lavradores, eu sou negociante, e quem houver de ficar

com a minha casa ha de vir para aqui. Quando penso n'isto, Leonardo,

parece-me que me fazia conta casar!... E, se eu tivesse um filho!...

isso então, digo-te que era ouro sobre azul! Se não fosse o medo, que

tenho ás bôcas do mundo, não engeitava aquelle rapagão da Thereza...

--É verdade, que fizestes á Thereza?

--Puz-lhe um estabelecimento de castanhas assadas na Ribeira. O diabo da

moça piscava o ôlho ao caixeiro, e pul-a fóra de casa. Eu cá poucas

vergonhas de portas a dentro não as quero.

--Tens razão; mas isso do filho é cousa muito natural...

--Ah! é verdade; isto do filho acho eu que é cousa muita natural; mas

dizias tu que á Rosinha...

--Viria para a tua companhia, e aos treze annos, ou mais cedo, com

licença do bispo, casas com ella...

--Homem... isto é uma carta tirada da baralha... Está dito, se a cousa

não dér de si, caso com a tua filha.

--Se a cousa não dér de si... dizes tu; que quer isso dizer?

--Sim, se não houver entrementes cousa que desarranje a minha saúde ou a

d'ella...

--Está visto, não é preciso tirar isso como condição.

Rosa Guilhermina veio para casa do senhor Antonio José da Silva.

O noivo predestinado affeiçoou-se á pequena com toda a effusão paterna.

Prodigalisava-lhe carinhos, que a menina recebia com indifferente

innocencia, mas com certo aborrecimento intimo, e até nojo da sua grande

cara, cujas belfas eram vermelhas como duas folhas de parra de moscatel,

no outono.

Feitos os treze annos de Rosa, o negociante sentiu abrirem-se-lhe as

valvulas do coração para lhe verterem nas veias um sangue mais quente.

Não era um fino amor o seu; mas era um amor que lhe afinava a voz

melodiosa de meiguices, que a pequena recebia sempre com tregeitos de

enfastiada.

A affeição não correspondida reagiu.

O coração, atufado pelos tecidos cellulares, do obeso amante, esperneou

nas cavidades do peito respectivo, e veio á superfície dos

acontecimentos com o ideal d'um Antony, com os ciumes d'um Othello, e

com a paixão escandecida d'um Mamfredo de cuecas, como tivemos o

dissabor de vêl-o no principio d'este capitulo.

CAPITULO II

Na tão indecente como attribulada situação, em que deixamos o senhor

Antonio, veio encontral-o o padre Leonardo Taveira, que voltava de resar

vesperas no côro da Cathedral.

O cálido negociante resfollegava como um tubarão, e improvisava uma

ventoinha de meia fralda da camisa. Cada vez mais indecente! Valha-nos

Deus, leitores, que muito amargo é o dizer a verdade inteira! Ha

momentos em que o escriptor publico se vê forçado a córar. Se me

visseis, n'este instante, julgar-me-ieis d'uma candura infantil.

O arcediago, porém, não se mostrou surprendido da attitude tragicamente

afflictiva do seu amigo. Cálido tambem, despiu a loba, arremessou o

cabeção, descalçou os sapatos de fivela, e refocillou os amplos pés

vermelhos nos propicios chinelos do escarlate mercador de pannos.

--Fostes a minha desgraça!-regougou o senhor Antonio, abanando o

ventilador com a mão esquerda, e enxugando com a toalha de mãos os

humidos torcicollos do pescoço.

--Fui a tua desgraça! Pois que é?-replicou o beneficiado, tapando com o

indicador da mão direita uma das ventas, para chilrear na esquerda uma

solemne pitada.

--Que é? ainda m'o perguntas? É a tua filha que me faz de fel e vinagre!

É uma ingrata que se me ri nas barbas, quando eu lhe faço meiguices!

--Ora deixa estar, que o remedio não está em Roma. Eu já te disse que

sou pae, e tenho direitos sobre minha filha. Queres ou não queres casar

com ella, Antonio?

--Perguntas-m'o agora que já não sei por onde me anda a cabeça!... Dava

trinta mil cruzados, e queria que a tua filha gostasse de mim! Isto

parece que foi inguiço, que me fizeram!...

--Eu te quebrarei o inguiço...

--Não sei como. A pequena, seja lá pelo que fôr, não me póde vêr, ha um

anno para cá. Aqui anda dente de coelho... Não sei, mas desconfio que

ella namora o filho do João Retrozeiro, que me está sempre a lêr por

detraz dos vidros.

--Devéras?

--Parece-me que sim. A minha Angelica já o desconfiou, e ralhou-lhe. A

senhora Rosinha levantou a cabeça, e disse que não dava satisfações a

ninguem.

--Ah! ella disse isso? Ora deixa-me com ella...

--Ouviste, Leonardo? não quero que lhe ralhes. É muito creança, e póde

ser que minha irmã se enganasse. Serão escrupulos de Angelica, que me

defumou com herva sancta e trevo nove vezes para me quebrar o feitiço em

que me tinha a criada Thereza. É uma pateta mulher. Não lhe digas nada

por ora a tal respeito. Aconselha-a que case comigo, e que me tenha

amor, que eu prometto dar-lhe todo o ouro e vestidos que ella quizer.

Hei de até leval-a ás comedias italianas, e não haverá fidalga que lhe

bote a barra adiante em aceios.

Já vêem, pela energia da expressão, que dôr tão sublime não devia ser a

que assim se exprimia por jactos de calorosa eloquencia! O senhor

Antonio José da Silva, superior á sua classe, sentia-se arrojadamente

grande pela angustia d'uma repulsa. Trinta mil cruzados déra elle pelo

amor de Rosa Guilhermina! Promettia leval-a ás comedias! Galardoava o

seu amor com vestidos que fizessem morder de inveja as fidalgas do

Porto! Eu quizera que Rosa lhe exigisse uma carruagem. Se o senhor

Antonio accedesse ao extravagante pedido, então, leitores seria eu o

primeiro a pedir uma data gloriosa, um cantinho, na historia da

civilisação da rua das Flores, para o senhor Antonio José.

A nada, porém, se movera a esquiva donzella.

O arcediago, commovido pela exclamação do seu futuro genro, subiu ao

segundo andar, e procurou, meio-colerico, a filha rebelde, que ensinava

o papagaio a dizer: \_é o rei que vai á caça\_.

--Á caça andava eu de ti...--disse affavelmente o pae, chegando uma

cadeira para junto de sua filha tambem risonha, que lhe beijava a mão.

--Ah! eu não sabia... Tenho estado aqui toda a tarde a trabalhar,

sósinha.

--A senhora Angelica não tem estado ao pé de ti?

--Não, meu pae. Creio que foi visitar o SS. Sacramento.

--Mas ella ainda é tua amiga como sempre foi...

--Eu sei cá... parece-me que não.

--Algum motivo lhe déste, Rosa...

--Eu? nenhum.

--Que disseste hoje ao senhor Antonio?

--Não me lembro... A que respeito?

--A respeito do teu casamento.

--Não fallemos n'isso, meu pae... Sou muito nova, não quero casar.

--\_Não quero!\_ isso é cousa que se diga a um pae?

--Vmc.e não ha de querer a minha desgraça... Eu não posso ser feliz

casando com o senhor Antonio... Antes quero ser criada de servir, ou

trabalhar para viver...

--Rosa, não sejas creança. Olha que tu, casada com este homem, és muito

rica, satisfazes todas as tuas vontades.

--Antes quero ser pobre... Tenho repugnancia em chamar meu marido a um

homem que eu poderia estimar como avô... Não posso, é impossivel, meu

pae. Mais facil me será morrer, que casar com elle.

--Visto isso, resistes á vontade de teu pae!

--Bem me custa; mas o pae ha de ter pena de mim; não ha de querer que eu

seja desgraçada toda a minha vida.

--Não quero, não; e por isso mesmo é que te mando casar com o senhor

Antonio José da Silva.

--Mate-me, se quizer; mas obrigar-me a casar, isso não.

--Das duas uma: ou casar, ou entrar já no recolhimento das orphãs em S.

Lazaro.

--Entrarei no recolhimento, vou para onde o pae quizer que eu vá, até

serei carmelita, se fôr da sua vontade.

Esta pertinaz resolução espantou o arcediago, e convenceu-o de que sua

filha estava innocente das suspeitas de Angelica, beata crendeira em

encantamentos, inguiços, e lobishomens. Se a pequena tivesse namoro com

o filho do João Retrozeiro, de certo não acceitaria com tanta presença

de espirito a condicional do recolhimento. Assim o pensava o licenciado,

que tinha muita experiencia do mundo, e essa muito cara, a julgar pelas

cifras que accumulou o negociante, orçando as despezas do casamento da

mãe de Rosa.

Teimoso, e esperançado nas boas maneiras, entrou em negociações

amigaveis com a menina. Pintou-lhe o melhor que pôde a vantagem de ser

brevemente uma viuva rica, e a liberdade que teria então de escolher um

marido mais galhardo. Repetiu a seducção dos vestidos, e dos diamantes;

encareceu as delicias do theatro; soprou-lhe a vaidade, imaginando-a

invejada pelas mulheres de todos os negociantes do Porto; emfim, por não

fechar o discurso sem uma immoralidade, com palavras equivocas,

dissertou pouco christãmente ácerca dos deveres da mulher casada.

Rosa insistiu na recusa. O padre irou-se outra vez; deixou cahir a

caixa, no excesso da indignação; verteu no peito da camisa quatro pingas

de rapé; escumou pelos cantos da bôca; pizou uma perna ao papagaio;

entalou o rabo da gata, que saltou, bufando, para o peitoril da varanda;

e acabou por dizer, em voz cavernosa, que Rosa, no dia seguinte, sem

mais delongas, seria fechada no recolhimento de S. Lazaro, para não vêr

sol nem lua.

O senhor Silva ouvira os ultimos berros, e zangou-se contra o padre. O

seu amor não lhe consentia um ultraje a Rosa, apesar de ingrata. Em

cuecas, e com a camisa em ventilador subia a escada; mas, a meio

caminho, olhou para si, e viu, na sua consciencia, que não estava

decente. Tornou atraz a enfiar as pantalonas de linho, quando o

arcediago descia com a cara côr de lagosta, e os olhos turgidos e

encarniçados como dois medronhos bravos.

--Não fazes senão asneiras, Leonardo--disse o negociante, impando com a

difficuldade de enfiar a côxa roliça nas pantalonas, que queria vestir

ás avessas, no auge da atrapalhação.

--Eu não faço asneiras. Sou pae, e quero ser obedecido.

--Que vaes tu fazer?

--Ámanhã ha de entrar no recolhimento por força.

--Deixa-te d'isso; não afflijas a rapariga por minha causa. Eu não

consinto...

--Não preciso do teu consentimento. O caso agora é comigo, não é

comtigo. Veremos quem vence.

--Então não ha outro remedio, Leonardo?

--Nenhum. Está de pedra e cal. Não quer casar por bem nem por mal. Diz

que tem repugnancia em ser tua mulher.

--Sim?!-atalhou o senhor Silva atrozmente ferido na sua vaidade--pois,

n'esse caso, faz o que quizeres, e tira-m'a quanto antes de casa.

--Olha cá, Antonio... Eu parece-me que a pequena, em se vendo fechada no

recolhimento, onde não conhece ninguem, nem tem janella para a rua,

mudará de vontade, e quererá casar...

--Comigo? Isso nunca! Deus me livre! \_Má mez\_ para ella! Lembras-te do

chinó do meu visinho?

--Ora deixa-te d'isso, meu amigo. Nem todos os maridos são calvos... nem

todas as mulheres fazem marrafas. Dá tempo ao tempo. Quem lida com

mulheres, lida com o diabo. É preciso atural-as. Sabes lá o que eu tenho

soffrido com ellas?

--Eu é que não estou para brincadeiras... Estava muito socegado, ha tres

annos; para que vieste tu inquietar-me com o negocio, que me propozeste

em Campanhã? Guarda a tua filha, que eu morrerei solteiro.

O senhor Antonio José da Silva, dizendo isto, melhor avisado, bebia uma

limonada, e o arcediago de Barroso calçava os sapatos de fivela.

N'este momento entrava a senhora Angelica, de mantilha, e camandulas de

pau preto pendentes nas mãos, que trazia sobre o seio em postura

beatifica.

--D'onde vens, Angelica?-perguntou o irmão.

A beata resmungou, e subiu para o segundo andar.

Espionemos d'onde vinha a senhora Angelica.

CAPITULO III

Que Rosa Guilhermina estava, mais ou menos, possessa de feitiços, era um

evangelho para a senhora Angelica. Que a filha do peccado, como a beata

lhe chamava, seduzida pelo demonio, namorasse o filho do retrozeiro,

isso é que não era liquido.

Para os feitiços deixára Deus na terra pessoas virtuosas, mulheres

sabias, que os desmanchavam; e para adivinhar o coração da pequena bem

sabia a irmã do senhor Antonio que o remedio não estava longe.

A senhora Angelica ouvira a conversação do seu Antonio com Rosa

Guilhermina, na manhã do dia em que se passaram as scenas ridiculamente

funebres do capitulo anterior. Cousas ouviu ella que a obrigaram a

benzer-se tres vezes, e queimar arruda no seu quarto, e no da pequena.

Parece que a timida sexagenaria receava que o espirito mau, que vexava

Rosa, viesse, por variar, entreter-se com o seu corpo immaculado.

Feitas as abluções, e comido o jantar, que benzeu tres vezes, e devorou

com as pernas em cruz, receosa d'um ataque subterraneo do demonio,

compoz a coca da mantilha, armou-se do rosario abençoado por Gregorio

XVI, prendeu duas figas e um chispo de veado na alça do collête, e

sahiu.

Da rua das Flores a Miragaya dava saltinhos como uma franga com as azas

cortadas. Ao pé da antiga casa da Companhia, n'uma porta baixa de casa

terrea, bateu a senhora Angelica. A porta foi aberta por uma velha

inqualificavel, indefinivel, mistura de todos os animaes repulsivos

desde a santopeia até á cegonha. Era a senhora Escolastica, benzedeira,

adivinha, mulher sabia, que praticava com o invisivel por meio da

peneira e das cartas.

--Venha com Deus, devota de Nosso Senhor. Já sei ao que vem.

--Já? Louvado seja Deus!

--A Rosinha não quer casar.

--Nem á mão de Deus padre... Aqui anda feitiço. Queria que vmc.e me

dissesse se o filho do retrozeiro, que se chama José, será o manfarrico

que faz doudejar a cabeça da rapariga.

--Vamos a isso--disse a senhora Escolastica, carregando duas vezes de

simonte a venta esquerda, que parecia um mexilhão aberto, e folheando um

surrado baralho de cartas.

A senhora Escolastica benzeu-se, e pronunciou a seguinte oração, pondo

as cartas em quatro montes, benzidas tambem:

«\_S. Cypriano, bispo e arcebispo fostes, sete annos no mar andastes, na

vossa divina graça vos sustentastes, sete sortes pela vossa divina

esposa botastes, no fim vos declarastes. Declarai-me aqui se a Rosinha

anda de namoro com o José, filho do retrozeiro.\_»

E, depois, voltando-se, com ar sibillyno e tragico, para Angelica:

--Rosa é a dama de ouros; o José é o rei de ouros. Aqui sahe Rosa com o

sete de espadas, que é uma paixão d'alma. Aqui está o José voltado para

ella de corpo e pensamento, que é o valete de ouros. Sahe-lhe aqui outro

homem, que é seu irmão; mas ella vira-lhe as costas, e dá-lhe más

palavras, que é o cinco de espadas. No meio disto sahe-lhe aqui

lagrimas, que é o cinco de copas, e a espadilha o affirma. Seu irmão

aqui está com o sete de copas, que quer dizer comidas e bebidas, e ella

vira-se para o sete de paus, que é um gosto grande, e o seis de paus

pela porta da rua. Aqui está a dama de espadas, que é uma mulher de má

língua por causa d'uns dinheiros grandes, que é o dous d'ouros, vê? ella

ámanhã sahe por caminhos; aqui está o dous de espadas, e aqui está o az

d'ouros, que é a igreja, e o quatro de paus que é a tumba... valha-me

Deus!...

A senhora Angelica, côr de cidra, benzeu-se. Dito isto, a senhora

Escolastica repetiu a miraculosa operação, e descobriu uma \_novidade\_.

Novidade é uma carreira de cartas sem figuras. A novidade era a

confirmação do quatro de paus, e um certo az de copas, cuja significação

a benzedeira disse ao ouvido de Angelica, que fez uma carêta, e

persignou-se. Carêta aquella, discreta leitora, que eu tambem fiz quando

me contaram esta pavorosa historia.

Feito isto, as cartas foram substituidas pela peneira.

A senhora Escolastica, versada nos dous ramos de sortilegio, pôz de

perfil a peneira, e metteu-lhe um Senhor crucificado, umas contas, e

tres vintens em prata. Depois cravou em um dos lados os bicos de uma

thesoura fechada, e outra thesoura do outro lado. Feito isto, com

grandes tregeitos, e grave attenção da senhora Angelica, que murmurava o

credo em cruz, disse a benzedeira:

«\_Peneira, tu que peneiras? Pão para toda a christandade. Pelo poder de

Deus peço-te que me digas se a Rosinha ha de casar com o senhor Antonio;

se tiver de casar, vira-te para a direita, e senão vira-te para a

esquerda.\_»--A peneira oscillou alguns segundos, e ficou voltada para a

esquerda.

A pobre Angelica deixou pender o beiço inferior, que, ha quatro annos,

lhe tocava na ponta do nariz! Estava profundamente triste e aterrada! O

seu ôlho esquerdo fallou da abundancia do coração. Uma lagrima, côr de

agua-pé, rolou-lhe perguiçosa nas verrugas da face.

--Sabe o que mais, senhora Angelica?--disse Escolastica, commovida, e

atufando a pitada na fossa anfractuosa da venta direita--sabe que

mais?... vamos \_prender\_ a rapariga.

--Isso será cousa de escrupulo, e eu tenho medo que Deus me castigue.

--Agora castiga... Ha de ensinar ao seu irmão esta oração: «\_S. Marcos

te marque, S. Manso te amanse, os quatro Evangelistas te batam á porta

do teu coração, Sanctissima Trindade te confirme na minha vontade, para

que nem na cama, nem na mesa, nem no lar, sem mim, não possas estar, rir

e fallar, e já, e já, e já com todo o pacto.\_»--Esta oração ha de seu

irmão dizel-a, e quando disser \_com todo o pacto\_ ha de dar tres vezes

com o pé direito no chão. Passados nove dias, em que eu hei de rezar a

novena das almas, e ouvir as vozes, appareça vmc.e por cá, e veremos se

é preciso trazer roupa d'ella para a defumarmos nos quatro cantos com o

fogareiro de S. Cypriano.

A senhora Angelica deu por bem empregados os seus dous patacões, e

passou o resto da tarde a rezar os versos de S. Gregorio, e a novena de

Sancta Apolinaria, em \_S. João\_, onde estava, n'esse dia, que era sexta

feira, exposto o Sanctissimo.

Ora aqui está d'onde vinha a irmã do senhor Antonio José da Silva.

Dobrada a mantilha, e a saia de durante, a senhora Angelica desceu a

procurar seu irmão, e, farejando os cantos da sala, viu que ninguem lhe

testemunhava a tremenda revelação, que ia fazer-lhe.

--Então já sabes o que acontece?-perguntou elle, emborcando o segundo

pucaro de limonada.

--Que foi, meu Antoninho?

--A Rosa vai-se, ámanhã, embora.

--Vai! Louvado seja Deus!... bem m'o disse a Escolastica!...

--Quem é a Escolastica?!

--É cá uma mulher, muito temente a Deus, que vê o que se passa na

alma...

--Deixa-te de crendices... não creias em maranhões...

--Credo! não digas tal, Antonio, que não vá Deus castigar-te, e ella

sabel-o... Se tu soubesses o que ella me disse...

--Não sei, nem quero saber... Has de sempre ter essa mania! Pergunta ao

padre Leonardo por isso, e verás a rizada que elle te dá...

--Bem me importa a mim a risada do padre Leonardo!... Não... aquelle não

é cá dos meus!... Padres com filhas... não quero ir com elles nem para o

céo... Sabes tu que o tal arcediago me parece jacobino!... Deus me

valha, se pecco... Cala-te, bôca...

A devota mulher, incapaz de infamar, dava uma sonora palmada nos labios,

quando apostrophou a bôca falladora, e lhe impôz silencio, que mais

eloquente que a bôca, segundo diz o poeta latino, fallou assim:

--Tenho cá minhas aquellas com este padre!... Elle não diz missa, nem

préga a quaresma, nem vai ás via-sacras, como o padre Aniceto, meu

confessor, e o padre Benedicto dos Carmelitas, que reza os exorcismos.

Deus me acuda--continuou ella em voz alta--mas não tenho fé com padres

que tem filhas, e casam as mães com outros, de mais a mais com um

pelitrão da França, que é hereje, e jacobino na alma e no corpo...

--Cala-te lá, que estás ahi a dizer parvoíces. O padre Leonardo é um

homem honrado, que não vai ás via-sacras, mas tem temor de Deus. Lá, se

deu a sua escorregadella, em bom panno cahe uma nodoa. E, se elle não

fosse um bom pae, não obrigava a filha a entrar, ámanhã, no recolhimento

de S. Lazaro.

--Que me dizes, Antonio da minha alma? Pois a Rosa vai para o

recolhimento?

--Vai, podéra não!...

--Bem o disse a serva de Deus! Ai! que tudo nos vai sahindo como a

benzedeira o disse... O az d'ouros, lá estava o az d'ouros, Antonio! Não

tornes a fazer pouco dos adivinhamentos. Tudo m'o disse ella, e muitas

cousas mais... Abençoados dois patacões!

--Ó mulher, tu pareces-me tôla! A impostora da velha podia lá saber

isto! Botou-se a adivinhar!

--Ó Antonio, tu não me pareces catholico!... Sancto nome de Jesus! Pois,

sem aquella de Deus, sabe lá ninguem futurar o que te ha de acontecer?

Não sejas assim, meu bom irmão. Lembra-te dos inguiços que te fez

Thereza (Deus lhe perdôe, se já morreu), aquella desavergonhada que

tinha levado as tuas cuecas da roupa suja para as benzer uma feiticeira

da rua Chã, e se não fosse a devotinha Escolastica ainda hoje terias o

demonio á perna, Deus me perdôe!...

--Vai-te d'ahi, que a Thereza não tinha demonio nenhum...

--Não tinha não... Pois não lhe viste a abstrucção de ventre, que ella

trouxe, e só com as rezas da Escolastica é que o berzebum a deixou a

ella, e a ti? Valha-te o Senhor!... Diz-me com quem andas, dir-te-hei as

manhas, que tens.

--Está bom... Vamos tratar de cear, que são nove horas.

--Está a Anna a segar o caldo... Antes d'isso quero dizer-te duas

palavras.

--Diz lá.

--Mas não has de fazer modos de incredulo. Tu queres que a Rosinha case

comtigo?

--Eu não.

--Não!... Minha mãe Maria Sanctissima!... Se eu te entendo...

--Quero que ella tenha por mim affeição de dentro... Contra vontade, não

quero ninguem.

--Pois se eu te ensinar o modo de fazeres com que ella te tenha affeição

de dentro?

--Vai bugiar! Tu cada vez estás mais tonta!

--Estou! pois olha que não é de velha.

--Isso não; mas já podias saber mais do mundo com sessenta e nove

annos... És mais velha que eu quatorze.

--Então? achas que estou tonta como a velhinha tia Brizida, que já fez

noventa e dous?

--Não sei... Sabes que mais? Mette um salpicão no pucaro, e leve

berzebum as paixões, e quem com ellas engorda.

--Olha cá, Antonio... Não te quero assim... Pareces-me mesmo nos modos

com os chichisbeos que vão ao theatro, e á missa das dez a S. Bento, por

causa das freiras, que, Deus me perdôe, podem bem com a sanctidade que

teem!... Andam sempre alli pelas grades aquellas namoradeiras, que nem

me parecem religiosas, e esposas do Cordeiro immaculado, e fallam da

vida do proximo!... Valham-me as cinco chagas, e a benta cruz.

--Vai pôr a mesa, mulher, e olha lá o que essa rapariga está a fazer,

que eu vejo d'aqui o filho do retrozeiro á janella...

--Ah! vês? Não que ella faz-lhe amor de cá...

--Tu viste?

--Disse-m'o a Escolastica.

--Que leve a breca a tua Escolastica, que o meu gosto era dar-lhe com o

covado no costado...

--Sancto nome! Tu que dizes, homem? Aqui cahe raio. Pede perdão á

servinha de Deus, senão as palavras não te aproveitam...

--Que palavras?

--As palavras que hão de fazer com que a Rosa ande atraz de ti como a

linha atraz da agulha. O caso é ter fé. Se as disseres, tu verás,

Antonio!...

--São palavras para lhe dizer a ella?

--Não... Assim que a vires, has de dizer no teu coração...

--Cala-te ahi...

--Não me calo... tenho até escrupulo de me calar... Hei-de dizer-t'as.

Ouve lá: «\_S. Marcos te marque, S. Manso te amanse, os quatro

Evangelistas te batam á porta do teu coração, a Sanctissima Trindade te

confirme na minha vontade... e\_... espera lá... deixa vêr se me

lembra... ah! já sei... \_para que nem na cama, nem no lar, sem mim, não

possas estar, rir e fallar, e já, e já, e já com todo o pacto.\_» Quando

disseres isto, deves assim bater com o pé no chão uma, duas e tres

vezes...

Á terceira, a senhora Angelica pilhou debaixo do pé o rabo desgraçado da

gata, que soltou um doloroso grito, e vingou a affronta enterrando a

unha no joanete esquerdo de sua ama. Angelica soltou um brado fremente

de angustia. A gata rosnava, com o pello hirto, n'um canto da sala, e o

senhor Antonio bascolejava com as nedias mandibulas uma gargalhada

sincera.

CAPITULO IV

O salpicão fumegava na mesa, rodeado de ervilhas ensopadas. Ao lado, as

tigelas do bem adubado caldo, opulento de gorda ôlha, ressumavam um

cheiro appetitoso, que ludibriava o paladar dos rapazes da loja, aos

quaes era só permittido o cheiro.

Angelica fôra chamar Rosinha para a mesa, emquanto seu irmão espostejava

as talhadas pingues do paio de Lamego. A arrufada menina não quiz cear,

e, para esquivar-se ás instancias da velha pertinaz, declarou-se

incommodada da cabeça, cobrindo-a com o lençol.

O negociante engatilhava a cara em ar de despeito, e ensaiava as

palpebras roliças n'uma postura sombria, que desse da sua dôr a alta

ideia, que os queixos desmentiam, cevando-se na carne de porco, e nas

ervilhas aromaticas.

Certo de que a ingrata filha do arcediago não vinha á mesa, o senhor

Silva inutilisou a cara funebre, deu largas á testa franzida

tyrannamente, e mascou, rugindo como os deuses d'Homero, a ceia

substanciosa.

Angelica, da sua parte, comeu bem, e revesou no caldo, que, segundo

ella, podiam comel-o os anjos. Deu graças a Deus, e a todos os sanctos

do seu conhecimento, que eram todos, e alguns duvidosos, emquanto seu

irmão, a cada \_padre-nosso\_, desafogava um arrôto, que podéra, sem

hyperbole, chamar-se um urro.

O ultimo, e mais estridulo, soltou-o no seu quarto, onde, emfim, aquella

alma atormentada, e o estomago revolto deviam dar-se \_rendez-vous\_ em

grato somno de sete horas.

A senhora Angelica, reservando para o dia seguinte um novo ataque á

incredulidade de seu irmão, entrou, no seu quarto, a rezar a novena das

almas, que lhe fôra imposta pela devota Escolastica, e que não acabou

conscienciosamente porque adormeceu no meio da reza, enxotando, com

palavras de esconjuro, o demonio do somno, seu tentador implacavel. A

ultima apostrophe confundiu-se com o resonar profundo de seu irmão. O

resonar de ambos, dueto horrivel, acordava os eccos funebres da casa.

Dormiam todos, excepto Rosa.

Rosa não dormia, porque apurava o ouvido a cada quarto, que badalava o

relogio de S. Domingos.

Faltava o ultimo para as dez, quando a promettida esposa do negociante

enfiou o vestido, saltou fóra da cama, abriu cautelosamente a janella,

em que batia o luar, traiçoeiro confidente dos amantes nocturnos, que

apenas podem sorrir de dia, e só nas trevas, deixam voar o

coração-morcego.

Na janella fronteira estava um vulto, e na rua solitaria não se viam os

malditos grupos; innovação inutil da \_guarda municipal\_, que nos dá a

entender que os ladrões augmentaram com a civilisação, posto que os

jornaes diariamente nos aturdam com o catalogo dos roubos.

Em 1815 podia-se namorar honestamente d'uma janella para a outra, na rua

das Flores, sem que uma patrulha insolente parasse debaixo para

testemunhar a vida intima dos que lhe pagam. Podia cochichar delicias a

donzella recatada da trapeira para a rua, sem que o amador extatico ao

som maviosissimo d'aquella voz, receasse o \_retire-se!\_ brutal do

janizaro. Podia, finalmente, segurar-se o gancho d'uma escada de corda

no terceiro andar, subir impavidamente, conversar duas horas sobre

varios assumptos honestos, e descer, sem o receio de encontrar cortada a

rectaguarda por um selvagem armado á nossa custa, que nos conduz ao

corpo da guarda a digerir a substancia da deliciosa entrevista.

Bemaventurados, pois, os que namoraram em 1815.

Mas não tenham a impiedade, leitoras honestas, de suppôr que a

mencionada escada de corda engatou o gancho na reputação de Rosa. Não,

senhoras. A filha do beneficiado ignorava esse invento da intelligencia

humana, essa corrente electrica, que aproxima dous corações, a escada de

corda, emfim, que nunca ninguem imaginou tivesse electricidade, mas que

eu, amante da minha patria e das glorias d'esta terra, declaro á

academia real das sciencias, que a tem, e lhe offereço a descoberta como

digna das suas ponderosas lucubrações.

Mais ponderosos ainda eram os motivos porque a virtuosa Rosinha déra

signal ao José Bento, filho do retrozeiro, para fallar-lhe áquella hora,

acto que, publicado, faria jejuar a senhora Angelica dous annos, a pão e

agua, e faria crescer a agua, sem o pão, na bôca de muitos caixeiros das

lojas visinhas, que a essas horas resonavam como conegos em matinas.

Era a segunda vez que a predestinada mulher do senhor Silva se

abalançava ao crime infando de tagarellar da janella, a horas mortas,

para a janella fronteira.

José Bento era um moço de quinze annos, muito envergonhado, e tão

inutil, na opinião publica, que sua familia resolveu fazel-o frade loio.

Tinha dezeseis annos, e estudava latim, com grande pasmo do mestre, que

durante quatro annos, não podéra conseguir ensinar-lhe os rudimentos da

arte, sem que elle discipulo lhe désse quatro asneiras em troca de cada

regra. No seu genero era um prodigio! Não obstante, para loio o que lhe

faltava era a idade, que sciencia tinha elle de sobejo para repartir na

communidade.

O que elle tinha, além da sciencia, era uma melancolia sympathica,

contemplativa, e romanesca. José Bento, se fosse dos nossos amigos de

botequim, passaria hoje por um espirito atormentado, um mancebo devorado

por illusões, um sceptico de coração crivado de angustias, e

conseguiria, não fallando, pertencer á seita dos Szafis da feira da

ladra.

Não lhe faltava a testa espaçosa da tarifa. Um todo-nada de navalha nas

raizes capilares da fronte seria bastante para nos dar uma testa

artistica, em que os sectarios de Spurzen, veriam o genio, e o

respeitavel publico a toleima.

Ora aqui está quem era o namoro da senhora Rosa Guilhermina, que vai

fallar com a voz commovida, vibrante, e melodiosa.

--Senhor José...

--Aqui estou, senhora Rosinha... Não me vê?

--Vejo... agora vejo...

--Como passou?

--Bem; e vmc.e passou bem?

--Tenho estado hoje muito doente.

--Sim? de quê, senhor José?

--Tem-me doído muito a barriga.

--Será do calor...

--Acho que sim; veio cá o cirurgião, e mandou-me tomar banhos

\_semicuplos\_...

--Deus queira que lhe façam bem. Então já sabe que me vou embora d'esta

casa?

--Vai? para onde vai, senhora Rosinha?

--Para o recolhimento de S. Lazaro.

--Pr'amor de quê?

--Porque meu pae teima em querer casar-me com o senhor Antonio, e eu...

--Valha-o a maleita! Pois elle quer casal-a á força com um velho assim?

--Ora ahi está; e eu não quero...

--Faz vmc.e muito bem. Eu tambem, ainda que a filha d'um rei quizesse

casar comigo, emquanto vmc.e me lembrasse, mais facil seria atirar-me

d'esta janella para baixo á rua, que casar com ella.

--Forte teima de homem! Ainda hoje lhe disse que era capaz de metter o

fuso da senhora Angelica por um ouvido, se me quizessem obrigar a tal

casamento...

--Então vmc.e decerto vai para o recolhimento?

--Antes quero isso, antes quero ser freira.

--Então, sempre lhe digo, que vou para os Loios, se a menina se mette

freira...

--Eu não sei o que acontecerá... Póde ser que meu pae, em vendo que eu

não mudo de vontade, me tire do recolhimento.

--Isso é verdade, e, se assim fôr, n'esse caso não quero ser frade, nem

que meu pae me desherde.

--O peor é que nos não tornamos a vêr...

--Não? E é verdade que não. Lá nas orphãs diz que não ha janellas.

--Não ha, não; mas, se podéssemos escrever-nos...

--Isso sim; se podéssemos escrever-nos era bem bom; mas vmc.e , em se

pilhando lá a brincar com as outras raparigas, esquece-se de mim.

--Não esqueço, não. Estou affeita a vêl-o ha mais d'um anno, e tarde me

esquecerá...

--Se vmc.e soubesse o amor que lhe tenho!... Ha quatro noites a fio, que

sonho comsigo, e nem posso estudar a lição, nem tenho vontade de comer.

Já minha mãe hoje disse: este rapaz teve alguma olhadella má. Mal diria

eu que vmc.e sahia d'essa casa!... Pois olhe... a senhora Rosinha a

sahir, e eu tambem.

--Para onde vai?

--Vou para o Passos estudar latim. Meu pae quer que eu esteja dentro do

collegio para aprender mais depressa, e eu até aqui dizia que não,

porque tinha saudades de si, mas agora não se me importa de deixar esta

casa.

--E onde mora o mestre?

--Na viella da Cancella Velha.

--Pois se eu arranjar por quem lhe escreva, lá mando.

--Então não se esqueça.

--Adeusinho.

--Adeusinho, estimarei que tenha saude.

........................................................................

As janellas fecharam-se, e a lua no céo velou o rosto de negro, como

contristada da agonia lacerante d'estes dous infelizes! Essas phrases

plangentes traziam o quilate d'uma lucta atormentada que lá ia dentro

nos dous corações! A leitora sensivel, com as lagrimas nos olhos, e a

palpitação accelerada, espera, anciosa, o desfecho d'este lance, que

ficará aqui insculpido para modelo eterno das paixões impetuosas.

José Bento prostrou-se no leito do soffrimento, gemendo... com dôres de

barriga, e variam as opiniões ácerca de uma lagrima que lhe tremia n'um

ôlho, emquanto o outro conjugava o verbo \_Laudo\_, \_as\_, \_are\_, que lhe

custára, no dia anterior, um elastico puxão d'orelhas.

A minha opinião é que a lagrima era de pura saudade. Sériamente

fallando, não sejamos injustos, expondo á irrisão a phrase singela do

pobre rapaz. O que elle sentia então, se eu podésse sentil-o agora,

escreveria tres volumes em quarto, que o leitor me compraria, e a minha

reputação de piegas amoroso estava feita.

O filho do senhor João Retrozeiro, que Deus haja, era grosso de casca,

mas tinha dentro de si bellas cousas, exceptuando a dôr de barriga, que

o incommodou a ponto de levantar-se, e pedir á mãe que lhe mandasse dar

o \_semicuplo\_, receitado pelo cirurgião.

A extremosa mãe saltou em fralda do leito conjugal, rezando o responso

de Sancto Antonio, applicado aos banhos, accendeu o lume, aqueceu a

agua, e agasalhou seu filho na bacia, que, á parte, a posição que não

era bonita, lamentou ahi de cócoras profundamente a sua sorte.

E Rosa?

Rosa, coitadinha, perguntava á sua consciencia se o amor era aquillo que

José Bento lhe dissera. Parecida com a mãe, segundo o pae dizia, o

instincto segredava-lhe cousas novas, que o visinho não sabia

decifrar-lhe. A seu pesar, porém, a pequena chorava com saudades do

rapaz.

Felizmente adormeceu, pedindo a Sancta Barbara, sua advogada, que a

livrasse do velho, assim como, pela sua muita virtude, se podéra livrar

do impio Diocleciano (reminiscencias do ultimo sermão, que prégara fr.

Miguel dos Antoninhos, na Misericordia, dias antes).

Em virtude do que, dormiu pacificamente, viu em sonhos o José Bento,

queixando-se da barriga, e acordou de madrugada, quando a magra mão de

Angelica a chamava para o oratorio, em que se rezava tudo que havia

escripto sobre a materia.

Ao almoço, o senhor Antonio José da Silva aproveitava a edição de cara

que não pôde dar á luz na ceia, por falta de concorrencia da parte

interessada no espectaculo hediondo. Estava, portanto, mais feio que

nunca o senhor Antonio. Durante o almoço de café com leite, e biscoutos

de Avintes, nem uma palavra trovejou das belfas tumidas o desditoso

amante. Rosa comia sem vontade, e Angelica sopeteava deliciosamente as

suas sôpas, aboboradas em leite quente, porque os seus quatro dentes não

eram para graças.

Findo o almoço, appareceu o arcediago Leonardo Taveira, que comeu tres

biscoutos, indispensavel lastro para um copo de vinho, e pequena

refeição para quem vinha de rezar quatro psalmos, em lingua barbara, no

côro da Sé.

Reanimado de eloquencia propria do pae e do levita, o arcediago chamou

sua filha á parte, e recapitulou, á ultima hora, as admoestações do dia

anterior. Recalcitrou a desobediente rapariga. Fumegaram as pandas

ventas do sacerdote. Volitaram-lhe das ditas caroços de rapé, como as

frechas dos thracios contra Jupiter, e sacudiu da profana lingua um

feixe de raios de maldição: \_Vibrata jaculatur fulmine lingua\_, como

depois dizia o guardião dos gracianos, fr. Antonio do Menino Deus, a

quem elle contava o accesso.

O seu discurso, que não vale a pena de especial menção, terminou por

intimar a Rosa a immediata sahida d'aquella casa. Entretanto, o padre

Leonardo foi buscar a ordem de entrada no recolhimento. Quando veio,

Angelica pendurou-se-lhe ao pescoço, em risco de lhe enterrar o fio

cortante da barba no queixo d'elle. Supplicava-lhe a piedosa mulher que

lhe deixasse a filha mais nove dias, e, ao cabo d'elles, promettia

dar-lh'a alliviada.

--Alliviada!--exclamou o pae, arfando as azas do nariz--minha filha

alliviada!...

--Pois então...? quer que lhe diga uma cousa ao ouvido?... venha cá...

O padre media Rosa da cabeça aos pés, mas o ponto fixo d'esse olhar não

era de certo nos pés nem na cabeça... Angelica acenava-lhe, e elle não

podia attendel-a, porque parece que a cara da filha denunciava um crime

inaudito... Era precisa coragem. O arcediago deu o ouvido direito á

velha:

--O senhor reverendo arcediago não sabe o que aconteceu a sua filha?

--Não!... diga, depressa, que arrebento...

--Tenha paciencia... Todo o mal que Deus permitte é para desconto de

nossos peccados...

--Diga, senhora Angelica, que me faz doudo...

--Não se afflija, senhor arcediago... o mal é do demonio, e o bem de

Deus...

--Oh mulher, por quem é não me demore n'esta horrivel suspeita...

--Pois ainda não adivinhou?

--Não, com mil pragas...

--Credo! vossa reverendissima está atrigado!...

--Sancto nome de Deus, que mulher!... Que tem minha filha?... responda,

senão vou arrebental-a...

--Arrebental-a! Deus nos acuda... Sua filha não tem culpa... a culpa é

d'aquelle seductor do inferno, Deus me perdôe...

--Seductor!... um seductor!... quem foi o infame?... que é o que me diz,

senhora Angelica?!

--Que é o que lhe digo? É que sua filha tem o \_esprito\_ ruim no corpo! O

seductor é o demonio.

Padre Leonardo Taveira, com quanto pacifico, sentiu vontade de partir

d'um murro o craneo, quasi nú, da senhora Angelica. Depois, soltou um

frouxo de riso que borrifou a face da velha. A gargalhada foi tão longa

e estridorosa, que Angelica julgou o arcediago possesso d'outro demonio.

CAPITULO V

O senhor Antonio, emquanto Rosa se vestia, sumiu-se para esconder a

commoção da despedida aos olhos insensiveis da ingrata. Angelica

procurou-o para convencel-o de pronunciar á ultima hora, o esconjuro de

Escolastica. Não o viu, e teve de acompanhar lagrimosa a menina ao

recolhimento, onde seu pae fôra adiante lêr o programma, que devia

executar-se na reclusão da pensionista D. Rosa Guilhermina Taveira. Onde

se tinha sumido o noivo despresado? Estava defronte, na loja de João

Retrozeiro, que tivera medo do aspecto, raivosamente opilado, do seu

visinho, quando entrára.

--Senhor João--disse elle, arquejando, e revirando nas orbitas os olhos,

que o ciume arrancara á sua estupida immobilidade--senhor João! eu gosto

de viver bem com os meus visinhos; moro, ha cincoenta annos, n'esta rua,

sou um honrado homem, que nunca deu desgosto aos seus visinhos...

--Diga-m'o a mim, senhor Antonio! pois que é que lhe aconteceu?--disse o

pavido retrozeiro, tirando as cangalhas, e depondo uma borla de torçal

em que o imaginoso artista phantasiava uns berloques, que deviam

distinguil-o na especialidade das borlas--Acaso, senhor Antonio, se

desaveio com alguem?

--Eu nunca fiz tagatés ás filhas, nem ás irmãs dos meus visinhos.

Ninguem dirá que me viu espetar os olhos nas familias alheias. Sou um

homem honrado.

--Quem nega tudo isso, senhor Antonio?

--Tanto se me dá que vmc.e tenha cá uma mulher como duas...

--Isso não é verdade, e perdoará, visinho. Eu não tenha cá em casa senão

a minha mulher... Quem lhe disse que eu tinha cá duas mulheres?

--Não sei se tem duas, nem quatro. O que sei é que vmc.e tem um filho

muito mariola.

--Vmc.e está enganado! O meu filho é um rapaz muito accommodado que

estuda para loio, e não tem nada que lhe digam.

--O seu filho é um mariola, já lh'o disse.

--Pois o meu José que lhe fez?

--O seu José anda-me cá a fazer gatimanhos á filha do senhor arcediago,

que por amor d'elle vai ser posta fóra da minha casa. Não quero poucas

vergonhas de portas a dentro, é o meu systema.

--Que me diz, senhor Antonio? Pois o meu José...

--É o que lhe digo, senhor João. Eu sou um homem honrado, e dos annos

que tenho ninguem me viu desinquietar as minhas visinhas. Vmc.e não é

bom pae. Um logista que tem filhos, fal-os ir trabalhar na loja.

--O meu José estuda para frade, por isso é que não vem para aqui...

--Qual frade, nem meio frade!... Deixemo-nos de frades. Ponha-o a

sapateiro, ou alfaiate, que é o mais proprio. Eu tenho sobrinhos, e não

os mando aprender latim; e vcm.e, que tem aqui dous arrateis de retroz,

e quatro varas de mastro, já quer ordenar um filho...

--Que lhe importa a vmc.e a minha vida?

--E o seu filho que lhe importa as pessoas de minha casa? Se eu fosse

outro homem, mandava-lhe estender as orelhas por um caixeiro...

--Isso lá mais devagar, senhor Antonio! Quem castiga o meu rapaz sou

eu... Se o seu caixeiro lhe puxasse as orelhas, não havia de ter frio

nas d'elle. É o que lhe digo! Eu sou pacifico, e cortez com quem é

cortez. Eu chamo o meu filho, e veremos como é essa pendencia, que vmc.e

traz.

O senhor João, já com a mostarda no nariz, chamou José, que vinha

descendo, e resmungando: \_imperativo do verbo laudo, as, are,

laudabundum, ou laudatote\_. \_Presente do indicativo, Laudaturus.\_

Contentíssimo das suas reminiscencias, e livre da dôr de barriga, José

Bento ficou surprezo na presença do rival, e enfiou de susto. A edição

da cara paterna não era mais nitida que a do negociante.

--Vem cá, José. O senhor Antonio queixa-se de que tu fazes tregeitos

para a menina do senhor arcediago, isto é verdade?

José, chofrado pelo improviso, gaguejou a resposta, que mais tarde sahiu

energica, e eloquente.

--É verdade, ou não?--replicou o pae.

--Ágora é...

--É, sim, senhor. Não me desminta, seu estudante de borra!--trovejou o

negociante, formando instinctivamente com as mãos dous gordos murros.

--Não é preciso berrar tanto, senhor Antonio!... A minha casa não é

pateo de convento. Se quer que fallemos, vamos lá para dentro.

--Faz favor de entrar.

Antonio José acceitou o convite, e proseguiu na apostrophe:

--Eu que lh'o digo, é porque o sei. Vossê esteve esta noite fallando com

Rosa! Esteve ou não esteve?

--Estiveste, rapaz?

--Eu, não, senhor.

--Como é isso?--continuou o pae--se o meu filho esteve toda a noite a

gritar com dôres de barriga, e por signal que a minha Anna andou toda a

noite na cosinha a aquecer agua para banhos? Quer que eu chame a minha

Anna, senhor Antonio?

--Não me importa o que diz a sua Anna.

--Isso... mais devagar! A minha Anna é tão honrada e verdadeira como a

senhora Angelica, e póde pedir messas ás mais honradas.

--Que tens tu, Joãosinho?--grasniu de cima a senhora Anna, mettendo a

cabeça pelo alçapão.

--Olha lá, mulher... O nosso rapaz que teve a noite passada?

--Dôres de barriga.

--Vê, senhor Antonio!... Tudo que me veio dizer é mentira...

--Não se diz isso a um homem honrado, como eu!... O seu filho esteve ás

dez horas a conversar com Rosa; eu que lh'o digo, é porque o sei de bom

canal...

--Quem lh'o disse? onde está esse canal?

--Quer sabel-o? Foi certa pessoa que á mesma hora estava para conversar

com essa indigna mulher do João Pereira.

--De qual João Pereira? Aqui ha dous na visinhança.

--Do João Pereira, calvo, que traz chinó.

--Que dizes tu a isto, José?

--Digo que estive com dôres de barriga, e por signal que tomei chá

d'herva cidreira.

--Vê, senhor Antonio? Vmc.e é um homem honrado, mas enganaram-n'o.

--Não me enganaram. Eu de portas a dentro não quero poucas vergonhas: é

o meu systema.

--Enganaram, sim, senhor--chiou de cima a senhora Anna.

--Quer apostar uma moeda contra dez?

--Aposto o que vmc.e quizer! O meu filho é um exemplo dos bons rapazes.

É filho d'um bom pae.

--E d'uma boa mãe--accrescêntou a senhora Anna.

--Não tem a quem sahir mau--confirmou o retrozeiro.

--Pois eu digo-lhe--exclamou o mercador de pannos com grande chuveiro de

perdigotos--digo-lhe eu que seu filho é um tratante, e que vmc.e é

outro, se o não castigar.

--Olhe lá como falla, ouviu?--disse a mãe do futuro loio, já perfilada,

em baixo, ao lado de seu marido, que era a carne da sua carne, e o osso

do seu osso.

--É isto que lhe digo. Pela arvore se conhece o fructo. Se vmc.e fosse

um homem de conhecimentos, e não viesse aqui para esta rua de tamancos e

barrete vermelho daria outra educação aos seus filhos.

--E vmc.e d'onde veio?--interpellou a senhora Anna, fechando os punhos

na cintura, e dando-se, pelo vermelhão da cólera, a figura d'uma bilha

de barro--Não me dirá a sua linhagem, senhor Antonio da tia Catharina,

que eu conheci na Ponte-Nova fazendo camizas de estôpa para os

embarcadiços! Olhe o fidalgo, que nos vem fallar em tamancos! Que me

dizem a isto? Lembre-se que sua avó vendeu tripas na viella da

Madeira...

--Cale-se ahi que vossê é uma regateira; eu não fallo comsigo.

--A minha mulher, regateira?

--Eu, regateira?

--Ponha côbro na lingua.

--Se não, topa com a fôrma do seu pé...

--Sahe a racha ao pau--interrompeu o rival de José Bento, que não dizia

palavra--vmc.e ha de sempre mostrar que vendeu hortaliça no largo das

Freiras. É a filha da Canastreira, e basta.

--E sua irmã, a beata que traz cilicios depois de velha, quem é, não me

dirá?

--Não falle em minha irmã, ouviu?

--E vmc.e para que falla em minha mãe?

--Porque, se vossê tivesse vergonha não estava aqui a crear este

mandrião...

--Faço eu muito bem, que é meu filho, e filho do meu marido, com quem

sou casada á face de Deus e do altar, na igreja da Victoria... E sua

irmã porque não cria os d'ella?

--Qual minha irmã?

--Sua irmã Angelica.

--Vossê está bebeda logo de manhã?

--Bebedo será elle, e mais quem o veste. Pois que cuida? Acha que a

gente se calava por não ter tanto? Se tem muito, coma duas vezes, nós

comeremos uma, porque não desfructamos os rendimentos da legitima das

filhas dos padres.

--Cale-se ahi, sua desbocada! Vossê tem alguma cousa a dizer a minha

irmã? Encontrou-a lá por casa dos Amorins da Praça-Nova, onde vossê

arranjou com boas bullas o dote do seu casamento?

--Vmc.e é um patife--atalhou o retrozeiro, sériamente envinagrado--e se

não sahe de minha casa...

--Deixa-me responder-lhe, João... com que então eu ganhei o meu dote em

casa dos Amorins, heim! E sua irmã? e a sua irmã que reza a via-sacra, e

anda por casa das benzedeiras? Que fez ella tres mezes mettida na cella

do congregado?

--Que congregado diz vossê, sua regateirona?

--E aquelle filho do conego Silvestre, que caminho levou?

--Desavergonhada que vossê é!...

--Sou? e a sua irmã que é? uma \_hypolita\_... uma benzedeira, que dá pelo

amor de Deus o que não póde dar ao diabo! É uma bebeda que nunca ha de

chegar aos meus calcanhares.

Palavras não eram ditas, a senhora Anna Canastreira levava um grande

murro no alto da cabeça; murro não era dado, e o senhor Antonio sentia,

nas almofadas carnosas do cachaço, o pezo d'uma tranqueta, que o fez ir

de chofre sobre a mulher do retrozeiro, que, atordoada do murro,

resvalou por debaixo do globoso negociante, que soltou um bramido de

rhinoceronte na queda desamparada.

A detractora da senhora Angelica sentiu-se escorchar debaixo do monstro,

e cravou-lhe as unhas nas forçuras tremulas do pescoço. O retrozeiro,

para salvar a mulher asphixiada, puxava a perna homerica do negociante;

o negociante distribuia couces tão a proposito que uma canella do senhor

João recuou mal ferida da empreza arriscada. Indignado pela dôr fina do

canellão, o marido da pobre mulher atufada, com a perna disponivel,

imprimiu tres valentes ponta-pés na orbita mais a geito e provocante do

senhor Antonio, que esperneava, grunhindo como um cevado. José Bento,

como bom filho, tentava alliviar o fardo, que ameaçava o arcaboiço

descarnado de sua mãe, puxando, em vão, o despresado amante de Rosa

pelas portinholas da jaqueta de linho crú.

A salvação, porém, da senhora Anna Canastreira deve-se ás suas unhas. O

papo balôfo do senhor Antonio soffrera graves arranhaduras. Em

compensação, o ôlho direito da infamadora de sua irmã inutilisara-lh'o

elle com o cotovello perfurante.

Este conflicto durou quatro minutos, e ao quinto a senhora Anna não

tinha fôlego. A pressão que soffrera na cavidade intestinal, e na

thoracica tambem, podia ter mui funestas consequencias, se o nosso

presado amigo, o senhor Antonio José da Silva se não levantasse,

lazarado do pescoço para cima, supposto que, no vermelhão natural da sua

cara veneranda, o sangue das arranhaduras não se destacava.

A senhora Anna, continuando a infiada de epithetos, consagrados á

senhora Angelica, estava ainda sentada compondo as rêpas da desalinhada

cabeça, quando o offegante mercador de pannos, impellido pelo derradeiro

empurrão do retrozeiro, se achou na rua, onde o povo principiava a

juntar-se, chamado pelos gritos confusos dos gladiadores.

O senhor Antonio entrou no seu quarto a lavar a cara com agua e vinagre.

Perguntou por sua irmã, e o caixeiro respondeu-lhe que fôra acompanhar

Rosinha. Pensados os ferimentos, o infeliz rival de José Bento mediu em

toda a profundidade a extensão da sua dôr, e comeu dous pasteis de

Sancta Clara, que eram a vanguarda d'um copo de vinho.

CAPITULO VI

Rosa Guilhermina foi recebida com carinho pela regente, senhora de boa

educação, e incapaz de satisfazer as rigorosas recommendações do

arcediago. A pensionista era tão meiga, tão sympathica, e tão linda, que

prendeu o interesse das suas companheiras, e a amizade da regente.

Padre Leonardo recommendára que a deixassem sósinha, e a não recreassem

de modo que ella saboreasse a vida nova, que lhe era dada como castigo.

Ainda assim, as commodidades do quarto não lh'as negára elle. Rosa

encontrou aceio, suppondo que acharia um escuro cubiculo, e uma enxerga

por cama. Encontrou raparigas folgazãs, onde esperava achar velhas

rabugentas. Achou comida bem feita e abundante, onde lhe tinha dito D.

Eugenia que se jejuava todos os dias, e o melhor manjar eram papas de

farinha milha. Se não via a rua, que tinha, n'esse tempo, pouco que vêr,

a cêrca era espaçosa para brincar, e, a certas horas, as garrulas

meninas saltavam como cabras, e rasgavam os sapatos e os vestidos á sua

vontade.

Basta dizer-vos, leitoras compadecidas da namorada de José Bento, basta

dizer-vos que a reclusa não tinha tempo para pensar sériamente no

aprendiz de loio, nem, ainda no senhor Antonio José, nem na senhora

Angelica. É verdade que uma saudade dolorosa lhe assomára aos olhos em

lagrimas, que as pensionistas tractaram de enxugar-lhe com brinquedos.

Era uma saudade, que lhe aguava os prazeres inesperados do recolhimento:

era, em fim, a saudade pungentissima da sua gata malteza.

Entre todas as meninas, havia uma sua predilecta, inseparavel, visinha

de quarto, e da sua idade. Esta não era pensionista. Orphã de pae e mãe,

fôra adoptada pela Misericordia. Galhofeira por indole, tinha momentos

de entristecer-se da sua condição parasita, e custava-lhe soffrer

encargos que as pensionistas não tinham. Lembrava-se de ter sido, até

aos oito annos, educada com mimo, revoltava-se contra a religião, que

mandava resar de madrugada, e muitas vezes disse ás mestras que sua mãe

sahiria da sepultura, se soubesse que creava uma filha para viver

sujeita ás migalhas da Sancta Casa da Misericordia, que não tinha muita.

Felizmente para o senhor Diogo Leite, provedor da Sancta Casa, a mãe de

Maria Elisa, por ignorancia talvez do mau humor de sua filha, não consta

que sahisse da sepultura. E a prova é que a orphã resignou-se á sua

sorte, e parecia mais feliz desde que Rosa a preferiu como amiga ás

ricas pensionistas, que desdenhavam da preferencia pouco nobre e

desairosa para ellas.

Maria Elisa entrára para o recolhimento aos oito annos. Aos quatorze

estava mulher, e não sei por que phenomeno do instincto sabia, pouco

mais ou menos, qual era a vida cá de fóra! Se não é phenomeno, devemos

acceitar a explicação natural do facto, como nol-a dão hoje as sinceras

mães de familia, que alli foram educadas. D'antes (e agora é o mesmo) um

pae que receiava os resultados da indiscreta inclinação de sua filha já

adulta, e emancipada, pegava da filha desobediente, e fazia o que fez o

arcediago á sua. Acontecia, porém, que nem todas eram innocentes como a

filha do arcediago. As que entravam apaixonadas, o desafogo que tinham

era fallar da sua paixão em geral, e das particularidades a alguma amiga

intima, que se entretinha a scismar nos pesares da sua amiga, e achava

que os homens, se fossem cousa má, não eram chorados pelas pobres

meninas, victimas d'um deshumano pae, ou d'um barbaro tutor, como ellas

diziam em estylo da tragedia velha. N'aquella casa correu occulto o

desenvolvimento de dramas atrozes. Presenciaram-se alli despotismos,

cuja historia espanta o coração. Os que hoje encaram aquellas paredes de

branco, com persianas verdes, não imaginam que alli dentro, ha menos de

trinta annos, se bebeu um calix de fel, cujo segredo uma sepultura

lacrou. E quantos calices! quantos segredos! que revoltantes infamias á

sombra da misericordia dos homens, que se diz a expressão da

misericordia divina!...

E essas scenas presenciavam-nas meninas, que não recebiam o exemplo como

admoestação, mas arrefeciam de terror quando ouviam os gritos inuteis,

as supplicas escarnecidas, e os gemidos suffocados na garganta das que

alli morreram abafadas.

Olhai, leitores: quando assim se falla, quando não ha receio de formular

d'este modo as affirmativas, crêde que o escriptor tem as provas debaixo

dos olhos. Hei de contar-vos um segredo, que vos ha de merecer

lagrimas... Ha de ser um dia, quando um homem vivo acabar de cerrar os

olhos, que já vêem pouco n'este mundo. Escuso dizer-vos que eu poderei

cerrar primeiro os meus. N'esse caso, desde já me desobrigo da minha

promessa.

Vinha eu fallando da innocencia das meninas, e especialmente de Maria

Elisa, amiga intima de Rosa Guilhermina. Sinto dizer-vos que não era,

espiritualmente fallando, mais innocente que eu e tu, leitor desempoado,

que frequentas o theatro italiano, e bebes o teu \_punch\_, e fumas o teu

charuto, e consomes a tua resma de papel, mensalmente, fallando da tua

innocencia á visinha.

O que ella tinha mais que eu, e tu, leitor, era uma galante cara.

O cabello negro, em ondas, cerceado pelas pequeninas orelhas, era d'um

effeito satanico. Olhos rasgados, e negros, como as espessas pestanas;

trigueira; com todo aquelle fogo vertiginoso das mulheres trigueiras;

labios sedentos de beijos, sorrindo para o amor e para a zombaria com o

mesmo sorriso; e, mais que tudo isto, um buço, tão igual, tão

caprichosamente graduado até aos cantos dos labios, em que o maldito

seductor parecia colher um beijo para atormentar os Tantalos d'esta

iguaria...

Creio que não fazem ideia nenhuma da pequena pelo retrato que lhes dei.

Eu tambem não. Quando me pintaram a physionomia d'ella, não fiz ideia

nenhuma, e prometti desde logo communical-a ao publico tão fielmente

como eu a concebera.

Se tendes senso-commum, basta dizer-vos que Maria Elisa era trigueira

para m'a receberdes como linda, porque as não ha lindas se não são

amoldadas por aquella outra trigueirinha que o sancto rei de Jerusalem

celebrisou nos seus cantares. Olhai lá se elle, entre mil queridas que

lhe rodeavam a existencia de portas a dentro, cantou alguma outra! Pela

trigueira, mas formosa, \_nigra sum sed formosa\_, o sabio elanguescia

d'amor, \_amore langueo\_. Em nenhuma outra viu olhos de pomba, \_oculi tui

columbarum\_; só a ella concedeu nos seios mais limpidez que no vinho,

\_pulchriora sunt ubera tua vino\_, e o \_pat-chouli\_ da trigueirinha era

superior a todos os aromas, \_et odor unguentorum tuorum super omnia

aromata\_.

E como creio que nenhum de nós tenha a ridicula vaidade de ser mais

sabio que Salomão, concordemos em que o typo, que mereceu a especial

sympathia do sabio por excellencia, deve ser o eterno typo do bello.

Toda esta erudição vem confirmar que Maria Elisa era bella, porque era

trigueira. A julgal-as exteriormente, as duas meninas deviam ser dois

temperamentos oppostos. Rosa denunciava uma d'estas mulheres eternamente

cansadas, apparentemente somnambulas, arfando a cada palavra de tres

syllabas que dizem, olhando para si com ar de piedade e para os outros

com aborrecimento, rindo-se com a bôca toda, e mastigando pausadamente

uma resposta dependente d'um \_sim\_ ou \_não\_. Elisa colleava-se,

requebrava-se, desconjunctava-se, trepava ás arvores, fazia discursos

sobre a inconveniencia das mulheres velhas, sobre o despotismo da

regente, tudo em linguagem muito caracteristica, e acabava por

entristecer-se, dizendo que se sua mãe soubesse o que ella penava,

partiria a pedra do tumulo para galardoar a regente e a sub-regente cada

uma com dois sopapos.

Parece impossivel que estas duas organisações sympathisassem! Pois eram

amicissimas, viviam juntas de dia, illudiam as vigilancias dos guardas

para pernoitarem juntas, e chegaram, por estranho milagre de infusão, a

neutralisarem os temperamentos de modo que se pareciam muito uma com a

outra.

Elisa arrancára á sua amiga a revelação do motivo por que a

encarceravam. Ouviu-lhe, com seriedade comica, a odienta impertinencia

do senhor Antonio José da Silva, monstruoso amante, e n'essa noite

improvisou, no seu quarto, com o travesseiro e chapéo e jaqueta do

hortelão um Antonio José da Silva, e convidou Rosa para assistir a um

castigo exemplar. O castigo era uma carga de vassoura no mono, até se

despegar a aba esquerda do chapéo do hortelão: tudo isto com estridolas

gargalhadas de ambas, que pozeram em alarma o dormitorio.

A respeito do senhor José Bento, cuja derradeira entrevista, Rosa

fielmente contára, não nutria Elisa sentimentos mais sérios. Achava-o

tôlo, estupido, achavascado, e promettia pôr-lhe um rabo de papel, se

algum dia tivesse a fortuna de encontral-o.

E a filha do arcediago achava que a sua amiga tinha razão, porque as

historias de amores, que ella lhe contava, eram cousa mais sublime, mais

deslumbrantes, que os seus miseraveis dialogos com o filho do

retrozeiro, a quem Elisa denominava \_patego\_, \_parrano\_, \_gebo\_, e

outras amabilidades, como \_lapardão\_.

--Olha, Rosa, não contes a ninguem que foste namorada d'esse

\_pazbobis\_--dizia Elisa, passeando na cêrca com o braço botado por sobre

o hombro da sua amiga.--Eu tenho ouvido contar muita historia ás

raparigas que vem obrigadas para aqui. Umas são fidalgas que quizeram

casar com homens ordinarios, e outras são raparigas como eu com quem os

fidalgos não querem casar. Todas ellas contam á gente as conversas que

tinham com os namoros, e dizem cousas muito bonitas, que fazem chorar,

como as novellas da Maria Peixoto, que eu li.

--Quem é a Maria Peixoto?

--Era uma rapariga que já sahiu. Queres saber o que ella fez? Eu te

digo. Um tio metteu-a cá, porque ella queria casar-se com um plebeu,

sendo fidalga dos quatro costados, como diz a regente, que tem mais dois

costados que as outras. A Maria Peixoto quando entrou, faz agora um anno

chorou muito, e esteve á morte. Quando se levantou da doença, estava

alegre, e diziam as velhas que fôra milagre de Nossa Senhora do Rosario.

Eu estava admirada de a vêr tão contente, quando me ella disse que

queria fugir do recolhimento, e precisava fingir-se para a não vigiarem.

Um dia entrou um carro de lenha por aquella porta, e ella andava por

aqui disfarçada, e quando pilhou a porta aberta, ó pernas, p'ra que vos

quero!... A tôla, se havia de procurar o namoro, foi metter-se em casa

d'uma tia, que era tão boa como o tio, e n'esse mesmo dia trouxeram-na

cá outra vez.

--Coitadinha!... e depois? trataram-na muito mal?

--Isso sim!... Se a visses, fugias-lhe! Parecia o demonio! Com a faca da

cosinha na mão, correu atraz da regente, que se alapou no quarto, e

gritou por soccorro. Procurou todas as velhas, deu um pontapé na

sacristã, atirou de cangalhas a Lima velha, foi á porteira, e disse que

lhe cravava a faca no peito se ella lhe não abrisse a porta. A porteira

gritava como uma perúa, emquanto a Maria Peixoto lhe tirava a chave, e

abria a porta. Não te digo nada, Rosinha! Nunca mais lhe pozeram ôlho...

Da segunda vez foi mais fina. Casou-se com o tal rapaz, e mandou cá

buscar os bahus, e muitas recommendações á regente, que ainda se benze

quando se falla em Maria Peixoto... Aquillo era levadinha! E esperta?

Traduzia novellas francezas ás raparigas, e leu-me uma que fazia doer a

barriga com riso... era o \_Cavalheiro de Faublás\_, já lêste?

--Eu não tenho lido nada... Em casa do tal amigo de meu pae não havia

livro nenhum. O que me lá deram foram as \_Horas Mariannas\_ e a \_Alma

Convertida\_.

--Olha que brutos!... Deixa estar que te hei de contar a historia do

Cavalheiro Faublás, que é de morrer a gente com riso. A senhora regente

pôz-se um dia á escuta, quando a Maria Peixoto lia uma passagem, e disse

uma rapariga que ella estava a rir-se; mas, depois, entrou com as

cangalhas espetadas no grande nariz, perguntando que livro era aquelle.

A Peixoto disse-lhe que era a vida da Gloriosa Sancta Maria Magdalena

Virgem, e a regente disse que Sancta Maria Magdalena não era virgem.

«Então é martyr»--teimou a Peixoto--«nem martyr, nem confessora»

replicou a regente, e levou-nos o livro, que, pelos modos, lhe traduz

hoje o padre capellão, valha a verdade.

--Recolham-se, meninas, que é noite--resmungou fanhosa a regente de uma

janella.

As meninas subiram, praguejando a superiora, especialmente Maria Elisa

que recitou uma ladainha de titulos em que os menos insolentes eram

\_camafeu\_, \_trôxa de ovos\_ e \_santopêa\_.

Quando passavam no dormitorio, espreitaram pela fechadura de uma porta,

e fungaram com riso.

--Deixa-me vêr a mim--disse Elisa.

--Agora eu.

--Um bocadinho a mim.

--Que vês?

--É a Clemencia Lima que salta por cima d'uma fogueira de alecrim.

--E que diz ella?

--Não ouço: vê tu se ouves... Que diz ella?

--Dá um saltinho, e diz: \_em louvor de Sancto Antoninho\_. Agora é a

outra que salta, e diz: \_em louvor de Sancto Athanazio\_, e \_da senhora

regente\_.

--Diacho das velhas estão doudas!--segredou Maria Elisa--Vamos nós

assustal-as?

--Como?

--Assim...

O \_assim\_ era um empurrão na sua companheira. A porta, mal fechada, não

susteve o impeto, e Rosa foi de encontro á velha Clemencia, que dava um

terceiro pulinho em louvor de Sancta Quiteria, e do provedor da Sancta

Casa. O choque foi desastrado! Aterradas as duas irmãs, que não podiam

sustentar-se sobre a esboroada peanha de oitenta annos cada uma,

cambalearam e cahiram, guinchando de modo que a turba das raparigas

alvoroçadas veio, por assim dizer, peorar a sua situação.

Entre as que vieram estava Maria Elisa, perguntando ás pobres velhas

quem as atormentava.

--Era o demonio!--disse Clemencia.

--Em corpo e alma!--accrescentou Rita.

--Tragam agua benta, e a regra do patriarcha S. Bento--disse a regente.

--Emquanto as abluções demonifigas se faziam na cella endemoninhada,

Maria Elisa contava a Rosa o primeiro capitulo do Cavalheiro de Faublás.

CAPITULO VII

Os planos, que o arcediago incubára no seu profundo saber do coração

humano, abortaram. Sahia-lhe tudo ao envez das suas esperanças. Previra

a humildade de Rosa, depois das mortificações da reclusão; e Rosa cada

vez mais contente, agradecia ao pae, que a procurava todas as semanas, a

lembrança de a castigar com o recolhimento.

No principio, a regente era instada para augmentar as privações da

educanda; mas as privações não podiam ser dadas como supplicio a uma

menina que vivia contente, e cumpria com regularidade e promptidão as

poucas obrigações de pensionista.

O zêlo pharisaico do arcediago afrouxou, porém, com a frieza do senhor

Antonio José da Silva. A catastrophe ridicula, de que fôra victima o

esmurrado negociante em casa do João retrozeiro, modificou-lhe

consideravelmente o coração, a respeito de Rosa Guilhermina, pomo de

discordia, e causa desastrada de similhante conflicto.

O senhor Antonio soffreu, pela primeira vez, uma decepção nas suas

crenças senis. O pugilato com a senhora Anna Canastreira chamou-o á

razão, e, se não é profanar a ideia, diremos que a poesia matrimonial do

senhor Antonio fôra dilacerada pelas unhas felinas da visinha.

O pobre homem tinha vergonha do successo. Na rua das Flores não se

fallava em outra cousa. O seu visinho João Pereira, o do chinó, ria-se á

sucapa com o visinho da loja immediata, emquanto sua mulher contava á

visinha, com grande hilaridade, os famosos murros, que o ciumoso Antonio

jogára com a mãe de José, por causa da Rosa. O que ella não dizia, por

não escandalisar, e todos o sabiam, era que um seu amante fôra a forçada

testemunha do apaixonado dialogo, que os leitores, sem serem os amantes

da mulher do senhor João Pereira (se é que alguns o não foram), tambem

ouviram.

O rico negociante tinha inimigos, émulos de negocio, os peiores de

todos, que espreitavam o primeiro ensejo de o apoquentarem. Não podia

ser melhor o motivo. Algum mais odiento levou a sua vingança ao extremo

de fazer quadras ao desventurado negociante. Algumas d'essas quadras, em

verdade chistosas, chegaram á minha mão. Se não fosse o medo de aggravar

a indigestão de versos em que imagino encruado o estomago do publico,

podéra dar-lhe quatrocentos e tantos versos consagrados ao senhor

Antonio José da Silva, debaixo do titulo: CUPIDO DESDENTADO. Sem

embargo, porém, da christã generosidade que tenho com o leitor, não o

poupo ao flagello de lêr um fragmento d'esse poema, que devia ser a

causa principal do abandono a que o infeliz heroe votou a filha do

arcediago.

O dito poema é de author incognito, e o fragmento não vol-o dou como

primor de arte; é crivel, porem, que o author tivesse filhos, e os

filhos do author, apurados em raça, serão talvez os genios que hoje

prendem a nossa admiração, e engrandecem as letras patrias.

Elle ahi vai:

Dom Cupido desdentado,

Despresado em seus desvelos,

Jurou, sobre os seus chinelos,

Guerra eterna ao seu rival!

Fumegando pelas ventas

As tormentas do ciume,

Todo elle é fogo, é lume,

No solar do Retrozeiro.

Dom Cupido desdentado,

Desarmado, vai sem frecha

Quer abrir, a murro, a brecha

Do rival no coração.

Torce os olhos, solta um urro,

Préga um murro na maçã

Da fanhosa castellã,

Que se atira a elle á unha.

Dom Cupido desdentado,

Não vingado, cahe de chofre,

E tal pêso a velha soffre,

Que estourou! ó vista horrivel!

Pobre Aonio, pobre Aonio,

Que demonio te tentou!?

Antes dentes ter, Antonio,

Que não ter, e ser Cupido!

Dom Cupido desdentado,

Quer o fado que eu te diga,

Que não pódes ter barriga

Mais mal feita para Rosa!

Come bem, morre a comer,

Que, a meu vêr, é grande asneira

Ter inveja do João Pereira,

Teu visinho, ao tal chinó!

..........................

Et cetera.

O chinó de João Pereira fôra sempre o pensamento negro da victima do

poeta! Este sarcasmo ferira atrozmente o infeliz! A reacção devia ser

dolorosa, mas, passada a crise, o senhor Antonio sentia-se bom, porque

ao pino do meio-dia, horas de jantar, a sua paixão dominante era o

melhor dos appetites. Não tinha havido poesia, que tão util fosse ao

genero humano, até então, porque só depois vieram as poesias hygienicas,

ás quaes a humanidade está muito agradecida, principalmente a humanidade

atacada de vigilias. Afóra estas, foi aquella a poesia que melhor fructo

colheu. O senhor Antonio, desde esse dia, comeu como sempre, e dormiu

como nunca. Ao mesmo tempo que era açoutado em effigie no quarto de

Maria Elisa, o razoavel negociante apertava os vinculos, meio lassos,

que o prendiam á Thereza, com barraca de fructa na Ribeira, e entendia

de si para si que a mulher que lhe convinha era aquella.

E, tão de maus humores o encontrava o arcediago, que nem ousava

fallar-lhe em Rosa, nem, o que mais era, o convidou para o vinho verde

de Campanhã nos domingos de tarde.

Data d'ahi, portanto, a tolerancia do padre com os divertimentos da

filha. Visitava-a com melhores maneiras. Festejava Maria Elisa, que lhe

chamava padrinho, presenteava-a com vestidos similhantes aos de sua

filha, e redobrava de contentamento, sabendo que o filho do retrozeiro

era uma cousa sem importancia no voluvel coração da pequena.

Tudo corria maravilhosamente para todos, quando Rosa Guilhermina, dia de

entrudo, atirava cantaros de agua, e recebia-os agradavelmente pela

cabeça. O resultado, porém, foi uma constipação despresada, uma tosse

continuada, febre, e, na primavera seguinte, foi julgada no principio

d'uma phtysica.

O arcediago resolveu levar sua filha a ares para uma sua quinta de

Ramalde, e alcançou licença a Maria Elisa para acompanhar a sua amiga.

Sahiram, e desde esse dia, a regente, a sacristã, e todas as velhas,

especialmente as Limas, agradeciam, todas as manhãs, á Providencia o

favor de lhes afastar de casa similhante flagello.

Rosa melhorou apenas se viu em boa harmonia com seu pae, livre do

pavoroso negociante, senhora da sua vontade, rindo e brincando com a sua

amiga, amimada pelas duas criadas que o arcediago lhe dera, e decorando

cada vez melhor o romance predilecto de Maria Elisa.

No inverno proximo, as meninas vieram para a cidade, e encontraram uma

casa bem mobilada, apetrechada de tudo que mais lisongeava duas amigas

inseparaveis. Esta casa, situada á entrada da viella do Cirne, com

frente para a rua do Laranjal, ainda hoje conserva um ar campestre, que,

ha quarenta annos, era muito mais agradavel, porque a não assombravam

então os edificios do largo da Trindade.

O quintal d'esta casa communicava com o do defunto Rodrigues Passos,

professor de latim, e o leitor, se tem prestado alguma attenção ao que

se lhe diz, deve lembrar-se que José Bento, no extremoso colloquio com a

sua visinha, annunciou a sua ida para o collegio de Passos.

Rosa nem de tal se lembrava já, quando encontrou os olhos piscos do

esquecido amante espetados nos seus. Elisa, que reparou na surpreza da

sua amiga, perguntou:

--Aquelle mono conhece-te?

--Conhece... Aquelle é o filho do retrozeiro... Agora me lembro que elle

disse que vinha para a Cancella-Velha!...

--Vamos nós namoral-o?

--Deus me livre!... Tomára eu que elle me não dissesse nada... Olha o

tôlo!...

--O que nós queremos é rir-nos... Pergunta-lhe se está melhor das dôres

de barriga.

--Eu não... Deixa o pobre rapaz... Vamos embora.

O estudante, cada vez mais pasmado do silencio de Rosa, é natural que

meditasse na razão d'aquelle inesperado encontro, quando Maria Elisa,

com a maior naturalidade, lhe perguntou:

--Como está da sua barriga, senhor José?

O rapaz fez-se muito vermelho, e não respondeu palavra.

--Cala-te, Maria!--murmurou Rosa, puxando-a pelo vestido.

--Não quero calar-me. Pois eu não hei de saber como está a barriga do

teu namoro? Então vmc.e não me responde? Olhe que eu sou sua amiga, e

faço esta pergunta, porque a Rosinha tem vergonha, e pediu-me que lhe

perguntasse se está melhor.

--É mentira!--atalhou Rosa, córando--eu não disse tal... Não digas o que

não é, Mariquinhas...

--Pois então, não dirias; mas eu quero que aquelle senhor me responda.

Vmc.e é mudo?

--Não sou mudo--disse o estudante embezerrado.

--Então, falle á gente.

--E se eu não quizer?

--Se não quizer, não falle; mas é má creação tratar assim quem lhe

pergunta se está melhor da sua barriga.

--A minha barriga, graças a Deus, está boa, e vmc.e que lhe quer?

--Não quero nada... eu já lh'a pedi?

--Pensei que lhe queria alguma cousa... Eu não sou boneco de palha para

caçoadas.

--Vmc.e parece-me um mau rapaz! Quem é que o caçôa? Nem me parece um

estudante! Valha-o Deus! eu, se fosse Rosinha, não lhe tinha amor...

--Cala-te, Maria!.., Tu pareces-me tôla! Deixa o rapaz!--disse baixinho

a Elisa, forçando-a a retirar-se d'alli.

--Deixa-me caçoar com elle... Eu não te disse que lhe havia de pôr um

\_rabo-leva\_ de papel? Já que não posso, deixa-me rir com este gêbo, e tu

ri-te tambem.

José Bento, favorecido pelo dialogo, ia-se escapando surrateiramente,

quando Elisa o chamou:

--Psiu!... psiu!... Olhe cá!...

--Que me quer?

--Vmc.e estuda para frade?

--Que lhe importa se estudo para frade?

--É que se vmc.e fosse frade, eu queria ser frada, e haviamos de ter uma

casinha ambos e um quintalinho, e as nossas gallinhinhas, que nos haviam

de pôr os seus ovinhos, que nós haviamos de cosinhar ambinhos na nossa

cosinhinha, e depois a gente dizia a sua missinha... e depois a gente

vinha tomar o sol no seu quintalinho... e depois...

Rosa ria-se como uma perdida, quando o filho da senhora Anna

Canastreira, alongando a tromba, e franzindo o nariz, resmungou:

--Sabem que mais? vão bugiar! O meu regalo era...

--Qual era o seu regalo, ó senhor José?

--Se não fosse estar em casa do mestre... eu lhe responderia...

--Ora diga lá baixinho a sua resposta, que eu não digo nada ao mestre.

--Vá...

--Que vá, aonde? Não seja tão mausinho, senhor Josésinho do meu coração.

Vmc.e ha de ser um fradinho de pau de sabugo muito bonito... Já tem

corôa?

--Tenho um dardo que a parta.

--Olha que mau!... Senhor José, não seja assim... Tome lá uma beijoca.

O corrido estudante tinha desapparecido, não só porque se via embaraçado

em responder ás zombarias da importuna rapariga, mas porque o mestre,

ouvindo-o fallar, vinha de manso espreitar com quem era. O zeloso

professor appareceu no muro, e ainda viu as duas meninas, que se

retiravam em grandes gargalhadas. Enfurecido com a audacia do lôrpa,

como elle generosamente o intitulava, foi ter com elle explicações

acerca de tal conversa.

--Que dizias tu áquellas meninas?

--Eu, nada... Eram ellas que...

--Que... o que? que te diziam ellas?

--Ellas diziam que...

--Acaba d'ahi selvagem!

--Eu estava alli a estudar a selecta primeira, e ellas disseram-me

que...

--Estás zombando comigo?

--Perguntaram-me se eu era...

--Um burro? e tu disseste-lhe que sim.

--Não foi isso... perguntaram-me se...

--És um asno quadrado! Ouviste, lôrpa? Se te vir outra vez a fallar com

as visinhas, escangalho-te as mãos! Não tens habilidade para traduzir

\_mundus á domino constitutus est\_, e sabes dar tréla ás raparigas!? Ora

deixa estar que te farei a cama!...

A crise passou, e José Bento n'esse dia apenas teve, como era de

costume, um bofetão e um puxão de orelhas, por causa do imperativo

\_laudandum\_.

No dia immediato, as meninas não o viram; mas, no outro, Rosinha viera

adiante esperar a sua amiga para colherem rosas do Japão, quando ouviu o

som roufenho da voz conhecida de José Bento:

--Senhora Rosinha, assim é que vmc.e se porta comigo?

--Ah!... estava ahi?!...

--Pois então! cuida que eu me esqueci de si? Ficou de me escrever, e foi

como se nada!... Olhe lá como vmc.e é!

--Não pude, senhor José... e tenho a dizer-lhe que é melhor não me

fallar, que meu pae ralha-me. Faça de conta que nunca nos vimos. Aquillo

que nós dissemos foi uma brincadeira de creanças. Trate do seu estudo, e

não se embarace comigo, porque eu tenho muito medo a meu pae...

--Sempre vmc.e é... d'aquella casta! E eu a pensar em si todos os dias,

e sempre a esperar noticias suas, ha quasi um anno!... Então eu já não

sou o mesmo?

José Bento proseguia n'uma tirada eloquente contra a perfidia de Rosa,

quando o vulto austero do mestre de latim surgiu de improviso ao lado do

pallido estudante. Ao mesmo tempo, chegava Elisa, rindo muito da

surpreza, e Rosa punha os olhos no chão, e cortava machinalmente uma

rosa menos purpurina que ella.

--Chegue-se aqui!--disse o mestre ao rapaz aproximando-o do muro, que

dividia os dous quintaes--Ó meninas!

--Que quer?-perguntou Elisa.

--Os meus discipulos ensinam-se assim. Dê cá a mão, seu lôrpa!

José Bento, córado como um mólho de malaguetas, recuou diante da

palmatoria, cuja cabeça o espreitava por debaixo do capote de saragoça.

--Dê cá a mão! Vossê não obedece? Olhe que o mando pendurar n'aquella

figueira.

--Como Judas Iscariote--atalhou Elisa, fungando, e esfregando as mãos.

O infeliz déra a mão, e quatro sonoras palmatoadas lhe estouraram na

epiderme. A dôr moral devia ser grande! Rosa estava pallida, e Elisa, de

repente, séria, disse ao professor:

--Se eu fosse elle...

--Que diz lá a senhora?

--Digo que, se fosse elle...

--Que faria?

--Dava-lhe um murro no nariz.

--Em quem?

--Em vmc.e ...

--Se é senhora, não o parece...--disse o professor, encarando-a com

desprêso--Eu tratarei de saber quem é seu pae, e, se seu pae lhe não

der com umas disciplinas...

--Que me ha de fazer? dá-me palmatoadas?

--Hei de lhe mandar dar com um chinelo...

--Fóra casmurro!... Venha para cá, que lhe hei de dar um docinho...

O infiado mestre foi cevar as iras impotentes no pobre moço, que levou a

ponta-pés para o quarto.

José Bento recahiu n'uma profunda concentração. Durante o dia não comeu,

nem bebeu, nem estudou. Á meia noite ergueu-se d'um impeto similhante a

um ataque repentino de demencia. Abriu uma gaveta, e tirou um garfo. Ás

apalpadellas atravessou um corredor, e, na extremidade, abriu de

mansinho uma porta. Aproximou-se do leito onde resonava um homem, e

cravou-lhe tres vezes o garfo no pescoço. O agonisante soltou um rugido,

que só o assassino ouviu, e expirou.

Pela manhã encontraram morto o velho Manoel José d'Almeida, professor de

latim, com um garfo tinto de sangue sobre a dobra do lençol.

--José Bento desapparecera. Foi procurado em casa do João Retrozeiro, e

não o encontraram.

Horrivel acontecimento!

A lingua latina perdeu um dos seus melhores interpretes. O senhor Manoel

José de Almeida poderia ser um temperamento colerico com os seus

discipulos, mas a sciencia devia-lhe muito. Escreveu largamente sobre a

genuina interpretação do \_tam libet hirsutam tibi fulci recidere

barbam\_, de Ovidio. Deixou ineditos tres volumes sobre a conjuncção

copulativa, e preciosos manuscriptos sobre o adverbio \_quotiesqumque\_.

Era um bom catholico, e amigo dos pobres, que lhe chamavam pae. Era bom

esposo, bom pae e bom irmão; e, se não era bom cidadão, é porque os

cidadãos inventaram-se depois.

\_A terra lhe seja leve!\_

CAPITULO VIII

O tragico successo inquietou um pouco o espirito de Rosa; mas a sua

amiga convenceu-a de que não devia dar-se por achada em similhante

cousa. O director do collegio ignorava a causa do inaudito crime,

presenciara a sóva de pontapés com que José Bento se recolhera ao

quarto; mas suppoz que a justificada razão d'aquelle castigo fôra

qualquer asneira do rapaz na impossivel conjugação do verbo \_Laudo\_,

especialmente no imperativo \_laudandum\_.

Por conseguinte, as pequenas não tiveram de responder como causas

involuntarias daquelle sinistro, e continuaram no gôso da sua

felicidade.

O arcediago, supposto não vivesse com ellas, almoçava, e jantava com sua

filha, ceava com uma senhora viuva que lhe administrava a casa; e,

depois de ceia...

Depois de ceia, ha muita cousa a dizer a este respeito.

É sabido que Rosa Guilhermina era filha de uma tal Anna do Carmo, velha

predilecção do padre Leonardo, e por elle dotada para o honesto fim de

casar-se com um tal francez, com loja de livros na rua das Flores.

O padre não andou com toda a generosidade n'este negocio. Dado o

dinheiro, se quizesse ser honrado, devia renunciar inteiramente, a

beneficio do livreiro, a mulher de que se descartára. Magôa-nos, porém,

ter de annunciar que o arcediago era um agiota no seu genero, e pensamos

que a senhora Anna do Carmo não era mau genero para agiotagem.

A verdade é que o pae de Rosa continuava a visitar de dia o

estabelecimento do livreiro, comprava algum livro que ajuntava, na

estante, aos seus virgens irmãos, e predispunha favoravelmente com as

visitas diurnas a confiança do marido, que tinha lido Molière, e não

queria incorrer no defeito do \_Cocu imaginaire\_, que o leitor póde lêr,

se a consciencia o não incommóda.

A honesta esposa repellia as seducções do padre, esquivando-se a

encontros em que o usurario amante parecia convidal-a a pagar-lhe um

juro avaro do capital recebido. Dissertava-lhe amplamente sobre a

verdadeira virtude, pintava-lhe a ingratidão o mais feio dos crimes,

dissuadia-a de temores piegas que não tinham nada com a verdadeira

religião, e queria convencel-a de peneira nos olhos a respeito do

matrimonio e de muitas outras cousas.

O francez não sabia que fôra elle o amante de sua mulher.

Movido pelo interesse que as frequentes visitas do amador dos bons

livros lhe dava,--e, de mais a mais, convencido da honestidade de sua

mulher, se o padre, feio e velho, tentasse seduzil-a,--o senhor Hemerin

Pierrote (Deus lhe falle n'alma) acolheu agradavelmente o seu bom amigo,

e honrou-se muito, não só das suas visitas, mas do interesse que o

generoso padre tomava em ser o padrinho do primeiro filho de tão feliz

matrimonio.

Madama Anna Pierrote recebia com repugnancia as pontuaes visitas do

arcediago, e esta repugnancia, que seu marido lhe censurava como

inconveniente aos interesses de ambos, era uma nova razão para que o

espirito do francez estivesse tranquillo, e as suas portas sempre

francas para o generoso compadre.

Este parentesco fôra contrahido muito contra vontade da senhora Anna.

Seu marido, porém que recebera de antemão o enxoval do recem-nascido,

perguntou cheio de cólera a sua mulher, se queria algum \_garçon de bone

mine\_ (rapaz esbelto) para compadre. Accrescentou que, se ella fosse

fina, devia ameigar constantemente o arcediago, que era rico, e poderia

fazer o afilhado seu herdeiro. Resumiu, emfim, o seu discurso,

declarando, pelo \_sacre nom de Dieu\_, que o arcediago de Barroso seria

seu compadre, e mandaria n'aquella casa como na sua.

A senhora Anna, coma boa esposa, resignou-se; padre Leonardo, como bom

compadre, vinha duas vezes ao dia fazer caretas e botar a lingua de

fóra, com o pequeno nos braços; e o risonho marido, como habil e

francezissimo logrador, deixava o padre em cima ensinando a creança a

dizer papá, e vinha para a loja fazer negocio e trautear a

\_Marseillese\_.

A creancinha, habituada com o arcediago, apenas o via, estrebuxava no

collo da mãe, batendo as palmas, e articulando--\_papá\_, \_papá\_. O

livreiro ria-se muito contente da esperteza do pequeno, e ensinava-o a

dizer \_padrinho\_; e a creança, que não sabia ainda ajuntar tres

syllabas, teimava em dizer \_papá\_.

Mr. Hemerin estava contentissimo do filho, e da mulher tambem, porque a

repugnancia em receber o arcediago desapparecera desde certo tempo, e

sua mulher, emfim, sabia viver perfeitamente com o compadre, e já se lhe

não dava de jogar com elle a \_bisca de nove\_, e o \_trinta-e-um\_.

Correram dois annos n'esta perfeita harmonia. Os visinhos riam-se do

francez, mas a razão do riso devia ser elle o ultimo que a soubesse.

Eram notorios, na rua das Flores, os precedentes de Anna do Carmo; os

maledicentes sabiam que ella fôra amante do arcediago; o livreiro

visinho contava aos seus freguezes a immoralidade do jacobino (que

vendia melhores obras, e sortira a sua loja de tudo que se procurava) e

lamentava a queda da religião, se o senhor bispo não pozesse côbro

áquelle grande escandalo.

O demonio da intriga viera perturbar a felicidade domestica d'aquella

familia.

O pequeno Leonardo, já de dous annos, continuava a chamar papá ao padre,

com grande aprazimento do pae matrimonial. A senhora Anna mostrava a seu

marido as prendas que o compadre lhe dava. O marido mostrava a sua

mulher o córte de velludo vermelho que o compadre lhe déra. Tudo isto ia

\_le mieux qui se peut\_, como dizia o jubiloso livreiro, quando, abrindo

de manhã a porta, encontrou uma carta em que um seu \_amigo intimo\_, como

todos os amigos das cartas anonymas, lhe dizia o que se passava em sua

casa, as antigas relações de sua mulher com o padre, e o descredito

geral em que a sua honra andava nas praças publicas. Como seu \_amigo

intimo\_, e zeloso do seu bom nome, aconselhava o generoso espião que

pozesse o padre fóra de casa, e que mettesse a mulher no Ferro, para

assim dar uma plena satisfação ao publico escandalisado.

O discreto marido leu a carta, e vendeu com a maior presença de espirito

um \_Flos-Sanctorum\_ a um padre da aldeia, que se apeára d'uma égoa, no

momento em que a porta se abrira.

--Estas obras de sanctidade--disse o padre--creio eu que se vendem

pouco... A religião está por terra... Já lá vai o tempo em que os frades

escreviam obras de substancia... Os de hoje criam muito cachaço, e os

seculares são uns libertinos, que o mais que fazem é apanhar as

prebendas, os canonicatos, e os beneficios para viverem á regalada. O

exemplo devemol-o dar nós, como diz o apostolo: \_Ante eas vadit, et oves

eum secuntur\_... Já lá vai esse tempo. Os bons padres, e que sabem do

seu officio, vivem obscuros na aldeia, e ninguem os chama para as

dignidades da igreja; os que arruinam com a sua má vida e mau exemplo o

edificio da religião, a casa de Deus, \_ædes Domini\_, esses são chamados

a lamber as chagas do corpo putrido da humanidade; \_canes veniebant, et

lingebant ulcera\_, como diz S. Lucas no capitulo XVI.

--Então o senhor padre veio requerer algum beneficio, que lhe não deram?

--Vim, sim, senhor, vim pedir ao senhor bispo uma igreja apresentada

pela Mitra, e estou aqui ha um mez a gastar n'uma estalagem, e vou-me

embora sem ella. O bispo é... o que Deus sabe... Dizem que é um sancto,

mas barata virtude é a sua... Quando o rebanho anda tresviado, o pastor

não é lá grande cousa, como diz o livro sancto: \_Nam quod ab ovibus

erratur, negligentie pastoris adscribitur\_.

--Quer o senhor padre uma cousa?

--Nada, não, senhor, não quero mais livro nenhum; precisava d'este para

tirar uma duvida sobre se o apostolo Sant'Thiago veio ou não a Portugal,

e se S. Martinho de Dume foi arcebispo primaz...

--Eu não lhe perguntei se queria mais livros; disse-lhe que me lembrava

um meio de v. s.ª...

--Alto lá! Nada de \_vossa senhoria\_... Eu não sou d'esses modernos, que

se esquecem da humildade do divino Mestre, e querem as honras que, ha

trezentos annos, se davam ao rei... Trate-me por vmc.e

--Pois bem; se vmc.e quizesse, eu poderia arranjar-lhe um bom empenho

para o bispo.

--Sim? então quem é elle?

--Isso agora é um segredo... Veja lá vmc.e quanto dá...

--Quanto dou? isso é symonia, reprovada e condemnada com graves penas

pelo concilio tridentino. Se eu quizesse servir-me d'esse infernal

recurso, bem sei a que porta devia bater. Conheço como as minhas mãos um

vendilhão d'esses favores, que não tem vergonha nem temor de Deus, e ha

muitos annos que trafica descaradamente com os objectos sagrados da

sancta religião de Nosso Senhor Jesus Christo. É um symoniaco, um

libertino, indigno de se sentar no cabido...

--Quem é elle?

--Quem ha de ser? é o arcediago de Barroso, um homem sem religião, de

pessimos costumes, que tem vivido amancebado toda a sua vida, e que, de

mais a mais, tem o desaforo de casar uma das suas concubinas ahi não sei

com quem, e disseram-me que continua a viver adulterinamente com ella...

Fóra o adultero! Não lhe faltava senão esta!...

--E vmc.e conhece-o?

--Conheço muito bem, oxalá que não. Fomos companheiros no seminario, e

já lá prophetisei a rôlha, que viria a ser o senhor Leonardo Taveira...

Depois, via-o pelo Porto, e fui jantar a casa d'elle, e sahi

escandalisado porque teve o desavergonhamento de sentar comnosco á mesa

uma rapariga que tinha em casa...

--Sabe como ella se chamava?

--Sei, sim, senhor. Chamava-se Anna do Carmo...

--Anna do Carmo!...

--Vmc.e espanta-se? É o que eu lhe digo...

--Que figura tinha ella?

--Era uma mocetona tirada das canellas, branca, cheia do peito, com os

olhos mesmo concupiscentes como os do proprio demonio, e fallava sem

vergonha diante de mim.

--E sabe se foi essa a que elle casou?

--Dizem-me que sim, até o homem é estrangeiro, por signal, e tem não

sei que officio. Se vmc.e quizer, eu volto cá qualquer dia, e posso

saber-lhe tudo isso a preceito.

--Muito obrigado... eu não tenho interesse n'isso...

--Pois é como é. A religião está entregue a estes ministros. O arcediago

de Barroso tem muito dinheiro em casa d'um negociante da rua das Flores,

mas esse dinheiro é o preço por que elle comprou o inferno... ganhou-o

nas symonias... Lá está em cima quem o ha de julgar... E, com isto,

adeusinho até outra vez. Fique na graça de Maria Sanctissima, e passe

por cá muito bem até outra occasião, se Deus nos dér vida. Adeusinho,

sem mais.

O padre abria o alforge para metter o \_Flos-Sanctorum\_, quando o

arcediago lhe dava uma palmada no hombro.

--Tu por aqui, padre João Pires?

--É verdade... Então que é feito, Leonardo?

--Vamos vivendo... Já te não vejo ha muito!...

--Não ha dinheiro para vir á cidade... Os padres de \_requiem\_ não comem

do cabido... Lá nas aldeias o mais que se pilha é a missinha de tostão,

que não dá para hostias. Isto cá é outra cousa. Os padres do Porto são

cardeaes, menos na sabedoria, que no mais tem tudo...

--Não é tanto assim, padre João... Deus sabe como cada qual se arranja.

Então vieste comprar o teu livrinho?

--É verdade; comprei o \_Flos-Sanctorum\_, e sabe Deus o que me tem

custado a arranjar os tres mil e duzentos.

--Se queres mais algum, e não tens dinheiro, eu fico por ti, e tu

pagarás depois ao senhor Hemerin, que me faz o favor de ser meu amigo.

O arcediago piscou o ôlho para o livreiro, que estava encostado ao

mostrador, e o livreiro, sorriu-se d'um modo que era novo para o

arcediago.

--Nada, muito obrigado--disse o padre João Pires--eu não gosto de fazer

dividas, porque não tenho esperanças de ser conego para pagal-as

depois... Com que sim, meu caro Leonardo... Os bons tempos que nós

passamos no seminario... lembras-te?

--Se lembro!...

--Eras um bom tratante!... fugias de noite, e vinhas de madrugada

pedir-me que te ensinasse o Larraga... Boas as fizeste!... Que é feito

d'aquella rapariga do vendeiro de Campanhã que tu tiraste de casa?

--Não fallemos n'isso... Como tu te lembras d'essas rapaziadas... Esse

tempo passou...

--Pois era uma rapariga perfeita!

--E aquell'outra das Fontainhas, que tinha um pae levadinho da breca,

que te fez fugir em camisa para o seminario?

--Cala-te lá com essas cousas, João!... Isso foram bambochatas de

estudante...

--Está feito, está feito... Tu tens pago um bom tributo á mocidade... Já

tu eras padre ha muitos annos, e ainda fazias das tuas de estudante...

--Olha lá, meu caro João, se quizeres alguma cousa de mim...

--Obrigado... Eu gosto de fallar nos tempos da mocidade...

--Pois sim; mas eu tenho de estar nos Congregados ás oito horas...

Estimarei que passes muito bem.

--Olha cá, padre Leonardo... ha ahi um sugeito que te quer fallar a

respeito d'uma dispensa para casamento entre primos em segundo grau. O

pretendente dá boas luvas a quem lh'a arranjar depressa...

--Sim!... pois eu conheço um banqueiro, que vence todas as

difficuldades; mas... aqui entre nós... é preciso untar-lhe as unhas...

--Ah! maganão!... o banqueiro és tu em carne e osso!...

--Não sou, João. Acredita que não sou...

--\_In verbo sacerdotis!\_

--\_In verbo sacerdotis\_... N'essas materias melindrosas não escrupulisa

a minha consciencia. Terei algumas fraquezas, de que me accuse, do tempo

de rapaz, mas em cousas de religião o caso é muito sério.

--Com que tu tens muitos escrupulos das tuas rapaziadas, heim?

--Alguns; mas em certas idades tudo se desculpa, e Deus bem sabe que a

razão não tem a força necessaria para conter os impetos d'aquelle

novissimo do homem...

--Que não é do mundo, nem do diabo! Ora pois, Deus te conserve no sancto

arrependimento...

--Então quem é o pretendente da dispensa?...

--Isso fallaremos outra vez... Ora olha, meu querido Leonardo, não sei

se sabes que tenho cá na Sé requerimento para uma igreja.

--Nada, não sei.

--Poderás fazer com que o senhor bispo me despache?

--Homem, isso é um caso difficil... Se queres que te falle a verdade, no

paço tudo se move por dinheiro...

--E tu dás á manivella nas rodas da machina, não é assim, meu Leonardo?

--Estás a rir, João...

--Pois eu podéra chorar!... Tudo isto leva-se a rir, senão endoudecia a

gente... Ora anda lá que tu não deves só ter escrupulos das tuas

rapaziadas... A proposito de rapaziadas, que é feito da Anna do Carmo?

--Da...?

--Sim... da Anna do Carmo... aquella mocetona que morava comtigo na rua

Direita, aqui ha dez annos...

--Não sei... não me recordo... não sei de quem me fallas... adeus... até

outro dia...

--Espera homem--disse o padre inexoravel ao confuso arcediago que suava

em janeiro como o seu amigo Silva no mez de agosto, por vêr alli tão

perto o francez, que não perdia uma palavra do dialogo.--Espera... não

te confundas, que eu não quero confundir-te. Isto é conversar como

amigos... Eu já sabia que foste honrado com a rapariga, e que a casaste

com um bom dote... Uma fraqueza não desacredita ninguem... David tambem

peccou, e S. Pedro negou o mestre.

--Dizes bem, João, adeus, até outra vez...

--Então... até outra vez.

Padre João não comprehendeu a afflicção do arcediago. A ultima despedida

disse-lh'a, quando elle de repente lhe voltou as costas, por não poder

conservar-se com a cara voltada para o francez que lhe não desviava os

olhos d'ella.

Já escanchado commodamente sobre o albardão da égoa somnambula, o antigo

conhecido de Anna do Carmo, voltando-se para o livreiro, disse,

sorrindo:

--Vê que tal é o amigo? Olhe como elle se atrapalhou quando eu lhe

fallei na moça...! reparou?

--Reparei... reparei...

--O que ella merecia é que o marido d'ella lhe quebrasse o espinhaço com

uma tranca... Mas os maridos ás vezes, são tão bons como ellas...

Adeusinho...

--Passe muito bem.

Mr. Hemerin leu, segunda vez, a carta anonyma, e sahiu.

Esperem asneira. Quando mal nos percatamos, temos pela prôa um marido

brioso!

Safa!...

\_Rara avis in terris\_...

CAPITULO IX

O arcediago, quando fugiu bruscamente ás impertinencias vingativas do

padre João Pires, ia perdido, e não atinava com o refugio mais azado no

embaraço em que se via.

Na rua das Hortas, quando voltava do campo de Sancto Ovidio, até onde

fôra machinalmente, encontrou o marido de Anna do Carmo, que o

comprimentou com a graça costumada, e nem de leve lhe tocou nas

escandalosas revelações do profundo investigador de Sant'Thiago, e S.

Martinho de Dume.

Padre Leonardo, admirado da singeleza do francez, entendeu que as cousas

estavam no pé em que as deixára na vespera, e tranquillisou o tumulto de

vergonhas e receios que lhe traziam o coração em dolorosas piruetas.

Convencido do inesperado quão feliz resultado da extravagante scena,

veio á rua das Flores, e encontrou Anna do Carmo, ao mostrador,

espantada de que seu marido sahisse sem dar parte, nem chamal-a a ella

para a loja.

Isto fez impressão no arcediago, que teve a prudencia de calar á mãe dos

seus filhos o desgraçado encontro com o amaldiçoado padre de

Ponte-Ferreira.

Todavia, a sahida rapida do francez alguma cousa queria dizer. O atilado

arcediago reflectiu no que poderia resultar d'alli; lembrou-se, um

momento, que a sua organisação physica poderia soffrer algum abalo menos

agradavel, e, finalmente, appellando para o futuro com a intrepidez de

philosopho, esperou as consequencias.

Acabava o velho amigo de padre João Pires de fazer os seus juizos,

quando o livreiro entrou com a mesma affabilidade, com o inalteravel

sorriso d'um esposo feliz.

--Sahiste sem dizer nada?!--disse a senhora Anna.

--Foi-me necessario sahir com tal precipitação, que nem me lembrou

chamar-te.

--Pois que foi, Hemerin?

--Que havia de ser? Um engano... Vieram-me aqui dizer que o regedor das

justiças me queria mandar prender, porque eu vendia clandestinamente na

minha loja livros protestantes, e folhetos escriptos contra a religião.

Corri immediatamente a casa do regedor, e tive a fortuna de encontrar,

quando lá cheguei, o desmentido da calumnia que forjaram contra mim os

meus inimigos.

--Inda bem!...--disse a mulher.

--E se não acontecesse assim--accrescentou o arcediago com o

contentamento da boa fé--eu ainda tenho amigos para desmanchar as

traições dos seus inimigos.

--Muito obrigado, senhor compadre. Tudo está arranjado, d'esta vez. Se

elles continuarem, v. s.ª será o nosso protector, como tem sido sempre.

O arcediago almoçou com elles, e não podia deixar de felicitar-se por

ter casado a mãe de Rosa com tão boa pessoa, alma tão singela, e genio

tão estimavel a todos os respeitos. Fez muitas festas á creancinha, que

dava biscoutos ao livreiro para que os désse ao \_papá\_, o que o

livreiro, com paternal meiguice, cumpria, rindo-se muito da galanteria

do pequeno.

Correu o dia regularmente. O arcediago despediu-se á meia noite,

promettendo na noite seguinte pagar quatro partidas de bisca, que

perdera jogando com a senhora Anna, emquanto seu marido sahira a

encommendar de Paris a nova edição de Bossuet e Bourdaloue.

Na madrugada do seguinte dia, Hemerin levantou-se mais cedo que o

costume, e disse a sua mulher que lhe désse a chave da commoda em que

estava a sua roupa branca.

Anna quiz erguer-se para dar uma camisa a seu marido, e elle mandou-a

ficar. A mulher instou, e o francez intimou-a imperiosamente que não

sahisse.

Momentos depois, a mãe de Rosa sentiu fechar-se por fóra a porta da rua!

Ergueu-se, foi á commoda, e achou-a vasia da roupa de seu marido. Desceu

á loja, tudo estava fechado. Tornou ao seu quarto e viu um bilhete sobre

o lavatorio, com estas poucas palavras: «\_És uma boa mulher, mas não me

serves. Eu não sou mau homem, mas não te sirvo. Sejamos francos, e bons

amigos. Tu ficas, e eu vou. Regala-te com o padre, e faz-lhe visitas

minhas. Se me quizeres alguma cousa e elle tambem, escrevam-me para

Paris. Adeus.\_»

A senhora Anna do Carmo ficou aturdida. Queria fazer alguma cousa

n'aquelle conflicto; mas que poderia ella fazer? A porta da rua, de mais

a mais, estava fechada! Se o arcediago viesse... mas o arcediago não

vinha antes das oito horas! Se arrombava as portas, o barulho dava que

fallar aos visinhos, e o escandalo era certo! Mas, se o escandalo era

certo, inevitavel, a pobre mulher lembrou-se de arrombar a porta, e

procurar seu marido; mas aonde?

N'esta irresolução, a senhora Anna ouviu as oito horas. Correu á

janella, e viu á sua porta alguns homens, um dos quaes abria a porta.

Desceu abaixo, e perguntou quem eram:

--Sou um escrivão, com os meus meirinhos.

--Que querem?

--Fazer penhora nos objectos conteúdos n'esta casa.

--Devo alguma cousa a alguem?

--Deve.

--O quê?

--O conteúdo n'esta petição, a que está junto um titulo de divida

authentico, assignado por seu marido o senhor Hemerin Pierrote.

--Mas eu não assignei.

--Vmc.e sabe escrever?

--Não, senhor.

--Por isso mesmo é que não assignou. Seu marido assignou por ambos.

--Isso é uma ladroeira! Eu grito aqui d'elrei, se me levam alguma cousa

de minha casa.

--Pois grite, que arranja com isso a ser levada tambem.

--Para onde?

--Para a cadeia, ou para o hospital de S. José.

--Que é dos louvados, senhor meirinho geral?

--Estão aqui os ensambladores.

--Pois que subam a avaliar os moveis, e chame ahi dois livreiros para

louvarem os livros.

--É um roubo que me fazem!--exclamou Anna, collocando-se adiante dos

livreiros, que vieram d'um pulo.

--Retire-se, mulher, se não mando autual-a!

--Mas quero saber a quem é que devo...

--Ao vice-consul da França.

--Eu não conheço esse homem.

--Tambem não é preciso, nem deve ter muita pena d'isso. É um homem como

os outros, pouco mais ou menos.

Entrava o arcediago com os olhos espantados, e o queixo pávidamente

descahido.

--Senhor compadre!--exclamou Anna--querem-me roubar!...

--Roubar!... Como se entende isto?!

--Deixe-a fallar--disse o escrivão.--É um mandado de penhora.

--Á ordem de quem?

--Do juiz de fóra.

--Mas quem é o credor?

--Senhor arcediago, não nos importune com as suas perguntas. Vá lá

sabel-o, se quizer. Nós cumprimos a lei, e não temos obrigação de dar

explicações a quantos passarem na rua.

--Onde está seu marido?--perguntou o padre.

--Não sei... Olhe aqui.

A senhora Anna chamou-o de parte, e contou-lhe o succedido. O arcediago

ficou tranzido.

--Que hei de eu fazer, Leonardo? Não me dirás?

--Põe a tua mantilha, pega no pequeno, e vai com a criada para minha

casa.

--E os meus arranjos?...

--Que arranjos?

--Os meus vestidos?

--Deixa os vestidos... Faz o que te digo. Não te afflijas... Has de ter

sempre que comer. Nem mais uma palavra, que não quero escandalos.

Anna do Carmo sahiu com a criada e o pequeno, que grunhia por ter sido

tirado a dormir do berço. O escrivão achou-se sósinho com os aguazis e

louvados. A livraria foi logo comprada pelo livreiro da loja visinha. Os

moveis arrematados, e ficou o escrivão com elles. As roupas comprou-as

uma adeleira. E a chave da casa foi entregue ao senhorio. Foi um dia

cheio para os visinhos!

A vingança do francez fôra uma vingança franceza; mas, de parte a parte,

concordemos em que a honra orçava os mesmos quilates. Parece que eram

dignos um do outro, e o arcediago digno de ambos, como vai vêr-se.

A mãe de Rosa vivia com o arcediago; mas tão cauta e escondida que se

não deixava vêr. Era um cuidado inutil; porque ninguem duvidava que os

braços do padre eram o refugio nato da esposa abandonada.

A immoralidade chegára aos ouvidos do bispo, que empregou os meios

brandos para chamar ao caminho da bem-aventurança aquelle Lovelace de

murça e meias vermelhas. O arcediago defendia-se como podia, e citava os

seus traiçoeiros denunciantes para que lhe provassem a calumnia infame.

Se fosse hoje, o senhor padre Leonardo Taveira teria escripto quatro

correspondencias para os periodicos, em que provocaria os maledicentes a

tirarem a mascara, ou serem convencidos de infamadores da honra alheia,

e vis calumniadores, como é do estylo.

N'aquelle tempo, porém, o infamado não tinha o respiradouro da gazeta, e

não podia andar de casa em casa apregoando a sua innocencia. Razão

porque a detracção se incorporava pouco e pouco, até ser recebida como

facto consummado.

Os conegos, que não eram mais virtuosos que elle, mostravam-se

escandalisados das torpezas do seu collega, e queriam que o prelado os

desultrajasse do odioso que reflectia na corporação. O bispo via-se

entalado entre certos compromissos que o prendiam ao arcediago, e as

instancias reiteradas do chantre, e do deão, que eram mais discretos nas

suas torpezas, porque nunca tinham cahido na immoralidade de dotar as

mães dos seus filhos para casarem.

A indignação pública urrou no paço episcopal; e o principe da igreja

receou que a mitra lhe cahisse com deshonra da cabeça, e metteu o

arcediago em processo.

Estas deploraveis scenas passavam-se, mezes depois que Rosa Guilhermina

e a sua amiga vieram de Ramalde para o Porto. Rosa observava a

inquietação de seu pae nas poucas horas que se demorava em casa.

Interrogaram-no ambas muitas vezes, e não poderam saber nunca a

afflicção que o atormentava.

O processo corria, quando o bispo deu uma audiencia secreta ao

arcediago. O fim d'essa prática d'amigo, e não de juiz, era

aconselhal-o, que fugisse immediatamente de Portugal, e que esperasse lá

fóra que a borrasca serenasse, e depois viria.

O arcediago annuiu.

Com as lagrimas nos olhos, e sua filha nos braços, revelou-lhe que uma

grande desgraça o obrigava a sahir da patria. Mandou-a entrar outra vez

no recolhimento. Estabeleceu uma pensão a Maria Elisa. Deixou outra a

Anna do Carmo, e partiu para Hespanha com todos os seus cabedaes,

excepto as quantias que o honrado negociante Antonio José da Silva

mensalmente devia repartir pelas tres, se eram só tres as pensionadas da

illustre victima de padre João Pires.

Anna do Carmo sabia que sua filha existia no convento; mas, por ordem

expressa do pae, não a procurava. Vivia com honra, e recebia

pontualmente a sua mesada.

Rosa ignorava a existencia de sua mãe, tinha de longe a longe saudades

do pae; mas isso não era forte razão para que deixasse de comprar a

melhor edição do Cavalheiro de Faublás, que traduzia perfeitamente com a

sua amiga, graças aos cuidados do pae em mandal-a aprender o francez

durante um anno que esteve na casa do Laranjal.

Mr. Hemerin vivia em Paris, e vivia perfeitamente da quantia que lhe

fora dada com a condição de cohonestar as relações da mulher com o

padre: missão aliás christã que o maldito não quiz desempenhar

christãmente, e encarou com a melhor philosophia do mundo.

O arcediago vivia em Madrid, e gastava o seu tempo n'um convento de

Therezinhas, onde lhe não faltavam delicias para o espirito, e parece

que as melhores esperanças para tudo que os philosophos teimam em dizer

que não é espirito.

Padre João Pires, esse, contentissimo de ter resolvido o problema de

Sant'Thiago, veio um dia procurar o livreiro para comprar-lhe--\_El sabio

instruido de la naturaleza\_,--e soube, no livreiro visinho, a

catastrophe do arcediago.

Citou quatro textos em latim ácerca da obscenidade, disse tudo o que

sabia a tal respeito, confirmou minuciosamente todos os escandalos da

vida de padre Leonardo, e foi dizer missa á Misericordia, e ouvir de

confissão a senhora Angelica, que, por um triz, ia ficando sem

absolvição, por ter murmurado da senhora Anna Canastreira, e da mulher

do João Pereira, do chinó.

O senhor Antonio José da Silva, recobrado dos dissabores por que

passára, restaurava as banhas perdidas do seu lustroso cachaço, e

continuava a suar copiosamente.

E o senhor João Retrozeiro, finalmente, lia com o maior prazer a sua

mulher as cartas de seu filho José Bento, que estava no Rio de Janeiro

ganhando duzentos mil reis como segundo caixeiro de um armazem de

molhados, onde o não forçavam a conjugar o atrocissimo verbo \_laudo\_.

CAPITULO X

Corria tudo fastidiosamente regular e monótono, menos para o espirito

das duas amigas, que progrediam d'um modo admiravel na sciencia das

cousas, e na theoria do mundo estudada nos livros. Todas as suas

economias de tempo e dinheiro, que lhe sobejavam á farta, empregavam-nas

em novellas francezas, que uma criada, das que serviam cá fóra, lhes

introduzia no recolhimento, com pequena commissão.

Maria Elisa se dissermos que era uma litterata, não nos fica o remorso

de ter mentido. A prova de que o era dá-se com bem pouco: basta dizer

que duvidava da efficacia da reza, e dos preceitos mais fundamentaes da

sua religião da infancia. Fallava na religião natural, e sabia de cór a

\_Voz da Razão\_, e a \_Pavorosa illusão da Eternidade\_.

Rosa Guilhermina era litterata metade e mais um terço. Não acreditava na

reza, nem nos sanctos da regente: mas tinha fé na existencia de Deus!

Não era consummada como a sua amiga, que punha todo o desvelo em

instruil-a e aperfeiçoal-a.

Era corrido um anno. As meninas entravam nos dezesete, e já não eram as

creanças zombeteiras que traquinavam na cêrca, e irritavam as velhas da

casa com travessuras.

Convencidas de que eram senhoras, revestiram-se da dignidade propria,

deram-se um ar de pensadoras, mediam as suas palavras sentenciosas,

olhavam com desdenhosa insolencia a ignorancia das companheiras,

desdenhavam o beaterio de muitas que lhes não mereciam o favor das suas

reflexões, e, com algumas, dignaram-se descer até lhes confiarem o

segredo da philosophia, o dogma sublime da razão. Se quereis em duas

palavras comprehender a illustrada extravagancia das duas meninas, sabei

que o seu quarto era intitulado por ellas: \_hotel de Rembouillet\_.[1]

D. Rosa recebia regularmente extremosas cartas de seu pae, que não tinha

expressões com que podésse encarecer o talento de sua filha, manifestado

nas apparatosas cartas, que lhe enviava.

A ultima, que elle lhe escrevera de Madrid, annunciava a sua proxima

vinda para Portugal. Bem informado, o arcediago sabia que as linguas

mordentes dos seus inimigos estavam cansadas, e que o processo, ao cabo

d'um anno, estava esquecido.

Depois da carta, que promettia a sua vinda, que devia abrir outra vez as

portas da clausura ás litteratas, as anciosas meninas receberam outra em

que o padre lhes dizia que, em determinado dia, viria abraçal-as, e que

fossem dispondo a sua immediata sahida para Lisboa, onde elle tencionava

estabelecer casa.

De igual theor recebeu a mãe de Rosa a fausta noticia, e cada qual não

tinha socego em preparar as suas cousas de modo que se não fizessem

esperar.

Era chegado o festivo dia. D. Rosa com a sua amiga, para não perderem

tempo, já tinham feito as suas despedidas; Anna do Carmo tinha fóra dos

bahús o indispensavel para as poucas horas de existencia no Porto; umas

e outras não sahiam da portaria ou da janella para felicitarem o amante

e o pae e o carinhoso protector, quando o senhor Antonio José da Silva

rolou a sua rotunda personagem no pateo do recolhimento.

Rosa, ao vêl-o pelo raro, recuou assustada da inesperada visita. O

negociante perguntou pela filha do arcediago de Barroso, e a porteira,

industriada pela menina, perguntou-lhe se o senhor arcediago tinha

vindo.

--O senhor arcediago--respondeu o negociante com a commoção de que era

susceptivel--o senhor arcediago... está na presença de Deus...

--Morreu?!--exclamaram as meninas.

--É verdade... Faz favor de me chamar a menina.

--Estou aqui, senhor Silva... Pois é verdade que morreu meu pae?

--Desgraçadamente... Acabo de receber um portador de Madrid... As suas

ultimas palavras, foram estas: «Eu morro... vão dizel-o á rua das

Flores, no Porto, a um negociante chamado Antonio José da Silva. Morreu

de uma apoplexia... Deus tenha a sua alma na bemaventurança...

--Isso é impossivel!...--atalhou Rosa, soluçando e chorando.

--Pois é tão certo como estarmos aqui, senhora D. Rosa... O peor é que o

grosso dinheiro que seu pae levou, sabe Deus porque mãos andará a estas

horas!...

--E eu fiquei pobre, não é assim?--atalhou a litterata, que considerava

a riqueza como o primeiro dogma dos sublimes dogmas da razão.

--Pobre... não, senhora--respondeu o negociante, enxugando uma lagrima

importuna.--A menina está perfilhada. Eu tenho a perfilhação em meu

poder. Ainda mesmo que não appareça o dinheiro, que elle levou, o seu

patrimonio vale bem quarenta a cincoenta mil cruzados. É a quinta de

Ramalde, são dous predios na cidade, e as pratas de seu pae, que estão

em minha casa, só essas valem bem seis mil cruzados, a olhos fechados. O

que é necessario é fazer-se um conselho de familia, e bom será que a

menina sáia do recolhimento para tomar conta da casa de seu pae.

Pergunta d'aqui, resposta d'acolá, convieram em que a menina sahisse,

passados tres dias, durante os quaes recebeu visitas no seu quarto, e

chorou alguns instantes sinceramente.

Maria Elisa, como philosopha e boa amiga, animou-a a resignar-se,

convencendo-a de que a morte era a condição da vida, e que as lagrimas

não resuscitavam ninguem. Rosa conveio n'isso em nome da illustração do

seu elevado espirito, e assentou em mostrar-se intrepida na dôr.

Portador da infausta nova, o negociante foi dar o tremendo golpe na

pobre esposa sem marido, e na amante sem amparo, que devia sentil-o mais

profundo. Ahi, sim: havia uma verdadeira dôr, a consciencia de

desamparo, a invalidez na quasi velhice sem refugio. Restava-lhe uma

esperança: era sua filha; mas essa filha não lhe bebera o leite, não lhe

sentira os beijos, não lhe vira as lagrimas, nunca lhe chamára mãe.

Por encurtar razões, o franco negociante foi-lhe dizendo que em seu

poder não estava dinheiro algum, e que tractasse ella de procurar o

amparo de sua filha que era a herdeira do arcediago.

Ao quarto dia, D. Rosa Guilhermina com a sua amiga occupavam a casa do

Laranjal, tomavam as antigas criadas, e consultavam-se no que deviam

fazer, ou se acceitariam as condições que algum impertinente tutor lhes

impozesse.

--Eu não posso dizer nada em tal assumpto--respondeu Elisa.--Sou

absolutamente estranha n'este objecto; não obstante, como tua amiga

intima, entendo que não deves sujeitar o teu coração ás barbaras leis

d'algum barbaro tutor.

Já vêem como era o estylo de Elisa; agora admirem o de Rosa:

--Dizes bem, minha terna amiga. Se a parca me roubou o pae, não serei

ludibrio da morte, porque vivo ainda. Não quero mais reclusão, nem o

convento para mim foi feito. Quero a liberdade, porque o meu coração é

livre. Eu e tu temos bastante philosophia para nos sabermos guiar na

estrada tortuosa do mundo. Conhecemos a sociedade pela leitura;

saberemos evitar os abysmos, renderemos os nossos corações aos ardentes

votos d'algum amor digno de nós, e viveremos juntas pelo espirito, assim

como temos vivido pela intelligencia.

Fallou bem. Tudo, que dissesse depois disto, seria uma redundancia. Não

ha nada a desejar aqui. Optima resolução, exemplar programma, e

invejavel talento!

Nomeado conselho de familia, a orphã foi consultada pelo tutor, homem

probo, escolhido pelo senhor Silva. A menina espivitada respondeu em

alto estylo, e o tutor retirou-se maravilhado da pupilla, e disse em

plena reunião dos membros do conselho de familia que ella era muito

\_pronostica\_, e que fallava com cabeça. Os outros membros não duvidaram

acredital-o, e consentiram em que a menina fosse entregue dos seus

rendimentos, e vivesse fóra do recolhimento.

Contentes da sua sorte, as duas litteratas, cada vez mais ricas de

sciencia, achavam já que o seu espirito não saboreava a simples nutrição

dos romances, e queriam mergulhar no oceano da sabedoria. Talhavam o seu

plano de instrucção; lastimavam a soledade em que viviam duas almas

devorando-se no proprio fogo, e sentiam a falta de uma sociedade mais

ampla que as admirasse, ou de espiritos illustrados que as conduzissem á

luminosa região das sciencias ignoradas ao seu desherdado sexo.

Tudo isto era muito bonito; a tal respeito diziam-se cousas admiraveis,

quando, no mais acalorado do projecto, D. Rosa Guilhermina Taveira

recebeu a seguinte carta:

\_«Minha filha. Ignoras talvez que a morte de teu pae deixou n'este

mundo uma mulher desvalida. Esta mulher é tua mãe, e terá

brevemente necessidade d'um bocado de pão. Quando esse momento

vier, não o negues á infeliz Anna do Carmo, que irá mendigal-o á

tua porta. Vivo na rua Direita n.º 25.»\_

Esta carta, lida em sobresalto, produziu em Rosa uma sensação

inqualificavel. Elisa, queria vêr esta carta, e a sua amiga não lh'a

mostrava.

--Será namoro?!--perguntou Elisa com azedume e admiração--Diz, Rosa! tu

não me respondes? Deixa-me vêr essa mysteriosa carta! É epistola

amorosa?

--Não, minha amiga... É uma carta, que não te mostro!... Não devo

mostrar-t'a...

--Oh céos! que estranha carta é esta! Não sou eu, por ventura, a tua

amiga, a confidente dos teus segredos?

--És... mas ha segredos que se não dizem...

--Pois bem: eu calarei a minha ancia, e não farei jámais de amiga para

todos os teus cuidados, Rosa.

O portador esperava a resposta.

A filha de Anna do Carmo sahiu de ao pé da importuna confidente, tirou

da gaveta do seu tocador quatro cruzados novos, embrulhou-os em um

retalho de sêda preta, entregou-os ao portador, sem lhe dizer palavra, e

rasgou a carta.

Quando voltou, chorava Elisa, em ar de arrufada amante. Rosa, mais

tranquilla, se era possivel uma consciencia boa, depois de tão generosa

acção, serenou a susceptibilidade da sua melindrosa amiga com esta

revelação:

--Olha, querida amiga, faz comigo as pazes. Eu te digo o que se passa. A

carta, que recebi e devolvi pelo portador, era uma súpplica de uma pobre

amante de meu pae, que me pedia uma esmola. Fez-me tanta pena, que me

vestiu de luto o coração! Como pensei que era aquelle um deshonroso

segredo para meu pae, nem dizer-t'o a ti, cara amiga, eu julguei que me

era nobre. Ora aqui tens...

--E mandaste-lhe o beneficio supplicado?

--Mandei...

--Fizeste bem... Pobre mulher, abandonada, não devia achar fechadas as

portas da alma que sahiu do peito amante. Perdôa a meu resentimento,

querida Rosinha...

E com estas e outras finezas passaram uma hora, ao fim da qual voltava o

portador, que levára o dinheiro, e entregava á senhora D. Rosa

Guilhermina outra carta, acompanhando os quatro cruzados novos. A carta

dizia assim:

«\_Minha filha. A esmola é muito avultada para uma mãe. Quando eu

tiver fome, irei pedir-te um bocadinho de pão.\_»

Rosa fez-se da côr do lacre, e fugiu de ao pé da sua amiga.

CAPITULO XI

Anna do Carmo, quando pensava em escrever a sua filha, dizia-lhe o

coração que a não procurasse, porque seria recebida com má vontade.

Fallava-lhe assim o coração, porque n'aquelle peito não batia o coração

de mãe.

E não.

A amante do arcediago vira, sem lagrimas, levar aquella menina do seu

ventre para os braços mercenarios de uma ama de expostos. Não estendeu

os seus, supplicando que lhe não roubassem a filha da sua alma, e da sua

deshonra. Não pediu ao pae desnaturado que lh'a désse em compensação da

renuncia, que ella fizera da sua dignidade. Não saltou, esvaída de

sangue, fóra do leito, procurando resgatar a creancinha que deveria

dar-lhe em amor de filha o premio da sua ignominia de amante.

Viu-a ir impassivel! Nunca lhe deu que pensar o destino da creança.

Nunca sentiu o remorso do infanticidio. Nunca se lembrou que a

desgraçada menina, que viu a chorar com frio e fome nas lages da rua,

poderia ser a sua filha.

Os annos correram. O arcediago lançou um olhar melancólico ao futuro.

Ambicionou uma herdeira, que fruisse o grosso cabedal que amontoava. E

lembrou-se de ter assignalado, cinco annos antes, aquella engeitada.

Procurou-a com zêlo de pae; encontrou-a entre as meninas desamparadas,

pallida de fome, e vestida de farrapos, apresentou-a a sua mãe, e sua

mãe encarou-a serenamente, deu-lhe um beijo frio, e aconselhou o pae que

a mandasse para um collegio.

Quando o pae extremoso, cheio de saudades, mandava buscar sua filha de

seis annos, com os seus lindos cabellos louros, e os seus labios

radiosos de innocentes sorrisos de gratidão, Anna do Carmo achava

enfadonhas as repetidas visitas, e zangava-se asperamente se a menina

batia com a faca no prato, ou pedia doces para dar ás suas companheiras.

Espanta-vos esta dureza d'alma? Entrai na enfermaria das que vão ser

mães, debaixo das telhas da Misericordia. Reparai n'esta, que prepara

risonhamente o cueiro e a faxa que ha de levar seu filho ao monturo dos

filhos sem mãe. Olhai aquella que jura que o seu seio não tem nutrição

para que a não obriguem a crear o seu filho. Vêde além outra, que crava

as unhas no menino, que tem ao peito, para que os dolorosos vagidos da

creança accusem a fome, e a seccura d'aquelle seio, que tem dentro morto

o coração.

«Diante d'este quadro hediondo, tenho duvidado do amor materno!

Compungido por esta verdade atroz, tenho collocado a hyena n'um grau de

sensibilidade superior á mulher!» dizia-me um illustrado professor de

medicina[2], que me expunha estes lances com as lagrimas nos olhos.

Não duvideis, pois, mães! Anna do Carmo chegaria sua filha ao seio; mas

aquelle sangue não se alvoroçava nas arterias. Tocar-lhe-ia os labios

com os seus, mas aquelle beijo fôra sempre a banal formalidade, que se

barateia por ahi em cada cara que vos saúda.

Sobejavam-lhe razões para recear o desprêso da filha. A dura experiencia

dissera-lhe que o castigo sobre a terra era infallivel.

Se aquella mulher tivesse sido a mãe d'aquella menina, sentiria um

estimulo superior impellindo-a para ella. Iria, coberta de farrapos,

lançar-se nos braços de sua filha, radiante de velludos e brilhantes.

Iria, sem pejo, na presença de todo o mundo abraçar essa filha, com a

certeza de que Rosa exclamaria na presença de todo o mundo: «Esta

desgraçada mulher é minha mãe!» Pediu que lhe escrevessem uma carta; mas

essas poucas palavras, que parecem o enigma d'uma grande dôr, nem suas

eram. Foi uma cabeça fria, e um coração estranho, que as dictou; porque,

na alma d'ella, estava a irresolução gelada, o presagio do desprêso, o

espinho da consciencia, precursor d'um grande castigo.

Quando recebeu, como resposta á sua carta, o silencio, e quatro cruzados

novos, Anna do Carmo sentiu-se assaltada pelo orgulho que não era

orgulho de mãe. Era um rancor, que reagia ao desprêso, uma altivez que

caracterisa as almas pequenas, e não essa nobre independencia, que nos

manda atirar á cara do falso bemfeitor uma esmola, quando nos não é

delicadamente dada como quitação d'uma divida.

Foi ella quem repelliu a esmola; mas não foi ella quem redigiu o bilhete

que acompanhava a remessa. Por sua vontade, aquelle bilhete devia ser um

insulto e uma ameaça; mas a pessoa que o escrevera previu que a mãe de

Rosa seria brevemente uma mendiga, e precisaria de humilhar-se a

estranhos, por ter sido soberba com sua filha.

Rosa Guilhermina meditou aquelle bilhete, e sentiu em si uma

transformação repentina.

Ha pouco ainda, teve vergonha de declarar á sua amiga que sua mãe

existia, e vinha pedir-lhe uma esmola; e agora é ella que sente a dura

precisão de revelar a Elisa todo o seu segredo.

Elisa ouviu-a, e reprehendeu-a da inconfidencia, que a não lisongeava

nada. Depois, aconselhou-a que desse uma mesada a essa pobre mulher, se

a não queria receber em casa na qualidade de mãe.

Rosa optou pela mesada, e escreveu immediatamente uma carta a sua mãe

com a direcção que lhe fôra indicada. Esta carta chegou nos assomos

freneticos de Anna do Carmo. Sahiu com a carta para que lh'a lêssem:

ouviu-a cada vez mais colerica, supposto que as phrases fossem brandas,

e carinhosas. A offerta da filha era mais uma boa mesada, que

permittisse a decencia de sua mãe. Anna tomou a carta com arremêsso,

rasgou-a, e disse á portadora:

«Diga a essa desavergonhada que não preciso de suas mesadas; e que, se

torna a mandar aqui alguem, que atiro pelas escadas abaixo quem cá

vier... Pegue lá... dê-lhe a carta rasgada.»

D. Rosa, quando ouviu similhante resposta, voltou-se para a sua amiga,

como quem pede um conselho:

--Não tens mais passo algum a dar--disse Elisa.--Mulher que assim

responde não é tua mãe: isso é uma impostora! Faz de conta que este

incidente não veio perturbar a nossa felicidade... Será tua mãe: mas só

te conhece agora, que és rica, e ella pobre. Tal mulher não é digna de

chamar-te filha!... Que lhe deves tu? O nascimento? Grande favor!... Se

teu pae não tivesse esta riqueza, que te deixou, o que serias tu? Uma

filha sem mãe, abandonada de todos, e despresivel aos olhos da propria

que te atirou ao mundo como quem atira ao chão as rosas murchas, que lhe

serviram de prazer e ornato!...

Quer fosse o estylo assoprado de Maria Elisa, quer fosse a negação

completa do coração de Rosa a essa estranha mulher, que lhe chamava

filha, o certo é que os escrupulos e temores desappareceram, e o

importuno successo não impressionou muitos dias o espirito da leviana

moça, que se demorava pouco nas mesquinharias d'este globo.

O rapido desvanecimento das ideias funebres do caso, deve-se á visita da

senhora Angelica que não veio mais cedo por ter estado ás portas da

morte com um catarrho, que lhe cahira nos bofes, como ella se explicava

subindo as escadas.

--A snr.ª D. Angelica por aqui!--disse Rosa descendo a recebel-a.

--Deixemo-nos de \_dom\_. Cada qual é como cada um. Eu cá sou filha de

negociante, e não quero essas trapalhadas da fidalguia. Então, como

passa a minha menina?

--Muito boa, e a snr.ª Angelica doentinha, não é assim?

--Deus louvado, vou melhor dos bofes, mas, acho que tenho aqui no

costado, salvo tal logar, um lobinho, que hei de queimar com a massa.

Elisa tinha o lenço na bôca, para suffocar o riso.

--Então, esta menina é que é a sua amiga?

--Tenho a gloria de merecer tal nome--respondeu Elisa.

--Por muitos annos e bons... Então vmc.e de quem é filha, ainda que eu

seja confiada?

--Meus paes ceifou-os a dura fouce da parca.

--A Parca? não conheço essa senhora. Sua mãe chama-se a snr.ª Parca?

--Não, senhora--atalhou Rosa, porque a sua amiga não podia responder,

suffocando com uma gargalhada.--A mãe d'esta menina, e tambem o pae,

morreram já.

--Ah! sim? pois Deus lhes falle n'alma, e elles a abençoem no céo, que é

bem galantinha... Porque não vai ser freira, minha menina?

--As almas livres não querem ferros. Umas nascem para o culto dos

templos, outras vêem o altar de Deus na natureza.

--Ella que diz?--perguntou a velha a Rosa.

--Diz que não nasceu para freira.

--Não diga isso, menina, que é peccado. Todos nascemos para o serviço de

Deus, e deve ir para carmelita, que é uma ordem muito apertada, e

ganha-se o céo, com a pobreza, e a paciencia.

--O céo ganha-se com os vôos do espirito.

--Que é? os avôs do esprito? Não creia n'isso; nas carmelitas não ha

espritos ruins... Ri-se? ora queira Deus que não chore ainda... Quem lhe

disse que andavam espritos nas carmelitas? Olha as sanctinhas!

coitadas!... É cousa que não consta é esprito nas carmelitas...

--Isso creio eu; mas por isso mesmo é que a materia me não convida. O

grande espirito é Deus.

--Jesus! que heresia! A menina parece-me douda!...

--Não é, não, snr.ª Angelica... É porque ella falla sempre em alto

estylo...

--\_Estylo!\_... que é isso de estylo!...

--A sua linguagem é mais sublime que a costumada entre pessoas sem

luzes.

--Sem luzes!... Eu não vos entendo, raparigas! Vmc.es aprenderam o

latim?

--Não, minha senhora--disse Elisa--a nossa lingua é portugueza, e as

nossas phrases tem o toque da superioridade, que nem todos os espiritos

alcançam!...

--E ella a dar-lhe com os espritos!... Parecem-me doudas! Quem vos

ensinou esse palavriado de latinorios e berliques-berloques que ninguem

entende? É isso o que vós aprendeis no recolhimento? Deixai-vos d'essas

tolices, e fallai como a outra gente da nossa laia.

--Da nossa?--disse Elisa--Não lisongeia a miscellanea.

--Miscellanea!... quem é a miscellanea? Eu não a entendo!... Ella que

diz, Rosa?

--Diz que as pessoas instruidas...

--Pessoas estruidas, Deus nos livre d'ellas... Olha como ella se ri!...

Esta rapariga tem aduella de menos, não tem, Rosinha?

--Tem aduella de mais... É uma senhora muito esperta, sabe francez, e

faz poesias.

--Eu a arrenego! pois ella é como os homens, que vão alli berrar debaixo

das janellas das freiras, a botar versos para cima?

--É verdade... Eu faço versos; a musa favorece-me: o Pégaso vôa comigo á

apolinea fonte, e converso com os deuses na Castallia.

--Ella parece lá d'esses reinos estrangeiros!--disse, torcendo o nariz,

a snr.ª Angelica.

--Sou lusitana, não nego a patria. Nasci nas margens do patrio Douro.

--Nasceu no Douro? Então isso como foi? Sua mãe teve-a no rio? Vinha,

talvez no barco... pobre mulhersinha!... E ella a rir-se!... Ella não

está boa!...

--Desaperta-me, Rosa, que eu arrebento--exclamou, suffocada de riso,

Elisa.

--Eu não n'o disse? Eu logo vi que ella não estava boa!... Isto é cousa

má que se lhe metteu no corpo... Dizem que o demonio ás vezes falla de

modo que só o entendem os padres. Quer a menina que eu vá chamar-lhe um

fradinho de muita virtude, para lhe lêr os inzorcismos?

--Minha alma detesta o frade.

--É frade de testa... e de cabeça... é muito sabio... Eu vou buscal-o...

A snr.ª Angelica atirava com a côca da mantilha para a cabeça, e

preparava-se para sahir em cata do frade, quando Rosa, perdida tambem

com riso, lhe acenou que não fosse.

A parvoice sinceramente estupenda estava pintada na indescriptivel

physionomia da velha.

--Sabeis que mais? não me entendo comvosco! Não sei o que pareceis! Ou

vós estaes doudas, ou a graça de Deus vos desamparou!

--Venha cá, snr.ª Angelica, fallemos sérias... Eu sou sua amiga, e Maria

Elisa tambem o é. Nenhuma de nós está vexada do espirito mau... é porque

vmc.e não nos entende, e pensa que a nossa linguagem não é do mundo dos

mortaes. Eu sou a mesma Rosa, muito sua amiga, e sinto immenso prazer em

vêl-a n'esta sua casa, e quero que venha cá muitas vezes.

--Agora já entendo o que me diz... A gente deve fallar como falla todo o

mundo. O latim é lá cousa dos prégadores, e dos doutores. Uma mulher em

sabendo a ladainha e a \_Magnifica\_, sabe o latim preciso para a

salvação... Com que assim, minha Rosinha... Como se dá por aqui?

--Muito bem.

--E a outra menina?

--Plenamente jubilosa.

--Ella lá torna com o berzabum dos latinorios!... Valha-a Nossa Senhora!

--Ó Maria Elisa, falla em baixo estylo... humanisa-te.

--Repugna-me. Não sei manchar a lingua de iguaria indigna.

--Que diz ella? que eu sou indigna?

--Não, senhora; diz que não póde fallar como nós.

--Pois então que esteja calada... Ó Rosinha, eu queria-lhe uma palavra

em particular.

--Pois sim; iremos para o meu quarto... eu venho já, Elisa.

--Vai... mas guarda-te do filtro da Gorgona fatal.

--Ella lá fica com os gorgues, gorgues!... má mez para ella!--murmurou a

snr.ª Angelica.

CAPITULO XII

--Ora venha cá, Rosinha...--disse a snr.ª Angelica, pendurando a

mantilha na porta, e acocorando-se n'um tapete, que ella suppoz ser

feito para isso--Sente-se ao pé de mim.

--Eu não gosto d'essa posição, que é incommodativa. Sento-me n'esta

cadeirinha.

--Pois sim; mas chegue-se bem para mim, que não quero que nos ouça a sua

amiga. Deus me perdôe, mas não engraço com os modos d'ella... Aquillo

não ha de ter bom fim... Tem muito palavriado... Ora diga-me, de que

presta aquella rapariga?

--De muito; é a minha amiga do coração; conheço-a ha dois annos;

quero-lhe como a ninguem, e basta.

--Está dito... Pelo que vejo, aqui não ha rei nem roque, e quem governa

é vmc.e, não é verdade?

--É, sim, senhora. Quem governa em minha casa sou eu.

--Pois, minha menina, precisa de quem a governe. Os tempos não vão bons

para as donzellas. Deus me perdôe se pecco, mas o diabo anda ás soltas

entre as raparigas desde que os francezes vieram lá do fim do mundo ao

Porto. No meu tempo não se ouvia dizer que uma rapariga namorava este

nem aquelle. Hoje, bem dito seja Deus, quem tiver raparigas em casa,

traga-lhe o ôlho em cima, senão, quando mal se precata, os

peralvilhos... nem pensal-o é bom!... E más linguas? isso então é um

louvar a Deus! Pois aquella grande bebeda da mulher do retrozeiro, que

mora defronte de mim, não foi dizer ao meu Antonio que eu, quando era

moça... em nome do padre, e do filho, e do espirito sancto... Cal-te

bôca... Olhe que sempre! Ninguem diga que está bem! Uma desavergonhada

assim! Estar eu mansa e quêda em minha casa, amando e servindo a Deus

como posso, e nem ja como devo, e vai senão quando aquella lingua

damnada não teve o ousio de fallar da minha conducta, que não teve nunca

tanto como isto que se lhe pozesse (\_mostrando-lhe a ponta do dedo\_)!

Ahi está por que Deus não manda chuva, e mandou a praga dos francezes

para nosso castigo... é por causa da Anna Canastreira, e outras que

taes... Aquella grande regateira! Atrever-se a pôr a bôca na minha

honra! E ella? A porca, que andou... Cal-te bôca... E tem aquella de

fallar em mim, que fui sempre como as estrellas, e que nunca houve na

rua quem dissesse, com verdade, que me viu piscar o ôlho ao congregado,

nem ao conego Anselmo! Inda a lingua se lhe tolha, e descanso não tenha

ella de dia nem de noite sem me pedir perdão...

--Então é isso o que precisa dizer-me, snr.ª Angelica?

--Inda não chegamos lá, Rosinha. Isto vinha a respeito de dizer que as

donzellas não estão seguras com esses melcatrefes que por ahi andam

d'oculos, e polainas, que me parecem mesmo o demonio tentador!...

--Elles tentam-na, snr.ª Angelica?

--A mim? para cá é que elles vem bem!.. Eu os arrenego! Assim que os

vejo ao longe, rezo o credo em cruz...

--E perseguem-na os peralvilhos?

--Hão de ter bom olho...! Elles só perseguem as que lhe dão trela. A

mim? isso sim... Inda não ha muito que um mariola me puxou pela

mantilha, ao sahir da Capella das Almas, e eu voltei-me para elle... não

lhe digo nada... apenas me viu, aquillo foi como se lhe désse com um

sedeiro na cara, voltou logo o focinho. Está-se a rir, Rosinha? É como

lhe digo. Os homens, em vendo má cara nas mulheres, não tenha medo que

elles se atrevam... E mais eu agora já não sou o que era... estou muito

acabada... estes malditos lobinhos, que me vem todos os annos ao

costado, fazem-me de fel e vinagre. D'antes quando eu era a flor das

donzellas, isso é que se podiam vêr os peraltas com o nariz no ar por

minha causa... Pois, olhe, viam-me com os olhos e comiam-me com a

testa... Uma rapariga quer-se honestinha; e quanto mais vamos inda peor

é. Está dito... agora vamos começar o nosso arranjo.

--O nosso arranjo?! Que arranjo temos nós, snr.ª Angelica?

--Nada de pressa... ha muito tempo para morrer... Ora vamos, Rosinha...

inda está dos mesmos humores de ha dois annos?

--Que humores? não me lembra quaes eram...

--A respeito do seu matrimonio com o meu Antonio.

--Ah! nem me lembrava essa brincadeira... Sim, minha boa senhora, ainda

estou, e estarei, resolvida a não casar com o snr. Antonio.

Maria Elisa, pé ante pé, viera collocar-se atraz de Angelica fazendo-lhe

carantonhas, que obrigaram Rosa a sentar-se de ilharga por não poder

conter o riso.

--Com que então está na mesma!... Ora, se Deus quizer, a sua cabecinha

ha de mudar. Pense bem no caso, Rosinha. Lembre-se que meu irmão não

sabe o que tem de seu. Lá, se é velho, olhe que faz dar a agua pela

barba aos novos. Não vê aquellas côres, que elle tem? Olhe que alli onde

o vê, inda tem muita força. Come-lhe bem, e está gordo como um tanho...

--Bem sei que está gordo; mas que me importa a mim a gordura de seu

irmão? Como não quero vendel-o a pêso...

--Isso não é resposta de menina honesta, Rosinha. Não se ponha a rir...

Acho que já tem as manhas da sua amiga. Foi ella que lhe disse que não

quizesse o meu Antonio? Tomára-o ella.

--Pois offereça-lh'o.

--Que se lave... Olha a labisgoia! Se meu irmão se via com aquella

tartamuda, que ninguem a entende, entisicava, meu querido irmão do meu

peito! E ella tem legitima?

--Quem, a minha amiga? é muito rica, por morte de duas tias, que são

pouco mais ou menos da sua idade, snr.ª Angelica.

--Da minha idade? Então ainda podem viver muito, e tarde virá a

legitima...

--Quantos annos tem, snr.ª Angelica?

--Quem, eu? eu lhe digo... Eu sou mais velha que o meu Antonio, que é da

idade do Joaquim Antunes, casado com a Theresinha dos Loios, e que se

lembra de ouvir dizer a sua mãe que o meu Antonio era da idade do snr.

Joaquim, e eu sou da idade da snr.ª Brizida, que dizia minha tia Aniceta

que nascera ao mesmo tempo, e se baptisára no mesmo dia com o Thimoteo,

que ninguem ha de dizer a idade que tem.

--É o mesmo que acontece a seu respeito, depois da sua conta, snr.ª

Angelica.

--Pois é verdade; eu o que tenho é estar acabada; mas meu irmão está

gordo e fero como sempre o conheci. Quizesse elle casamentos que lhe não

faltavam.

--Pois, snr.ª Angelica, sinto muito dizer-lhe que não me sinto

deliberada a casar com seu irmão, e que provavelmente ficarei solteira,

porque não tenho vocação para o casamento. Acho-me em extremo inclinada

ao celibato.

--Quem é esse Celibato? Olhe lá que não vá ser algum pandilha que lhe

quer pilhar a legitima!... Eu não conheço esse snr. Celibato... é

negociante?

--Nada; é um cadete...--disse Rosa mordendo o riso nos beiços.

--Ah! um cadete, chamado Celibato... Conheço muito bem; ouvi fallar

n'elle... é um grande tratante. Não queira esse bigorrilhas.

--Ah! que malvado! Eu não sabia que o snr. Celibato José...

--É verdade, Celibato José... já me esquecia...

--Da Cunha...

--Sim, sim... da Cunha; é o mesmo, tal e qual! Ora vê como eu lhe vali,

Rosinha?

--Agradecida, minha amiga. Detesto esse tyranno! Guardarei meu coração

para outro esponsalicio...

--Esponsalicio! parece-me que conheço esse snr. Esponsalicio...

--É um rico proprietario...

--Enganaram-na, Rosinha. Esse Esponsalicio...

--Da Costa...

--É o mesmo... louvado seja Deus, que me trouxe aqui!... Esse

Esponsalicio da Costa é um traficante, que enganou a filha d'uma minha

amiga, e que diz á bôca cheia que não quer casar com nenhuma. Não caia

em lhe receber palavra de casamento, Rosa... Deus a guarde d'essa

tentação!...

--Nenhum d'elles, pois, é digno do hymeneu?

--O Hymeneu! Apre! que são muitos. Eu tenho ouvido fallar n'essa

pessoa... Inda outro dia a mulher do João Pereira, que tem chinó, estava

a fallar mal d'elle. Não póde ser grande pessoa, porque anda mettido com

tal mulher...

--Pois bem: farei um juramento. Não casarei com o snr. Celibato!

--Bonita...

--Nem com o snr. Esponsalicio!

--Ora, pois.

--Nem com o snr. Hymeneu!

--Isso é que se chama ter a cabeça no seu logar.

--Nem com o snr. Antonio!

--Valha-a Deus, menina, valha-a Deus, que tem o passaro na mão, e

deixa-o fugir!... Case com o meu Antonio, e verá que pimpona elle a

traz!

--Fiz voto de morrer solteira. Os meus votos são infalliveis. Serei como

as Vestaes.

--As bestiaes! Deus a livre d'isso! A menina tem alma, e não póde ser

bestial...

--O mais que posso é convidar a minha amiga a receber a terna dextra do

ditoso Aonio.

--Que diz, Rosinha? Parecia-me agora a outra! Onde vos ensinaram esses

aranzeis?

--Pódes entrar Maria Elisa--disse Rosa, que não podia supportar as

caretas que a sua amiga fazia.

--Então ella ahi vem com os latinorios... Vou-me embora, com a graça de

Deus.

--Espere, senhora D. Angelica--disse Maria Elisa com burlesca

formalidade.--Muito ha, ditosa irmã do mais ditoso Adonis, que eu

suspirava por apascentar meus famintos olhos no manjar succulento das

rosadas faces do snr. Antonio José da Silva, vosso mano, e querido meu.

Vi-o uma vez. Vêl-o e amal-o foi obra d'um momento. Nunca mais meus

olhos tristes provaram os carinhosos afagos de Morpheu. De noite era

elle o meu pensamento; de dia o meu pensamento era elle; elle era de dia

e de noite o sangue das minhas veias, o fogo ardente do meu coração, o

nome mais appetitoso da minha lingua, e a lingua mais eloquente da minha

alma.

--Está douda!... Resmungou a velha, voltando-se para Rosa.

--Douda!--disse Elisa--douda d'amor! Cupido, que me varaste o coração de

ervada setta, porque não feres o coração de Antonio José?

--Está apaixonada por elle...--murmurou Rosa ao ouvido de Angelica, que

principiava a acreditar a naturalidade daquella dôr sublime.

--Será verdade, Rosinha?

--Não vê como ella soluça.

Maria Elisa retirava-se com o lenço nos olhos para esconder o riso, na

janella.

--Ella viu meu irmão?

--Viu, no pateo do recolhimento; e desde esse instante falla

constantemente no objecto dos seus votos, que é seu irmão.

--Coitadinha!... É preciso dizer-lh'o a elle, que não vá a rapariga dar

volta ao miôlo.

--Diga-lhe algumas palavras animadoras, snr.ª Angelica.

--Venha cá, minha menina; a troco d'isso não se afflija, que tudo se ha

de fazer pelo melhor, com o favor de Deus...

--Não me illuda, senhora! Não ponha mel nas bordas da taça, que tem ao

fundo o amargo absyntho! A minha paixão é incuravel como a gôta!

--Coitadinha!... por causa da paixão tem gôta! que pena! tão novinha já

com gôta.

--Com gôta, sim! eu com gôta na primavera dos meus dias!

--Pois ella costuma atacar mais no inverno...

--Com gôta na aurora da infancia, no crepusculo do amor... Com gôta

eu!... por causa de um ingrato Narciso! Miseranda Ecco!

--Então o tal Narciso que lhe fez? O Narciso é algum cirurgião que a não

soube tratar, pelos modos... Pois, minha filha, não chore. Eu vou já

d'aqui fallar com meu irmão, e veremos como se arranja isto do melhor

modo. Ponto é que não esteja cá arrumado para a Rosinha...

--Cruel rival!--disse (á parte) Elisa, com a melhor das caretas

imaginaveis.

--Injusta! Eu cedi-t'o, e os deuses sabem que sacrificio fiz cedendo a

mão do snr. Antonio!

--Bem me parecia a mim, que andava aqui alguma mastigada!... Agora vejo

eu porque não queria casar com meu irmão, snr.ª Rosinha... É uma boa

amiga da sua amiga. Deixe estar, menina, que talvez ainda sejamos

cunhadas... E, com isto, vou-me embora que são horas... adeus...

--Vá, mensageira d'amor!--disse Elisa--Propicios céos meus votos

abençoem, e os seus desvelos galardoem.

Ausente Angelica, seguiu-se uma tremenda gargalhada, em que estalaram os

espartilhos ás duas azougadas moças.

CAPITULO XIII

Dous ou tres dias depois (parece-me que foram tres: aquillo de que eu

não estou bem certo não affirmo), ás onze horas da manhã, mais minuto,

menos minuto, estava á porta da snr.ª D. Rosa Guilhermina Taveira, o

snr. Antonio José da Silva limpando o suor, e puxando para o abdomen o

coz do rebelde collête de velludo preto, que lhe marinhava em rofêgos

pelo estomago.

Arranjadas assim as cousas do seu logar, o negociante puxou a campainha,

e perguntou se podia fallar á snr.ª D. Rosa. Responderam-lhe que a

menina estava na cama curando uma constipação. Disse que queria fallar á

snr.ª D. Maria Elisa, e mandaram-no subir, o que elle fez, puxando, com

ambas as mãos, o indomavel collête, que subia a ponto de descobrir o coz

das ceroulas, as quaes rebentavam comprimidas pela arquejante barriga de

seu dono.

Esperou alguns minutos, que lhe não foram penosos, porque os aproveitou

mirando-se em um espelho de sala pendurado defronte da sua cadeira.

Conversando com a sua imagem, o snr. Antonio perguntou a si proprio se

era elle por ventura o venturoso amado que apaixonára a amiga de Rosa a

tal ponto que a virtuosa Angelica (apesar da lingua damnada da Anna

Canastreira) escrupulisava, não esgotando da sua parte todos os esforços

para que elle Antonio José annuisse, como homem e christão que era, ao

suspirado casamento.

Esta era a primeira parte do monologo do negociante. A segunda, porém,

era mais dramatica. O homem tinha pundonor como outro qualquer.

Despresado pela filha do arcediago (que Deus tenha em sua sancta gloria)

resignára-se, mas não se esquecia do ultraje immerecido. Pensára muito

na vingança; mas não sabia com que armas nobres devia vingar-se. Se elle

quizesse desforrar-se com deshonra para a sua consciencia, não lhe

faltariam occasiões como a que tivera, pouco antes, na qualidade de

amigo intimo do curador dos orphãos. Quizesse elle, e Rosa não sahiria

do recolhimento. Mas o snr. Antonio José da Silva era um homem honrado,

temente a Deus, supposto que peccador, e incapaz de vingar-se vilmente.

O desforço, que elle ambicionava, devia ser cavalheiroso, e digno de

especial menção no romance, que, trinta annos depois, devia occupar-se

da pessoa do snr. Antonio, digna, a todos os respeitos, de fazer gemer

os prélos, e dar consumo ao papel das nossas fabricas, interesse

duvidoso aos editores, e não sei que migalhas a mim, humilde apologista

de todos os Antonios, maiores que o seu seculo, e credores da

immortalidade.

Era chegada, pois, a occasião d'este appetecido desforço. O negociante

era amado, e amado pela intima amiga de Rosa, tão nova e tão gentil como

ella. Antonio José da Silva, dispensador de graças do seu munificente

coração, prodigalisaria extremos á sua amante ditosa, na presença da

despresada ingrata, que se morderia de raiva. Ostentaria caprichosamente

os seus ardores de amante e marido no sumptuoso luxo de sua mulher. Rosa

\_ficaria levadinha da breca\_ (esta phrase é d'elle genuina) quando não

podesse \_hombrear com os calcanhares da outra\_. Ora aqui está no que

pensava o snr. Antonio, durante os cinco minutos que esperou na sala,

não lhe esquecendo de conter nos seus justos limites o collête, que

parecia de borracha, porque apenas se via livre dos dedos impertinentes

de seu dono, saltava logo para o pescoço, deixando mal velado o

promontorio das regiões adjacentes, por não dizer sempre barriga, que é

uma palavra que me destôa, e fere os ouvidos pudicos do sexo por

excellencia.

No decurso de cinco minutos, que faziam as duas amigas? Estavam

perturbadas pela surpreza de similhante visita.

Nem se lembravam já da scena burlesca em que a snr.ª Angelica promettera

apiedar seu irmão a favor da delirante Elisa. A vinda inesperada

suscitou-lhes a desconfiança de que o snr. Antonio vinha colerico e

enfurecido, reprehendel-as da galhofa com que receberam sua irmã, e

talvez ameaçal-as de que, por ordem do tutor, Rosa outra vez seria

obrigada a recolher-se, e de mais a mais separar-se da sua amiga.

A filha de Anna do Carmo não estava doente. Aquelle pretexto era o susto

da desconfiança que assaltou a ambas. Ora Maria Elisa, menos timida, ou

mais desenvolta, contra a vontade de sua amiga, não duvidou receber a

visita do snr. Antonio, e preparava-se para chalacear as suas iras, se

elle não viesse ás boas, como era de suppôr, ou ao menos a vaidosa Elisa

tinha a sem-ceremonia de vaticinar.

Depois arrependeu-se de o mandar subir; e perguntava a Rosa a maneira

decente de o despedir, sem ir á sala. N'esta consulta demoraram-se os

cinco minutos, e resolveram, por fim, que seria mais discreto ouvil-o, e

amacial-o, para que o maldito as não indispozesse com o tutor de modo

que as forçassem a uma cruel separação. Elisa, inferior á sua galhofeira

coragem, entrou acanhada na sala, justamente no momento em que o snr.

Antonio dava o ultimo puxão ao collête, e limpava a terceira camada de

suor que lhe envernizava as pandas bochechas.

O negociante ergueu-se, himpando, e levou ambas as mãos ao chapéo, que

apenas levantou da cabeça meio calva.

--Ha de dar licença que me cubra--disse elle--porque venho suado, e sou

atreito a catarrhos... Aqui corre o ar de encontro áquella porta, e não

é lá das melhores cousas para quem traz os póros abertos.

--Esteja a seu bel-prazer, e queira sentar-se--disse Elisa, suspeitando

ainda que, depois do brutal cumprimento, viria a trovoada dos brutaes

insultos.

--Então a Rosinha diz que está constipada?

--Bastante enferma. A minha amiga tem uma compleição melindrosissima.

--E pouco tino tambem. Quando ella esteve comigo era uma desacautelada;

levantava-se do calor da cama, e vinha com o saioto pela cabeça

acocorar-se na varanda a brincar com a gata... Diacho da gata! era tão

amiga d'ella que não viveu muito depois que a não viu em casa! Ha

bichos, que só lhe falta a razão, que no mais parecem mais amoraveis que

as proprias creaturas com alma! A boa da gata ia-se pôr á porta do

quarto d'ella a miar \_miau\_, \_miau\_, \_miau\_, e, a final de contas, não

queria comer, nem beber, até que appareceu morta no telhado do

visinho...

--Misera gata! que infeliz morte!

--Pois é verdade. Isto veio a respeito de dizer que a Rosinha está

constipada. Aquillo a respeito de cabeça não regula lá grande cousa, a

fallarmos a verdade.

--É uma excellente menina, cheia de virtudes...

--Eu não digo menos d'isso; mas de cá se vai a lá. Deixe-a ter mais dous

annos, e verá onde vai dar comsigo...

--Eu creio que ella saberá conter-se nos honestos limites que lhe são

demarcados pela honra, e pelo dever.

--Pois Deus a ouça; mas duvido. Pelo que me disse minha irmã, ella traz

na cabeça umas tolices que não hão de ter boa sahida. Inda não ha tres

mezes que sahiu do recolhimento, e já conhece não sei quantos namoros.

--Isso é uma injustiça, snr. Silva. A minha amiga Rosa Guilhermina não

tem namoro algum.

--Deixe-se d'isso, não a defenda, que eu cá sei tudo. Minha irmã

fallou-me n'um tal cadete chamado Liberato, ou Celibato, ou não sei que,

e um proprietario que tem o nome arrevezado assim a modo de Apparicio...

ou Sponselicio... uma cousa assim... finalmente, oxalá que eu me engane,

mas não lhe agouro bem... Emfim, quem mal fizer a cama, mal ha de

dormir. A pena que eu tenho é ser ella filha do meu amigo arcediago, que

Deus tenha na sua presença, que já lá sabe o bem e o mal que fez... Do

mais, deixal-a lá, que o mal se o fizer, para si o faz...

--Não se afflija. A minha amiga será digna do bom pae que a morte lhe

roubou, e não deshonrará jamais as cinzas paternas.

--Pois assim seja. Ora, menina, eu não sou d'esses bigorrilhas que dizem

palavras de mel, e sabem d'esses \_circumloquios\_ de trapalhadas com que

enganam as moças, e, a final de contas, não dizem nada. Eu sou um homem

chão... pau é pau, e pedra é pedra. O que sente o coração a bôca o diz,

e o que a bôca não diz não sente o coração. Ora aqui está. Os homens

entendem-se pelas palavras, e eu gosto de quem não está a fazer uma

grande mastigada de palavras bonitas para dizer o que se diz em duas

palavras. Eu venho aqui de proposito fallar com a menina, porque minha

irmã Angelica foi d'aqui, ha tres dias, e disse-me certas cousas que me

buliram no coração. Pelos modos a menina disse-lhe que se lhe não dava

de casar comigo...

--Eu?!

--Não se envergonhe de ter confessado os seus affectos. Eu gosto da

franqueza, e a gente muitas vezes perde por fallar de mais e fallar de

menos. Á menina bem sei que lhe ha de custar esta conversa; mas,

deixemo-nos d'essas \_bijutarias\_ do costume, eu estimei muito saber que

a menina gostára de mim...

--Eu... não disse que...

--Bem sei que não disse a cousa assim... Eu sei muito bem que a menina

tem uma maneira de dizer as cousas com outras palavras mais discretas;

mas o que é verdade diz-se com clareza, e eu sei entender as cousas.

Maria Elisa não previa similhante desfecho! A surpreza annullára-lhe por

momentos o sestro chocarreiro, e a confusa moça não sabia qual dos

partidos devia adoptar, se o da seriedade, se a brincadeira. De mais a

mais, a cabeça de Rosa apparecera-lhe n'este momento, entre as duas

portadas mal cerradas, e o riso, sua feição caracteristica, luctou

cruelmente com a seriedade zombeteira, que ella queria sustentar.

--Eu, a fallar-lhe a verdade--continuou o snr. Antonio, persuadido que o

silencio de Elisa era o natural pudor dos dezesete annos--a fallar-lhe a

verdade, pela terceira vez que a vejo, não desgosto da sua pessoa.

Quando a vi na grade do recolhimento fiquei sympathisando muito com as

suas maneiras, e gostei de a ouvir fallar, porque eu não sou homem de

estudos, mas sei dar valor ás cousas, e gosto de quem saiba dizer duas

palavras.

--Ditosa mulher aquella que viver sujeita ao seu dominio! Os vôos do seu

espirito não acharão fechados os vastos horisontes do talento, nos

penosos dissabores domesticos.

--Que é? agora não percebi bem...

--Dizia eu que será uma felicidade pertencer a v. s.ª

--Felicidade... isso vai da maneira de vêr as cousas cada um. O que lhe

posso desde já prometter é que não hei de dar-lhe penas.

--A mim?... Creio que não dará...

--Póde estar certa d'isso. Eu sei como se tratam as pessoas. A gente

póde gosar a sua riqueza sem andar á compita com as grandezas dos

fidalgos. Isso é que é asneira. Os fidalgos arruinam-se, e vivem por ahi

sabe Deus como, atraz de mim e dos outros, que lhes damos a juro o nosso

dinheiro, para as mulheres gastarem em velludos, assembleias, e

theatros. Dizia o meu amigo arcediago, que quem sahe fóra da sua classe

não tem classe nenhuma. É cá uma ideia que eu aprendi de cabeça, e acho

isto bem dito: \_quem sahe fóra da sua classe não tem classe nenhuma\_.

--É um axioma.

--Que é?

--É um axioma, uma maxima, uma eterna verdade.

--Isso é. Um negociante é um negociante, e um fidalgo é um fidalgo.

Andam ahi de carruagens uns tres cá da minha classe, que querem hombrear

com os fidalgos, e mais hoje ou mais amanhã verão onde vai parar o

negocio.

--Pois v. s.ª abomina a carruagem?

--É cousa em que nunca andei. Parece-me que aquillo não ha de dar grande

saude ao estomago! Tombo para aqui, tombo para acolá, quem fôr nutrido

como eu ha de por força soffrer dos bofes.

--Engana-se... A agitação, causada pelo balanço da carruagem, é

saudavel.

--Devéras?! acho que não!

--Queira acreditar-me. Eu tenho lido varios authores de medicina, que

recommendam o uso da carruagem ás pessoas nutridas, como meio de evitar

as apoplexias.

--Ah! a menina leu isso nos livros?

--Sim, senhor, e como pessoa que se interessa no seu bem-estar,

recommendo-lhe o uso da carruagem.

--E o carroção não fará o mesmo effeito?

--Creio que não: o carroção é mais moroso, menos agitado, mais

impertinente nos solavancos.

--Pois eu estava resolvido a mandar fazer um carroção, porque tenho uma

junta de bois na minha quinta de Lordello, e, visto o que me diz...

--Parecia-me que v. s.ª deveria possuir carruagem, já que os bens da

fortuna lh'o permittem.

--Lá isso tenho eu para mais; mas que diriam os meus visinhos se me

vissem de carruagem? Eram capazes de me apupar os tratantes!

--Deixe-se d'isso, senhor Silva. As suas commodidades são mais

attendiveis que a critica estupida dos seus visinhos. Ora diga-me: se

casasse com uma senhora debil, que precisasse de passear de carruagem

para entreter o espirito nas delicias do campo, v. s.ª não lh'a

compraria?

--Isso comprava; ponto é que minha mulher me fosse leal, e precisasse

d'ella, porque lá, por luxo, acho que era uma asneira sustentar uma

parelha de machos, e dois criados. E não será melhor uma cadeirinha, ou

uma liteira?

--Isso é antiquissimo!... De que serve o dinheiro, se o não fazemos

servir aos nossos prazeres?

--Diz bem; mas sempre é bom a gente gastar menos do que lhe rende o

negocio.

--Concordo; mas acho justo que se engrandeça a gente tanto quanto é

possivel.

--Pois a tal respeito fallaremos mais devagar. Agora é necessario que

tratemos da nossa união. Eu estou disposto a casar com a menina, já que

sympathisamos um com outro, segundo me disse minha irmã. A menina

faz-lhe conta casar comigo?

--Acha-me digna de si?

--Eu que lhe pergunto se quer casar é porque sympathiso com a menina.

--Sabe que eu não sou rica?

--Sei que não tem nada de seu. Conheci muito bem seu pae, que era

negociante, e quebrou com honra. Eu não lhe pergunto se é rica. Rico sou

eu, e tenho de sobra para que nos não falte nada. O que eu quero é quem

governe a minha casa, e herde os meus bens por minha vontade, porque o

que tenho não quero que vá parar a sobrinhos. Se lhe serve, o que ha de

fazer-se ao tarde faça-se ao cedo. Não tenho mais nada a dizer-lhe;

pense no negocio, e responda-me breve...

--Eu responderei...

--Está dito tudo. Dê cá recados á doente, e saiba que fico sendo seu

amigo.

........................................................................

O rico mercador de pannos retirou-se. D. Rosa veio a rir-se, ao encontro

de Elisa, e, vendo-a séria, perguntou-lhe:

--Tu não te ris, Elisa?

A litterata respondeu com o silencio e a seriedade.

--Em que pensas tão trombuda?--replicou Rosa.

--Em que penso?... eu sei cá em que penso!... Acho que não penso!...

--Aposto que te serve o noivo?!

--Estás a caçoar, Rosa!

ENTRE-PARENTHESIS

Oh benemerita philosophia! quão sublimes effeitos a humanidade

experimenta da tua sisuda influencia!

Oh candida filha do talento, irmã gemea da independencia, neta de Catão,

e parenta proxima dos Catões da minha terra, oh patusca philosophia, que

sancto prestigio tu exerces nas almas, desde que Diogenes arremessou a

escudela que lhe não servia de nada!

Oh philosophia das mulheres, tu és sobre todas a melhor das

philosophias! A teu respeito poderia eu escrever este capitulo XIII, que

ficaria sendo um capitulo de abalo no espirito publico, mas, não tenho

agora vagar, nem me lembra nada que se tenha escripto a respeito da

philosophia das mulheres.

Apesar da minha ignorancia n'este ramo (unico em que não sou profundo)

tentarei, indulgentes leitores, iniciar-vos na philosophia de Maria

Elisa, que foi, honra lhe seja, a mais fervorosa sacerdotisa do culto.

Nada mais boçal, mais rude, mais soez, mais detestavel que a figura, o

abdomen, o palavriado, o suor, e o collete, do senhor Antonio José da

Silva.

D'accordo.

Nada mais repulsivo que os seus tres papos, que as compressas dos

colleirinhos reduziam a seis rofêgos, parecidos com o intestino

mesenterio do cevado, que é a mais saborosa das tripas do tal animal

(seja dito de passagem).

Nada mais displicente que os seus olhos azues, abertos a canivete, na

franja d'uma pequena testa quadrada.

Nada mais abominavel que os seus quatro dentes em anarchia, impellindo,

emparceirados com a lingua, perdigotos ás legiões, que orvalhavam, a

quatro palmos de distancia, a physionomia dos circumstantes.

Nada mais irrisorio que a supina ignorancia das suas sandices amorosas,

á mistura com anexins fastidiosamente vulgares, e momices mais ou menos

grutescas, mas sempre ridiculas ou nauseabundas. E os callos, e os

joanetes? tudo horrivel!

D'accordo.

Mas o dinheiro do senhor Antonio José da Silva! o dinheiro, atilados

leitores, vêde bem que se trata de dinheiro, dinheiro em abundancia,

placas de ouro e prata, cousas torpes e vis, confessemos que sim, mas

cousas com que se compram as carruagens, os velludos, os setins, os

jantares, os bailes, a consideração, os ouvidos, os olhos, as linguas,

as pennas, as eloquencias, com que tudo se compra inclusivamente os

romances, illustradas leitoras, e intelligentes bachareis!

O DINHEIRO!

Vós não sabeis o que são essas oito letras, que só ellas valem as vinte

e cinco do alphabeto! Vós não sabeis que eu conheço quatro, dez, trinta

alarves d'uma estupidez fabulosa que escondem n'uma luva branca a mão,

que deveria aguçar brochas, e palmilhar sapatos; que encostam aos coxins

das carruagens os lombos musculosos que a natureza affeiçoára para as

asperezas do costal; que mascaram a hediondez do vicio ignaro, o peor de

todos, com o riso alvarmente cynico de todos os homens endinheirados,

que é um riso particular.

Esses taes são tudo isso e mais alguma cousa; e eu sou o primeiro a

sorrir-lhes urbanamente, com meiguice, com mimo até, folgo que me

apertem a mão, que me chamem amigo, embora depois se riam de mim, folgo

e ennobreço-me d'essa esmola de consideração, porque, se, em minha

consciencia, reconheço que são elles os devassos, os torpes, os

ignorantes, os incorrigiveis, a minha illustrada cabeça diz-me que eu

ámanhã serei apedrejado, na praça publica, se esses taes passarem por

mim sem me cortejarem, e retirarem a sua mão da minha.

O DINHEIRO, amigos! Eu nunca me cansarei de vos lembrar esta palavra,

tres syllabas distinctas que fazem o unico deus verdadeiro d'este

paganismo ignominioso em que medram os vicios da sociedade. Tres

syllabas! trindade veneranda que representa o mytho de todas as

religiões, em cada uma das quaes o profundissimo Dupuis achou uma

trindade, e não descobriu esta, que eu tenho a honra de evangelisar-vos.

O DINHEIRO, emfim, foi o dinheiro, representado em Antonio José da Silva

que perturbou a tranquillidade descuidosa de Maria Elisa, desde o

momento fatal que a serpente, na feia figura do negociante, veio tentar

a Eva da viella do Laranjal.

CAPITULO XIV

A pobre orphã do Recolhimento, antes de conhecer Rosa Guilhermina,

enraivecia-se de não ser pensionista para compartir das regalias das

ricas, que tinham o direito de responder com altivez ás reflexões das

mestras, e ás rabugices da velha regente.

Reprimida pela necessidade de obedecer, phantasiava extravagantes

futuros d'onde a felicidade poderia vir resgatal-a á humilhante condição

de orphã, dependente da caridade publica. Moça ainda de treze annos,

lembrava-se de muitos casamentos ricos com meninas pobres d'aquella

casa, e botava sortes e adivinhas, que todas lhe annunciavam o suspirado

casamento. Uma velha, que sabia lançar as cartas, e com a qual havia

muita fé ao recolhimento, tres vezes lhe vaticinou um vantajoso

casamento.

Relacionada com Rosa Guilhermina, a ambiciosa orphã esqueceu-se um pouco

das suas queridas esperanças, porque, desde o momento em que ganhou a

intimidade da sua amiga, dispensou a ração da casa, e viveu,

independente da misericordia, como irmã com a pensionista.

Se algumas vezes contou á companheira os seus passados sonhos de

casamento, Rosa ouviu-lh'os rindo, e pediu-lhe que nunca se lembrasse de

tal emquanto ella fosse viva, e tivesse um bocado de pão que repartir

com ella.

Ainda assim, Maria Elisa tinha assaltos de vaidade, e soffria,

lembrando-se que não podia indemnisar alguma vez as liberalidades que

recebia de Rosa.

Quando se installaram, senhoras suas, na casa do Laranjal, Elisa pensou

no seu futuro, e lembrou-se que viria tempo em que Rosa trocaria por

outros affectos os carinhos d'ella, e acharia pesado o encargo de

sustentar com tantas regalias uma estranha.

Este reservado pensamento, que ella, eminentemente philosopha, sabia

calar, dominou-a muito tempo, com bem pouco elogio para a sua idade e

para o seu caracter.

Quando veio á sala zombar de Angelica não havia n'essa caricatura de

rapariga apaixonada intenção séria, nem podia havel-a.

Quando o senhor Antonio principiou a franca exposição dos seus

sentimentos, que elle significava na melodiosa palavra «sympathia»,

Maria Elisa zombava ainda, e respondia com caretas ás caretas de Rosa.

Quando, porém, o capitalista fallou em luxo, em carruagens, em fidalgas,

e, sobre tudo, na necessidade de deixar uma herança, que não queria

deixar aos sobrinhos, a moça pobre lembrou-se das suas esperanças

desvanecidas, e dos prognosticos da velha do recolhimento, que lançava

as cartas.

E, portanto, Maria Elisa, a seu pesar, recahiu de repente na gravidade

do assumpto, e ouviu as ultimas palavras do ingenuo negociante, com a

discrição, que o caso pedia.

Aqui o que temos a admirar, se alguma cousa vale a pena da admiração, é

a philosophia tão saturada aos dezeseis annos!

A ideia philosophica, em uma mulher, começa aos vinte e cinco annos, e

acaba aos quarenta e cinco. Até aos vinte e cinco, domina a poesia, dos

quarenta e cinco para diante, se não domina a theologia, ha de

forçosamente dominar a toleima, que os vocabularios definem «tolice

grande». Isto não é maxima, que valha as de \_Larochefoucauld\_; mas é, no

seu tanto ou quanto, uma maxima que deve aproveitar a muita gente.

Maria Elisa, porém, fôra demasiado temporã na razão da philosophia.

Anticipou-se, é verdade; mas veremos que não abortou por vir cedo de

mais. Os grandes pensamentos tem cincoenta annos de incubação nas

entranhas da sociedade. Terão: não duvido nada; mas o maior pensamento,

que se conhece, é o de Elisa em casar com o senhor Antonio, e vingou em

cincoenta minutos.

As perguntas de Rosa mortificavam-na.

A ciumosa amiga custava-lhe a crêr similhante extravagancia; mas a

importancia grave que Maria Elisa estava dando ás perguntas zombeteiras,

que lhe eram feitas, aggravou a desconfiança de sua amiga.

Por esquivar-se ás impertinentes instancias da arrufada Rosa, a noiva,

em perspectiva, refugiou-se nas chufas ao promettido esposo, e conseguiu

dissuadir a amiga, que foi tão facil em descrêr como tinha sido em

irritar-se por um ciume extravagante.

Quando emprégo a palavra «ciume» não se persuadam que a filha do

defuncto arcediago era rival d'Elisa. Justiça lhe seja feita: D. Rosa

era rival do senhor Antonio. Como estas cousas são, não me importa a mim

sabel-o. Ha no coração de duas mulheres muito amigas puerilidades assim,

segundo me consta.

Maria Elisa pensou na aventura toda a noite.

Para neutralisar a cubiça do luxo, e da independencia, a ambiciosa

pequena afigurava-se ligada ao senhor Antonio, carnal e positivamente

como Deus o atirára a este mundo. Punha de parte o dinheiro, afastava o

crepe dourado, para vêr o cadaver em todo o horror das ulceras; mas o

demonio tentador não lhe pintava uma cousa sem lhe pintar a outra. Pelo

habito de imaginal-o familiarisou-se com elle, e já lhe não parecia tão

repulsivo. E, se declinava os lindos olhos do homem para a opulencia

embrionaria no ouro d'elle, a philosophica menina via cousas

lindissimas, e deslumbrava o coração esquivo com as liberalidades que a

cabeça lhe promettia.

E, no mais caloroso do seu delirio, via um marido velho, e uma riqueza

pósthuma a gosar, e um coração, cheio de vida, a offerecer.

Foi esta a final conclusão dos seus raciocinios, que ella não deixou

escriptos em compendio para uso dos collegios de meninas; mas que,

depois d'ella, temos visto que foram adoptados, e que fazem hoje as

delicias das educandas. Os bons príncipios teem isso comsigo.

O dia seguinte correu sem novidade.

O outro foi um dia triste para ambas as meninas.

Elisa parece que se esquivava á sua amiga. Rosa ensaiou uma pergunta

definitiva; mas não ousou proferil-a.

Ao terceiro dia, uma carta do senhor Antonio José da Silva foi causa de

grandes dissabores. O conteúdo era assim:

«\_Senhora D. Maria Elisa.\_

\_Porto, 24 de abril de 1818.\_

\_«Minha senhora do meu coração e da minha particular estima. Faz hoje

tres dias que fallamos em certo negocio a respeito da nossa união. Muito

desejava eu saber, para meu governo, se v. s.ª está resolvida a dar-me a

sua mão de esposa. Estes negocios não devem demorar-se. Eu já lhe disse

o que lhe tinha a dizer. Por motivos, que á vista lhe direi, estou

deliberado a casar-me o mais breve. Soube que v. s.ª sympathisava

comigo, e eu da minha parte não desgosto da sua pessoa. Por isso, se

houver de se fazer este casamento, ha de ser já, quando não com bem

desgosto do meu coração procurarei outra que tenha as boas qualidades da

menina. Peço-lhe que responda com brevidade. Mande no seu serviço este

que é e será até á morte\_

\_De v. s.ª\_

\_Attento venerador e criado obrigado,\_

\_Antonio José da Silva.\_»

Está conforme o original, excepto a grammatica, a pontuação, e a

orthographia.

Maria Elisa, não podendo illudir as instancias de Rosa, sem lêr a carta,

ralatou a seu modo o conteúdo. Vejam que a vaidade não a deixava já

expor ao escarneo da sua amiga a redacção do capitalista! Por mais que a

curiosa teimasse, não conseguiu julgar do coração do seu antigo amante

pela eloquencia da carta!

Perseguida, cansada de fingir, exhausta de pretextos, Elisa disse á sua

companheira de dous annos:

--Eu amo-te muito, minha querida amiga. És a primeira e a unica pessoa a

quem consagrei a minha alma, e todos os instantes da minha existencia,

que não será longa, longe de ti; mas não posso contar com o teu apoio

toda a vida. Preciso de ser independente, como tu és, para bem avaliar

as tuas generosidades. A verdadeira e duradoira amizade firma-se na

independencia...

--Olha que me ultrajas, Elisa! Eu fiz-te nunca sentir a tua dependencia?

--Fizeste.

--Fiz! isso é uma mentira, que me escandalisa!

--Fizeste com os teus carinhos. Quanto mais procuravas esconder aos meus

proprios olhos os beneficios, que me fazias, mais os olhos do meu

coração se abriam, para vêl-os, e mais devedora me considerava aos teus

extremos. Quer Deus que eu seja o que não poderei ser de outra maneira.

Serei rica. Não digo que seja feliz; porque a ventura não a dá o ouro,

nem as lagrimas da saudade se enxugam com o dinheiro. Mas eu sou sempre

a tua amiga. Serás sempre a minha confidente. Serão reciprocas as nossas

casas, e as nossas riquezas. Viveremos tão juntas como até aqui. Terás,

mais ditosa que eu, um marido da eleição da alma. Serás venturosa, com

elle, e eu um dia... talvez... bem cedo... viuva, e rica... serei outra

vez a tua irmã, debaixo das mesmas telhas...

--Isso nunca!

--Nunca!... porquê?...

--Nunca!... Quem me não amou até hoje, virá depois offerecer-me riquezas

que despréso, e não preciso.

--Eu não virei offerecer-te riquezas, porque rica és tu. Virei outra vez

atar o fio que se vai quebrar entre os nossos corações, se é que a

separação de instantes é um laço de dous corações que se desata! Rosa,

não chores, que me comprimes o seio... Dá-me a tua mão... não sentes que

estas palpitações só tuas podem ser? Apraz-te martyrisar a tua amiga?

--Impostora!

--Impostora, eu, Rosa, e tens alma de me dizer tal? Não sentes o

remorso de tamanha offensa?

--Não! És uma ingrata, que me trocas pelo dinheiro d'um homem que eu

despréso.

--Porque és rica.

--D'um homem a quem chamavas os mais despresiveis nomes.

--Que hoje outra vez lhe dou.

--Então como podes tu sacrificar a tua vida a um ente abominavel?

--Porque não tenciono sacrificar-me... O escravo ha de ser elle.

--Não te entendo! O escravo ha de ser elle!... de que modo?

--Obrigal-o-hei a servir os meus caprichos.

--Quaes caprichos?

--Todos.

--Vaes ser uma esposa infiel?

--Não.

--Vaes ter carruagem, e vestidos ricos?

--Vou.

--E se te não dér carruagem, nem vestidos?

--Ha de dal-os.

--E se não dér?

--Divorcio-me... metade da sua riqueza é minha.

--E queres dar escandalo?

--Escandalo é ser pobre. Vejo-te hoje muito moralista.

--E tu pareces-me philosopha de mais.

--Antes isso.

--Que maneira de responder!

--É como a tua de perguntar... Não nos zanguemos, Rosinha. Sejamos boas

amigas. Aconselha-me que me case, que é a maior prova que pódes dar-me

da tua estima.

--Faz o que quizeres... és livre... Enganei-me comtigo... creei uma

vibora no meu seio.

--Isso é d'uma novella que nós lêmos ha dias. Nada de arrufos... Vamos

cear?

CAPITULO XV

RESPOSTA Á CARTA DO SENHOR ANTONIO JOSÉ DA SILVA

«\_Ill.mo snr.\_

«\_Hontem recebi a sua preciosa carta. O meu coração delirou de

contentamento, e a minha penna não póde fielmente interpretar os jubilos

do espirito.\_

«\_Não se resiste aos seus carinhos. É-se arrastada involuntariamente para

a fascinação dos seus affectos. Deslumbra-se o entendimento, e

humilda-se o amor proprio na presença de v. s.ª\_

«\_Sim. Eu serei sua esposa, e satisfarei assim a mais incendiaria ambição

da minha alma. O matrimonio, porém, é de todos os passos o mais sério

passo da vida. Se resvala o pé, o casamento é o desfiladeiro, que conduz

ao tumulo. Eu mando calar a minha paixão. Faço que o cego amor emmudeça

para que a razão falle. Raciocinemos, pois, que assim é preciso.\_

«\_V. s.ª já conhece bem o meu caracter? Creio que não. Eu não sou uma

mulher trivial. Tenho um grande coração para amar; mas o amor não é

suficiente alimento para elle. Sou ambiciosa de brilho, de ostentação,

de gloria, e não poderia fazer feliz um homem pobre, porque preciso

resplandecer aos olhos de meu marido e aos dos estranhos.\_

«\_Este brilho, que ambiciono, não é um instrumento com que eu queira

ferir a minha honra, ou a honra de meu marido. Pelo contrario, humilde

para elle a quem devo tudo serei soberba da minha grandeza para todos os

outros. Se me quer para esposa, se me quer para dominar o seu

coração, e ser dominada no meu, é preciso que v. s.ª se comprometta, por

sua palavra de honra, a não embaraçar-me no livre gôso da riqueza que me

transmitte, desde o instante em que um eterno vinculo nos prender.\_

«\_Eu sei que v. s.ª vive acostumado a uma mediania que não enquadra no

meu grande espirito. Não vá esse fatal habito, no futuro, transtornar a

nossa tranquillidade. Reflexione, senhor Silva, emquanto é tempo; e

responda-me quando o coração concordar com as meditadas reflexões que

tem a honra de fazer-lhe esta que é\_

«\_De v. s.ª\_

«\_Muito affectuosa amante, e attenta veneradora,\_

«\_Maria Elisa Sarmento de Athaide.»\_

O senhor Antonio leu tres vezes a carta e entendeu o essencial. Uma das

maiores difficuldades que zombaram da sua intelligencia foi a mais

simples das cousas: a assignatura.

--Como é (dizia elle) que ella se chama \_Sarmento de Athaide\_, se seu

pae era Joaquim Nunes, e sua mãe Michaela Felisberta? Isto, pelos modos,

cada qual assigna-se como quer! Pois eu hei de morrer, como nasci...

Estas sensatas reflexões foram interrompidas pela senhora Angelica.

--Já recebeste resposta, Antonio?

--Agora mesmo.

--Ora lê lá isso.

O noivo leu a carta, que sua irmã ouviu com a bôca aberta, franzindo a

testa a cada palavrão, que seu mano não entendia melhor que ella.

--Está uma carta d'uma vez!--disse a senhora Angelica, abrindo os olhos

para o lado da testa, e apanhando com os seus tres dentes, resto de

maior quantia, o beiço inferior, em signal de admiração--Isso é que é

fallar! O diacho da rapariga parece que tem cousa má! Aquillo é que é

uma cabecinha! Diz que bota sonetos, e lê pelos livros grandes dos

doutores! Ora vejam lá como a boa da pequena, sabe estas palavras, e diz

tudo que faz mesmo pasmar!... É um regalo ouvir essa carta... Ora lê lá

outra vez, meu querido Antoninho, que tens uma noiva de toda a

sabedoria!

O senhor Antonio leu quinta vez a sublime carta.

--Com effeito!--tornou a senhora Angelica--eu aposto se um doutor a

fazia melhor! A pequena parece que veio ensinada da barriga da mãe...

Cousa assim não consta!... Nunca vi nada mais bonito! Então isso que

quer dizer?

--Pois tu não entendeste?

--Assim me Deus salve que não.

--Isto quer dizer, sim... quer dizer que... é verdade, isto quer dizer,

que me tem uma grande affeição da sua alma, e que está prompta a ser

minha esposa...

--Coitadinha!... Isso já eu sabia... eu não t'o disse? Ora vê lá como as

cartas fallam verdade! Bem dizia a Escolastica de Miragaya que a igreja

te sahia brevemente... E não diz mais nada a minha cunhadinha?

--Diz que quer muito vestido, e muita... sim, diz que quer muita

grandeza para metter figas nos olhos...

--Á Rosa? bem haja ella! Eu cá tambem fazia o mesmo!... Pois olha,

Antonio, por ser cousa tua hei de dar-lhe o meu vestido de vareja branca

com lentejoulas para o casamento, e as plumas que minha madrinha me deu,

que lhe hão de ficar ás mil maravilhas. O vestido não tem mais que

pôr-lhe meias mangas, e subir a cintura para cima, que no mais está na

moda, custou-me a quatro mil reis a vara... daquella fazenda ha mais de

trinta annos que cá não vem tão boa... E que mais diz a carta? não me

manda visitas?

--Não... esqueceu-se...

--Pois, se lhe escreveres, diz-lhe da minha parte que muito estimo que

seja minha cunhada, e que havemos de ir ambas visitar o Senhor, e resar

a novena do menino Jesus dos attribulados, e muitas devoções. Diz-lhe

mais que faça por ter saude, e que peça a nossa Senhora que lhe dê muita

juizo e graça para servir a Deus... Ouviste?

--Ouvi, sim, vai pôr o jantar na mesa.

Entretanto, o senhor Antonio ficou sósinho passeando, e traduzindo para

vulgar a carta de Maria Elisa. O seu espirito, posto que d'uma

parcimonia admiravel no entendimento das cousas, custava-lhe a combinar

a cega paixão de Elisa com as calculadas condições que lhe eram

estipuladas em contracto de casamento. Todavia o negociante combinava a

carta com o que ella pessoalmente lhe fizera sentir acerca de carruagens

e assembleias, e deduzia de tudo que a rapariga queria figurar.

O senhor Antonio era rico, muito rico, mas avarento não. Nunca lhe

occorrera a ideia de gastar dinheiro em competencia com alguns seus

collegas que figuravam na roda dos fidalgos. Se desejasse deslumbral-os,

não olharia a despezas. Mas o coração não lhe pedia essas cousas, e

muito menos a carruagem, cujo balanço (dizia elle) não podia dar grande

saude aos bofes d'um homem gordo. O orgão que o senhor Antonio

respeitava mais na sua economia eram os bofes, de que se queixava pondo

a mão no estomago. Naturalmente suppunha que tinha o figado no peito.

Era um erro de anatomia desculpavel. Eu proprio, que já tive a honra de

vos dizer que sei tudo e mais alguma cousa, não tenho absoluta certeza

da collocação do figado, supposto que fui em anatomia estudante

profundo, a ponto de querer provar que o duodeno (tripa de doze

pollegadas) tinha, pelo menos, trinta e duas braças. E ainda hoje estou

n'isto, diga lá o que disser Bichat, e Soares Franco. Em consequencia do

que, tinha muita razão o senhor Antonio em recear que o balanço da

carruagem lhe prejudicasse os bofes situados no estomago. Mas a senhora

D. Maria Elisa de Sarmento Athaide lêra nos livros que a carruagem era

hygienica, e o senhor Antonio renunciára, como vimos, o pensamento do

carroção.

O jantar do senhor Antonio, n'este dia, foi rapido e pequeno, porque ao

coração refluira-lhe quasi toda a sensibilidade do estomago. O senhor

Antonio limitou-se a comer obra de arratel e meio de cozido da perna,

uma travessa de arroz com rodellas de linguiça, uma concava pelangana de

carneiro ensopado com batatas, uma tigela de chorudo caldo com sôpas que

se levantavam entumecidas quatro pollegadas acima do nivel da tigela, um

quarto de ceira de figos de comadre, alguns copos de vinho á proporção,

e mais nada. A senhora Angelica, assustada do fastio de seu irmão, pouco

mais comeu. O amor espiritualisára a organisação do nosso amigo o senhor

Antonio José. Mais tres dias d'esta quasi abstinencia de anachoreta, e o

sensivel negociante, um pouco pallido, e outro pouco meditabundo,

poderia sem favor, ser tido e havido como a preexistencia d'estes

rapazes, que nós conhecemos, e lamentamos na sua desesperação de amantes

não comprehendidos na face da terra!

--Ai! quem me dera poder-vos dizer que o senhor Antonio, á hora

melancólica do crepusculo, fixava o ôlho lagrimoso na amplidão dos céos,

espreitando o fulgor da estrellinha que o enamorava de lá!

Eu daria de graça este meu romance, se podésse, em estylo scintillante

umas vezes, e outras morbido, afiançar-vos que o senhor Antonio José da

Silva fôra poisar a sua redonda pessoa na fraga de-á-beira-mar, e ahi

com os olhos no horisonte, e os bofes arquejantes, perguntára á gaivota

gemebunda o segredo dos seus gemidos!

Não é possivel, leitores. O senhor Antonio o mais que pôde fazer, no

auge da paixão, foi comer assim. Não exijam mais d'aquelle homem, porque

d'ahi ao suicidio vai só um passo.

Antonio José da Silva, meu sympathico heroe, tu passaste sobre a terra,

e a tua geração não te comprehendeu!

Tu nasceste para estes nossos dias de angustiosa provação, de sentimento

fino, de doloroso trespasse d'uma civilisação material para o reinado do

espirito.

Se vivesses hoje, serias ordeiro, e visconde; terias ido ás camaras

fallar na cultura da cebola-albarrã, e na estrada concelheira de

Guinfões e Terras de Bouro; comerias biscoutos na assembleia portuense,

e pedirias a palavra na associação commercial, para dizeres que eras um

honrado negociante. E não ficaria aqui a tua missão grandiosa. Se

morresse algum homem, rei do talento, e creador d'uma litteratura,

serias tu o encarregado de dar a tua ideia para um monumento que

perpetuasse a gloria d'essa illustração![3]

Antonio José, vieste cedo de mais! Eu lembro-me de ti com saudades (e

mais não tive a honra de conhecer-te) todas as vezes que vejo a tua alma

cavalgando o nariz dos meus contemporaneos!

Lembro-me de ti, especialmente, quando me vejo a braços com uma paixão

séria, e não sinto cá dentro ferir-me o toque inspirador com que tu,

depois de jantar, respondias assim á carta de Maria Elisa Sarmento de

Athaide:

«\_Ill.ma snr.ª\_

«\_Porto, 27 de abril de 1818.\_

«\_Sem tempo para mais, recebi a sua estimada cartinha, que veio muito a

proposito, porque eu já não estava bom. Vejo o que me diz, e a respeito

de tudo não tenho nada a dizer contra. Eu não sou d'esses sovinas que

são capazes de engulir, á hora da morte, o dinheiro, como certos

avarentos que eu conheço. A menina não ha de ter falta de cousa nenhuma;

ponto é que tenha juizo, e que saiba conduzir-se. O que eu tenho seu é,

e de mais ninguem. Gostei muito de a ouvir discorrer na sua carta, e

fallou bem a respeito do matrimonio. Eu gosto de quem me entenda, e, a

respeito do mais, deixe o negocio por minha conta. Logo que esteja

resolvida, botam-se os banhos, e faz-se isto depressa, que é o melhor.

Sem mais, sou\_

«\_De v. s.ª\_

«\_Vosso amante do coração\_,

«\_Antonio José da Silva.\_»

Maria Elisa leu sósinha, com frouxos de riso, esta carta. O estimulo do

riso cedeu ao da meditação. Momentaneamente, a melancolia ennuviou o

semblante da pensativa menina. Parece que estava sentindo vergonha ou

piedade de si. O pensamento de quebrar com uma gargalhada aquellas

relações, assaltou-a duas vezes; mas o pensamento de ter carruagem e um

bello futuro por detraz da campa de seu marido, assaltou-a tres vezes, e

venceu por um assalto, posta a sua alma a votos.

Rosa Guilhermina, desde o dia anterior, não lhe fallava. Esta demazia de

aspereza concorreu muito para a definitiva resolução do casamento,

porque o seu orgulho dizia-lhe que os amuos de Rosa eram o effeito da

dependencia. De mais a mais a colerica filha da Anna do Carmo tinha-lhe

dito que tal casamento não seria feito em sua casa. Que sahisse ella

para onde quizesse, porque, no momento em que annuisse a tal infamia,

terminavam de todo em todo as suas antigas relações. Isto foi de mais:

mas a filha da Anna do Carmo tinha uma costella de sua mãe, e essa

costella vencera, na questão, as vinte e tres de seu pae.

O portador da carta esperava a resposta.

Maria Elisa, passada uma hora de lucta, dolorosa talvez, respondeu

assim:

«\_Não tenho nada que esperar. Póde dar como resolvido o nosso casamento.

Cumprirei a minha palavra, quando v. s.ª quizer. Eu recolho-me hoje

mesmo ás orphãs.\_»

Depois, entrou no quarto de Elisa, com os olhos rasos de lagrimas,

talvez as menos inteligiveis de todas as lagrimas de que tenho fallado:

--Rosa, acabo de decidir definitivamente o meu casamento. Cumprindo as

tuas ordens, venho despedir-me de ti.

--Estimarei que sejas feliz.

--Devo considerar acabadas as nossas relações de amizade?

--Deves.

--Menos as da gratidão, porque te sou muito devedora.

--Dou-te paga e quitação d'essa divida. Não quero mesmo ser tua credora,

porque me envergonho.

--E eu tambem... e cada vez mais. Hei de avaliar a dinheiro os teus

favores, e darei á Sancta Casa da Misericordia esse dinheiro, por tua

tenção.

--Basta! Eu não admitto escarneos! Basta de affrontas!

--Cada vez agradeço mais á Providencia a inspiração de me casar...

adeus...

Rosa Guilhermina pensou alguns minutos, arrependeu-se, e correu a

procurar a sua amiga para pedir-lhe perdão d'um accesso de cólera, filho

do amor. Já a não viu. Tinha sahido com a sua criada, e deixára um

bilhete com estas linhas:

«\_Não levo os vestidos de meu uso, porque não são meus. Comprou-os com o

seu dinheiro a senhora D. Rosa Guilhermina. Deixo-os para serem

avaliados, e descontados depois no saldo das nossas contas.\_»

A filha de Anna do Carmo, outra vez atacada de raiva, foi aos vestidos,

e rasgou-os com mãos e dentes, praguejando.

Que taes eram as bichas!

CAPITULO XVI

Não conheço palavra que vos dê uma cabal ideia da sensação suavissima

que atravessou até ao coração os tecidos adiposos do senhor Antonio,

quando os seus olhos peccadores leram o bilhete de Maria Elisa. A ultima

linha, porém, essa que declara a entrada da noiva no recolhimento,

fendeu no peito do alvoroçado negociante um vesuvio d'amor, misturado de

orgulho, por se vêr amado d'uma donzella, que tão nobre amostra dava da

sua virtude.

Cinco minutos depois que Elisa entrára, com grande pasmo e má vontade da

regente, era procurada na portaria pelo rico negociante, muito conhecido

n'aquella casa, em virtude dos cargos importantes que tivera na Sancta

Casa da Misericordia. A pedido do senhor Antonio, a regente acompanhou a

menina á grade em que era esperada pelo mais ditoso dos mortaes.

Trocados de parte a parte os cumprimentos, o festival Antonio José da

Silva abriu assim a questão do momento:

--Senhora regente, não sei se essa menina já lhe disse que será

brevemente minha esposa.

--Nada, ainda não... E estava calada com isso? Receba os meus parabens,

minha ruimzinha, que me fez cabellos brancos com as suas travessuras...

Elisa sorriu-se, e o noivo atalhou:

--Creancices... tudo tem o seu logar. Agora ahi onde a vê é uma mulher

de tino, que sabe o que lhe convém, e não dá ouvidos a tôlas... Eu cá me

entendo... Pois, senhora, como lhe vinha dizendo, trata-se o nosso

casamento, que ha de fazer-se, querendo Deus, o mais tardar quinze

dias... Esta menina veio outra vez para aqui lá por cousas que ella

sabe, e fez ella muito bem... Com doudos nem para o céo... Eu cá me

entendo... Acho que por poucos dias não será necessario arranjar casa cá

dentro, e eu venho pedir á senhora regente o favor e obsequio de m'a ter

na sua companhia, que eu hei de saber-lhe agradecer de modo que...

--Pois não, senhor Silva!? Não só isso, mas tudo o mais que estiver ao

meu alcance... O que eu sinto é não ter um palacio para lhe offerecer;

mas a boa vontade supprirá as faltas.

--Muito agradecida, senhora regente--disse Elisa, entristecendo-se a

ponto de lhe tremerem as lagrimas nos olhos.

--Que tem, minha menina, chora, quando vai ser tão feliz?

--Nada... eu não choro...

--São saudades da sua amiga Rosa?

--Não, minha senhora... eu não tenho saudades de amiga nenhuma.

--Diz muito bem...--acudiu o jucundo negociante--Saudades são

seccuras... ora adeus! Saudades de quê? A menina, não precisa de

ninguem... Eu vou ser seu marido, e seu pae, e seu amigo. Não lhe ha de

faltar nada, e não ha de faltar quem se morda de inveja... eu cá me

entendo... Então fiquemos certos no pedido que lhe fiz?

--Já disse, e repito, senhor Silva; na minha companhia só não prometto a

esta menina o impossivel de fazer-se n'estas casas para estar bem...

Ella já sabe como é o recolhimento, e não estranhará as faltas...

--De certo não estranho, minha senhora; isto hoje parece-me mais bello

que nunca. Hei de gosar, na sua preciosa companhia, deliciosos

momentos...

--Mais deliciosos ha de ir gosal-os depois na companhia do senhor Silva,

que é um homem honrado, e que sabe dar valor ao merecimento da menina.

--Isso póde ella estar certa, que se a não tratar melhor é porque não

sei... Ora pois, senhora regente, eu queria fallar em particular com a

minha futura esposa.

--Eu retiro-me, senhor Silva. Fique na certeza de que serei como tia

d'esta menina.

--Ora, minha cara menina--disse o negociante logo que a regente sahiu--é

necessario preparar os seus arranjos para o casamento. Eu não sei lá

d'esses enfeites de noiva, senão eu seria o proprio comprador. A menina

mande chamar costureiras, e ourives, e lá essa gente que vende as

trapalhadas. Aqui deixo cem peças; sendo necessario mais, não tem senão

escrever-me um bilhete... Tambem lhe quero offerecer uma prenda, que me

não pareceu fóra de proposito: é um pente de diamantes, que lhe ha de

dizer bem com o cabello, acho eu.

--Agradecida.

--Aqui não ha que agradecer. Eu bem sei que a menina lá lhe parece que

eu sou algum unhas... Está enganada de meio a meio. Eu sou sovina com

quem me parece; mas com a que ha de ser minha mulher dou muitas graças a

Deus por ter muito que gastar com ella, assim Deus nos dê saude para o

gosar. Então que me diz?

--Digo que o pente é riquissimo, e que estou muito penhorada dos seus

generosos sentimentos para comigo.

--Não ha de quê. O que eu quero é que a menina se porte bem, e não dê

que murmurar ás linguas damnadas... Eu cá me entendo...

--Farei tudo que em mim caiba por merecer um bom conceito de toda a

gente.

--É o que se quer. Ora diga-me, qual gosta mais, de viver na aldeia ou

na cidade?

--Na cidade. Eu não gosto da aldeia; e v. s.ª gosta?

--Deixemo-nos de \_senhorias\_; o melhor é \_tu\_ cá, \_tu\_ lá, não lhe

parece, menina?

--Eu pedia-lhe licença para por emquanto não tomar a liberdade de lhe

dar tal tratamento. V. s.ª póde tratar-me como lhe aprouver.

--Pois então lá como quizer. Eu cá acho mais não sei que no coração se

lhe dér um \_tu\_.

--Pois satisfaça o seu coração, que eu tenho muita gloria em merecer-lhe

esse novo signal de estima.

--Pois então ahi vai... Com que então tu não gostas da aldeia? Estás-te

a rir? Pois olha que eu gostava da aldeia, e, desde que me disseste que

não gostavas, a fallar-te a verdadinha pura, tanto se me dá, como se me

deu. Como te vi assim a modo de poeta, pensei que gostavas de ouvir

cantar os passaros, que é a mania dos poetas, que todos fallam em

rouxinoes, e não sei em que outros passarôlos que se chamam graças, ou

garças, e zephyros, e não sei que mais ninhadas e aves, que ninguem

conhece, penso eu. Vós lá sabeis essas cousas... Olha como ella se

ri!... Eu bem sei porque tu te ris, minha cachorrinha!... Eu já sei que

tu botas sonetos...

--Eu?... que graça!... eu não sou poeta.

--Não? antes assim. Isto de ser poeta não é lá grande cousa. Pelos

modos, o miôlo dos taes patavinas não regula bem... Eu sempre tive cá

minha birra com homens que fazem d'isso. Ha de haver nove annos que fui

a Lisboa, e vi lá um poeta, chamado... assim a modo de... era um nome

estrangeirado...

--Bocage?

--Tal e qual; era o tal Bocage; estava no Rocio, á porta d'um

botequineiro, e eu passava, e disse-me um meu amigo: queres vêr o...

o... como era?

--Bocage.

--O Bocage... agora não me ha de esquecer... e vai elle olha para mim,

muito sério, e bota-me um soneto que não sei que diabo dizia, que toda a

gente se riu... Acho que o tal Borrage...

--Bocage.

--Valha a breca o tal nome, que tem que se lhe diga! Acho que elle era

tôlo, e os outros não tem mais juizo que elle... Pois muito folgo saber

que a minha esposa não é poeta... Ora diz-me: tu sabes alguma cousa cá

d'estas cousas do ar?

O senhor Antonio fez, sobre a cabeça, um gesto com as mãos, que poderia

significar uma pergunta de honestidade equivoca.

--Que são cousas do ar?

--Sim... perguntava eu se sabias alguma cousa dos planetas...

--Astronomia? Tenho lido alguma cousa.

--Então has de saber quando está para vir chuva?

--Ainda não estudei essa parte. Eu penso que a chuva vem quando os

vapores condensados na atmosphera...

--É isso mesmo... Ora diz-me uma cousa que me tem dado que pensar. Lá em

cima na lua diz que anda gente como por cá?

--Penso que não ha certeza d'esse phenomeno.

--D'esse?...

--Phenomeno...

--Se te não custa diz-me o que é isso? é algum planeta?

--Nada, não é... Phenomeno é uma maneira de existir na ordem natural das

cousas, manifestada de modo que as leis dos systemas conhecidos não

attingem a lei que rege esses actos...

--Ah! agora entendi... Olha que tu sabes mais do que um frade loio que

ahi ha muito sabio, e que teve o descôco de dizer que a terra anda á

roda!... Que te parece a cavalgadura?

--Eu acho que elle disse scientificamcnte a verdade.

--Essa é boa! Pois se a terra andasse á roda, tambem nós andavamos

sempre com os focinhos pelo chão... Deixa-te d'isso...

--É illusão sua. Ha uma razão que nos sustenta na posição direita em que

estamos.

--Bem sei que são as costas das nossas cadeiras; mas, se a terra andasse

ao redor, cahiam as cadeiras comnosco.

--Não é essa a razão... É que todos os corpos pendem para o centro da

terra... é o que se chama lei da attracção.

--Ah! agora entendi... \_todos os corpos sahem do centro da terra\_...

--\_Sahem\_, não: \_pendem\_.

--Sim, \_pendem para a lei da attricção\_... Não te rias, que toda a gente

aprende quando não teve lá esses principios o latim, e da grammatica...

Cada qual tem o seu tráfego. Eu cá na minha officina do commercio sei

como os que sabem. Lá de rhetoricas não sei nada, a verdade deve

dizer-se; mas, se Deus quizer, tu has de dizer-me como é isto cá de

cima. Eu ás vezes ponho-me a olhar para esta machina, e fico estarrecido

horas e horas a vêr o que nós somos, e como o Creador fez tudo isto para

nós.

--Para nós? Eu não sei de que nos servem as estrellas...

--Não sabes? A fallar a verdade, eu tambem não; mas ouvi dizer que as

estrellas de alguma cousa servem.

--Tambem creio que sirvam; mas para nós não lhe vejo a utilidade.

--Então os livros não resam d'isso?

--Não achei ainda uma explicação precisa.

--Pois, minha Mariquitas, estão-se fazendo horas de ir ao jantar.

Deixamos isto para outro dia, que não ha de faltar occasião de fallarmos

a respeito da sabedoria. Vê lá se queres alguma cousa...

--Não preciso de nada.

--Ámanhã é a primeira corrida de banhos... De ámanhã a quinze dias

effectua-se o negocio; e ficámos arrumados d'aqui. Adeus, menina, até

ámanhã.

O senhor Antonio sahiu, com o espirito remoçado, e a cabeça aturdida de

ideias novas sobre astronomia. Contente, como nunca, o milagre de vinte

annos de menos não daria ás suas pernas trôpegas a agilidade com que o

viram passar nas Fontainhas.

Mal elle tinha sahido, quando Rosa Guilhermina entrou no pateo, e pediu

á porteira que lhe chamasse Maria Elisa.

A resposta foi que a senhora D. Maria Elisa não recebia a visita da

senhora D. Rosa, porque não queria envergonhal-a com as suas relações.

A filha do arcediago instou, supplicou, fez empenhar a regente para que

a orphã lhe fallasse. A regente, porém, que não queria importunar a

noiva de Antonio José da Silva, antigo mesario da casa, negou-se ás

instancias da lagrimosa menina.

Dera-se um forte motivo para a recusa teimosa de Elisa. Quando ao

despedir-se do negociante, subia para a casa da regente, entregaram-lhe

no caminho um bahú e uma chave. Elisa entendeu que eram os seus

vestidos, que a attribulada amiga lhe mandava. Abriu o bahú para tirar

um chaile, e viu tudo espedaçado. A indignação coincidiu com a vinda de

Rosa, e Rosa, arrependida, correra ao Recolhimento para estorvar a

entrega do bahú.

Era impossivel a reconciliação. Á ultima impertinencia de Rosa

Guilhermina, a orgulhosa respondeu que podia já dar-lhe algum dinheiro

por conta do que lhe devia, e remetteu-lhe a sacca com as cem peças que

lhe deixára o negociante.

A filha de Anna arrojou-as ao chão, e sahiu furiosa, promettendo

vingar-se da nova villania.

Maria Elisa ficou satisfeitissima d'aquelle rasgo, e sentiu, pela

primeira vez na sua vida, que, sem dinheiro, ninguem póde ter rasgos,

nem mesmo póde contar com que romancistas futuros se entretenham da sua

pessoa.

Oh meu caro Antonio José! tu de astronomia não sabias muito; mas tinhas

d'aquella cousa que faz descer os astronomos cá para baixo!

CAPITULO XVII

--Quem é aquelle peralvilho que bate á porta da D. Rosa?

Temos namoro, se dermos ouvidos á tia Bernarda Estanqueira, que mora na

viella do Bomjardim, e que tem um ôlho na balança do simonte, e o outro,

que por signal é vêsgo, na porta da filha do arcediago.

--Que berzabum de escanellado será aquelle, que parece que traz

espartilhos! Valha-o a breca que tão tezo está! Aquillo não me parece

homem cá do Porto! Parece mesmo um comediante d'aquelles que berram umas

cantigas na casa das operas da Batalha... Ó tia Joaquina! (\_a tia

Joaquina era uma visinha, que estava dobando ao sol\_) vmc.e não vê acolá

aquelle ingarilho que já puxou duas vezes a sineta?

--Já vi.

--Conhece aquella avantesma que me parece mesmo o peccado?

--Conheço... ora se conheço!... Aquelle é o sobrinho do senhor Antonio

da rua das Flores, que me tem dado muito pãosinho. Quando eu ia d'antes

levar-lhe os novellos do algodão, aquelle menino era caixeirinho na

casa; mas pelos modos elle agora estuda para doutor.

--Sim? pois olhe que d'aquelle magricellas não póde sahir grande doutor!

Acho que um homem assim não tem boas as memorias, nem sustancias para

saber lá aquellas cousas da justiça... Elle lá entrou... Quer vmc.e vêr

que a delambida da rapariga anda de namoro com elle!...

--Agora!... Se fosse isso, elle não entrava assim ao pino do meio dia...

acho eu!

--Boa vai ella!... Pois vmc.e pensa que as raparigas d'agora são como as

do nosso tempo? Diz o fr. Manoel do Sancto Lenho, dos carmelitas, que já

não ha vergonha nem temor das penas do inferno!... E quer que lhe diga,

tia Joaquina? Quanto mais fidalgas, mais desavergonhadas!... Inda hontem

a minha Euzebia, que está em casa d'uma certa fidalga que vmc.e sabe tão

bem como eu, me contou que a sua ama estava com um inglez á janella a

dar-lhe beijos, e que elle lhe dava beliscões nas pernas. A minha

Euzebia deu fé d'esta pouca vergonha, sem querer; e a fidalga tambem viu

que a rapariga deu fé; e disse-lhe depois: «Euzebia, nós cá as fidalgas

podemos fazer isto que viste; e vós outras plebeas, não, porque não

tendes nada senão a vossa honrasinha.» Ora que lhe parece isto? dá mesmo

vontade de lhe responder: «Vá-se d'ahi, sua porca; se vossa excellencia

tivesse o miolo no seu logar não consentia que lhe estivesse um herege

lá do fim do mundo a beliscar as pernas, e a pôr-lhe os beiços no

cachaço!» Fora com as libertinas!

--Tem razão, tia Bernarda... a religião é cá só para as pobres. As ricas

o que querem é ir á igreja mostrar os aceios... Disse outro dia um

prégador na Victoria, que a casa de Deus estava sendo uma feira, e que

nosso Senhor pozera as \_pelicanas\_ fóra do templo... As \_pelicanas\_ são

as fidalgas... Olhe lá... aquella sumelga, que alli mora, será fidalga?

--Acho que sim. O pae era o senhor arcediago de Barroso, e a mãe ouvi

rosnar que era uma das taes \_pelicanas\_...

--Consta que tem muito de seu.

--Muitos bragaes, muita prata, não sei quantas moradas de casas, e uma

quinta em Paranhos... Que comer não lhe falta; mas acho que a respeito

disto (\_pondo o dêdo na testa\_) não regula lá grande cousa... Veio aqui

ha dias á minha loja uma mulher de mantilha, ainda frescalhona, e

perguntou-me muitas cousas a respeito da tal rapariga. Quem entrava,

quem sahia, se ella andava pela rua, se tinha muitos aceios, em fim, eu

fiquei com a pedra no sapato, e cá de mim para mim entendi que aquillo

era uma refinada alcayota. Tambem hei de saber quem tu és--disse cá com

os meus botões--e mandei, assim que ella sahiu, o meu galleguito atraz

d'ella. Veio dizer-me que morava n'um baixo da rua Direita, e que se

chamava Anna do Carmo...

--Eu sou da sua ideia... isso era de alcofeira, que vinha saber se lhe

poderia entregar alguma cartinha d'aquelle fidalgo que mora á Victoria,

e que tem o nariz apurado para as moças como gato para boches. Ha de ser

isso...

--E olhe que não era outra cousa!...

--E eu até me parece que já o vi aqui passar uma noite.

--E eu tambem... Que signaes tem elle?

--É um pacabote baixo, com a carinha côr de cereja...

--É o mesmo, que eu vi, tem carinha côr de cereja, e os olhos a modo

de...

--São azues...

--É verdade, os olhos são azues... Era o mesmo em carne e osso... E

vmc.e viu-o entrar para lá?

--Não o juro; mas acho que entrou...

--Eu tambem não juro, mas parece-me que o vi entrar...

--Então é que entrou... Que horas eram?

--Meia noite, mais quarto, menos quarto.

--Era elle... foi ha de haver quinze dias... tia Bernarda...

--Ha quinze dias... é isso mesmo... por signal...

--Que estava vmc.e no hospital, tia Joaquina, e não podia vêr o que se

passava na rua--interrompeu uma terceira, que estava fiando a um

postigo.

--Quem a chama cá?--disse a velha desmentida.

--Não posso ouvir murmurar com mentira... nem me parece catholica!

--Ora metta lá a sua religião no pucaro e coma d'ella, ouviu, sua

intromettida?

--Quem não quer ouvir não mente descaradamente.

--E que lhe importa a visinhança?

--E vmc.e que lhe importa aquella senhora que está mansa e quêda em sua

casa?

--Se come por ella, ganhe a sua vida lá como podér, e deixe conversar

quem conversa! Que lhe parece, tia Bernarda! sempre ha cada estafermo

n'este mundo!...

--Isso ha!...--disse a tia Bernarda, retirando-se para o estanco a pesar

dez reis de simonte.

--Estafermo será ella!--replicou a honesta fiadeira.

--Cale-se ahi, sua trapalhona!

--E vossê... sua lingua de trapos!

--Desavergonhada!

--Estupor!

--Bebeda!

--Pangaia!

--Feiticeira!

--Ladra!

--Ladra é vossê!

--E vossê come pela filha!

--E vossê quando casou já comia pelas suas, e tem quatro que não

conhecem os paes!

--Ladra, ladra, ladra!

--Bebeda! bebeda! bebeda!

A tia Joaquina rematou a apóstrophe, erguendo-se, e corcovando-se um

pouco com as costas para a visinha, e assentando tres palmadas que

provocaram esta resposta do postigo:

--Fóra porca! regateira! vai vender sardinhas, grandississima beberrona!

Abriu-se uma janella de Rosa, e appareceu a cabeça do sobrinho do senhor

Antonio da rua das Flores, como nol-o denunciou a desbocada Joaquina. Já

não veio a tempo. O dialogo edificante emmudecera, e o observador correu

a vidraça, dizendo:

--Não vi ninguem, minha senhora...

--É uma terrivel visinhança esta!--disse Rosa--estou anciosa pelo S.

Miguel para occupar o meu predio da rua do Almada...

--Tem razão, minha senhora; o bêco é detestavel... Tornando á nossa

conversação, disse-me v. s.ª que não conhecia meio nenhum de obstar ao

casamento d'aquelle reloucado!

--Eu, pelo menos, ignoro os sortilegios que desmancham as loucuras d'um

velho...

--Não ha meio de dissuadir a sua amiga?

--Já lhe disse que não, senhor Augusto, essa pessoa nem é minha amiga,

nem é docil para ceder a instancias de ninguem. O que ella quer é ser

rica, e a occasião que se lhe offerece agora, é a mais propicia ao

complemento das suas ambições.

--É admiravel que ella, habituada com v. s.ª, não aprendesse a nobreza

de caracter, e independencia com que a senhora D. Rosa repelliu a

fortuna de meu louco tio!

--Bem vê v. s.ª que eu, se não sou rica, herdei a independencia, e Maria

Elisa julgou pessimamente a minha alma. Suppoz-me capaz de lhe retirar a

mão generosa que a tirára da servil condição de orphã... Quer tambem ser

rica...

--V. s.ª desde creança mostrou um coração nobre. Lembra-se, ha quatro

annos, quando pedia a meu tio que me deixasse ir para Coimbra estudar?

--Lembro, perfeitamente... e elle enganava-me, dizendo-me que sim, e por

fim...

--Tinha-me traiçoeiramente preparado a minha ida para o Brazil, para se

vêr livre das exigencias de minha pobre mãe, e irmã d'elle, que lhe

pedia um subsidio para a minha formatura.

--E como pôde depois v. s.ª obter os meios para ir estudar, independente

do subsidio de seu tio?

--Com o trabalho. Como sei francez, traduzo novellas, que vendo a um

livreiro de Lisboa, e do escasso producto d'este trabalho fiz a minha

independencia. Algumas dividas contrahi, na esperança de ser um dos

herdeiros da riqueza de meu tio. Quando cheguei ao Porto, e me disseram

que esse homem casava com uma orphã, pensei que era v. s.ª a feliz ou a

infeliz destinada a essa gloria ou a esse sacrificio. Resolvi logo, em

nome de minha mãe, e em nome da nossa amizade de infancia, vir

supplicar-lhe que não tolhesse o nosso futuro, visto que v. s.ª era

rica. E vinha cheio de esperança, na certeza de movel-a em nosso favor.

Desgraçadamente enganei-me; mas, de todo o meu coração lhe digo que

estimo vêl-a livre d'um perigo tal. Com a sua formosura, com a sua

intelligencia, seria barbara a escravidão a tal velho, que o ouro, e só

o ouro fez digno de vincular uma mulher nova áquelle quasi cadaver.

Faz-me lembrar os supplicios de Mezencio!...

D'este arrazoado bem se vê que o senhor Augusto Leite, estudante do 2.º

anno juridico, traduzia novellas, e conservava alguma cousa de memoria.

Rosa, tocada no sentimentalismo, respondeu:

--Commoveu-me a sua narração, senhor Augusto! Espero acredite que me

amarguram os seus padecimentos, e déra quanto possuo para minorar-lh'os.

Eu não me esqueço de que foi v. s.ª a unica pessoa de sua familia, que

me não enjoava com os tregeitos, momices e impertinencias d'uma baixa

educação. Sua mãe, que raras vezes vi, parecia-me uma celeste creatura.

Muitas vezes me disse que tremia de me vêr n'aquella casa, porque eu era

o instrumento com que seu irmão ameaçava destruir os planos de seus

sobrinhos. Ella enganou-se, e elle tambem. Eu só posso ser escrava,

quando a escravidão me fizer rainha. Olhei sempre com enjôo para esse

velho, e por fim detestei-o... Hoje, porém, chego a lamental-o, porque

vai ser um ludibrio de sua mulher. Quem ha de vingal-o, senhor Augusto,

é Maria Elisa. A indole d'ella conheço-a eu perfeitamente. Seu tio vai

ser a fabula do povo, e a sua nova tia ha de deixar nome; mas não

deixará bens de fortuna que tirem da miseria os seus herdeiros...

--Quanto é suave ouvil-a fallar, senhora D. Rosa! Quem diria que o tenro

botão abriria do seu seio uma linda flôr, com taes perfumes!...

--Muito agradecida, senhor Augusto... Eu tenho deixado fallar o coração,

e creio que acreditará na extremosa vontade que tenho de ser

prestavel...

--V. s.ª é uma divindade. Minha mãe virá abraçal-a como abraçaria... uma

filha. Eu retiro-me com o coração embalsamado das suas palavras, e

entrei com elle atravessado de agudos punhaes. As suas expressões são

como a lyra do Orfeu, que adormecem as dôres, ou como a harpa de David

que acalentava as tribulações de Saul! (\_extracto da\_ LUIZA OU A CABANA

DO DESERTO\_, pag. 26.\_) Ninguem diga que é verdadeiramente infeliz. Ha

anjos, encarregados de cobrirem de flôres os espinhos que nascem sobre a

carreira de alguns mortaes! (\_este é de pag. 31, de\_ SOPHIA OU A

DONZELLA HOUZARD\_, e não presta para nada hoje; mas n'aquelle tempo

tinha novidade.\_) V. s.ª é um d'esses anjos, e eu sou o mortal que

mereceu á Providencia Divina a benefica assistencia dos seus desvelos!

(OS SYBARITAS OU OS SUBTERRANEOS DE PIOMBINO\_, pag. 41.\_) Se os meus

labios não tem ardentes phrases, o meu coração arde em penas de serem

frios os labios! (O HEROISMO DO AMOR\_, pag. 202.\_) Finalmente, não a

importuno mais. Dê-me v. s.ª as suas ordens. (\_Isto agora é d'elle.\_)

--Espero que me faça muito recommendada a sua mãe, á qual offereço a

minha casa; e v. s.ª, dignando-se honrar-me com a estima que outr'ora

lhe mereci, muito me obsequeia vindo aqui passar alguns instantes de

conversação.

--Eu tenho a honra de offerecer a v. s.ª as novellas que tenho

publicado. Se fossem minhas, não me atreveria a tanto; mas, como são de

bons authores, e apenas tem de meu a incorrecta versão...

--Penhora-me muito com a sua offerta, que acceito, grata á sua mimosa

lembrança. Eu amo a leitura das novellas, e quando, nas que me offerece,

estão vestigios da sua applicação, muito mais grata me será essa

leitura.

--Serei eu o portador, se me der licença.

--Mais valiosa prenda devo reputal-a...

--Ás ordens de v. s.ª

--Muito boas tardes... Joaquim, acompanha este cavalheiro.

--Sem incómmodo, minha senhora.

--Permitta...

--Por quanto ha...

--Eu não consinto que vá só... não sabe as sahidas...

--Oh! minha senhora, é muito desvelo...

--É um dever... oh!...

--Ah! minha senhora... é muito...

--Não consinto...

--Por quem é...

--Muitos recados a sua mãe...

--Ha de presal-os infinitamente...

--Senhor Augusto...

--Senhora D. Rosa Guilhermina...

Emfim, despediram-se! Estavam bonitos! O tio e o sobrinho tocavam-se

pelos extremos.

Rosa Guilhermina olhando-se a um espelho para ajuizar do merito da sua

pessoa, momentos antes, dizia comsigo:

--Eis alli um perfeito mancebo! Ninguem dirá que é sobrinho d'aquelle

bruto! Como é sublime! Aquella linguagem toca!...

Vamos vendo que a filha do arcediago dançava facilmente quando a

linguagem tocava...

Faz ella muito bem. Está na flôr da sua idade, e Deus não lhe deu os

talentos para escondel-os na terra. O seu coração anceia um confidente;

o seu espirito ambiciona applausos, a sua alma não veio tão cheia de luz

para se esconder debaixo do meio alqueire. N'esta especialidade, raras

são as mulheres que não obedecem ao preceito do Evangelho. Se faltam a

muitos outros, é porque o homem divino, que conhecia a fragilidade da

creatura, dissera: «A carne do homem é fraca.» Ora, eu, pelos vastos

conhecimentos que tenho de anatomia, affirmo que a carne da mulher não é

mais forte.

E, por consequencia, se a senhora D. Rosa Guilhermina me dissesse:

--Vmc.e faz favor de me dizer se devo embalsamar com meus perfumes

aquelle gentil moço, que me parece um genio?

--Embalsame-o, minha senhora; perfume-o á sua vontade (lhe responderia

eu), e quando não tiver incenso, nem myrrha, sirva-se d'aquella offerta

dos tres reis, que a historia do tempo pôz em primeiro logar...

CAPITULO XVIII

Se eu bem lh'o dissesse, ella melhor o faria.

A indignação contra Elisa, n'essa tarde, cedeu o logar a novas

sensações. A litterata punha a mão sobre o peito, e dizia: «Eu tenho

aqui alguma cousa nova!»

E parece que tinha!

Lembrava-se de cinco situações, em varios romances, similhantes á sua.

Encontrava-se a cada passo com a imagem de Augusto Leite. Achava

extraordinaria a coincidencia de dous espiritos sublimes. Divinisava

aquelle encontro, lançando ás largas costas da Providencia a

predestinação de se verem creanças, e encontrarem-se na idade em que os

corações não resistem ao superior destino da sua união. Não ha nada como

a mulher espirituosa!

O futuro bacharel da sua parte não era tão metaphysico. Quando procurou

Rosa já trazia na carteira um calculo aproximado do patrimonio da sua

companheira de infancia. E depois que a ouviu, indagou as cousas de modo

que o calculo não lhe falhava em 3$200. Era um poeta da força de quatro

dromedarios em prosa villã. Tirem-lhe o francez, e ponham-lhe dezoito

arrobas de carne, terão o seu digno tio Antonio José da Silva.

Na manhã immediata a senhora D. Custodia Hermenegilda da Silva,

acompanhada de seu filho, e tres novellas vieram visitar a filha do

arcediago. O academico depôz respeitoso a offerta nas mãos (que não

chamo lindas, porque não minto) da agradecida menina.

As mil cousas da conversação, particularmente ácerca de Elisa,

resumil-as-hemos na ultima pergunta, que D. Custodia, passeando no

jardim a sós com D. Rosa, lhe fez emquanto seu filho, de proposito,

folheava os romances da poetisa.

--Porque se não casa, menina? Precisa quem administre a sua riqueza,

quem lhe sirva de companhia, e lhe mereça o seu bom coração. Casar pobre

é uma desgraça; mas na sua situação, o casamento deve ser a felicidade

de toda a vida. A tal não a aconselho eu com um homem estragado. Eu sou

um triste exemplo d'essa leviandade. Meu marido era um letrado, muito

sabio, o melhor advogado do Porto, mas o mais extravagante homem que

imaginar-se póde. Casei contra vontade de minha familia, e por isso,

quando meu marido dissipou a minha legitima e a d'elle, deixando-me por

herança este filho que tanto me tem custado a educar, meu avarento irmão

negou-me um subsidio para ajudar a formatura de seu sobrinho. Nasci em

casa rica, e tenho sempre vivido pobre. Minha irmã Angelica é uma beata

estupida, que nem irmã me quer chamar. Estas e mil outras infelicidades

me tem obrigado a amaldiçoar a hora em que casei: mas... se me lembro de

meu marido, que era um doudo infeliz, não lhe amaldiçôo a memoria.

--E se eu deparasse um homem como seu marido?

--Não dê esse passo cegamente, menina. Estude bem o caracter dos homens,

e, quando encontrar um como meu filho, case-se, que é venturosa, e dá a

ventura a um mancebo digno d'ella... Vejo-a pensativa!... Eu não lhe fiz

pergunta nenhuma, senhora D. Rosa, a que a menina deva responder com a

côr na face... Estou certa que v. s.ª, conhecendo a fundo as virtudes de

meu filho, seria a primeira a chamar-me mãe... e, se as circumstancias a

privaram de conhecer a sua, acharia em mim... Que sobresalto é esse?!

Sente-se opprimida? Foi por lhe fallar em sua mãe?... desculpe-me, que

eu não cuidei que a magoava...

--Não me magôa... Isto são reminiscencias da infancia...

--Conheceu a mãesinha?

--Mal me lembro... vi-a, sendo eu creança de seis ou sete annos...

--Ella já morreu?

--Penso... que sim...

--Que prazer não teria ella em conhecel-a tão linda, tão esperta...

--Talvez me odiasse, como me odiou...

--Pois ella...

--Não vê que me abandonou?

--Talvez violentada por circumstancias...

--Muito por sua livre vontade...

--Sim?! então era uma indigna mãe... e desculpe-me...

--De certo era... uma indigna mãe... meu pae nunca me fallou d'ella...

--Tal era a differença que elle conhecera entre mãe e filha... Ora,

pois; não soffra por tal motivo, minha menina... Quer-me para sua

mãe?...

--De certo... queria.

--Eu estou-me a rir... Esta pergunta não devia fazer-lh'a, sem que a

menina tivesse do caracter do meu Augusto um seguro conhecimento... Isso

ha de vir com o tempo; e, se o coração lhe não repugnar, acceite-o como

marido... Não é rico; mas o seu patrimonio é o amor que elle tem ao

trabalho, e o seu talento que lhe promette creditos similhantes aos de

seu pae, que tratava pouco dos seus interesses. De pae a filho vai

grande differença. Um pensava no dia presente; o outro pensa no dia

futuro... Tem sido bem grande a minha impertinencia, não é verdade?

--Pelo contrario, deleita-me a sua conversação, e captivo-me dos

carinhosos desvelos que emprega na minha ventura... Oxalá que eu nunca

desmereça no conceito da minha amiga...

--Espero que assim seja... Diz-me o coração que teremos de ser muito,

muito amigas, que viveremos unidas muitos annos, e que fallaremos com

prazer do bello dia que temos passado... Ahi vem o Augusto!... sempre

com os livros de volta...

--São as \_Cartas a Sophia\_ por Mirabeau... Não pensei que a senhora D.

Rosa conheceria esta obra...

--Porquê?

--Não é muito propria para leitura de meninas.

--Que tem? Se eu entendo as ideias d'esses livros, é que elles não me

dizem nada novo; e se as não entendo, nada perco da minha innocencia.

--Acaba v. s.ª de apresentar uma ideia que opéra uma completa revolução

na minha maneira de encarar as novellas! Tem razão!... Vejo que é não só

sublime, mas até rasoavel no seu systema!

--Creia que disse a verdade; e, senão, despersuada-me que eu serei

docil...

--Não a contradigo, minha senhora. Pelo contrario, sou da sua opinião.

Minha mãe, esta menina é um anjo, e tem um talento extraordinario...

--Não o creia, minha senhora.

--Não preciso que m'o diga. Meu marido soube dar-me o gosto para

apreciar o merito das pessoas. Se fiquei pobre de bens, posso

afoutamente dizer que o não fiquei de intelligencia. A senhora D. Rosa

Guilhermina é um portento. Ninguem dirá o que aqui está, sem se lhe

importar com o mundo, onde as tôlas, com algum palavriado, recebem

acclamações de espertas.

--Ai! eu não ambiciono lisonjas do mundo!... Gosto de saber, porque o

meu espirito precisa d'este alimento.

--E o seu coração?--perguntou Augusto.

Rosa baixou os olhos, e a sua linda face, côr de cereja, fez-se mais

linda.

--São horas de nos retirarmos--atalhou a irmã do negociante, que resumia

em si a finura que a natureza caprichosa não quiz regularmente

distribuir na sua numerosa e estupida familia.--Menina, dê-me um abraço.

Augusto apertou a mão de Rosa, que hesitava, não obstante as \_Cartas a

Sophia\_... Despediram-se com requebros e olhaduras de varios modos, e

feitiços, de parte a parte.

Seguiram-se as visitas regularmente. D. Custodia Hermenegilda acompanhava

sempre seu filho. (Seja dito para socego da opinião publica.) A

estanqueira reformou a sua opinião a favor de Rosa, e vingou-se em pedir

trinta reis de divida de simonte, que a fiadeira intromettida lhe devia.

A outra, que dobava, e cujo nome não me lembra, vingou-se da visinha,

batendo-lhe á porta alta noite. Tantas vezes repetiu a graça, que se

constipou, e constipação foi esta que a pobre mulher morreu no hospital,

declarando, á hora da morte, que nunca vira entrar de noite homem nenhum

em casa de Rosa, e que fôra a estanqueira que a mettera n'aquella

alhada: declaração que fazia para que Deus não condemnasse a sua alma,

traste, realmente, de que Deus, de bom grado, se dispensaria, e nós

tambem.

As mulheres dos meus romances quasi todas são honestas pessoas, que se

casam. Só quando de todo em todo não posso falsificar a tradição em

honra das minhas heroinas é que as sacrifico ao nariz-torto das mães de

familia, que, quasi sempre, exprimem com o nariz a sua justa indignação

contra os romances em que os amantes não casam por fim.

Benignas senhoras, exultai, que a moral triumpha em todas as minhas

obras. D. Rosa Guilhermina resolve casar-se na fórma do sagrado concilio

tridentino e constituição d'este bispado com o senhor Augusto Leite. O

juiz dos orphãos concedeu a licença, e o senhor Antonio José da Silva,

embriagado da ventura propria, estimou que seu sobrinho arranjasse

mulher com dinheiro, unica esperança, que elle negociante tinha de

evitar as mendicantes perseguições de sua irmã.

Se imaginam que os noivos deviam dizer muito bonitas phrases,

enganam-se. Namoraram-se pelas novellas, e liam ambos a pergunta e a

resposta dos dialogos mais apaixonados. A senhora D. Custodia assistia a

estas leituras, e lagrimejava de ternura.

A constante presença d'esta senhora ao lado d'elles, authorisa-me a

dizer-vos que nunca as duas creaturinhas do Senhor tiveram occasião de

adiantar-se um beijo por conta do matrimonio. Eu não sei que se tenha

feito um namoro mais honesto que aquelle! É um gosto a gente

encarregar-se de archivar estes casamentos que fazem honra ao genero

humano! A intelligencia gosa, o coração consola-se, a virtude dança a

polka, e o vicio envolve a cara hedionda no seu \_cache-nez\_!

Oh! Bemaventurados, em duplicado, aquelles que me lerem! O futuro fará

justiça á candura das minhas intenções!

CAPITULO XIX

O NOIVADO

DRAMA EM UM ACTO

PERSONAGENS

\_D. Maria Elisa de Sarmento e Athaide.\_

\_Antonio José da Silva.\_

\_D. Angelica Athanasia da Silva.\_

\_João Alves Rodrigues\_ }

\_Manoel José Fernandes\_} Convidados.

\_Joaquim João Baptista\_}

\_O snr. João Pereira\_, o do chinó.

\_Um encapotado.\_

A scena passa-se na rua das Flores, em casa do senhor Silva. Vista de

sala decorada, segundo a época.

D. Maria Elisa, e seu marido estão sentados no canapé. Á esquerda do

senhor Antonio está sua irmã. Os convidados estão em frente do canapé,

com as costas voltadas para nós.

O relogio de S. Domingos dá meio dia. Ouvem-se as regateiras que

apregoam robalinhos na rua.

SCENA I

O SENHOR ANTONIO

(\_batendo na respectiva perna\_)

Meus amigos, mal diriam vmc.es que eu viesse por fim de contas a casar!

Ninguem diga d'esta agua não beberei! Um homem, emquanto anda n'este

mundo, não sabe para que veio...

O SENHOR FERNANDES

(\_á parte\_)

Ella t'o dirá...

O SENHOR ANTONIO

Eu não tinha, até ha pouco, na cabeça... (\_sensação nos espectadores

emquanto o orador se assôa\_) não tinha na cabeça a ideia de me casar,

porque, emfim, os tempos não vão muito bons para alguns maridos que eu

conheço... O nosso visinho João Pereira, do chinó, que o diga...

D. MARIA ELISA

Que historia é essa do João Pereira, em que o senhor Silva já me fallou

de passagem duas vezes?

D. ANGELICA

Ora o que ha de ser? Os nossos peccados, cunhada... É uma mulher que o

demonio tentou, Deus me perdôe, se pecco... Não gosto de murmurar... É

mesmo uma vergonha... Está vestida e calçada no inferno...

D. MARIA ELISA

Quem? Não comprehendo...

D. ANGELICA

Quem ha de ser? Ella, a birbantona, que deu a mão de esposa a um, e anda

por ahi sempre... como se diz, Antonio?

O SENHOR ANTONIO

Como se diz o quê?

D. ANGELICA

Como é que dizem os prégadores d'esse peccado?

O SENHOR ANTONIO

Não são os prégadores, é o nono mandamento.

D. ANGELICA

Pois sim; mas os prégadores chamam a essas mulheres... \_indultas\_...

\_adultas\_, ou não sei que...

O SENHOR FERNANDES

Adulteras?

D. ANGELICA

Isso mesmo... Eu uma cousa assim nunca vi na minha vida!... Em nome do

Padre, e do Filho, e do Espirito Sancto... Assim que vê um homem na rua

a olhar para ella, ás duas por tres, faz-lhe gaifonas com a gata...

D. MARIA ELISA

Com a gata?

D. ANGELICA

(\_remedando com a manga do capote de castorina amellada\_)

Põe-se assim com a gata no collo a bulir-lhe na cabeça...

D. MARIA ELISA

E isso que quer dizer?

D. ANGELICA

Eu sei cá? é o peccado... Acho que a gata lá tem cousa de feitiçaria,

porque os homens ficam de bôca aberta para ella!

O SENHOR FERNANDES

Acho que não é para a gata...

O SENHOR BAPTISTA

Eu tambem sou da mesma opinião... A gata não é má...

O SENHOR RODRIGUES

O peor é o gato, que a gata boa é, que caça ratos...

D. MARIA ELISA

(\_á parte\_)

Que cacafonias! \_que a gata! que caça!\_... Apre, que são muito

alarves!

O SENHOR ANTONIO

Deixemos lá isso... ella lá sabe o que faz, e cada qual guarde bem a sua

cabeça do mau pensamento de casar-se com doudas... Eu bem lh'o disse a

elle... «Olha que essa mulher não te serve... tem má pinta, e não sei,

mas ha de te dar que fazer...»

SCENA II

OS MESMOS E O SENHOR JOÃO PEREIRA

O SENHOR PEREIRA

(\_entrando, sem pedir licença\_)

Deus aqui, e o diabo em casa dos frades...

D. ANGELICA

(\_á parte\_)

Olha o inimigo!... quem o chamou cá?!

O SENHOR ANTONIO

Ora viva o meu amigo e visinho! Esteja bom, passasse muito bem, é o que

eu mais estimo. Puxe cadeira e sente-se, sem ceremonia.

O SENHOR PEREIRA

A bôda e a baptisado, diz lá o outro, não vás sem ser convidado. Eu não

estive pelas contas. Somos visinhos ha cincoenta e dous annos, e rapazes

da mesma creação. Cá entre nós não ha ceremonias. Vim dar os parabens ao

meu amigo e senhor Antonio, e vêr-lhe a sua noiva, que emquanto a mim é

esta menina...

D. MARIA ELISA

Uma sua criada.

O SENHOR PEREIRA

Criada dos anjos. Pois, minha visinha, a minha casa é logo adiante

d'esta; mettem-se duas portas de permeio; se precisar d'alguma cousa, de

mim ou da minha companheira, não tem mais que mandar.

D. MARIA ELISA

Muito agradecida ao seu favor... Queira sentar-se.

O SENHOR PEREIRA

Estou bem assim: farto de estar sentado estou eu atraz do mostrador. Com

que sim, senhor Antonio, está vmc.e cá no rol dos homens de bem...

O SENHOR ANTONIO

(\_com intenção\_)

É verdade... cá estou no rol dos homens de bem...

O SENHOR PEREIRA

Fez vmc.e o que devia. Não ha vida melhor que a de casado. Eu cá de mim

não tenho razão de queixa. Estou casado ha dez annos, tres mezes, e

vinte e quatro dias, e, graças a Deus, não tive ainda um desgosto!

O SENHOR FERNANDES

(\_á parte\_)

Este é dos taes que o sabem no fim.

O SENHOR PEREIRA

A minha sancta companheira é propriamente uma mulher de casa, e minha

amiga, que é mesmo uma cousa! Lá por eu ter mais vinte annos que ella,

isso não tira, nem põe. Não é como algumas cá da nossa rua... nós bem

sabemos quem ellas são...

O SENHOR FERNANDES

(\_á parte\_)

Eu só conheço a d'elle...

O SENHOR PEREIRA

Lá porque os maridos não andam espartilhados a dar, com licença... nas

canellas com as abas da casaca, gostam mais de peralvilhos!...

Arreda com ellas! Eu, se tivesse assim uma, eu não seja João, se lhe não

arrebentasse a propria barriga!... A minha Marcellina é uma rapariga,

que, se me vir afflicto, vem prantar-se ao pé de mim, e não sahe d'alli

sem que eu lhe diga que estou bom. Quando me cahiu o cabello foi ella

que me pôz este chinó na cabeça, e por ahi os tratantes metteram-me

sonetos ao chinó por debaixo da porta! Valha-os o diabo!...

D. ANGELICA

Credo! Anjo bento! vmc.e falla tantas vezes no inimigo! Não diga essa

palavra que faz arripios no costado!

O SENHOR PEREIRA

Ahi está a nossa beata com as suas \_escrupulisações\_. A gente não sabe

como ha de fallar diante de vmc.e A minha Marcellina, ás duas por tres,

é diabo para aqui, diabo para acolá; e, se eu lhe digo que não é bom

chamar quem está manso e quedo, ella diz que o diabo se chama diabo!...

D. ANGELICA

(\_persignando-se\_)

Sancto breve da marca! Cale-se lá com essas blasphemias! Sua mulher, se

tivesse juizo, não dizia isso!... Se vmc.e lhe désse com o covado pela

rabada, ella se calaria...

D. MARIA ELISA

(\_á parte\_)

São indecentes!... Se algum futuro author de novellas quizesse descrever

fielmente esta scena, teria de ser indecente como elles! Tomára-me eu

sósinha!

O SENHOR ANTONIO

Em que pensas tu, Mariquinhas?

D. MARIA ELISA

Ah!... eu?... não pensava em nada...

O SENHOR ANTONIO

A modo que estás triste! Aposto que estás a pensar lá n'essas cousas dos

astros?

D. MARIA ELISA

Dos astros? não... pensava... na minha sorte... (\_com ironia\_) que é

realmente invejavel. Estou satisfeitissima da deleitosa conversação

d'estes senhores, que são sobremaneira recreativos.

OS SENHORES BAPTISTA E RODRIGUES

Pela parte que me toca... muito obrigado...

O SENHOR FERNANDES

(\_á parte\_)

Pobre mulher!... e pobre homem!...

O SENHOR ANTONIO

Então, Fernandes, estás ahi tão calado!...

O SENHOR FERNANDES

Que quer que eu lhe diga?

O SENHOR ANTONIO

Quando te casas?

O SENHOR FERNANDES

Quando tiver mulher. Ainda não é tarde.

O SENHOR ANTONIO

Isso não; mas o casamento faz arranjo... Ella tem cincoenta e quatro,

mas olha que é um anno para cada conto; e tu tens os teus trinta e seis,

mas cá, segundo os meus calculos, por morte de teu pae não tens nem

trinta e seis moedas, porque elle é um gastador, e deixa-te viver lá

mettido no quarto a lêr o Carlos Magno, sem te importares do negocio...

Teu pae parece-me que não virá... vai-se demorando.

O SENHOR FERNANDES

Já lhe disse que o meu pae pede desculpa de não vir, porque se sente

incommodado da gôta... Eu vim da sua parte dar ao senhor Antonio os

parabens, e comprimentar a sua esposa a quem desejamos, tanto eu como

elle, largos annos de felicidade.

D. MARIA ELISA

Muito agradecida! (\_á parte\_) Este falla melhor que os outros...

O SENHOR ANTONIO

Tu sabes fazer a preceito esses discursos! Sempre é bom a gente lêr o

Carlos Magno... Eu era pequeno quando o li, e ainda me lembra esta

passagem da formosa Floripes a Roldão: «Senhor par de França! Os vossos

olhos são dous sóes que derramam raios que matam como os lampejos da

vossa durindana. Senhor cavalheiro, eu vos digo que o vosso affecto é

mais doce que o mel, e mais abrazador que as ardentes \_fragas\_.»

O SENHOR FERNANDES

(\_sorrindo\_)

Essas fragas deviam de ser boas para assar bacalhau.

D. MARIA ELISA

(\_sorrindo\_)

De certo...

O SENHOR ANTONIO

E outras muitas cousas que me não lembram agora.

O SENHOR FERNANDES

(\_com ar sarcastico\_)

É pena que vmc.e se esqueça dos bocadinhos de ouro do Carlos Magno!

O SENHOR ANTONIO

Ora diz lá tu algumas passagens...

O SENHOR FERNANDES

É impossivel, porque nunca li o Carlos Magno; mas, á falta d'essa

preciosidade litteraria, posso dizer outra qualquer passagem bonita.

O SENHOR ANTONIO

A apostar que tu não sabes orthographia?

O SENHOR FERNANDES

(\_sorrindo\_)

Nada, não sei.

O SENHOR ANTONIO

Pois então diz alli a minha mulher que t'a ensine...

O SENHOR FERNANDES

Far-me-ia muito particular favor.

D. MARIA ELISA

Eu?!

O SENHOR ANTONIO

Sim, tu, Mariquinhas. Ensina-lhe aquellas cousas que fazem com que a

gente não caia quando a terra anda de redor.

O SENHOR FERNANDES

E é isso que se chama orthographia?

O SENHOR ANTONIO

(\_meio irritado\_)

É, sim, senhor. Olha lá se queres saber mais d'essas cousas que minha

mulher!

O SENHOR FERNANDES

Deus me livre d'isso... (\_sorrindo a Maria Elisa que abaixa,

envergonhada, o rosto\_) Eu nem sequer sei escrever com astronomia, como

hei de saber essas leis com que se regem os astros!...

O SENHOR ANTONIO

Chama-se \_lei d'attrição\_... Não te rias... é o que te digo, e, senão,

ouve: ó Maricas, como se chama isto que nos faz estar de pé, assim

direitos? (\_erguendo-se.\_)

D. MARIA ELISA

Salvo erro, creio que são as pernas.

O SENHOR ANTONIO

(\_sériamente\_)

Isso é verdade; mas, se a terra andasse á roda, a gente cahia para o

lado...

O SENHOR FERNANDES

Não é forçoso que caia para o lado; póde cahir para traz, ou para

diante. (\_Maria Elisa ri-se.\_)

O SENHOR ANTONIO

Tambem não vou contra isso; mas minha mulher sabe d'uma cousa que faz

com que a gente não caia, porque todos os corpos sahem do centro da

terra... Olha ella a rir-se! Então enganavas-me, cachorra?... Ah

ruimzinha!... (\_puxando-lhe uma orelha.\_)

O SENHOR FERNANDES

Sua senhora tem razão... Os corpos, não digo que saiam do centro da

terra, mas tendem para lá; e esta tendencia faz que não possam, embora a

terra se mova, cahir no espaço.

O SENHOR ANTONIO

Tu não sabes d'essas cousas...

O SENHOR PEREIRA, \_do chinó\_

Os diabos me levem se eu sei o que vossês estão a dizer!

D. ANGELICA

S. Bento! Elle ahi torna com o berzabum do inimigo ás voltas! Não se

póde estar ao pé de vmc.e !... Credo!

O SENHOR PEREIRA

Ó mulher! deixe fallar a gente!... Eu queria saber como é lá isso de

andar o mundo ao redor como se fosse uma bola! Esta gente moderna sempre

diz cousas! Eu nunca tal ouvi aos velhos! Já a minha Marcellina se mette

tambem a fallar d'essas cousas lá dos livros com o doutor Miranda, e,

pelos modos, a rapariga não é tôla de todo. Agora anda ella a congeminar

nos planetas, e levanta-se algumas vezes de noite, e vem á janella...

O SENHOR FERNANDES

Observar os astros?

O SNR. PEREIRA

Acho que sim! A mulher lá tem aquella pancada na mola, e eu deixo-a

estudar a natureza, como ella diz...

O SENHOR FERNANDES

Isso é justo. Não me sabe dizer que planeta estuda sua mulher?

O SENHOR PEREIRA

Acho que é o sete-estrello.

O SENHOR FERNANDES

Ah! sim? E que diz ella a respeito d'esse «planeta?»

O SENHOR PEREIRA

Eu sei cá o que ella diz? Está alli á janella duas horas a olhar lá para

cima, e quando se deita está fria de neve. Eu já lhe disse: ó mulher!

deixa lá essas cousas celestes aos homens que sabem da póda! Tanto faz

como nada; ella diz-me não sei que da abobada, e das \_mariadas\_ de

estrellas... Apostar que o senhor Fernandes não sabe que ha uma estrella

chamada \_vespa\_, e outra \_saturnea\_?

O SENHOR FERNANDES

Nada, não sabia, mas ainda venho a tempo de saber. Sua senhora é que lhe

ensina essas cousas?

O SENHOR PEREIRA

E muitas outras, que me esquecem, porque não tenho as memorias affeitas

a esses nomes inglezes e gregos. Se vmc.e quizer vêr o que é uma

cabecinha ha de fallar com minha mulher...

O SENHOR FERNANDES

Estou convencido... não é preciso mais nada... Vejo que sua senhora

estuda perfeitamente a natureza, e compensa bem a pena deitar-se fria de

neve, quando a intelligencia vai quente do fogo da sciencia. Não

concorda, senhora D. Elisa?

D. MARIA ELISA

Eu?!... não sei se...

O SENHOR FERNANDES

Pois não é da minha opinião?

D. ANGELICA

(\_rabugenta\_)

Não é, não, senhor! Qual natureza, nem meia natureza! Uma mulher não se

deve metter lá n'essas trampolinices! Do que ella deve tratar é de

governar a sua casa, de tratar do seu marido, e dos seus filhos, e de

encommendar a sua alminha a Deus. Nossa Senhora era a propria mãe de

Deus, e não sabia lá das sciencias, nem dos planetas! Uma mulher honrada

não vai de noite vêr á janella o sete-estrello, nem a vespa, ou o

bisouro... mau bisouro é o demonio... Deus me perdoe...

O SENHOR PEREIRA

(\_pundonoroso\_)

Com que vmc.e , lá porque não tem cabeça para estas cousas, quer que as

outras sejam tapadas como vmc.e ? Não é má esta! Cada qual trata de si,

e Deus de todos. Minha mulher gosta de estudar a natureza, e vmc.e gosta

de resar novenas. Quem vai contra isso?

D. ANGELICA

E ella porque não resa novenas? Acha que lhe não são precisas? Pois olhe

que... eu já vi quem precisasse de resar menos... Melhor lhe fôra

governar a sua casa, e remendar a sua roupa, e não deixar ir tudo como

vai de portas a dentro...

O SENHOR PEREIRA

Sabe que mais? trate cá do que lhe pertence, e deixe as outras! Vmc.e é

muito murmuradeira...

D. ANGELICA

Eu! murmuradeira!... Ó meu Menino Jesus! inda mais ouvirei! Ó Antonio,

já viste uma cousa assim?

O SENHOR ANTONIO

Está bom... calem-se lá com essas questões. Cada qual vive como o seu

genio lhe pede; mas olha cá, visinho, eu sempre fui teu amigo, e não

tenho papas na lingua, quando é necessario. Cá a minha opinião é que não

deves deixar vir tua mulher para a janella de noite...

O SENHOR FERNANDES

(\_com ironia\_)

Porque se póde constipar...

O SENHOR ANTONIO

Não é isso... é que das más linguas ninguem se livra... Se quer estudar

a natureza, ou lá o sete-estrello, ou o que é como se chama, que o faça

de dia.

O SENHOR PEREIRA

Tu és tôlo, Antonio! Pois os planetas apparecem lá de dia?! Já vejo que

não te chama Deus para este caminho!...

O SENHOR FERNANDES

O senhor João Pereira tem razão. De dia não se descobrem planetas. O

padre Theodoro d'Almeida, que escreveu muito sobre os astros, diz-me meu

pae que o vira muitas noites na trapeira dos Congregados a contemplar a

natureza.

O SENHOR PEREIRA

Vmc.e é que sabe responder, senhor Fernandes... E, de mais d'isso, eu

estou muito contente com minha mulher. Antes quero que ella se

entretenha com os planetas lá de cima, do que com certos planetas que

andam por ahi a olhar para as janellas, e que não são das melhores

cousas para viver em paz cada qual com a sua mulher. Eu não tenho até

hoje razão de queixa; oxalá que tua mulher te dê a boa vida que a minha

me tem dado...

O SENHOR ANTONIO

(\_enfurecido\_)

Isso agora!... salvo tal logar!...

D. ANGELICA

Longe vá o agouro, e mais não diga a bôca que tal diz...

O SENHOR ANTONIO

(\_para os circumstantes\_)

Que lhes parece esta?! (\_para elle\_) Meu amigo, sabes que mais?... Vai

muito de cá a lá...

D. ANGELICA

Ó menina, Deus a livre de tal... Minha querida nossa Senhora dos

Remedios, não permittaes que tal aconteça...

O SENHOR PEREIRA

(\_formalisado\_)

Que diabo dizem ahi? Se eu os percebo, sêbo! Parece que já

jantaram!--Pois minha mulher... sim, pergunto eu... minha mulher... se

faz favor de me dizer... com que então a minha Marcellina... digam para

ahi o que sabem, linguas damnadas!... Eu queria saber o que vem a ser

estas benzedellas da nossa sanctinha, e lá esses arrufos teus,

Antonio!...

O SENHOR FERNANDES

Não se irrite, senhor Pereira, que não tem razão. Vmc.e entendeu mal os

reparos da senhora D. Angelica e seu irmão. É porque o senhor Antonio

não quer que sua senhora se constipe no estudo da natureza...

O SENHOR PEREIRA

Isso agora é outra cousa... Cada qual tem o seu genio; mas vir cá

dizer-me que vai muito de cá a lá, isso tem que se lhe diga. Tanto é a

minha Marcellina como a tua companheira. Somos todos do negocio, e

deixemo-nos de fidalguias, porque todos nos conhecemos. E quem fôr mais

rico, coma duas vezes, mas não desdenhe dos outros. O que eu queria

dizer-te a respeito da conducta das mulheres é que sou teu amigo, e que

oxalá a tua mulher seja como tem sido a minha.

O SENHOR ANTONIO

(\_desesperado; com as belfas tremulas\_)

Isso é que eu não quero!... já te disse que não quero e que não ha de

ser!...

D. ANGELICA

E elle a dar-lhe! \_má mez\_ para elle!... Valha-o uma figa! Não faça

caso, cunhada...

D. MARIA ELISA

Eu sinceramente lhes digo que não sei o motivo d'esta disputa! Se me não

engano, a esposa do senhor Pereira tem vocação para a astronomia. É

louvavel esse gosto da sciencia. São raras as senhoras que se dedicam ao

trabalhoso estudo da natureza...

O SENHOR PEREIRA

(\_interrompendo\_)

É como diz, e viva quem sabe fallar!

D. MARIA ELISA

O senhor Antonio José da Silva diz que...

O SENHOR ANTONIO

Ó Mariquinhas, é melhor dizeres \_meu marido\_.

D. MARIA ELISA

Meu marido diz que não quer que eu imite a senhora D. Marcellina.

O SENHOR ANTONIO

Não quero, é tal e qual o que eu disse. Minha mulher entendeu-me logo.

D. MARIA ELISA

Pois bem, eu não a imitarei; não me levantarei de noite a observar a

atmosphera, porque realmente não quero ser martyr da sciencia. D'este

modo, está acabada a questão. O senhor Pereira consentirá, porque assim

lhe apraz, que sua senhora se levante para os seus estudos; e meu marido

usará do direito, que eu lhe concedo, de me privar que eu estude os

astros de noite.

O SENHOR PEREIRA

Fallou bem como quem é; parece mesmo a minha Marcellina que sabe dizer

cousas que é mesmo da gente ficar encantado; mas eu tenho a dizer que cá

quanto ao que eu quiz dizer, a minha birra é que se a senhora D.

Mariquinhas fôr honrada como a minha Marcellina, não precisa ser mais.

O SENHOR ANTONIO

És teimoso como um jumento! Já te disse que a minha mulher tem outros

brios, e que sabe as obrigações de mulher casada!

D. ANGELICA

E não ha de dar que fallar como algumas... emfim... cada qual metta a

mão na sua consciencia...

O SENHOR PEREIRA

(\_solemne\_)

Que quer dizer isso? Então vmc.e acha que minha mulher... Ora tenha

juizo, que já é bem tempo de perder o sestro da má lingua... D'estas

beatas... Deus me livre d'ellas...

D. ANGELICA

(\_aguçando o queixo inferior\_)

Vmc.e está mesmo a inquietar a gente... Olhe que eu!... não me puxe pela

lingua, que eu não sou boa...

O SENHOR PEREIRA

Isso sei eu... que vmc.e é levadinha de todos os diabos... diga-m'o a

mim...

D. ANGELICA

(\_enfurecida\_)

Sabe que mais? ninguem o cá chamou... Deixe-nos em paz...

O SENHOR PEREIRA

Vmc.e é muito mal creada... O que merecia... sei eu...

O SENHOR ANTONIO

Está bom, Angelica! cala-te, João Pereira!... Se não estás bem, vai-te

embora; eu não te chamei cá...

O SENHOR PEREIRA

O asno sou eu em vir cá fazer de homem que sabe a cortezia quando é

preciso. Olha, meu amigo, emquanto tiveres cá em casa esta senhora

Angelica, não has de ter amigo nenhum...

D. ANGELICA

Vá importar-se lá com a que tem em casa, que não tem pouco que guardar.

O SENHOR PEREIRA

A que eu lá tenho em casa tem mais honra nos calcanhares, que vmc.e na

cara. O que vmc.e queria era que eu casasse comsigo, quando casei com

ella. Como eu não estive para isso, vinga-se a fallar mal de minha

mulher.

D. ANGELICA

Olha o bezuntão!... Eu quiz lá nunca casar com elle!...

O SENHOR ANTONIO

Accommodem-se!

D. ANGELICA

Sevandija! Más maleitas te colham!

O SENHOR ANTONIO

Angelica, tapa a bôca.

D. ANGELICA

Não quero!... Pois este desavergonhado não diz que eu quiz casar com

elle! Mariola! Sempre é bem \_coitadinho\_!...

O SENHOR PEREIRA

D'uma pandorca assim não ha nada a estranhar. Eu tenho vergonha, sua

truquilheira, quando não havia dizer aqui quem vmc.e é...

O SENHOR ANTONIO

Quem manda aqui sou eu! Já d'aqui para fóra, João Pereira!

(\_João Pereira, irritado como Ajax, leva as mãos indignadas á cabeça e

maquinalmente desloca o chinó. Ouvem-se fungadellas de sorrisos, que

exacerbam a cólera do calvo que se retira. Angelica tem o queixo n'uma

attitude perfurante. O senhor Antonio transpira na abundancia do

costume. Á lucta succede um profundo silencio, quebrado apenas pelos

gemidos convulsos da beata offendida na sua isempção de setenta annos.\_)

SCENA ULTIMA

OS MESMOS E UM ENCAPOTADO

ENCAPOTADO

(\_no limiar da porta que communica para o interior\_)

Senhora Angelica!

D. ANGELICA

Que queres tu, rapaz?

O SENHOR ANTONIO

Pois tu levantaste-te da cama a tremer maleitas, Joaquim? (\_para Maria

Elisa\_) Aquelle é o rapaz da loja que tem maleitas.

D. ANGELICA

Que queres tu?

O ENCAPOTADO

Eu estava a tremer as maleitas, e ouvi um grande restolho debaixo da

cama.

D. ANGELICA

Credo! que seria?

O ENCAPOTADO

Resei o credo em cruz, e fui vêr o que era...

D. ANGELICA

E que viste?!

O ENCAPOTADO

Era a gata que comia uma gallinha assada, que trago aqui, menos o

pescoço que lh'o tinha ella já comido.

(\_O encapotado afasta as bandas do capote, e mostra a gallinha

effectivamente degolada!... A senhora Angelica recebe a victima da gata,

e pede a seu irmão poderes discricionarios para vingar a affronta.\_)

UMA VOZ

Está o jantar na mesa.

CAPITULO XX

Está, portanto, casada a senhora D. Maria Elisa de Sarmento e Athaide.

Temol-a na rua das Flores, e deixal-a lá estar. Que se embriague dos

carinhos do nosso bom amigo Antonio José. Se a riqueza satisfaz

plenamente as suas ambições, é muito rica, póde cortar por largo, tem á

sua disposição um homem capaz de tudo, menos de resignar-se com a

felicidade do seu visinho João Pereira, que Deus tenha na bemaventurança

dos pobres de espirito, que são quasi sempre os ricos de materia.

Vamos encontrar Rosa Guilhermina tambem casada com Augusto Leite. Sou o

primeiro a confessar que o meu romance está cahindo muito! Um casamento

ainda póde aturar-se no fim do romance. A gente gosta de vêr

recompensados os tormentos de dous amantes com o prosaico destino de

todos os tôlos e espertos. Ha casos, porém em que o casamento, em vez de

ser o ultimo, deve ser o primeiro martyrio das personagens de uma

novella. Quantas vezes eu leio uma, em que se me arrancam lagrimas de

compaixão por dous entes que se adoram, a despeito de mil estorvos que

lhes diluem em lagrimas os bellos olhos! Consterno-me; anceio a ultima

pagina em que vão ser coroadas por um gôso duradouro as suas agonias...

E essa ultima pagina diz-me que se casaram! «Faltava-lhes esta!» digo eu

então, arremessando com piedosa indignação o livro!

Ainda um casamento... passe! Mas dous casamentos!... É abusar dos dons

da igreja, ou romantisar o facto mais prosaico d'esta vida! Isto em mim

creio que é falta de imaginação, ou demasiado servilismo á verdade!

Se Deus me chamasse para este caminho, como dizia, a respeito do estudo

da natureza, o senhor João Pereira ao seu visinho, de certo não casava

estas mulheres, tão depressa. Acho que o melhor era trazel-as por ahi um

pouco de tempo a dar escandalos. Rosa deveria apaixonar-se por um major

de cavallaria que lhe faria o favor de a inscrever no productivo

catálogo das mães de familia. Depois o major era promovido a tenente

coronel, e ia commandar dragões de Chaves, do que resultava (que

palpitante não seria isto!) a boa da rapariga tomar duas onças de

verdete n'um copo d'agua, e morrer amaldiçoando o perfido! Que cousa tão

bonita! Hei de aproveital-a no primeiro romance que escrever, e que

desde já se assigna nas lojas do costume.

Ora, Maria Elisa, essa... que havia de ser essa?... Eu entendo que Maria

Elisa devia namorar-se d'um marquez. E vai depois este marquez tinha

casado clandestinamente com Joanna Fagundes, criada da casa. E vai

depois, constando á dita Fagundes que seu marido namorava Maria Elisa, a

espadauda moçoila n'uma bella tarde, procura-a em casa, e mette-lhe os

tampos dentro com uma cadeira. Elisa expira nos braços d'um sargento de

policia, e Joanna Fagundes deixa cahir a mantilha, exclamando:

«Eu sou a marqueza de tal!»

O leitor ficava maravilhado do successo, e contava á familia a passagem

com as lagrimas nos olhos.

Espero tambem não perder esta ideia, e o leitor terá occasião de avaliar

duas obras primas. Por emquanto, peço ao respeitavel publico que

suspenda o juizo a respeito da minha capacidade inventiva.

Já agora, porém, atemos o fio d'esta fastidiosa historia, e vejamos

quantas moralidades podem produzir dous casamentos honestos.

O secundanista de direito casou oito dias depois de seu tio, e tomou

conta da administração da casa, que recebeu do tutor de sua mulher.

Nos primeiros dias parece que leram muitos romances, e aligeiraram as

horas em deliciosas palestras sobre a \_Experiencia amorosa\_, e \_Sophia

ou o Consorcio violentado\_, romances muito lidos n'aquelle tempo.

Ao cabo de quinze dias, Augusto Leite não era certo á hora da leitura, e

vinha, meia hora depois, pretextando negocios da casa.

Ao cabo de um mez, o extremoso marido deixava sua mulher a lêr as

\_Viagens de Gulliver\_ a sua sogra, e elle sahia a negocios domesticos,

que lhe empatavam o tempo até ás 11 horas da noite.

Ao cabo de dous mezes, o digno apreciador da litterata, se sua mulher

lhe perguntava a razão da demora, encarregava sua mãe de responder

suavemente, porque a paciencia já lhe não dava azo para tantas

satisfações.

Findo o prazo de dous mezes, Augusto foi para Coimbra continuar a sua

formatura, e convenceu sua mulher de que não era costume as mulheres

acompanharem seus maridos ao fóco da immoralidade. Rosa ficou, portanto,

na companhia de sua sogra, que lhe enxugava as lagrimas saudosas,

pedindo-lhe que lêsse a \_Joaninha, ou a Engeitada generosa\_. Seu marido

escrevia-lhe todas as semanas poucas linhas, mas essas eram calidamente

amorosas. Rosa indemnisava-lh'as com longas cartas, bonitas de

linguagem, com muita meiguice em phrase pomposa, e muitas outras

galanterias a que o academico, diga-se a verdade, não dava a maior

importancia.

E vejamos porquê:

Augusto Leite tinha uma paixão unica: era o jogo; mas o jogo fôra o seu

inferno, obrigára-o a fazer uma triste figura, como hoje se diz, porque

perdia sempre. A sorte que o perseguira em solteiro não lhe era mais

propicia em casado. O estudante continuava a jogar, e a perder; mas as

perdas agora avultavam mais, e ateavam-lhe a paixão com mais ardor.

Depois do jogo, o pensamento subalterno do marido de Rosa Guilhermina

era uma tricana, rapariga do campo, fresca e rosada, que vivia com elle,

desde o primeiro anno, e que viera ao Porto durante as ferias grandes,

em que se realisára o casamento do nosso traductor de novellas. Augusto

transigiu amigavelmente com a rapariga, promettendo-lhe um cordão de

ouro de vinte mil reis, uns brincos de sete mil e duzentos, dous pares

de chinelas, umas côr de gemma d'ovo, e outras verde-gaio, afóra um

capote de castorina côr de mel. De mais a mais, obrigára-se elle a tel-a

em sua companhia, com tanto que ella não fizesse barulho.

As condições estipuladas, de parte a parte, foram cumpridas. Benedicta

vivia, sem fazer barulho, na rua do Coruche com o seu academico, e

conseguira, além dos dous pares de chinelas, um terceiro par de sapatos

de cordovão com fitas, e uma mantilha de durante com aquelle bico

escandaloso que usam as mulheres de Coimbra, que são as mulheres mais

feias que Deus nosso Senhor depositou na face da terra.

Nas ferias do Natal, Augusto Leite veio consoar com sua familia. Houve

muito beijo, muita saudade, foram á missa do gallo á Sé, comeram muitos

confeitos de chocolate, e não tiveram tempo de lêr romances. Os outros

dias correram rapidos para a carinhosa esposa. No ultimo fez certa

revelação a seu marido, com a qual elle se mostrou contentissimo, e

sentiu a innocente vaidade de ser pae.

O academico partiu, e d'aqui até aos Carvalhos foi imaginando o systema

de banca-portugueza que lhe desse a desforra de seiscentos mil reis,

perdidos até ao Natal. E tal era a certeza da desforra, que não duvidou

contrahir o emprestimo d'um conto de reis, por isso que o patrimonio de

sua mulher eram só propriedades.

O imaginado systema falhou, ou pelo menos não tinha vingado ainda,

quando o imaginoso jogador perdeu o ultimo real do conto de reis.

Revoltado contra o traiçoeiro systema, seguiu o contrario, e perdeu

tambem. As meditações incessantes no methodo de ganhar, absorveram-lhe o

espirito de modo que o estudante foi reprovado, e retirou de Coimbra,

onde dissipára seis mil cruzados, e ficára devendo dous.

No Porto eram geralmente sabidas as dissipações de Augusto Leite. Sua

mulher fôra avisada por cartas anonymas, mas o seu espirito era altivo

de mais para rastejar nas mesquinharias do dinheiro. O juiz dos orphãos

é que não era tão sublime; e, instigado por o senhor Antonio José da

Silva, resolveu intervir na ruina do patrimonio de Rosa, sujeitando-a a

uma tutela, visto que seu marido era incapaz de administrar. Augusto

Leite quiz provar que tinha muito juizo, mas parece que provou de mais,

e peccou pelo excesso. As testemunhas disseram que nunca o tinham visto

atirar pedras. Isto que devia convencer o juiz dos orphãos, o mais que

fez foi tranquillisar-lhe o espirito dos receios de ser apedrejados pelo

dissipador. Tenho á vista os autos d'este processo, e sou obrigado a

confessar que o juiz julgou em boa harmonia com Pegas, e Carvalho, e

Pereira de Mello.

Era um magistrado probo. Permittam este \_entre-parenthesis\_, porque o

meu fraco é chamar probos a todos os magistrados, que recebem peitas,

porque os ordenados não chegam a nada. N'este paiz, um magistrado probo

já deu esta razão em pleno parlamento, e desde esse dia todos os

magistrados são probos, e a probidade e a beca e os sapatos de fivela e

as meias de seda, a rectidão e os bofes da camisa ficam sendo insignias

de todos os magistrados.

Que é o que eu vinha dizendo? Não ha nada que me incommode tanto como

ter de lêr o que escrevo... Acho que fallava no nascimento d'uma filha

de Rosa Guilhermina... Ha de ser isso... Pois é verdade: nasceu a tal

menina, e foi baptisada com o nome de \_Assucena\_, da qual se ha de fazer

larga e pungentissima chronica.[4] Era uma linda creancinha, que a mãe

offerecia ao pae, mas o fraco de Augusto não eram as creanças. Apenas a

tomava dos braços de Rosa, douda de contentamento, passava-a aos braços

da avó, que, por força, queria que a pequena se parecesse com ella.

Augusto vivia triste. Os carinhos de sua mulher não bastavam a

desenrugar-lhe a testa, sempre carregada para os afagos da pobre

senhora. Passeava sósinho no quintal, e, quando a timida mulher se

aproximasse, retirava-se elle a meditar no seu quarto.

--Eu desconheço-te!...--dizia Rosa, tomando-lhe meigamente a mão

insensivel--Que tens tu, Augusto?... já me não adoras com aquelles

extremos de ha um anno? Que te fiz? Não tenho eu sido tão igual para ti?

--Tens, Rosa... Não repares na minha tristeza... Isto é organisação...

--Pois assim variam as organisações!... Grande mudança transfigurou o

teu genio!...

--Que queres!... Eu não me fiz...

--Pois sim; mas porque soffres?!

--Porque não sou um homem vil, a quem se tire infamemente a administração

d'uma casa...

--Mas tenho eu culpa de tal infamia!... Não fui eu propria fallar com o

juiz?! Não empreguei os rogos, e as lagrimas com esse barbaro que quer

governar o que é nosso?! Serei eu culpada n'essa fatalidade!...

--Não és... eu não te accuso... mas deixa-me, se não pódes remediar esta

punhalada que se deu na minha honra! Foi um ultraje cobarde, forjado nas

trevas, á sombra da lei!... Despotas!... Eu hei de vingar-me de vós, ou

a minha dignidade nunca mais erguerá a fronte diante dos homens!

(\_Reminiscencias d'um romance intitulado: EMILIA DE TOURVILLE, OU OS

MEUS SETE ANNOS DE PERSEGUIÇÃO.\_) Feriram-me na corda mais sensivel da

minha honra! Exauthoram-me dos direitos communs, a mim, que conheço,

profundamente, as raias, que separam a demencia irresponsavel das

operações do intellecto são! (\_Ideias pilhadas a dente na SCIENCIA DOS

COSTUMES.\_) Fallarem-me no jogo!... Privarem-me do uso da minha

fortuna, por que jogo!... Quem póde privar-me de abrir com uma alavanca

de ouro a minha propria sepultura! (\_Pensamento soffrivel, roubado ao

JOGADOR, comedia de Regnard.\_)

--E gostas assim de jogar, meu querido Augusto? Achas prazer no jogo?

--Acho... preciso d'esta distracção; fóra do jogo não vivo...

--Pois joga...

--E o dinheiro?... que é do dinheiro? Não vês que nos dão para a nossa

subsistencia quarenta mil reis cada mez?

--Mas temos outros recursos...

--Quaes?!

--A nossa prata, que está avaliada em cinco mil cruzados... vende-a.

--Não te zangas por isso?

--Não, filho!... Eu dera a vida pela tua tranquillidade... Não é ella

tua? Se o desejavas fazer, porque o não tens feito?...

........................................................................

Dias depois, Augusto Leite vendia a prata, que tinha sido o thesouro

mais querido do arcediago de Barroso, e partira para Coimbra, combinando

as fórmas d'um novo systema de jogo.

No dia seguinte ao da sua partida, Rosa Guilhermina recebia a sua prata,

e este bilhete:

\_«Não desdenhes uma lembrança da tua velha amiga. Comprei essa prata, e

quiz presentear tua filha com ella.\_

«\_Maria Elisa.\_»

A prata fôra comprada pelo senhor Antonio José da Silva.

CAPITULO XXI

Já não viviam na rua das Flores os disparatados conjuges.

O senhor Antonio José, quinze dias depois de casado, fechou a sua loja

de pannos e algodões, traspassando-a. Fôra esta a primeira exigencia de

sua mulher. Tanto elle como Angelica resistiram um pouco ás razões

frivolas de Maria Elisa; mas o amor vencera, e o covado e as balanças

foram offerecidas em holocausto a hymeneu, como dizia a mulher de João

Pereira, rindo-se muito da aristocracia balôfa da sua visinha, que lhe

não dava tréla.

Fechada a loja, e liquidados os lucros, o senhor Antonio, por escolha de

sua mulher, foi viver na ultima casa que o leitor encontra na rua da

Rainha, que n'esse tempo não tinha nome. Era uma casa de quinta, com

ares apalaçados, onde a senhora Angelica se dava pessimamente com os

ratos enormes que tiveram o barbaro appetite de lhe comer a manga

esquerda do seu capote, na primeira noite, e tentaram a temeridade de

lhe roer a unha d'um dedo do pé! Inscrevemos aqui as amarguras da

senhora Angelica, porque nos impozemos a obrigação de commemorar todas

as lagrimas d'este desventurado enredo.

O senhor Antonio José da Silva comprou carruagem. Esta immoralidade

custou muitos \_padre-nossos\_ a sua irmã, que esperava todos os dias um

raio fulminante sobre os cavallos, que conduziam sua cunhada a passeio

pelas estradas de Braga e Guimarães, que eram n'esse tempo um pouco

melhores que hoje, porque eram de pedra, e a civilisação não tinha ainda

inventado o cascalho.

O senhor Antonio cahira na imprudencia de entrar, uma vez, na carruagem,

e viu desgraçadamente realisadas as suas previsões! Foram taes os

solavancos que soffreu aquelle globo de carne, taes entaladelas

flagellaram os seus rofêgos esponjosos, que, tres dias de cama, o nosso

bom amigo difficilmente digeria a mesquinha refeição do costume.

Maria Elisa nunca mais o convidou para o martyrio da carruagem. Era uma

excellente esposa! Conhecera profundamente que as dimensões abdominosas

de seu marido não comportavam a agitação febril do seu espirito. Ia,

portanto sósinha, emquanto seu marido cultivava uns repolhos e umas

melancias que plantára e semeára para ter em que exercitar as suas

forças musculares.

A Providencia nem sempre é justa para os bons cultores da hortaliça!

Emquanto o senhor Antonio estudava a maneira de salvar do bicho a folha

exterior do repolho; emquanto o bom cidadão classificava methodicamente

a natureza do estrume, com que deviam adubar-se os terrenos de melancia;

emquanto, finalmente, o negociante retirado legava á humanidade um

prestante serviço em horticultura, sua mulher andava por lá fazendo

cousas, que aqui vamos escrever para caução de todos os maridos, que

espreitam a toupeira no cebolinho, emquanto suas amaveis mulheres vão

comprar tarlatanas, e rendas.

O leitor, se tem attendido á melhor historia que se tem escripto n'estes

ultimos annos, ha de lembrar-se de um senhor Fernandes, que assistiu ás

bodas do senhor Antonio, e que tinha uma linguagem distincta, e umas

ironias salgadas a sabor de D. Maria Elisa de Sarmento e Athaide.

O senhor Fernandes, de trinta e tantos annos, aspecto agradavel, com

algum espirito, com muita pouca materia, amigo de livros, e mais ainda

das boas mulheres, era o maior peccador que produziu a rua das Flores.

Contra todas as leis da honra, contra o mais respeitavel dos preceitos

do decálogo, o senhor Fernandes tinha uma diabolica vocação para a

mulher do seu proximo! Cahe-me da mão a penna indignada por se vêr na

dura precisão de archivar este escandalo! Lucto, ha oito dias, com a

veracidade do ignominioso facto, que vou enunciar com as lagrimas nos

olhos, e o pudor na face. Quizera cobrir com o véo da caridade esta

ulcera; porque antevejo o doloroso vexame que involuntariamente vou

inflingir ao leitor pudibundo! Não é possivel. Sou muito amigo do

publico; esforço-me por manter a moral na temperatura em que a

encontrei; mas, como o amigo de Platão, sou mais amigo da verdade. É

necessario dizer-se ao menos metade do que sei. Benzamo-nos, pois,

primeiramente, para que Deus nos livre de maus pensamentos, e das

tentações hediondas d'este grande peccador, que a estas horas já sabe o

bem ou mal que fez!...

Fernandes (\_proh pudor!\_) entendeu que devia namorar Maria Elisa, a

esposa do seu visinho, a mulher do seu proximo, que é sempre um sugeito

respeitavel, ainda que seja um grande tôlo; ou um grande maroto!

Ouseiro e veseiro de similhantes impudicicias, este monstro fôra o

primeiro immoral que tentára a honestidade da senhora D. Marcellina,

esposa muito querida do senhor João Pereira, e, pelos modos, assidua

cultora dos estudos da natureza. Esses estudos quem lh'os fez appetecer

foi elle! Não queremos fazer pêso aos seus enormes peccados, mas

releve-nos a sua alma o encargo que lhe fazemos de ter sido elle o

mestre de astronomia de Marcellina. Sem os prelogomenos, que elle lhe

ensinou, nunca ella viria, alta noite, estudar o «planeta

sete-estrello»! Á sombra da sciencia, deu-se ahi uma grande immoralidade

na face da terra! O crime infando, que hoje felizmente não tem

sectarios, graças á civilisação que vai ensinando os limites dos

deveres, não só internacionaes, mas tambem inter-visinhos, o crime

infando (repetimos com os calafrios do terror na espinha dorsal); o

crime infando, finalmente, consubstanciou-se de tal arte no sangue

d'aquelle homem, que (\_vox faucibus hæsit!\_) não havia mulher casada,

com um palmo de cara soffrivel, que o réprobo de Deus e dos maridos não

tentasse abysmar nas profundezas do báratro perpetuo!

Mas pela litteratura tinha vindo um grande mal á senhora Marcellina, que

não é digna do \_dom\_, attendendo á villã fraqueza com que se deixou

embair das astucias d'aquelle grande velhaco, que já me fez suar tres

vezes, desde que estou fallando nas suas impudencias!

De mais a mais, Fernandes era inconstante nas suas affeições, e cynico

na maneira de se desquitar das fastidiosas mulheres, que o fatigavam

depressa. Esta segunda immoralidade é uma questão á parte. A nossa

missão, aliás repugnante (nunca cessaremos de lembrar ao leitor que nos

parece impossivel este crime, como o parricido aos legisladores de

Athenas!) a nossa missão é contar que o dito Fernandes tentou seduzir

Maria Elisa!

O peor não é isto! A maior das vergonhas é ter eu de dizer que Maria

Elisa, legitima representante de nossa avó, que comeu maçãs no paraizo,

cedeu á tentação, e só torceu o pudibundo nariz duas vezes (ou tres, não

me recordo bem) ás calidas manifestações d'aquelle grande desaforado,

perverso, dissoluto, scelerado, e não sei mesmo se concussionario!

Quem soubesse isto, entrava no segredo dos constantes passeios de Maria

Elisa. A sua habitual direcção era á Ponte-da-Pedra, a uma legua do

Porto, na estrada de Braga.

Ahi apeava-se da carruagem, a pretexto de descansar. Subia para a sala

da estalagem, que já n'esse tempo era as delicias dos honrados amadores

de peixe frito, e azeitona. E n'essa sala... (\_digitis callemus et

aure!\_... Soccorre-me, meu velho Horacio!) encontrava sempre esse homem

para o qual o meu vocabulario de indignação não tem um nome adequado! E

isto aconteceu muitas vezes, emquanto o senhor Antonio sachava os

repolhos, e mondava a hervagem das melancias, sabe Deus com que

dificuldades na curvatura da columna vertebral!

Tres mezes, seis, nove, um anno esta pouca vergonha! E o céo não tinha

raios para o impio, e o senhor Antonio não tinha n'aquelle coração um

presagio, que lhe dissesse que entre o repolho e a melancia ha alguma

cousa que deve occupar a cabeça d'um homem sensato!

A Providencia, algumas vezes, parece-se com Homero; dormita, e consente

que os Antonios Josés levem no somno a palma ao cantor de Ulysses, que

tambem dormitou emquanto Penélope fazia muitas cousas, em que se parecia

com Maria Elisa. Ora já não é pequena gloria para o senhor Antonio José

collocar-se a par de Ulysses!

Era em uma bella tarde de agosto.

Maria Elisa sahira para a Ponte-da-Pedra. O senhor Antonio ficára n'um

banho de tina, chafurdando como o proprio tubarão de barbatanas. Quando

sahiu do banho, achou-se fresco, como é natural, e resolveu dar um

passeio, e, o que mais é, surprender sua mulher, que devia ficar

contentíssima de tal surpreza.

Ao pensamento seguiu-se a execução. O senhor Antonio repartiu as suas

duas pernas-pleonasmos sobre o dorso de uma pacifica jumenta, e com a

ponta da bengala estimulou-lhe a anca de modo que era um raio por

aquella estrada fóra! E era um grupo bonito! A pequena jumenta, debaixo

do vulto magestoso do senhor Antonio, parecia consubstanciada na

organisação do seu dono! Iam contentíssimos!

--Lá está a carruagem!--disse elle, exultando, á sua jumenta, com a qual

tivera um longo colloquio, em que a submissa interlocutora não fôra

menos eloquente com o seu silencio, nem lhe quizera conceder honras de

Balaam.

Pararam á porta da estalagem. O senhor Antonio não queria fazer ruido, e

perguntou baixinho:

--Onde está a dona da carruagem?

--Está lá em cima com o primo.

--Com o primo!--exclamou elle com um som de ventriculo.

--Sim, senhor, o primo...

--Quero vêl-a...

E subia as ingremes escadas, agarrado ao corrimão.

Maria Elisa conhecera a voz. Fernandes fugira para o quintalejo

immediato, e escapára-se pelos pinhaes visinhos, sem ser visto.

O senhor Antonio estava diante de sua mulher, solemne e magestoso como

todos os maridos em similhantes apertos. Queria fallar, e parece que a

eloquencia lhe ficava estagnada nos papos do pescoço que oscillavam como

duas bexigas de porco, sopradas pelo vento. Queria profundar o abysmo da

sua situação, e a unica imagem que lhe apparecia aos olhos pávidos era

João Pereira, o do chinó!

Angustias d'estas... não tem nome na terra! Cahiu, como forçado por um

enorme murro, sobre uma cadeira. O urro, que a cadeira gemeu debaixo

d'esta avalanche de carne, acordou os eccos da estalagem.

Maria Elisa, essa, pallida e confusa na surpreza do crime surprendido,

aproximou-se de seu marido, e murmurou com meiguice:

--Que tem?...

--Que tenho?... perguntas-me o que tenho?

--Sim!... pois que fiz eu?!

--O que me fizeste?!

--Sim!... o que lhe fiz?!

--\_O que lhe fiz?!\_ diz ella.

--Digo... pois que lhe fiz eu para tamanha commoção?

--Tu escarneces de mim!... Que primo é esse que estava comtigo?

--Um primo!?...

--Sim, um primo... quem é esse primo, que nunca me fallaste n'elle?...

Deixa que eu chamo a estalajadeira, e ella te dirá quem é que me disse

que tu estavas aqui com um primo... Espera ahi...

O senhor Antonio dera um pulo, como um tigre, da cadeira para o meio da

sala, e tomava fôlego para chamar a estalajadeira, quando Elisa,

atordoada da surpreza, mas não de todo, correu a elle, embaraçando-o do

vergonhoso proposito.

--Não chame... que é uma vergonha...

--Então sempre é verdade, que me és infiel!... Deshonraste, Maria Elisa,

um homem a quem deves tudo!... É assim que se é mulher honrada!... Foi

para isto que me amaste, e quizeste casar comigo!... Eu endoudeço... Eu

morro!... Que dirá o mundo!...

O senhor Antonio começava-lhe a dar cuidado o que diria o mundo. N'estas

enfermidades, o temor do que o mundo dirá é sempre um symptoma

favoravel; porque o mundo cala-se depressa, e as funcções vitaes do

espirito entram no seu curso regular.

Maria Elisa não era tão esperta como eu suppunha. Ficou estupidamente

surprendida. Não teve nenhuma lembrança feliz, que obrigasse seu marido

a pedir-lhe inclusivamente perdão da calumnia injuriosa! Cahiu com

miseravel imbecilidade n'um torpor moral, indigno da sua experimentada

philosophia. Deu-lhe para amuar, e morder o labio inferior, mas não com

tanta força que espirrasse sangue. Ella sabia fazer as cousas com

prudencia; e, com quanto soffresse bastante na alma, parece que poupava

o corpo como cousa sua, e não lhe quero eu mal por isso. Uma mulher,

como eu seria se o fosse, deve fazer muito por que o corpo se não sinta

das enfermidades da alma. A alma tem muitas primaveras, e por mais

envelhecida que esteja não se vê. O corpo tem só uma, e essa está

sujeita á maldita perfeição das lentes que lhe não deixam uma ruga

precursora de decadencia sem demorada analyse.

Eu, se fosse mulher, tinha enviado para Rilhafolles muitos poetas! Havia

de reduzil-os á quinta essencia do amor, que é a demencia. Com

preferencia a todos os outros, andaria de modo que me tornasse um

curioso estudo dos scepticos. Estas feras é que eu amansaria. Se eu

conseguisse tornar-me objecto dos seus estudos physiologicos,

prometto-vos que a seita ridiculamente comica dos \_cansados\_, dos

\_scepticos\_, e dos \_não comprehendidos\_ acabava como as preciosas

ridiculas de Luiz XIV.

Querem saber o que eu fazia? Ahi vai... É um serviço gratuito que eu

offereço ás mulheres, embora provoque inimizades de homens, que são

realmente os entes que menos me incommodam. N'este mundo ha só duas

cousas que me affligem: são os maus charutos, e madrugadas antes de uma

hora da tarde. No mais entendo que este globo é o melhor de todos para

quem não tiver callos e rheumatismo.

Se eu fosse mulher com uma cara soffrivel, estabelecia para meu uso as

seguintes theorias:

\_Solteira\_

Tendo de quinze a vinte e cinco annos, dava-me ares de candida

innocencia, e singeleza patriarchal. Olharia este ou aquelle importuno,

mas só com tres partes d'um ôlho, imaginando que elle tinha quatro.

Far-me-ia passar por myope, para que ninguem reparasse no olhar

penetrante com que os myopes costumam encarar os objectos a certa

distancia. Não usaria luneta para mostrar assim que a minha vista era de

sobejo para admirar as poucas maravilhas do mundo. No theatro teria a

barba sempre apoiada na convexidade da mão, e nunca pegaria do binóculo

sem reparar que a luva retezada não tivesse rugas.

Com as lentes attestadas para a segunda ordem deixaria passear a vista,

como dizem os francezes, pelo rebanho de Epycuro, que somos nós os

miseraveis estafermos de calças.

Surprendida, retirava os olhos com indignada commoção, e perguntaria á

mamã se o vestido de D. Efigenia, ou de D. Simplicia não era de pessimo

gosto.

No final de cada acto, sahia a visitar uma amiga, e dava dous saltinhos

quando me erguesse do banco, para que a minha cintura não ficasse sempre

occulta pelo parapeito do camarote.

Acontecendo, porém, que a minha cintura lucrasse com o mysterio, não

sahia nunca sem lançar com languida graça uma pelliça pelos hombros. Nos

bailes não sei o que faria; mas o que devia fazer era não tocar nunca

n'um taboleiro, e acceitar com mostras de grande sacrificio a instada

offerta d'um fôfo, ou d'um rebuçado de chocolate. Liquidos, excepto agua

limpida, nenhum. Nos jantares tomaria duas colheres de sôpa, o pescoço

de uma rôla, ou a aza d'um frango. E isto mesmo seria vagorosamente

triturado pelos dentes preguiçosos, com ar de victima sacrificada ás

conveniencias d'uma sociedade, que tem o prosaismo de comer nas horas

vagas. Fructas, comeria uma laranja, uma amendoa torrada, e o resto do

tempo entretel-o-ia com o palito.

Como é natural que me retirasse com fome, em minha casa, nas horas

silenciosas da noite, quando a natureza já não respira, como se diz nos

primeiros capitulos de quasi todos os romances, comeria de modo que, no

outro dia, me levantasse pallida pelo effeito d'uma indigestão.

Estaria duas horas diante d'um espelho a desalinhar-me, porque o

desalinho é o mais melindroso toucador de uma mulher, que conhece

profundamente as irrisorias pieguices do homem.

Cheguei á especialidade em que eu muito queria ser mulher, pelo menos na

estação do theatro lyrico.

Se vivesse no Porto, colheria as melhores flôres da minha corôa na

estufa do real theatro de S. João, e escolheria de preferencia certos

catos reaes que eu lá conheço. Eu denomino cato real o leitor, qualquer

que elle seja, com tanto que tenha escripto algumas sandices e dito

outras tantas a respeito do scepticismo. É cato, de trapeira pelo menos

(esta classificação não é minha: pertence a um espirituoso folhetinista

que d'antes classificava catos, e actualmente elle proprio se fez cato

politico, e vive nas estufas doentias do jornalismo sério), é cato de

trapeira, dizia eu, todo aquelle que chora o eterno desalento da sua

alma despoetisada, e não desencrava a luneta indecentemente enorme da

primeira mulher, que teve o descuidoso passatempo de reparar cinco

minutos na sua pallida physionomia.

Com estes é que eu me queria encontrar, sendo mulher, e mulher

litterata, porque, do contrario, agradeço á Providencia o favor que me

fez de me atirar qual sou á torrente dos acontecimentos masculinos.

Mulher, e litterata, sacrificaria temporariamente a minha isempção a um

d'esses scepticos desgrenhados, que se balouçam na plateia como se,

insaciaveis de espirito, precisassem dar á materia todos os repellões,

que as turbas comtemplam como terremotos do talento.

Logo que eu conseguisse prender-lhe a attenção, aventuraria um d'esses

sorrisos, que me não custariam nada, sem que por isso me parecesse com

certas mulheres, que se escangalham em risadas alvares e frivolas,

mostrando a profundidade dos engastes mandibulares como quaesquer

cosinheiras nos seus colloquios amorosos com os cosinheiros respectivos.

Eu não me riria nunca; sorriria algumas vezes, e quereria que o meu

sorriso fosse recebido como formalidade da etiqueta para com os ditos

semsabores das pessoas que me rodeassem, que seriam quasi todas d'uma

fabulosa semsaboria.

A fera, domesticada no seu sanguinario scepticismo, procuraria

revelar-me dez paginas intimas da sua agonia dilacerante. Fallar-me-ia

quatro vezes do seu desalento: faria o necrologio da sua alma: citaria

Lazaro, levantando-se do tumulo á voz do Christo: e acabaria por

pedir-me que sentenciasse o seu futuro para optar entre a vida e a

morte.

O que eu faria, então, attenciosas leitoras, não sei se alguma de vós já

teve a condescendencia de o fazer. Mandava-o á meia noite apparecer

debaixo da minha janella; e, sendo no entrudo, atirava-lhe um ovo de

cheiro; sendo na semana sancta, quatro confeitos; e, no Natal, uma

tigelinha de ovos moles.

A humanidade estava vingada.

Ora aqui está o que eu faria, sendo solteira.

\_Casada\_

Sendo casada, eu era, com grande despeito da mulher d'um certo ministro

da fazenda do Egypto, chamado Putiphar, e da mulher do senhor Antonio

José da Silva, uma honesta mulher, de quem os mestres encartados de

necrologios diriam depois: \_Era uma esposa carinhosa, o modelo das mães,

e uma senhora virtuosa a todos os respeitos\_. É verdade que não é

necessario ser tanta cousa para, á sahida d'este mundo, deixar os

jornaes encarregados de dizerem ainda mais. Morram quando poderem, que

eu lhes prometto uma boa duzia de epithetos.

Eu seria não só o que me fizessem ser os constructores de necrologios e

epitaphios; mas, por minha parte, exerceria todas as virtudes

conhecidas, e muitas outras que ninguem conhece. Seria, por abreviar

moralidades, que me dão grande trabalho, e aborrecimento aos leitores,

seria tudo menos o que foi D. Maria Elisa.

O que o senhor Antonio seria, isso é que eu não sei; mas o que elle

estava sendo, em verdade vos digo, que não deve ser inveja de ninguem!

A eloquencia dolorosa, que o auxiliou no choque da surpreza, falhou-lhe.

Quiz fulminar a perjura com uma apostrophe corrosiva, e não lhe occorreu

nada a proposito. Um pensamento ignominioso esvoaçára-lhe na cabeça

febril... Teve tentações de esmagal-a contra a parede do quarto em que

esta scena attribulada corria desapercebida!

O negociante, digno de melhor sorte, pagava com usura as affrontas

orgulhosas com que tentára ferir a honra do seu visinho João Pereira.

No auge da desesperação, a sua alma tornou-se esteril, a sua lingua

pegou-se aos gorgomilos, os seus labios resequiram como queimados pelos

suspiros rugidores, que lhe subiam das soturnas catacumbas do peito. Um

tremulo de sezão vibrava-lhe os musculos da face, especialmente os

bussinadores, que a maior parte dos leitores não sabe o que é, mas por

isso mesmo é que tudo o que eu disser tem um cunho de originalidade, que

o senhor Antonio não sabia dar ao seu ciume, nem sua mulher á sua

perfidia.

Esta falsa posição não podia durar muito. Se se prolonga mais cinco

minutos, eu, por mim, declaro que largava a penna, e acabava o conto

aqui. Não ha nada mais semsabor que a situação da mulher desleal

surprendida por um marido, que nem sequer arranca de dentro quatro

gritos, e reteza os braços na arripiadora postura de Orestes, insultando

os deuses! Porque não disse o senhor Antonio alguma cousa fóra do

commum?

Porque não fez estylo de marido, que é o mais mascavado de todos os

estylos? Porque não exclamou: «\_Perfida mulher! hei de beber-te o

sangue, e cevar no coração as minhas iras! hei de esfolar-te para

memoria eterna! hei de mandar ao vento as tuas cinzas, e a tua alma a

Satanaz! Oh! Ah! Ah! Oh!\_»

Com estas palavras já eu compunha um capitulo, porque as outras tolices

encarregava-me eu de as pôr de minha casa, e juro que um dos maridos

mais venerados e ferozes do seculo, que passa, seria o nosso amigo

Antonio, com grande desfalque de João Pereira, que, no seu genero, não

era mau.

Assim nem eu sei como hei de acabar o capitulo de modo que elle e ella

não pareçam dous volumosos parvos! Se me lembrasse d'algum romance, que

tenho lido, cousa que se parecesse com isto!... Ah!... Achei um bom

desfecho, e que tem o merito de ser o mais natural de todos.

O senhor Antonio desceu solemnemente para a rua a procurar a jumenta,

que tão grata portadora tinha sido do seu anhelante coração. A jumenta

pilhando-se solta, fugira para casa, e não sei que monologo mental ella

faria á sua liberdade.

O senhor Antonio pedira aos eccos a sua jumenta. Os sobreiros da encosta

contemplavam silenciosos a sua dôr. A lympha dos regatos era como um

arremedo cruel aos seus gemidos! Desgraça!

N'este angustioso conflicto appareceu Maria Elisa. A carruagem

aproximou-se.

--O senhor veio a pé?--perguntou ella, vendo seu marido encostado a um

pilar da ramada.

--Que lhe importa?--redarguiu o marido convulso, mettendo as mãos nos

bolsos, e puxando as calças machinalmente para cima, dando-se a grutesca

figura d'uma talha chineza.

--Porque não entra na carruagem?--replicou a carinhosa esposa,

aproximando-se meigamente do marido, que fumegava pelas ventas, como uma

fabrica de fundição.--Venha... eu lhe explicarei tudo... verá que estou

innocente, ha de arrepender-se de me tractar assim...--proseguiu ella,

com o tremor de voz, que precede as lagrimas.

--Como innocente!--murmurou o senhor Antonio, um pouco modificado nas

caretas da sua furia legitima.

--Sim... innocente... Em casa lhe contarei tudo...

--Pois póde lá ser que estejas innocente?... Tu estás a mangar

comigo!...

--Verá que não sou digna da sua cólera, e que os seus ciumes são

injustos... A affronta que fez ao meu caracter de mulher casada, tarde

ou cedo lhe fará remorsos, senhor Antonio José da Silva!...

O tragico entono d'estas palavras acobardára os espiritos briosos do

marido. O senhor Antonio julgou-se algoz d'aquella victima; e, se ella

teima, haviamos de vêl-o ajoelhar aos pés do innocente holocausto do seu

ciume, e pedir-lhe perdão.

Maria Elisa, restituo-te os teus creditos! Andaste perfeitamente, por

fim! Eu, se fosse mulher casada, com os teus costumes, faria o que tu

fizeste.

Em 1819 ninguem faria mais do que tu!

Hoje... serias d'uma simplicidade boçal.

CAPITULO XXII

A seu tempo saberemos até que ponto o senhor Antonio podia ser

civilisado por sua mulher.

Agora vamos procurar Rosa Guilhermina.

Antes de entrarmos, reparemos n'esta mulher que bateu á porta primeiro

que nós.

--Quem é?--perguntou da janella uma criada.

--Faz favor de dizer á senhora D. Rosa que está aqui uma mulher, que lhe

quer fallar.

--Que lhe quer?

--A vmc.e não lhe quero nada, é a sua ama.

--Quer pedir-lhe alguma esmola?

--Sim, senhora, queria pedir-lhe uma esmola.

--Pois para isso escusa de fallar á senhora: pegue lá... Então não

levanta do chão os dez reis?!

--Não levanto, porque lhe não pedi nada a vmc.e Já lhe disse que quero

fallar com a senhora D. Rosa.

--A senhora D. Rosa não falla a mulheres de mantilha rôta... Se quer,

queira, se não quer, ande sempre...

A janella fechou-se e a mulher da mantilha rôta sentou-se no degrau da

porta.

Pouco depois, abre-se outra vez a janella, e apparece D. Rosa!

Vêde-a, já não é a rosa purpurina d'outro tempo!... A pallidez

d'aquellas faces não é natural!... Alli, ha muita saudade do que foi, ou

muito receio do que será! Aquelle desalinho não era d'antes assim...

Rosa tinha tanto brio nos seus longos cabellos negros!... Enfeitava-os

tanto de fitas e flôres!... E agora?... Aquelle lenço branco, que lhe

apanha as tranças desgrenhadas, é tão desairoso!... Aquelle chaile, que

lhe esconde as fórmas do pescoço mais lindo ao pé dos hombros mais

artisticamente torneados, dá-lhe um aspecto tão triste de enfermeira do

hospital... Que mudança!... faz pena!... Cahiu tão depressa da haste

aquella flôr, que tinha tanta vaidade das suas petalas avelludadas, e da

fragancia dos seus aromas!... Minha pobre Rosa, que é da tua

philosophia!... De que te valeram os teus romances, se te devias amoldar

aos typos dolorosos que lá encontraste!... Ai!... porque cheguei eu a

interessar-me na tua sorte, se nunca te conheci!... Porque ha de esta

phantasia pintar-me realidades, que me fazem dôres no coração, quando as

vejo sahirem infelizes dos bicos da minha penna!... Tenho cousas de

muito creança, leitores!... Desculpai-me estas imbecilidades...

Para que vieste tu á janella, Rosa, se quasi me obrigaste com a tua

pallidez a discorrer com ternura sobre cousas que me fazem lembrar mil

outras, e tão tristes são ellas, que nem eu sei se era mais feliz não

vindo ao mundo para recordal-as, ou, ao menos, vêl-as, e esquecel-as

para sempre... Forte puerilidade!... Se me não chamam para jantar,

n'este momento, eu reduzia-me á situação piegas de verter uma lagrima...

por quem?

Uma lagrima!...

Sabeis o que é uma lagrima d'um homem!... É a perdida essencia do sangue

que nos alimentaria a existencia longos annos!....................

........................................................................

A mendiga, ouvindo abrir-se a janella, ergueu-se, voltou a face

macilenta para cima, e cortejou D. Rosa.

--Quer alguma cousa, mulher?

--Queria-lhe dar duas palavras, minha senhora.

--Então diga d'ahi.

--Eu bem queria dizer-lh'as de perto.

Rosa voltou-se para dentro, e mandou abrir a porta. A mulher subiu, e

encontrou a senhora no topo da escada, perguntando-lhe o que queria.

--Venho pedir-lhe uma esmola.

--E para isso era necessario subir? Dissesse-o da rua, que eu

mandava-lh'a lá dar.

--Uma teima assim!...--atalhou a colerica criada--Eu já lhe tinha

deitado á rua dez reis, e ella não levantou do chão a esmola... O que

vossê merecia sei eu...

--Não se zangue tanto, menina... Bem me basta a minha pobreza. Lembre-se

que não está livre de chegar ao estado em que me vê... Outras mais

ricas, e com bem melhores principios que os seus, teem tido este fim...

--De mais a mais quer dar leis!--interrompeu a cosinheira, animada pelo

silencio approvador de sua ama--Sabe que mais, minha senhora? mande-a

pôr no ôlho da rua, que, emquanto a mim, essa mulher não vem para fazer

boa obra... Eu cá vou queimar arruda...

--Tome lá...--disse Rosa Guilhermina, offerecendo-lhe um pataco.

--Seja pelo divino amor de Deus...--disse a mendiga, beijando a esmola.

--Então não se vai embora?

--Ainda não, senhora D. Rosa Guilhermina... Tenho duas palavras a

dizer-lhe muito em particular...

--Que negocios poderei eu ter comsigo?!

--Negocios nenhuns; mas Deus não deu lingua á gente para fallar só em

negocios.

--Diga o que quer mesmo ahi.

--Aqui não, porque a sua criada está ouvindo o que nós dizemos.

--E que tem isso? Eu não tenho segredos de que me esconda á minha

criada.

--Mas vai tel-os agora, e bom é que ella não saiba o que vou

communicar-lhe.

--Fóra com a alcoviteira!--exclamou a criada lá do interior--\_Má mez\_

para ella!... Olha o estafermo que me apparece em jejum!...

--Esta sua criada, minha senhora, é bem pouco caritativa com os

desgraçados, e v. s.ª não é melhor que ella, pelo que vejo...

--Está bom!--atalhou irada D. Rosa--Eu não admitto reflexões! Saia, que

quero mandar fechar a porta.

--Pois devéras não me quer ouvir?

--Não, já lh'o disse.

--Pois ha de ouvir-me, digo-lh'o eu.

--Se cá tivesse o criado, mandava-a pôr no meio da rua.

--E a senhora para isso precisa d'um criado? Eu sou uma pobre velha sem

forças... qualquer sôpro me faz cahir, e a menina mesma póde empurrar-me

por esta escada abaixo...

--E esta? já se viu um descaramento assim? Vossê parece-me uma mulher

sem vergonha!...

--Pois tenho muita, e principalmente agora. Sabe Deus com quanta

vergonha eu vim pedir-lhe uma esmola.

--Mas, se eu lhe dei a esmola, porque se não retira?

--Não me retiro, porque os desgraçados não se satisfazem só com pão...

precisam d'outras consolações, que a menina póde dar-me.

--Pois que quer?

--Queria que me deixasse sentar um bocadinho nas suas cadeiras... Estou

muito fatigada, falta-me já a força n'estas velhas pernas, que tanto

andam, e tão pouco caminham... Tudo me falta... até a vista; nem já a

menina me parece o que era aqui ha um anno!... Deve ter feito uma grande

mudança a sua vida!... Vejo-a tão coadinha... A menina soffre do corpo,

ou da alma?

--Que lhe importa do que eu soffro? Não soffro d'uma nem d'outra

cousa...

--Pois louvado seja Nosso Senhor!... Felizes aquelles que assim o podem

dizer... Pois veja que differença... Eu soffro de tudo...

--E que culpa tenho eu disso?

--Nenhuma, nem eu a culpo, senhora D. Rosa Guilhermina...

--Faz favor de sahir, que quero recolher-me?

--Está o almoço na mesa--disse a criada.

--Se a menina consentisse que eu tomasse uma chavena de chá comsigo...

--Comigo?... essa é boa!

--Envergonha-se d'isso? Pois olhe que não descia de quem é, porque os

pobres foram sempre os amigos, com quem Jesus Christo repartiu o seu

pão, e os seus peixes.

--Parece-me esperta de mais para pobre...

--Pois é de obrigação que todos os pobres sejam brutos! Então dá uma

chavena de chá... a sua mãe?...

--A...

--A sua mãe!

--A minha mãe!... Quem é minha mãe?

--Falle baixo que a não ouça a sua criada!... Não lhe tinha eu dito que

era bem melhor ouvir-me em particular!... Espanta-se de mais, menina?

Pois não sabia que tinha mãe? Não soube ha um anno, que ella precisava

de recorrer á sua generosidade? Não calculou, que, mais hoje ou mais

ámanhã, a sua desamparada mãe devia cobrir esta mantilha esfarrapada

para vir receber dez reis da mão de sua criada?

--Eu não a reconheço como minha mãe... Eu já colhi informações de que

minha mãe não existia... Meu pae nunca me disse que eu tivesse mãe viva!

--Deus perdôe á alma de seu pae... Não lhe quero por isso amaldiçoar a

memoria... Pois, quer me acredite, quer não, esta desgraçada mulher, que

não conhece, esta velha, que ainda não tem quarenta e quatro annos, é

sua mãe.

--Não acredito, já lh'o disse... Prove-me que é minha mãe, e eu lhe

farei aquillo que já lhe quiz fazer, se vmc.e é uma tal Anna do Carmo,

que morou na rua Direita.

--Sou uma tal Anna do Carmo, que morou na rua Direita, e agora mora no

pateo dos conventos, esperando a tigella de caldo da caridade. Bem vê

que soffri muito antes que viesse importunal-a. Não disse a ninguem que

a menina era minha filha para a não envergonhar. Lembrei-me de que sendo

eu moça e rica do muito que seu pae me dava, não gostei de que minha

pobre mãe viesse um dia procurar-me para me pedir doze vintens para

comprar uma gallinha para minha pobre irmã, que morreu de miseria depois

d'um parto... Lembrou-me o quanto eu me vexei então, e quiz poupar minha

filha a similhantes vergonhas, que só sabe o que ellas são quem passa

por ellas. Agora, se aqui vim, é porque de todo em todo já não podia

levantar-me das palhas para ir de manhã procurar a bemdita esmola no

pateo de S. Bento e de Sancta Clara. Sinto-me quasi sem vida, tenho um

aneurisma no coração, e queria vêr se morria descansada para me

reconciliar com a misericordia divina... Se não fosse isto, minha filha,

eu não vinha de certo aqui, de mais a mais, tão rota, tão magra, indigna

de me chamar sua mãe...

Rosa Guilhermina tinha soffrido um abalo, e parece que as lagrimas iam

saltar-lhe involuntariamente dos olhos. Mas a criada, que viera

collocar-se, sem ser vista, na alcova proxima da sala, adivinhando a

commoção de sua ama, resolveu salval-a das arteirices da velha, e tomou

a palavra, saltando para o meio da sala, com a mão na cintura:

--Pois v. s.ª acredita o que lhe está dizendo essa onzeneira?

--Não... eu não acredito, mas tenho pena d'ella... Coitadinha... é a

necessidade que lhe ensina estas mentiras... Quer vmc.e uma chicara de

chá?

--Não, menina, eu já não quero a sua chicara de chá. Deus Nosso Senhor

dá-me forças para que eu possa viver sem a sua esmola. O que eu queria

era morrer, abraçando-a ao meu coração, e chamando-lhe \_filha\_...

--Será ella douda!--atalhou a criada.

--Não sou douda, não... Não receie que eu lhe quebre as suas jarras...

Estou no meu perfeito juizo... Estejam descansadas que não farei doudice

nenhuma. Se fosse ha um anno, poderia fazel-as... Hoje, já não... A

desgraça enfraquece a gente, e apura o entendimento... Conheço muito bem

minha filha...

--E ella a dar-lhe com o \_minha filha\_!...--interrompeu a criada.

--Ouça-me emquanto ella se ri, menina, que o que eu vou dizer-lhe ha de

fazel-a chorar. Conheço muito bem que não tenho direito nenhum a

pedir-lhe o amor, que se deve a uma mãe... Eu quasi que a não reconheci

minha filha. Dei-a ao mundo, e o mundo assim como a fez feliz podia

fazel-a muito mais desgraçada que eu sou... N'este mesmo momento, em que

venho aqui expiar as minhas culpas, confessando-lhe que fui tão

desnaturada mãe, olhe que lhe não tenho amor, nem me offendo com o seu

desprêso. Por força assim devia ser... Se não fosse assim, eu não

acreditava na justiça de Deus!... Se a minha filha me tivesse atirado

com um pontapé á rua, eu havia de levantar-me, se podésse, para lhe

dizer: «eu te perdôo, filha de Leonardo Taveira!» Veja que bom coração

eu poderia ter-lhe dado, se tivesse, quando a expulsei de meus braços,

um presentimento de que viria uma hora em que eu precisava das suas

consolações...

D. Rosa chorava, e a propria criada sentia-se amollecer no coração.

--Entre para esta sala--disse a filha do arcediago commovida.

--Não entro, minha filha, eu vou retirar-me; disse-lhe tudo, levo o

coração mais desabafado, e creio que a não offendi... Se a magoei,

diga-m'o, que lhe quero pedir perdão.

--Entre...--balbuciou Rosa, offerecendo-lhe a mão..

--Não... já lh'o disse... aqui tem os seus dous vintens, molhados de

lagrimas, que são a usura d'este emprestimo... Dentro d'essa sala não

posso entrar como mendiga: se eu podésse visital-a, como senhora, viria

muitas vezes aqui, e talvez lhe podésse fazer serviços que a poupassem a

muitas desgraças no futuro... Assim... adeus!...

--Não consinto que se retire; quero informar-me de quem a senhora é. Se

fôr minha mãe, hei de tratal-a como quem é...

--Por ser sua mãe, não sou ninguem, minha filha... A menina não me

honra, nem me deshonra. Não tenho senão remorsos de a ter dado ao mundo,

como posso eu ter vaidade de ser sua mãe!... Fique com Maria

Sanctissima, e diga á sua criada que não é do agrado de Deus insultar

assim as pessoas infelizes... Chame-a aqui, menina, que me quero

despedir d'ella...

A criada veio, instada por D. Rosa.

--Não se afflija, moça!--disse Anna do Carmo--Não tenha pesar de me ter

offendido, que eu perdôo-lhe de todo o meu coração... Tire d'aqui uma

experiencia para todas as pessoas necessitadas... O seu zêlo por sua ama

é demasiado... Receava que eu lhe pedisse algum vestidinho velho dos que

vmc.e espera que sejam seus? Não vim a isso... E para que se lembre do

que esta velha da mantilha rôta lhe disse, quero deixar-lhe uma

lembrança de mim... Pegue lá...

--O quê?--perguntou a criada, recuando a mão.

--É uma peça de quatro mil reis, com que vmc.e póde comprar umas

arrecadas... Acceite que lh'a dá a pobre mãe de sua ama!... Não quer?...

Ora pois, Deus lhe dê muito que dar...

A ama e a criada ficaram perplexas, encarando-se estupidamente, emquanto

Anna do Carmo sahia. Quando vieram á janella para vêl-a, ia já na

extremidade do bêcco, mas á porta de D. Rosa estavam dous homens, que

conversavam apontando para a mulher da mantilha rôta.

--Não a conheceste?--dizia um.

--Eu não, nem tenho pena--respondeu o outro com desprêso.

--Pois não conheces aquella mulher?

--Não... já t'o disse...

--Pois não conheceste a fidalga, que ha tres mezes comprou a quinta dos

Engenhos, na ponte de Ramalde!

--É aquella?

--É... dou-te a minha palavra d'honra que fui eu o tabellião que lavrei

a escriptura, e contei os doze mil cruzados.

--Mas então que historia é esta!... Ella vai assim rôta!

--Eu sei cá o que é! É o que tu vês...! Eu, logo que a avistei aqui

n'este sitio, conheci-a, e ella puxou para o nariz a côca da mantilha...

--Que celebreira!... eu ainda hontem a encontrei a passear n'um jumento,

com lacaio ao lado; e até me disseram que o fidalgo das Laranjeiras

queria casar com ella.

--Tu não sabes a historia d'esta mulher?

--Eu não... ouvi dizer que fôra casada com um livreiro, aqui no Porto, e

que depois ficára rica...

--É verdade... foi casada com um livreiro; mas o livreiro não deixou

fazer o ninho atraz da orelha, e foi-se embora para a França, onde

morreu. A tal senhora parece que lhe não foi fiel, e, na ausencia do

marido, menos o foi ainda. Viveu na companhia do celebre arcediago de

Barroso, que foi mandado sahir pelo bispo, e morreu na Hespanha. O padre

era muito rico, e por muito tempo ninguem soube que fim levou o grosso

cabedal que elle lá trazia comsigo. A final, ha de haver seis mezes,

morre lá uma freira, que, á hora da morte, declarou que o tal arcediago

lhe deixára em seu poder quarenta mil cruzados em ouro, para ella fazer

entregar a Anna do Carmo, moradora não sei aonde. A freirinha, só á hora

da morte se lembrou de cumprir o legado, e o caso é que não se lembrou

mal, porque a pobre amante do arcediago estava vivendo miseravelmente

ahi na rua Direita, e quando a procuraram para lhe dizer que se

habilitasse para receber a herança, a pobre mulher já se não levantava

da cama com fome. Ora aqui tens a historia da tal riqueza...

--Mas por ahi dizem que ella é fidalga...

--Isso é uma historia á parte. Apenas a mulher appareceu rica, soube que

era fidalga, porque a fizeram fidalga á força, uns taes que moram ahi

atraz da Sé, dizendo que ella era filha bastarda da casa. Começaram a

visital-a, a hospedal-a, a chamar-lhe prima, e tem querido leval-a para

a sua companhia... Ora, ahi tens a historia da mulher da mantilha...

Quem me déra saber o que ella andaria a fazer por aqui... Eu parece-me

que ella sahiu d'esta casa...

O tabellião olhou machinalmente para a janella, e viu esconderem-se duas

cabeças: eram D. Rosa e a sua criada, que se retiravam espantadas do que

tinham ouvido. E tinham razão. Eu, por mim, tenho-me espantado com

cousas muito mais pequenas. Mas o que devéras me espantou, foi

dizerem-me que Anna do Carmo, quinze dias depois, estava casada com o

ex.mo snr. \*\*\*, fidalgo, morador atraz da Sé, e fôra, \_ipso facto\_,

reconhecida prima de todas as familias illustres do norte desde os

Leites até aos Albuquerques, desde os Cogominhos até aos Malafaias!

CAPITULO XXIII

O senhor Antonio José da Silva deve ter movido a compaixão interessante

das damas, e talvez o desprêso dos briosos maridos, que, no logar

d'elle, tinham pelo menos degolado suas mulheres, e lavado a sua nodoa

em sangue.

Eu lhes digo: faziam uma solemne asneira, e arrependiam-se, depois, como

o senhor Antonio (que não era menos brioso que v. exc.as e s.as ) se

arrependeu de ter superficialmente condemnado sua mulher.

D. Maria Elisa convenceu o candido marido de que effectivamente tinha um

primo, filho d'uma irmã de sua mãe, que morrera pobre, e o deixára

abandonado. Que esse infeliz primo se tinha dirigido á sua compaixão,

pedindo-lhe alguns sobejos da sua fortuna para alimentar a penosa

existencia. Que ella, como esposa e dona de casa, responsavel pelos

cabedaes de seu marido, se negára, muito tempo, a dar-lhe os supplicados

recursos; mas, por fim, taes foram as instancias, que a seu pesar, não

pôde deixar de ceder aos impulsos do coração, que lhe mandavam soccorrer

o infeliz com as migalhas da sua mesa.

O senhor Antonio chorava de piedosa ternura, quando sua mulher, cada vez

mais eloquente e philantropa, continuou:

--Com o receio de que a vinda de meu primo a esta casa suscitasse

suspeitas malevolas, disse-lhe que me esperasse algumas vezes na

Ponte-da-Pedra, e eu, indo sósinha a passeio, lhe daria o que podésse

esconder aos olhos de meu marido, sem que elle desse pela falta, que de

certo era um crime...

--Pois não fizeste bem, Mariquinhas! É o que eu te digo, e perdôa... Se

me contas o caso, era eu o primeiro a dizer-te que podias dispôr á tua

vontade do que ha n'esta casa, porque o que é teu é meu, e o que é meu é

teu.

--Pois sim; mas eu não tenho ainda um cabal conhecimento do seu

caracter. Receei que me levasse a mal esta caridade com um meu infeliz

parente, e não ousei manifestar-lhe um desejo, a que o meu bom marido

annuiria mais por delicadeza, que por vontade do coração. Agora, que

tudo se declarou, não quero que o senhor Silva se mortifique por me ter

offendido com as suas imprudentes calumnias. Faça de conta que não houve

entre nós a mais ligeira desintelligencia. Estamos quites: o senhor

fez-me uma injustiça, reputando-me desleal; e eu fiz-lhe outra,

julgando-o sôffrego da sua fortuna, e incapaz de estender a mão

bemfeitora a meu desgraçado primo!...

--Ora, pois, não nos lembremos mais disso... Eu agora o que quero é

saber onde mora esse teu primo, porque sou eu o mesmo que propriamente

lhe quero ir levar os recursos necessarios para a sua subsistencia...

Onde mora elle?

--Onde mora elle?... (Maria Elisa não esperava esta! O improviso não era

o seu forte, e viu-se na mais embaraçosa atrapalhação). Eu, se quer que

lhe diga a verdade, não sei bem onde elle mora... mas deixe passar

alguns dias, e talvez que elle aqui mande algum recado...

--Pois então logo que elle appareça, farás favor de lhe dizer que eu

quero fallar com elle... Mas tu não conheces ninguem (tornou o

suspeitoso marido depois de reflectir um momento) que saiba onde elle

mora?

--Não, senhor.

--Não?... Eu não sei o que me parece isto, a fallar-te a verdade!...

Aqui anda dente de coelho!... Pois ninguem, ninguem?

--Talvez me lembre d'uma mulher que aqui veio trazer-me uma carta

d'elle, e me disse onde elle morava... Deixe-me recordar, e depois lhe

direi...

--Pois olha lá se te lembras... Eu sempre quero vêr os focinhos ao teu

primo... Acho que a cousa assim não vai bem...

--Que é o que não vai bem?!

--Eu cá me entendo...

--Isso que quer dizer? Explique-se, senhor Silva... Nada de mais

palavras... Não está ainda satisfeito com a explicação?...

--Podia estar mais, se queres que te diga cá o que tenho no meu

interior...

--Pois não sei que lhe faça. Creia, se quizer, e, se não quizer não

creia. Vai-me fazendo subir a mostarda ao nariz!... Eu não lhe dou

direito a duvidar da minha palavra. Se cuida que lida com sua irmã,

engana-se. Tenho uma face para o amor, e outra para o odio. Sei amar, e

sei aborrecer... Entende-me, senhor?

--Mas a que vem todo esse farelorio? Que te disse eu para tanta

arrenegação?

--Parece que duvida da explicação que lhe dei do meu comportamento?!

Esse direito só o dou á minha consciencia!

--Tem a menina muita razão; mas, eu, sim, acho que... parecia-me que não

sou mau homem, nem mau marido, se tenho cá minhas comichões de conhecer

seu primo!...

--Se tem comichões, coce-se... é o que eu tenho a dizer-lhe... E de

resto, se quer esperar que meu primo appareça, espere; e se não,

procure-o até encontral-o.

D. Maria Elisa retirou-se enfronhada, e foi feliz n'esta lembrança,

porque o senhor Antonio precisava de similhante reacção para entrar nos

justos limites d'um marido exemplar, como todos os maridos que não tem

pública-fórma.

Que é pública-fórma d'um marido? Eu sei cá... Lembrou-me isto; se me

lembra, em logar de pública-fórma, dizer uma sandice mais compacta,

creiam que não era homem de a deixar no tinteiro, porque, se ha

inviolabilidade n'este mundo, é para todas as sandices que se escrevem.

D'este peccado tenho eu a dar sérias contas a Deus; mas quem de certo

não deu nenhumas, quando d'este mundo se partiu, foi aquella alma gentil

do senhor Antonio, que nunca publicou asneira nenhuma, honra lhe seja

feita! Se vivesse hoje tinha pelo menos escripto para os jornaes uma

carta, renunciando a sua candidatura, ou qualquer outra trapalhice da

barbara linguagem do systema representativo.

N'aquelles felizes tempos, as asneiras desciam á sepultura com o

individuo; e d'essa grande sementeira creio eu que nasceram as muitas

que hoje amadurecem no jornalismo, e entre as quaes peço ao publico

imparcial que classifique a minha da «pública-fórma do marido» pelo que

me declaro já summamente penhorado, como todos aquelles que se retiram

d'um baile ás cinco horas da manhã.

Por não esgotar as frioleiras de que disponho, saberão, estimaveis

leitoras (se me dão a honra de me dirigir a v. ex.as, como quem quer

divertil-as da seriedade austera das suas cogitações) que D. Maria Elisa

entrou no seu quarto, e escreveu uma longa carta ao senhor Fernandes,

contando-lhe miudamente os infaustos successos.

Na manhã do seguinte dia, a anciosa esposa recebeu a seguinte resposta:

«\_Não te afflijas. Hoje de tarde ahi vai teu primo. Falla pouco, e

deixa-o fallar a elle.\_»

CAPITULO XXIV

O senhor Antonio estava sériamente amuado. Atormentava-o a dúvida, e as

suspeitas terriveis principiavam a obra maldita do arrependimento.

Comparando a sua pacifica vida de solteiro com as consequencias da vida

matrimonial, arrependia-se o brioso mercador de pannos, e considerava-se

o bode expiatorio do seu orgulho insultante com o proximo do chinó, em

circumstancias analogas.

Era isto que affligia o coração do marido de Maria Elisa, emquanto ella,

amuada tambem, se fechára no seu quarto, imaginando a comica solução que

o senhor Fernandes daria ao problematico parentesco da Ponte-da-Pedra.

Assim se entretinham aquellas duas creaturas, quando foi dito ao senhor

Antonio que estava alli um sugeito, que queria fallar-lhe, sendo

possivel.

--Que diga quem é.

O criado voltou, dizendo que era um primo da senhora D. Maria Elisa.

--Devéras?!--disse o senhor Antonio, com sobresalto, expandindo as

bochechas em ar de contentamento.

--Sim, senhor, diz que é primo da senhora.

--E quer fallar comigo?

--É o que elle disse.

--E não fallou ainda com a senhora?

--Nada; nem por ella perguntou.

--Pois que suba para a sala.

Em seguida, foi introduzido na presença do senhor Antonio um sugeito de

trinta annos, pouco mais ou menos, com uma cara trivial, um trajo usado,

e maneiras delicadas.

--Tenho a honra de cumprimental-o, senhor Silva.

--E eu a mesma. Com que então o senhor é primo de minha mulher?

--Sim, senhor: filho d'uma irmã de sua mãe.

--Estimo muito conhecel-o.

--Eu devo, sem mais delongas, dizer a v. s.ª o fim que me traz a sua

casa.

--Ora diga lá sem ceremonia, os homens são uns para os outros, e eu

estou prompto a mostrar-lhe que não sou daquelles que... emfim... diga

lá o que quer...

--Quero ser eu o proprio accusador da mão bemfeitora, que tem derramado

sobre mim alguns beneficios. É preciso que v. s.ª saiba que eu sou

pobre, e não tenho podido até hoje agenciar pelo trabalho a minha

independencia. No commercio não me acceitam, porque me acham adiantado

em idade. Emprego não me dão nenhum, porque não tenho protecções. Para

militar não sirvo, porque sou muito doente do peito, e além d'isso muito

curto de vista. Para frade tambem não sirvo, porque não tenho

patrimonio, e de mais a mais não sei latim para poder entrar nas ordens

mendicantes. Sou, pois, vadio por necessidade; não tenho de quem me

valha, a não ser d'esta minha prima, que, pelo facto de casar-se com v.

s.ª, é a unica pessoa do meu parentesco, a quem se póde pedir uma

esmola! Nas minhas tristissimas circumstancias, dirigi-me a ella, e

achei-a fria, dura de coração, e insensivel ás minhas súpplicas. Instei,

segunda e terceira vez, obrigado pela indigencia, e consegui que ella me

mandasse esperal-a, algumas vezes, na Ponte-da-Pedra, onde me daria o

pouco que podésse economisar do que seu marido lhe dava para alfinetes.

Disse-lhe eu que não duvidava fallar pessoalmente a v. s.ª, e ella

tirou-me d'isso, dizendo que não queria ser pesada a seu marido com os

seus parentes pobres. Hontem foi um dos dias em que ella me deu uma

pequena esmola, e me prometteu algum dia empenhar-se com v. s.ª para que

se me désse um logar na alfandega, ou em qualquer repartição da justiça,

em que eu podésse ganhar com honra um bocado de pão. Quando fallavamos

n'isto, ouvimos uma voz, minha prima empallideceu, dizendo-me que

fugisse, porque ouvira fallar seu marido. Eu atrapalhei-me com os sustos

de minha prima, e nem tempo tive de reflectir nas consequencias da minha

fuga. Fugi pelo quintal, e vim de volta para a estrebaria escutar o que

se passava. Quando v. s.ª sahiu com ella, reparei que vinham amuados, e

entendi que eu fôra a causa d'essa desgraçada desintelligencia entre

dous esposos que tanto se amam, segundo ella me tem dito...

--Ella disse-lhe isso?

--Sim, senhor. Quando os vi enfronhados estive por um triz a sahir da

estrebaria, e dizer quem era, porque v. s.ª não seria tão barbaro, que

maltractasse sua mulher, porque tem um primo que necessita das suas

migalhas. O receio fez-me recuar no meu plano, e vim para casa meditar

na minha triste sorte. Resolvi ter animo, e venho eu proprio accusar-me

de ter sido o perseguidor de minha prima. O que ella me tem dado é tão

pouco, senhor Silva, que eu talvez, vendendo este velho casaco e estas

calças, possa embolsal-o. Quero ficar em mangas de camisa, mas não quero

que minha prima soffra por minha causa.

--Com que então o senhor metteu-se-lhe lá na cabeça que eu cá sou homem

capaz de tractar mal minha mulher, porque lhe deu alguma cousa? Ora

adeus!... mudemos de conversa! O senhor como se chama?

--Pedro José Sarmento de Athaide.

--Já que fallou em Sarmento d'Athaide, faz favor de me dizer d'onde é

que herdaram esses appellidos?

--Eu lhe digo... Meu quarto visavô João de Lencastre e Sarmento casou

com minha quarta visavó D. Urraca de Athaide, da casa de Valladares no

Alto-Minho. Tiveram quatro filhos. O morgado casou em Pena-Ventosa com a

herdeira da muito antiga familia dos Pesicatos...

--Dos...?

--Pesicatos e Bemóes.

--Nunca ouvi fallar d'essa linhagem.

--Não admira, porque ficou toda essa familia sepultada em Lisboa, nas

ruinas do terremoto de 1755. Foi uma grande desgraça para a posteridade

do outro ramo d'este tronco illustre. O filho segundo de meu quarto

visavô fez um mau casamento com uma mulher da plebe, e os dous seus

irmãos foram frades; um morreu dom abbade em Tibães, e outro foi bispo

de Constantinopla, e chamava-se fr. Zagallo Sarmento e Athaide.

--Nunca ouvi fallar d'esse senhor bispo de... Castanhóplas!...

--Pois, senhor, eu posso mostrar-lhe que elle era irmão legitimo do meu

terceiro visavô, com documentos que param na Torre do Tombo.

--Não é preciso; eu vejo que v. s.ª falla verdade... Mas como é que o pae

de minha mulher era negociante, e não era dos de primeira ordem?

--Isso explica-se pelos casamentos desiguaes. O vinculo passou para os

parentes que temos em Macau, e já meu avô foi negociante, e teve de

riscar de seu nome os appellidos de nossos avós, porque não podia

sustental-os. Ora aqui está a triste historia dos meus ascendentes, que

mal diriam elles que seu neto Pedro José de Sarmento e Athaide

precisaria de estender a mão á caridade de estranhos!...

--Pois, senhor Pedro, não ha mal que sempre dure. O senhor fez muito mal

em não vir ter comigo logo que soube que era seu parente por infinidade.

Havia de topar um homem como se quer para o seu amigo. Não fez bem...

mas emfim tudo se remedeia... eu vou chamar sua prima, e ella dirá o que

se ha de fazer...

--Perdão... eu acho que não será bom que ella saiba que eu vim aqui,

porque me não levará a bem a liberdade que eu tomei de me dirigir a v.

s.ª, abrindo-lhe francamente o meu coração...

--Qual?... Ora o senhor então não sabe como ella é!... Verá que ha de

estimar que se declarassem d'este modo cá certas suspeitas...

--Suspeitas!... quaes?...

--Eu cá me entendo...

--Mas eu é que não entendo... A minha honra está compromettida n'essas

suspeitas... Sou pobre, mas tenho pundonor; exijo que v. s.ª, em nome da

honra, me declare quaes foram as suspeitas...

--Eu lhe digo, senhor Pedro... Eu não sabia que minha mulher tinha

primos, e, quando me disseram na estalagem que ella estava com um primo,

metteu-se-me cá uma asneira na cabeça...

--Qual asneira?

--Pensei que o tal primo era algum rufião...

--Rufião!... Eu não entendo essa linguagem!

--Quero dizer que pensei que andava por ahi algum farropilhas a

arrastar-lhe a aza!

--Então o senhor não sabe que minha prima pertence á veneranda linhagem

dos Sarmentos e Athaides, e não consta que, na genealogia dos Pesicatos

e Bemóes, se désse uma infidelidade porca e villã!... V. s.ª offendeu as

cinzas de meus avós! Em nome de meu quarto visavô, João de Lencastre e

Sarmento, e de fr. Zagallo, bispo de Constantinopla, exijo que me dê uma

satisfação!...

--Não se arrenegue assim, senhor Pedro... Um marido póde enganar-se

muitas vezes com sua mulher!

--Mas eu, neto de heroes, é que não admitto enganos taes! As suspeitas

são affrontas! V. s.ª affrontou-me na pessoa de minha prima! Insto pela

satisfação! Na França entre cavalheiros é costume disputar-se a honra á

ponta de espada. V. s.ª ha de bater-se comigo!

--Eu!... essa é que é daquella casta!... Pois eu, sem mais nem menos, hei

de agora jogar a tapona com o senhor, porque se me afigurou que minha

mulher não era tão boa como se dizia! Ora, senhor primo, deixe-se

d'isso... Eu não sei cá d'esses costumes dos francezes... Que os leve o

diabo e mais quando elles cá vieram...

--Não me importam os francezes! Importa-me a honra de meus avós,

insultada em minha prima D. Maria Elisa de Sarmento e Athaide. Senhor

Antonio! Dentro em vinte e quatro horas um de nós estará na eternidade!

--O senhor, por mais que me digam, está a mangar comigo, ou não regula

bem da cabeça!

--Com a honra não se manga, senhor negociante de pannos! Se a sua arma é

o covado, a minha é a espada, que herdei de meu vigesimo-quarto avó D.

Alarico Themudo Pesicato! É forçoso que se bata, ou então que declare á

face do céo e da terra que é um covarde. Dentro de vinte e quatro horas

virei procurar a resposta. Se não quizer bater-se, hei de sacrifical-o

aos manes de meus illustres avoengos, que do Olympo excitam a minha

coragem! Não tenho mais a dizer-lhe, senhor!

--Venha cá... isto não é modo de tractar o homem de sua prima!... Se

quer dinheiro, diga-o, e não esteja ahi a arrotar postas de pescada.

--Com que então chama o senhor a isto arrotar postas de pescada!...

Muito bem! Hei de provar-lhe que as postas do seu corpo tambem se

arrotam!... Passadas vinte e quatro horas, repito, um de nós será

cadaver!

O neto dos Pesicatos sahiu. O senhor Antonio, atordoado com a seriedade

do negocio, entrou no quarto de sua mulher.

--Que diabo de homem é este teu primo, ó Mariquinhas?

--Meu primo!... pois elle esteve cá?!

--Sahiu agora mesmo... O homem parece-me doudo!...

--Pois que fez elle?

--O que fez?... Quer que eu jogue a bordoada com elle!

--Porquê?

--Isso agora é que eu não sei!... Levou-se dos diabos por eu lhe dizer

que tive cá minhas desconfianças a teu respeito... e, ás duas por tres,

põe-se a berregar como um barqueiro, e a dizer que antes de vinte e

quatro horas um de nós havia de morrer!... Que te parece isto?

--Parece-me um sonho!... Porque me não chamou?

--Porque elle não me deu tempo... Começou a desembuchar umas trapalhadas

d'avós, e do bispo, e dos Pesi... Pesi... como se chamavam esses homens

da tua linhagem?

--Quaes homens?

--Uns fidalgos que morreram no terremoto de Lisboa?

--Eu sei cá que homens eram esses!...

--Eram os... os... Pesigatos... De que te ris? O caso não é para isso...

O tal teu primo, se é doudo, o melhor é amarrarem-n'o, e mandem-n'o para

o hospital de S. José...

--Que figura tinha elle?

--Pois tu não sabes que figura tem teu primo?

--Sei... mas... lembro-me se não seria elle...

--Elle não se chama Pedro?

--Sim... elle... chama-se... Pedro.

--Pois então ahi está... É elle mesmo... deu-me todos os signaes certos

da Ponte-da-Pedra.

--E que lhe disse?

--O homem fallou bem, a respeito de não ter meios, e fez-me cá no

coração uma certa aquella; mas, depois, parecia-me um maluco chapado, lá

com as suas valentias. É preciso saber como isto ha de ser; eu não quero

historias com elle. Manda-lhe dizer que se deixe de asneiras, se quer

ter que comer e vestir em minha casa, ouviste, Maricas?

--Pois sim; mas eu ignoro a sua residencia. Quando elle cá tornar,

chame-me, e eu verei como se remedeiam as loucuras do meu primo.

O senhor Antonio, um pouco mais socegado, relatou, pouco mais ou menos,

a sua mulher o dialogo que tivera com o descendente do bispo de

Constantinopla. Maria Elisa ouvira-o, afflicta com vontade de rir-se, e,

ao mesmo tempo, vexada de ter um marido, que se prestava assim ao

ridiculo. Era bem natural esta mortificação do amor proprio.

A conversação foi interrompida pela chegada de dous senhores, que

precisavam immediatamente fallar com o senhor Silva.

--Temos alguma!...--murmurou o negociante, e entrou na sala onde o

esperavam dous officiaes de cavallaria, de grandes bigodes, e caras de

arremetter.

--Quem são v. s.as?--perguntou o assustado dono da casa, apenas os

encarou.

--Somos embaixadores de Pedro José de Sarmento e Athaide!--respondeu um

d'elles, arqueando os braços, e levantando a caneca com orgulhoso

entono.

--Embaixadores!... e que me querem os senhores embaixadores?

--Advertil-o de que é desafiado pelo nosso amigo...

--Ora, deixem-se d'isso!...--interrompeu o senhor Antonio, fingindo que

recebia a intimação com gracejo--V. s.as estão a brincar... Queiram

mandar-se sentar.

--A nossa missão cumpre-se de pé... e v. s.ª ha de responder-nos tambem

de pé! Queira tirar o seu barrete, por que nós tambem estamos

descobertos. As formaes solemnidades d'este acto não permittem

distincções de cavalheiro para cavalheiro. Repito, senhor! Queira

descobrir-se!

--Eu estou em minha casa, posso estar como quizer.

--N'este momento a sua posição é outra. O homem desafiado não se

considera em sua casa, emquanto a sua honra não está illibada, porque o

homem deshonrado não tem casa, nem propriedade, nem direito!

Descubra-se!

O senhor Antonio tirou o barrete, e emmudeceu na presença de similhante

insolencia.

--Muito bem... Responda agora: quer bater-se em leal duello com o senhor

Pedro José de Sarmento e Athaide Pesicato?

--Não quero lá saber d'essas cousas, já lh'o disse a elle, e não me

façam azedar o estomago, senão eu mando chamar o meirinho geral, e os

senhores são catrafiados e mais elle na Relação.

--O senhor insulta-nos! Se não tivessemos piedade da sua barriga... essa

lingua seria cortada pelo gume d'esta espada!...

--Os senhores vem insultar-me a minha casa! Já no meio da rua, quando

não chamo os visinhos.

--Cale-se, monstro! quando não...

Os esturdios desembainhavam as espadas quando Maria Elisa entrou na

sala, e parou diante de seu marido, que recuava espavorido.

--Isto que quer dizer?--perguntou ella--Não respondem?... Que infamia é

esta de entrarem n'uma casa estranha insultando o dono d'ella?

Os embaixadores do imaginario primo arrefeceram nas suas comicas furias,

e não ousaram responder.

--Retirem-se d'esta casa!--disse Maria Elisa apontando-lhes a porta da

sahida.

--Minha senhora...--balbuciou um d'elles--nós somos enviados por...

--Seja por quem fôr. Vão dizer a quem os enviou, que Maria Elisa lhe

manda dizer que o seu procedimento é muito infame, e que eu muito sinto

não ser homem para poder dar a v. s.as uma resposta cabal!

Retirem-se!...

Os officiaes sahiram vexados, e o senhor Antonio estava espantado da

coragem de sua mulher.

CAPITULO XXV

O senhor Fernandes quando respondeu, em duas linhas, á carta que Maria

Elisa lhe enviara, contando-lhe os successos occorridos desde a fatal

surpreza da Ponte-da-Pedra, procurou um seu amigo, cadete de cavallaria,

e convidou-o a representar de primo para poder salvar a sua amante do

risco.

O cadete, mancebo de maus costumes, e votado engenhosamente a toda a

casta de maroteira, acceitou o papel e estudou-o com muita habilidade.

Era necessario que D. Maria Elisa o não visse para obviar aos embaraços

muito naturaes em tal surpreza. Fernandes inventára o desafio, e o

cadete inventára de improviso a historia genealogica dos Pesicatos e

Bemóes, que encaminhou ás mil maravilhas a historia do duello.

O comico, retirando contentissimo do bom exito da sua travessura, antes

de procurar Fernandes, fez obra por sua conta, divulgou a brincadeira

aos seus camaradas, que eram o tenente e alferes da companhia, e achou

n'elles dous optimos bargantes para continuarem a caricatura.

Quando a ultima scena se passava no Serio, o senhor Fernandes, na rua

das Flores, estava desesperado, porque previra que Maria Elisa levaria a

mal este excesso de escarneo a seu marido. Elle bem sabia que nenhuma

mulher consente que a desgraçada condição do marido ultrajado seja um

brinquedo para o ludibrio do homem, que fatalmente a levou a uma

fraqueza de coração.

Era tarde para remediar a imprudencia. Esperou, inventando pretextos que

o reconciliassem com Maria Elisa, no caso possivel de ter ella sido

testemunha da zombaria feita a seu marido.

Não se enganára. O cadete fora o portador da resposta enviada pelos

officiaes. Fernandes, reprovando o procedimento do seu amigo, que dava

grandes gargalhadas, e promettia contar o caso a toda a gente, escreveu

a Maria Elisa historiando o acontecimento. Era impossivel salvar-se!

Embora não tivesse elle sido o inventor do escandalo, quem expozera

Antonio José da Silva fôra de certo elle, e Maria Elisa leu a carta,

rasgou-a, e devolveu-lh'a.

Seguiram-se novas remessas de cartas, que ella nunca abriu. Deixou de

sahir de casa, para não ser encontrada. Soffreu quanto póde soffrer o

amor proprio. Não sentiu, por isso, mais interesse por seu marido;

todavia córava, muitas vezes, diante d'elle, lembrando-se que o fizera

descer tanto. Comprehendam-na, se podem! A sua consciencia estivera

tranquilla até ao momento em que foi surprendida na Ponte da Pedra! O

que lhe pesava não era a infidelidade; era o ultraje, que lhe fizeram a

ella, escarnecendo um traste de sua casa, uma cousa que a sociedade

chamava o «seu marido»!

Eu, se fosse mulher, seria isto, pouco mais ou menos, e levaria o meu

nobre resentimento ao extremo de abominar o vaidoso amante que

estabelecesse termos de comparação com meu marido.

A situação de Maria Elisa era muito especial. O senhor Antonio estava

assustado, e dava como certa a sua morte, logo que os officiaes de

cavallaria o encontrassem a geito. Ao anoitecer mandou trancar as

portas, e armar os criados, emquanto, confiado na coragem de sua mulher,

consultava os meios, que devia empregar, para judicialmente defender da

sua arriscada corpulencia os golpes de espada d'aquelle par de Damocles

que o neto de D. Alarico Themudo Pesicato lhe enviava a casa.

Maria Elisa queria serenar os sustos de seu marido; mas de que modo? Se

lhe dizia que tudo aquillo fôra uma phantasmagoria, ficava a sua honra

muito duvidosa para seu marido. Se deixava medrar o terror do infeliz, o

pobre homem succumbiria de medo, se visse em sonhos o lampejo da espada

nas proximidades da barriga provocante.

Os palliativos não valiam nada para a cura. O senhor Antonio, no auge do

medo, chegou a censurar sua mulher por ter usado palavras fortes de

mais, quando deu ordem de despejo aos militares.

Maria Elisa quando viu, ao cabo de tres dias, que seu marido tinha febre

e tremia ao menor ruido que se fazia nas escadas, sentiu escrupulos, e

accusou-se de ter concorrido para os soffrimentos do pobre homem.

Fernandes teimava em escrever-lhe, e não conseguia que as suas cartas

fossem, ao menos, abertas. O seu tormento inspirou-lhe um recurso

extremo. Pediu ao cadete que se apresentasse humildemente em casa do

negociante, pedindo-lhe perdão das asperezas do seu caracter, e

affiançando-lhe que nada viria perturbar-lhe a sua tranquillidade.

Maria Elisa estimaria este acontecimento; mas não queria lembral-o ao

seu indigno amante, porque jurára acabar taes relações.

O cadete foi representar, de boa vontade, a segunda parte da farça. O

senhor Antonio não quiz ouvil-o, sem que sua mulher estivesse escondida

no quarto proximo, para intervir, sendo necessario.

--Eu venho--disse o cadete--desarmar a sua justa indignação, senhor

Silva. Foi de mais o meu brio. Minha prima é sua mulher, e v. s.ª não

tem obrigação de responder-me pelo mau conceito que fez d'ella.

Desafiei-o: fui imprudente; mas espero merecer-lhe um generoso perdão,

visto que as minhas demasias são filhas do nobre sangue que me gira nas

veias. Retiro-me na certeza de que v. s.ª, de hora em diante, não se

lembrará mais do passado, e terá por mim a estima que se deve a qualquer

individuo, que zela a honra de nossas mulheres, tanto como nós.

O senhor Antonio ouviu-o primeiro com sobresalto, e depois com

satisfação. Tinham-lhe alliviado do coração o pêso de quatro quintaes. O

sangue girava-lhe de novo em toda a extensão do systema circulatorio; e

os frouxos, que lhe accommetteram as pernas, desappareciam, á maneira

que o primo de sua mulher lhe garantia a inviolabilidade do seu abdomen.

O senhor Antonio tinha um excellente fundo. Não era valente, mas odiento

tambem não. Deu um abraço no estroina, que recuou dous passos para o

receber com todas as formalidades d'um habil comico, e pareceu-lhe até

que o primo de sua mulher (valha a verdade) lhe déra um beijo na

bochecha direita. Não affianço isto; mas o que posso, debaixo da palavra

de honra dos meus amigos, affiançar, é que um beijo na face do senhor

Antonio, se se deu, revela um gosto estragado, um paladar torpe, e

alguma cousa de indecencia atroz na pessoa do cadete.

A verdade é que o tranquillo marido recobrou a felicidade inquietada, e

restituiu a sua mulher a plena confiança retirada por uma fatal

intermittente de ciume. Desfazia-se em satisfações, acarinhava-a a seu

modo o melhor que podia e sabia, comprou-lhe duas pulseiras de grande

custo, e uma fivela de cintura, cravejada de diamantes. Maria Elisa

acceitava os carinhos, a fivela, e as pulseiras com a mesma

indifferença.

Não era, porém, filho do estudo este desdem. A chistosa amiga de Rosa

Guilhermina vivia triste, porque vivia só. Desde que se entregára

apparentemente ao extremoso negociante, as suas horas unicas de

passageira felicidade eram as da Ponte-da-Pedra. Fernandes era um homem

de não sei que perverso talento que seduz, capacita; e chega a victimar

as proprias mulheres que teem a consciencia de que são victimas. Talento

e corrupção eram já n'aquelle tempo uma espada de dous gumes com que se

cortam os nós gordios do coração de certas mulheres. E Maria Elisa era

uma d'essas certas.

O que ella teve de mais, entre as da sua escóla, foi uma caprichosa

dignidade, que a fez esquecer num momento o amor d'um anno. Recordava-se

de Fernandes com pesar, e odio; saudade, nunca. Quando se deixara cahir

nas astuciosas ciladas, que elle lhe preparara, com o animo frio da

experiencia das Marcellinas (que pelos modos eram muitas n'esse tempo,

apesar dos frades, e da suspirada virtude de outras eras) tirára ella,

como condição, um eterno silencio a respeito de seu marido. Parece que o

galhofeiro amante epigrammou, uma vez, o abdomen do senhor Antonio, e

teve, em vez de sorriso approvador, um gesto de desprêso, que elle

reconciliou lá como pôde. O caso é que nunca mais cahiu na leviandade de

ferir a susceptibilidade de Elisa, lembrando-lhe a monstruosidade moral

e physica de seu marido.

Foi pessima lembrança aquella de enviar o cadete a representar de primo!

Maria Elisa quereria antes ser julgada, qual era, por seu marido, porque

a deshonra seria um segredo domestico, e a hilaridade publica não viria

aggravar a vergonha de ambos. Mas o remedio comico e inesperado, que o

inconsiderado Fernandes deu ao mal, era exacerbar a ferida, expondo-se

ao ar da publicidade, e ao fel do ridiculo, prompto sempre a flagellar

os maridos da escóla do senhor Antonio, que não são muitos, mas

satisfazem as necessidades de alguns celibatarios que vieram ao mundo

para chronistas dos infortunios alheios. Eu, que sou um dos que se

honram d'essa missão, não posso deixar de confessar publicamente a minha

admiração por esta senhora, digna (a todos os respeitos não direi, mas a

alguns, de certo) d'outro marido, ou d'outro amante. Qualquer que tenha

sido o seu peccado, a gente de bom coração tem pena d'ella, vendo-a,

depois dos tristes acontecimentos que historiei com sincero dó, sósinha,

entregue á escuridão da sua vida sem amor, sem luz, sem ar, alli sempre

na presença do senhor Antonio, carinhoso até á desesperação, terno até

ao aborrecimento, desvelado em extremos de meiguice tôla até dar vontade

de o mandar comer e dormir.

Isso foi que elle nunca deixou de fazer. O estomago era uma cousa á

parte na sua organisação. Eram dous Antonios n'um. O Antonio do ciume

morreria de paixão: mas o António do estomago só uma indigestão poderia

matal-o.

Sempre ao lado de sua mulher, inerte, sedentario, bufando, arquejando,

impando, o nosso amigo sentia-se cada vez mais pesado. A medicina

mandava-o passear a pé, e elle sem Maria Elisa, não dava um passo. Já

não eram suspeitas. Era a tenacidade do amor, a reloucura da velhice que

o prendia áquella mulher, como se prende a creança timida ao seio de sua

mãe.

Correram assim tres mezes. Maria Elisa, cada vez mais triste, cahiu

n'uma especie de doloroso somnambulismo. As janellas do seu quarto não

se abriam nunca. Passava as longas horas do dia e da noite, lendo sem

reflexão, e escrevendo cousas que o seu marido não entendia, mas gostava

d'ouvil-as. Eram «melancolias surdas» como ella intitulara os trinta

cadernos de papel em que as escrevera. Disseram-me que essas paginas

perdidas continham cousas bonitas, pensamentos que não pareciam de

mulher, energia de phrase, conhecimento do coração, e toque real d'uma

verdadeira dôr. O que não viram n'ellas as pessoas, que me informaram,

foi o nome de Fernandes. Parece que a imagem d'este homem fôra para

sempre banida das saudades de Maria Elisa.

Constrangida pela soledade, a antiga orphã de S. Lazaro lembrou-se com

amor da sua amiga de infancia. Queria revocal-a ao seu coração, d'onde

nunca sahira, mas seu marido odiava Rosa, fazia-se côr de carmim quando

lhe fallavam n'ella, e repetira muitas vezes que, emquanto elle fosse

vivo, a filha do arcediago não entraria em sua casa.

Maria Elisa não replicava a este odio inveterado. Tinha compaixão do

pobre homem que, desde certo tempo, vaticinava a morte. Já não comia com

o mesmo appetite. Já não accumulava com prazer as sopas na tigella do

caldo de gallinha. Sentia precisão de sentar-se, apenas se erguia, e

acordava muitas vezes de noite com os pés frios e a cabeça em braza.

A senhora Angelica, sempre a mesma devota, depois das desordens, por

causa do neto dos Pesicatos, metteu-se no seu quarto, em oração

permanente, e apenas sahia tres vezes em cada doze horas para comer,

visto que era necessario dividir a sua extatica existencia entre o

oratorio e a cosinha. Quiz, algumas vezes, intrometter-se na vida de seu

irmão, censurando a frieza de sua cunhada; mas não obstante a seriedade

do assumpto, a senhora Angelica, se fallava só dizia asneiras, o que não

succede sómente á senhora Angelica.

Consta que ella fôra uma vez ainda consultar a senhora Escolastica, a

Massarellos; mas esta mulher tinha morrido de fome, não obstante

predizer o futuro, que, parece, á primeira vista, um bom modo de vida,

depois de jornalista, que são as Escolasticas de calças e paletó do

nosso tempo.

Eu vou dizer-vos cousas pungentissimas. É com pena, realmente vos digo,

que me vejo obrigado a deixar morrer uma das creaturas mais notaveis

d'este romance. Accuso a medicina d'aquelles tempos por não ter salvado

d'um ataque apopletico o senhor Antonio José da Silva. Se fosse hoje,

este homem não teria morrido, sem que ao menos o esfolassem com quatro

duzias de ventosas, e cento e tantos causticos. Tel-o-iam salvado com

alguma d'essas medicinas, que disputam entre si a vida dos cidadãos, ao

passo que as camaras municipaes mandam alargar os cemiterios. Felizes os

que morrem hoje, que, se morrem, é porque não podiam viver mais.

O senhor Antonio deitou-se uma tarde, queixando-se de dôres de cabeça.

Metteu os pés n'um banho de mostarda; mandou pedir a sua mulher que

viesse fazer-lhe companhia, e recebeu-a morto, quando ella entrou. O

facultativo chamado sangrou-o. A veia verteu algumas gotas de sangue

negro, e fechou-se, porque as valvulas do coração estavam fechadas para

sempre.

Maria Elisa tomou a mão do cadaver, e beijou-a sem lagrimas. A senhora

Angelica veio ao quarto de seu irmão, e chorou muito, grunhiu

desentoadamente, e atordoou a visinhança com gritos. Feita esta berraria

de duas horas, comeu alguma cousa sem appetite; mas podia dizer que

tinha fome que ninguem duvidaria da sua palavra. Ao mesmo tempo, Maria

Elisa, que não gritára, nem chorára, fugindo do quarto de seu marido,

fechára-se no seu, escondera a face nas mãos, e murmurou: «Perdi um pae!

Sou orphã outra vez!»

CAPITULO XXVI

A viuva do honrado negociante, que passou da terra sem um necrologio,

escreveu a Rosa Guilhermina uma carta que era um grito supplicante á sua

amiga d'outro tempo. Pedia-lhe que viesse, porque a chamava de ao pé

d'um cadaver. Só, sem amigos, e rodeada de riquezas inuteis, appellava

para a unica pessoa capaz de avaliar a sua orphandade.

Rosa Guilhermina entrou com o portador da carta. Abraçaram-se, chorando.

Fecharam-se, para se furtarem ás formalidades estupidas das visitas

funebres, que nos vem dizer: «sinto muito» e nos obrigam a responder:

«muito obrigado.» Dous dias e duas noites quasi não tiveram um

intervallo de silencio. Soffriam ambas, soffriam muito, e já não sabiam

adubar as conversações d'aquella fina especiaria de risos, que tanto

promettiam, e em tantas lagrimas deviam converter-se depois.

--Já não somos as mesmas, Maria Elisa!--disse Rosa, abraçando a sua

amiga, que lhe inclinava o rosto pallido no hombro.

--Já não... A nossa mocidade foi um dia... Parece-me que vivo ha

muito... Tem-me lembrado a morte, como o maior beneficio que posso

esperar do céo...

--E eu tenho-a pedido tantas vezes!...

--Tambem soffres, Rosa?! Não tens um esposo amado?

--Não.

--Como não? pois não casaste por paixão?

--Casei... e depois, vi que me tinha perdido...

--Pois que? elle não te estima?

--Não... arrasta-me na sua desgraça... Meu marido é um homem perdido...

um ente sem honra, nem futuro, nem presente.

--Pois teu marido não está a formar-se em Coimbra?

--Já não trata d'isso... Meu marido é um jogador.

--Jogador!

--Sim, jogador de profissão... Gastou quanto podia gastar do meu

patrimonio... O pouco que possuo para a minha subsistencia e de minha

filha, tira-m'o com violencia. Foi riscado da universidade, veio ao

Porto vender aquella prata, que tu déste a minha filha, depois de a

comprares a meu marido, e foi para Lisboa, sempre acompanhado d'uma

mulher ordinaria, que viveu na minha companhia quinze dias, e ousou dar

ordens das minhas portas a dentro. Ha cinco mezes que não tenho,

noticias d'elle. Nem ao menos me pergunta por sua filha. Sei que vive,

porque, no fim de cada mez, se apresenta em minha casa uma ordem

assignada por elle para eu pagar quasi tudo que o juiz dos orphãos

arbitrou para o sustento da minha familia... Aqui tens a minha vida...

Estou pobre... Maria Elisa!...

--Tu não estás pobre, Rosa! Não me falles assim, que me fazes chorar! Tu

não estás pobre... Eu preciso que te esqueças de todo o nosso passado,

para entrares de novo no coração de Elisa... Queres ser minha? Eu estou

viuva, e viuva tambem tu estás... O teu coração não é já d'esse homem...

É da tua filha, e meu; a tua filha é minha e tua, sim?... Não chores...

Troquemos entre tres as nossas affeições todas... Vivamos n'uma só

vontade... Foge para os meus braços, que não tem no mundo ninguem que os

queira, a não seres tu... Faz-me outra vez sorrir para a vida, que

n'estes ultimos dous annos me tem sido tão negra... tão negra... Rosa!

Faz que a minha riqueza me seja uma cousa agradavel... Dá-lhe algum

prestimo... Só tu podes, se vieres ser outra vez minha irmã, explicar-me

a razão por que eu queria ser rica... Era para isto, era, minha querida

amiga, era para nos fazermos felizes tres creaturas... eu, tu, e a nossa

menina... Vai buscal-a... Vai... Não me digas que não... que me matas...

Essa mesada que tens dá-a a teu marido... Que jogue, que se deshonre,

mas foge-lhe tu, que não tens ainda uma nódoa na tua vida... Vem

ensinar-me a ser boa, e honrada, porque eu tenho sido...

--O quê?... que tens tu sido?...

--Uma desgraçada...

--Tambem eu... que culpa temos nós?!

--Eu?... muita!... Calemo-nos, Rosa... Olha aquelles sinos pezam-me

sobre o coração... Tenho mêdo d'aquelles sons... Se meu marido tivesse

sido n'esta vida um homem, como eu deveria ter encontrado um, eu

pensaria que aquelle dobre era a voz d'elle que me accusava da

eternidade... Ai!... tu ignoras a minha vida? Parece impossivel!...

Nunca ouviste fallar de mim como se falla d'uma infame mulher?

--Nunca...

--Pois pergunta ao mundo o que eu fui... Não, não perguntes nada...

Ignora tudo. O meu coração para ti está puro... Restituo-t'o como t'o

roubei, ou tu o lançaste de ti para fóra... Não te importem os meus

defeitos... Foi um sonho horrivel! Acordei nos teus braços... quero aqui

viver... Deixas-me esquecer aqui do muito que tenho soffrido?...........

........................................................................

Rosa Guilhermina recebia com lagrimas as meias confidencias de D. Maria

Elisa, quando lhe disseram que seu marido a procurava, por saber que

ella estava alli.

A surpreza brutificou-a.

Maria Elisa mandou subir Augusto Leite, e reanimou a sua amiga do

lethargo em que a deixou esta apparição tão pouco desejada. Fôra preciso

muito para que a pobre senhora aborrecesse seu marido.

Não bastariam para isso as dissipações que elle fizera do seu

patrimonio. A mulher perdôa sempre os desperdicios de seu marido, com

tanto que elles não envolvam uma affronta ao seu amor proprio, servindo

de preço aos amores alheios que se vendem.

Não fôra, pois, o jogo que arruinara a felicidade de Rosa. Foi o descaro

insultuoso com que Augusto, na sua penultima vinda ao Porto, lhe

introduzira em casa a tricana das chinelas amarellas, mulher insolente

que, authorisada pelo amante, ousara esbulhar os bragaes da casa,

deixando a sua dona só os indispensaveis.

Estes vexames nunca se perdôam. A esposa, assim ultrajada, póde

soffrel-os calada como martyr, mas não poderá nunca reservar um resto de

affeição ao homem, que a humilhou assim.

Rosa entrou na sala em que era esperada. Quando deu de face com seu

marido, que não vira nos ultimos seis mezes, desconheceu-o e recuou.

Trazia a barba toda, que lhe augmentava a magreza cadaverica do rosto.

Vestia uma velha sobre-casaca, de panno desbotado, encodeada na golla, e

farpáda na botoadura. Os seus olhos pisados, mas ainda penetrantes do

brilho da desesperação, fixavam Rosa com ar ameaçador.

Cruzando os braços com a importancia tragica d'um marido de tragedia,

que vem, de longes terras, pedir contas a sua mulher, Augusto Leite

disse, aproximando-se:

--Parece que me não conheces, Rosa?

--Vens tão mudado do que eras!... não admira que te não conhecesse,

Augusto!

--Pois sou eu mesmo... Vejo que não sentes grande prazer com a minha

visita...

--Não te esperava... Como ha seis mezes me não escreves...

--Entendeste que não havia nada commum entre nós... Pois, minha amiga,

sou teu marido, apesar de ambos nós...

--Sinto muito que o sejas a teu pesar... Eramos ambos bem mais felizes,

se o não fosses.

--Parece-te? a mim tambem; mas já agora o remedio é seres minha mulher,

e eu teu marido...

--Fallas-me d'um modo que me fazes gelar o coração!... Que te fiz eu

para me tratares assim?

--Eu sei cá o que me fizeste!... não me fizeste nada... Penso que me

tornaste mais desgraçado do que eu era...

--Vejo que sim; mas não era essa a minha intenção.. Eu quiz fazer-te

feliz; se o não consegui, é porque não pude, nem tu me disseste o que eu

devia fazer para a tua felicidade...

--O que me perdeu foi o teu dinheiro...

--Não tive culpa, Augusto...

--Eu, se fosse sempre pobre, não me illudia com as esperanças do teu

patrimonio, e trabalharia, estudaria para chegar a ser homem...

--Que hei de eu fazer-te, Augusto!... Eu nunca te aconselhei que

arruinasses o que te dei; se soubesse que o meu dinheiro te fazia

infeliz, lançal-o-ia ao mar para me casar pobre comtigo... Mas, se eu

fosse pobre, de certo me não quererias...

--Não sei, não me importa saber, todas as conjecturas agora são

estupidas...

--Perdôa as minhas conjecturas... Eu d'antes era espirituosa, segundo tu

dizias, que eu nunca o acreditei... Agora sou estupida, é porque a

desgraça embrutece...

--Nada de ironias... Sabes que estou pobrissimo?

--Não sabia; mas acredito que o estás.

--Pódes avaliar a minha situação?

--Posso; porque eu tambem estou pobrissima.

--Menos que eu...

--Mais que tu... Tenho uma filha que sustento, e cheguei á extrema dôr

de querer comprar-lhe um vestido, e tive de vender um meu, para que a

minha filha te não envergonhasse... Avalias tu agora a minha situação?

--Diz ao teu tutor que te entregue o que tens, e tu administrarás...

--Já lh'o suppliquei muitas vezes. Não me concede cinco reis além da

mesada que me arbitraram... Não posso conseguir nada... Emprega tu os

meios, que eu concedo-te tudo; e, se não podéres alcançar mais do que

eu, desde já te cedo toda a minha mesada, e eu e minha filha

recorreremos á caridade da minha amiga Maria Elisa.

--Não quero caridades de ninguem: quero aquillo que é meu, quando não

enterro uma faca no coração do tutor...

--Cala-te, Augusto, que me pareces demente!

--É porque eu realmente estou louco... Preciso sahir d'esta desgraçada

vida em que me vejo... Quero dinheiro, Rosa, quando não vou com um

bacamarte para as estradas...

--Augusto!--exclamou ella, tirando-lhe a mão do cabo do punhal, que

empunhára instinctivamente no bolso interior do casaco.

--Tu não sabes onde a desgraça é capaz de me levar... A sociedade fez-me

assim... Se perdi muito dinheiro, perdi o que era meu; não roubei nada a

ninguem; e a sociedade infame despresou-me, chamou-me homem perdido, e

cuspiu-me na cara, porque eu empobreci... Vi-me abandonado, e tornei-me

criminoso... Estou cumplice n'um roubo, e, se dentro de tres dias, não

dér um conto de reis, sou prêso, e degradado, ou pendurado n'uma forca.

--Oh meu Deus, que vergonha!...--disse Rosa, cahindo n'uma cadeira, e

escondendo o rosto entre as mãos.

--Nada de exclamações... Esse remedio não me presta de nada... Visto que

tens uma amiga rica do que era de meu tio, pede-lhe este dinheiro, se me

queres salvar... Não me respondes?

--Augusto!... eu não posso responder-te já... Deixa-me possuir bastante

do meu infortunio, para perder a vergonha...

--Isto não soffre delongas... Quero a resposta já...

--A resposta dou-lh'a eu--disse Maria Elisa, que apparecera de

improviso.

Augusto cortejou-a ligeiramente, e Rosa ergueu-se tremula, e sentou-se

logo, porque lhe faltavam forças para acolher-se ao seio da sua amiga.

Maria Elisa veio ter com ella, abraçou-a, deu-lhe um beijo, e levou-a

comsigo para dentro. Voltando-se para Augusto, disse:

--Queira demorar-se, que eu volto já.

Augusto Leite sentiu um abalo que faria parecel-o louco a alguem que o

visse. Não era loucura. Era o contentamento de se vêr possuidor d'um

conto de reis, com o qual contava já. Era a esperança de transportar-se

com elle a Hespanha a tentar a fortuna, visto que não poderia tornar a

Lisboa, onde o perseguiam por crime de roubo de uns brilhantes, cujo

valor perdera em menos de tres horas. Esta ideia salvadora produziu-lhe

uma febre de loucura passageira. Encarou-se n'um espelho, e viu-se como

um idiota, penteando as barbas com os dedos. Retesou os braços,

espreguiçando-se, e murmurou por entre os dentes quasi cerrados: «ha um

demonio, que me protege! Respeito-o mais que os sanctos, e hei de

mostrar-lhe que sou agradecido...»

Maria Elisa voltou. Sentou-se no canapé, e fez signal a Augusto,

offerecendo-lhe uma cadeira:

--Senhor Augusto, v. s.ª vai receber da minha mão uma quantia de

dinheiro, que me não pertence, nem a sua mulher. É uma generosidade de

sua filha, de que eu sou interprete...

--De minha filha?!

--Sim, senhor. Eu dei a quantia que vou confiar-lhe a sua filha, e

fiquei sendo sua administradora. Quando ella estiver em estado de

recebel-a, v. s.ª lh'a entregará. São tres contos de reis em notas. É um

deposito sagrado que lhe confio. Espero que v. s.ª procure reconquistar

a sua honra, e não lhe faltarão recursos para um dia entregar a sua

filha esta quantia augmentada...

Augusto, balbuciante de prazer, não avistando d'um relance toda a

extensão do seu futuro, murmurou:

--Eu farei por ser um digno depositario do dinheiro de minha familia.

--Agora, senhor, tenho a pedir-lhe um favor em nome d'ella.

--Qual?... a viuva de meu tio manda, não pede...

--A viuva de seu tio nem manda, nem pede nada. Repito-lhe que sou

absolutamente estranha a esta troca de favores que faz o pae com sua

filha. O que em nome d'essa menina lhe peço, é que consinta que ella e

sua mãe vivam na minha companhia.

--É muita honra para mim, minha senhora. Eu vou fazer uma pequena viagem

por causa de certos interesses, e durante a minha ausencia não posso

confiar a mais valiosa protecção minha mulher e minha filha.

--Vai viajar?... Sua senhora já o sabe?

--Ainda lh'o não disse.

--Pois então... não lh'o diga... Salvo se tem motivos fortes para

dizer-lh'o...

--Não tenho alguns... Era simplesmente despedir-me...

--N'esse caso, eu encarrego-me de fazel-a sciente do seu adeus, e v. s.ª

de qualquer paiz lhe escreverá...

--Minha senhora... dispõe do meu quasi inutil prestimo?

--Empregue-o, que tem muito, em ser um digno marido da minha amiga, e um

digno pae da menina que adopto como minha sobrinha. Além dos vinculos de

parentesco que o prendiam a meu marido, ha outros mais consistentes que

são os da amizade, que consagro a sua mãe.

........................................................................

Augusto Leite retirou-se. Maria Elisa, com o coração alvoroçado de

prazer, foi abraçar Rosa, e exclamou, com quanto amor podia empregar na

soffreguidão d'um beijo: «És minha para toda a vida!»

CAPITULO XXVII

Sigamos Augusto Leite, emquanto sua mulher e filha dão a Maria Elisa a

felicidade, que ella lhes remunera com afagos.

O jogador, febril de contentamento, entrou em sua casa, no Laranjal,

disse algumas palavras a sua mãe, e mandou preparar a inseparavel

moçoila, que o acompanhava, na boa e má fortuna, havia quatro annos.

Sahiu, e comprou uma jaqueta de pelles, uma faxa de sêda escarlate,

chapéo de guizos, um par de pistolas, um cobrejão, e dous cavallos de

baixo preço.

Duas horas depois, a rapariga, encadernada n'umas andilhas, passava na

Ramada-Alta, estrada de Vianna, e Augusto Leite, com pau de chôpa

debaixo da perna, esporeando o cavallo, á laia de cigano, caminhava a

par com ella.

N'esse dia foram dormir a Casal de Pedro, e viram lá umas pulgas, cujas

netas eu encontrei trinta annos depois, pulgas enormes e ferozes, que

arrastam as meias dos passageiros, depois que lhes exhaurem as arterias

d'um sangue azedado pelo maldito vinho, que a estalajadeira vos

ministra, perguntando-vos se sabeis alguma mézinha para matar as

\_bichas\_ dos pequenos.

Pernoitei ahi uma vez na minha vida. Comprehendi, no quarto que me

deram, os supplicios do christão primitivo atirado ao circo. «Christão

ás pulgas!» deveria ser, no imperio romano, um grito de prazer para o

paganismo sanguinario, como o fatal «Christão ás feras!»

Era alta noite, e eu não podia transigir, dormindo, amigavelmente com a

ferocidade dos insectos, se é que não podemos chamar cetaceos áquellas

pulgas, de horrivel recordação. No sobrado immediato ao da possilga em

que eu me contorcia nas vascas d'uma agonia de novo genero, rosnavam uma

boa duzia de gallegas, que vinham da terra a visitarem os respectivos

gallegos residentes no Porto.

Descompunham-se em raivosas apostrophes por causa das mantas, que

algumas d'ellas monopolisavam com grave escandalo e frialdade das

outras. Dos improperios passaram a vias de facto. Socaram-se,

esgadanharam-se, revolveram-se, creio eu, como uma matilha de cadellas,

e vieram de encontrão á porta do meu quarto, que não resistiu ao choque,

e deixou entrar aquelle embrulho indecifravel de gorgonas em fralda de

camisa, que me pareciam, á luz mortiça da véla, executarem uma dança

macabra, uma mazurka de demonios!

Eu levantei-me em pé sobre o catre de pau castanho, pintado de amarello,

e presenciei com os cabellos erriçados o desfecho d'aquella tremenda

lucta. O dono da estalagem, e o meu criado vieram protocolisar a

desordem, distribuindo alguns murros indistinctamente, de que resultou a

fuga desordenada das gallegas, para o seu arraial, ficando considerado o

meu quarto campo neutro.

N'esse mesmo quarto, ás duas horas da noite, tambem o senhor Augusto

Leite recebeu uma inesperada visita; mas não de gallegas em guerra crua.

Eram oito soldados de cavallaria, commandados por aquelle esturdio

cadete, que o leitor conhece, e reforçados por alguns meirinhos do

corregedor, e um especial enviado do regedor das justiças.

Já soubemos que Augusto Leite roubára em Lisboa uns brilhantes. A razão

por que os roubara deu-a Prudon depois: os brilhantes eram propriedade

da condessa de \*\*\*, e a propriedade era um roubo.

Como se introduziu Augusto Leite em casa da condessa de \*\*\*? Não é bem

liquido, e eu não quero inventar, porque não tenho necessidade de

deslustrar a veracidade do meu conto por amor d'um incidente de pouca

monta. Disseram uns que Augusto Leite era amante da condessa; outros

affirmam que o academico, expulso da universidade, se valera d'um seu

condiscipulo, primo d'essa senhora, para ser protegido por ella na sua

admissão á academia. Eu, de mim, para não duvidar de nenhuma das

explicações, acredito-as ambas, e não offendo os diversos opinantes.

O que devem todos acreditar é que Augusto Leite dispensou á condessa o

trabalho de pôr o seu collar e pulseiras de brilhantes em um dia d'annos

d'uma sua prima. As suspeitas recahiram em todos os domesticos, menos em

Augusto Leite. No dia seguinte corria em Lisboa, que um academico,

visita frequente da condessa de \*\*\*, tinha perdido, em menos de tres

horas, trinta mil cruzados em casa do barão de Quintella. Os curiosos

averiguaram o manancial possivel d'este dinheiro, e souberam que um

judeu na rua dos Fanqueiros comprára na vespera por trinta mil cruzados

uns brilhantes. A condessa, com authoridade judicial, fez que o judeu

apresentasse os brilhantes comprados. Reconhecidos, apossou-se d'elles

sem mais formalidade. O judeu gritou contra a extorsão, perguntando se

reviviam os tempos nefastos de D. João III; offereceu-se voluntariamente

para a fogueira; e a tudo isto, que realmente era pathetico, o

procurador da condessa respondeu: \_res ubicumque est sui domini est\_.

O judeu não ficou sabendo latim, mas conheceu varios artigos da nossa

legislação, e aproveitou-se d'aquelle que o authorisava a perseguir o

ladrão.

Augusto Leite entrou em casa da condessa, quando ella voltava de

reconhecer os seus diamantes. Um criado presenciou que ella algumas

palavras lhe dissera, e o seu protegido respondeu a ellas, voltando as

costas para nunca mais tornar. Os maledicentes quizeram inferir da

generosidade da condessa, que o avisou, consequencias desfavoraveis para

a honra d'ella. Como quer que fosse, Augusto fugiu de Lisboa, a pé, sem

dinheiro, sem bagagem, com uma mulher ao lado, e assim vagou quatro

mezes, não sabemos por onde, até que o vimos entrar em casa da viuva de

Antonio José da Silva.

Tornemos agora a Casal de Pedro.

O enviado do regedor das justiças bateu á porta da estalagem, e

perguntou que passageiros pernoitavam alli.

--Dous almocreves, o recoveiro de Vianna, um passageiro do Porto, com

sua mulher, e um criado.

--Abra lá a porta--disse com a costumada intimativa o executor da lei.

Abertas as portas, os meirinhos encaminharam-se para o quarto do

passageiro. Augusto Leite ouvira as perguntas. Saltára fóra da cama para

fugir, mas não conhecia um palmo da casa fóra do seu quarto. Antonia

Brites, companheira dos seus trabalhos, lembrou-se d'alguns sanctos, que

conhecera na infancia, e incommodou-os com as suas orações. O antigo

traductor de novellas não lêra cousa que lhe servisse de modelo para

similhante conflicto. Quiz precipitar-se da janella, mas viu na rua os

cavallos em linha. Recuou diante d'um sacrificio inutil, e appellou para

os extremos.

Os meirinhos entraram, e viram uma mulher de joelhos com as mãos

erguidas, e um homem de semblante feroz com duas pistolas aperradas.

O estalajadeiro, que caminhava na frente com a candeia, fez dous passos

á rectaguarda, e declarou-se neutral. Os meirinhos, que tinham á vida o

amor suficiente para viverem oitenta annos mais, não foram mais adiante

que o prudente estalajadeiro. Augusto conservou-se na postura

ameaçadora, fuzilando dos olhos um clarão mais vivido que a candeia

tremula do petrificado taverneiro.

Um dos meirinhos, emquanto os outros voltavam as costas, veio á rua, e

disse que o homem não era para graças. O cadete apeou, e subiu com dous

soldados. Foi á porta do quarto, e encontrou o athleta na sua

immobilidade sinistra. Deu-lhe voz de prêso, e viu que o ladrão era

surdo, ou rebelde á lei.

--O melhor é botar-lhe as unhas--murmurou um soldado.

--Agarra-o, \_trinta e quatro\_!--disse o cadete.

O \_trinta e quatro\_ entrou no quarto, e, quando lançava mão aos copos da

espada, sentiu um corpo duro bater-lhe na testa. Descarregou ainda um

golpe, e foi de bruços atraz da espada que bateu no sobrado. Estava

morto.

O camarada do \_trinta e quatro\_ correu em defeza do seu companheiro.

Descarregou duas cutiladas na cabeça de Augusto; mas, á terceira, sentiu

fraquear-lhe o braço, e veio recuando, cahir, com uma bala no coração,

aos pés do cadete.

Os outros soldados tinham subido, e atropellavam-se á entrada do quarto.

Augusto Leite, coberto de sangue, defendia-se debilmente com a chôpa,

que vencia o alcance das espadas. Os soldados, arrefecidos pelo aspecto

dos dous camaradas mortos, não ousavam affrontar o aço da chôpa, que

algumas vezes sentiram resvalar-lhe na farda, deixando-lhe na pelle um

ligeiro ardor, que depois se exacerbava com a humidade do sangue.

O cadete, envergonhado da cobardia dos seus, diante d'um só homem,

entendeu que salvava a sua honra, desfechando uma clavina no peito de

Augusto Leite. Ao desfechal-a viu interpôr-se-lhe um vulto. Era Antonia

Brites, que vinha pedir-lhe de joelhos que não matasse Augusto. Não

chegou a pronunciar a primeira palavra. Recebeu a bala, que havia de

matar o marido de Rosa, e cahiu pedindo confissão. Deus lhe levaria em

desconto das suas culpas o bom desejo de reconciliar-se com o céo,

porque fechou os olhos antes de vêr o padre.

Augusto, impellido pelo instincto da vida, saltou da janella ao

quinteiro com tal destreza, que as espadas não poderam tocar-lhe. O

quinteiro estava deserto de homens, e os cavallos soltos entretinham a

fome no tojo. A comitiva correu atropelladamente a impedir a fuga.

Quando chegaram ao quinteiro, meirinhos e soldados, qual d'elles mais

corajoso, o que viram foi um cavallo de menos, e na calçada fronteira as

faiscas das ferraduras do que fugia. Alguns soldados quizeram montar;

mas os cavallos assustados pelo salto de Augusto ao meio d'elles, não

deixavam estribar, e jogavam de garupa com mau resultado para o meirinho

geral, que perdeu ahi os tres unicos dentes que possuia.

--Já se não pilha!...--disse o cadete.

--Agora é vêl-o ir--accrescentou um soldado.

--Vamos ao quarto tomar-lhe conta das malas--disse o enviado do regedor

das justiças.

Entraram no quarto. Abriram uma pequena mala de couro, e umas bolsas de

hollandilha onde encontraram alguma roupa branca. Dinheiro, nem cinco

reis. A volumosa carteira com tres contos menos duzentos mil reis, que o

sobrinho do senhor Antonio José da Silva gastara em cavallos e pistolas,

e fato, levava-a elle no bolso da jaqueta de pelles.

De madrugada os executores da lei voltavam para o Porto, com os dous

cavallos de Augusto Leite.

Os tres cadaveres foram enterrados no adro da igreja parochial, porque o

vigario duvidou sepultal-os em sagrado, visto que não traziam signal de

christãos, como cruz, nominas, bentinhos, veronicas ou outro qualquer

distinctivo da fé catholica.

\_Relação das pessoas que já morreram n'este romance\_

O mestre de latim 1

A senhora Escolastica 1

O arcediago 1

Uma velha da viella do Cirne, cujo nome me não lembra 1

O senhor Antonio José da Silva 1

Antonia Brites, amante de Augusto Leite 1

Dous soldados de cavallaria 2

Somma total 8

Continuarão a morrer convenientemente.

CAPITULO XXVIII

Augusto Leite quando chegou á Barca do Lago ia a pé. O cavallo cahira

rebentado, e o cavalleiro desviou-se da estrada para curar os ferimentos

que recebera na cabeça. Não lhe era difficil viver seguro em casa d'um

lavrador, que foi largamente indemnisado do hospitaleiro acolhimento que

deu ao passageiro, que, segundo elle, tinha cara de pessoa de bem.

Vendeu-lhe a sua egua, encaminhou-o por atalhos seguros da vigilancia

dos aguazis, e levou-o á fronteira de Hespanha, curado das feridas, e

salvo de encontros importunos. Ahi, foi facil ao foragido comprar um

passaporte, que o levou a Madrid com o pseudonimo de D. Fernando Godinho

Pereira Forjaz.

Chegado a Madrid, cortou as barbas, vestiu-se de trajes sérios,

apresentou-se como viajante, relacionou-se com a facilidade habitual em

Hespanha, e entrou como portuguez distincto nas primeiras casas da

capital. Encontrou ahi fidalgos portuguezes, que o não conheciam; mas

respeitavam-no pelos appellidos, e não se recusavam a chamar-lhe primo,

visto que os Pereiras Forjazes eram ramificação do heraldico tronco dos

condes da Feira.

Augusto Leite jogou, e augmentou consideravelmente os seus haveres. Em

alguns mezes alcançára uma publicidade que lhe não convinha. O seu nome

era repetido de mais nos salões. As suas conquistas amorosas excitavam

invejas e reservas vingativas que poderiam perdel-o. Augusto resolveu

abandonar Hespanha, e procurar na sociedade mais ampla de Paris viver

bem, sem excitar curiosidades funestas.

Em Paris deu-se como hespanhol, e era conhecido por D. Affonso Vilhegas.

Fallava correntemente o hespanhol, associára-se a uma partida de

jogadores da sua patria adoptiva, e engrandecera o seu peculio, que já

subia a vinte contos de reis. O dinheiro de Maria Elisa fôra abençoado!

Não tivera, até então, alguma noticia de sua mulher. Não lhe convinha

solicital-a, porque podia ser descoberta a sua residencia. O coração

tambem lh'a não pedia.

Passeava uma tarde nos \_boulevards\_, e viu um homem, que lhe não era de

todo estranho, e reparava muito n'elle. Perguntou-lhe, em francez, se

era hespanhol.

--Sou portuguez--respondeu o cavalheiro.

--Estimo muito... Eu gosto dos portuguezes. Viajei alguns mezes na sua

terra, e sympathisei com as mulheres, que são quasi todas gordas e

vermelhas. Eu gosto muito das mulheres vermelhas e gordas.

--Tem razão... mas, pela pronuncia, parece-me hespanhol, e as mulheres

da Hespanha não são inferiores ás de Portugal. Não tem razão de invejar

a minha patria... Que cidades conhece em Portugal?

--Conheço as que lá ha que mereçam esse nome... Lisboa e Porto.

--Esteve no Porto? É uma bonita cidade, não é?

--É muito interessante. A gente de dia faz horas para se deitar ao

escurecer. Não ha nada melhor. Come-se e dorme-se com a mais perfeita

tranquillidade de espirito. E na semana sancta vêem-se as mulheres,

quando passam as procissões.

--Conheceu alguma no Porto?

--Apenas uma. Como fui recommendado a um negociante chamado Antonio José

da Silva, tive occasião de vêr de passagem uma bonita rapariga, que

fallava em estylo de Corneille.

--Pois conheceu essa senhora?!

--Perfeitamente. Que é feito d'ella? É feliz?

--Penso que não. A sua fortuna está perdida. É por causa d'ella que eu

vim a França.

--Sim? é notavel a coincidencia!... Pois senhor, veja se eu posso

servir-lhe de alguma cousa com o meu pouco valimento... Que desastre foi

esse! O tal negociante passava por ser um homem rico...

--E era. O negociante morreu ha dez mezes. A viuva liquidou a sua

fortuna, que valia bem duzentos mil cruzados. Entrou com ella em uma

casa commercial franceza, que tinha representantes em Lisboa. Esta casa

acaba de fallir, e o dinheiro de Maria Elisa está perdido, segundo

creio.

--Coitada...! fica pobre por consequencia...

--Pobrissima...

--E tem filhos?

--Não, senhor.

--Nem familia?

--Tem em sua companhia uma amiga e a filha d'essa desgraçada senhora,

que tambem foi rica, e está reduzida a nada...

--Tambem tinha os seus bens de fortuna na casa commercial que falliu?

--Não, senhor... foi o marido que a reduziu a esse estado deploravel...

--Pobres senhoras!... Estou-me interessando em que não sejam tão

infelizes como o senhor as pinta...

--Pois não digo metade das desgraças que as esperam.

--E o marido d'essa amiga da viuva... naturalmente é um perdido que lhes

não póde valer de nada?...

--Esse homem morreu... ou ha todas as probabilidades para o julgar

morto... Parece que o mataram, quando o prendiam por ladrão...

--Era ladrão? Oh diabo! então foi bem feito matarem-no!

--Roubára em Lisboa uns brilhantes que vendera a um judeu. O judeu

perseguiu-o, e quando soube que sua mulher possuia algumas propriedades,

de que fruia os rendimentos, provou o roubo, e penhorou-lh'as todas... A

viuva do negociante, que o senhor conheceu, não lhe dava tempo a scismar

nos seus infortunios; mas agora a situação d'ambas é desgraçadamente

igual.

--E o seu procedimento?

--O mais exemplar. Maria Elisa vai retirar-se a um convento, e é natural

que a outra viuva a acompanhe.

--Então o senhor que veio fazer a Paris?

--Vim tentar o ultimo esforço; mas inutilisei despezas e trabalho. Pedi

que se indemnisasse a viuva da massa fallida; mas o tribunal do

commercio não deferiu ao meu requerimento.

--Quando parte o senhor para o Porto?

--Ámanhã deixo Paris, e vou embarcar a Toulon.

--Póde ser portador d'uma encommenda para a viuva de Antonio José da

Silva?

--Com muito boa vontade.

--Tenha a bondade de acompanhar-me.

Augusto Leite subiu ao hotel, onde residia, emquanto o procurador de D.

Maria Elisa o esperava. Demorou-se alguns minutos, e entraram juntos em

uma casa commercial ingleza. Sacou uma ordem de mil e quinhentas libras

sobre o Porto, entregues á ordem de D. Maria Elisa, e entregou-a com uma

carta ao procurador, accrescentando:

--Diga a essa senhora, que não desça da sua dignidade, nem abandone as

pessoas que levantou da miseria. Eu terei cuidado de velar pela sua

sorte.

O procurador, aturdido como é natural, desejou n'aquelle momento vencer

como n'um vôo de espirito a distancia, que o separava de Maria Elisa.

Aventurou algumas perguntas ao generoso hespanhol; mas não conseguiu

elucidar-se mais do que tinha sido.

Augusto Leite entrou no seu quarto, e disse á sua imagem representada no

espelho: «Meu amigo, quando te vi, ha oito mezes, rir de contentamento

no espelho de Maria Elisa, tinhas um riso bem differente d'esse que te

vejo agora. Acredito que o prazer de uma boa acção é o unico prazer sem

mistura de dôr. É a primeira acção boa que praticas, meu caro Augusto!

Se te habituasses a ser honrado assim muitas vezes, naturalmente cahias

desamparado na rua. Esconde agora a face da honra, e faz uso da outra,

porque uma só cara não presta para nada. Visto que tomas a teu cargo

aquellas mulheres, precisas de ser pessoa de bem uma vez cada anno. A

virtude, nos homens da tua fortuna, deve ser como os intervallos lucidos

da loucura. Se vaes dizer á sociedade que te dê os meios para

sustentares tua pobre mulher e tua filha, a sociedade manda-te

trabalhar. Pois então, D. Affonso Vilhegas, trabalha antes que ella te

mande. Dos trabalhos procura o mais rendoso. Como não tens grande força

muscular, faz que o teu officio esteja mais dependente do espirito.»

Este dialogo, com o seu \_unico amigo\_, foi interrompido por uma

personagem, que apeára d'uma sege e mandára adiante o seu nome: era o

visconde de Bellarmin.

--Meu caro visconde, vieste encontrar-me a conversar comigo.

--É necessario que te retires de Paris immediatamente.

--Porquê?

--O governo suspeita que tu és um enviado do partido monachal de

Hespanha, que combinas com o de França uma reacção. Ha ordem de prisão

para ti.

--Não julguei que era uma pessoa tão importante. Tenho gloria de ser

prêso como homem temivel a duas nações. Ainda agora me lembro que posso

ser um grande homem. Quem sabe se me está reservada a corôa de Fernando

VII!

--Não zombes, Vilhegas... Foge, quanto antes, de Paris. Aqui tens

passaporte para Portugal.

--Não vou para Portugal. Alcança-me um passaporte para Hespanha, e

perdôo-te as mil libras que hontem perdeste. Olha lá... Dou-te outras

mil se dizes no passaporte, que eu sou um missionario hespanhol, que

volto do Japão. Acceitas?

--Acceito... Vou buscar-t'o. Mas tu não tens cara de missionario.

--Eu respondo pela cara, e, se não, sabes quem venda uma? Os vossos

ministros devem ter algumas disponiveis!... Vês como eu já vou pendendo

para a linguagem dos estadistas?... Nunca me lembrou, que podia ser o

grande homem, que vou ser!... Onde quer está um Napoleão incubado!...

Avia-te...

Duas horas depois, Augusto Leite, com uma pequena trouxa, um habito

franciscano, a face amarellecida por não sabemos que tinturas

finissimas, caminhava a pé para um porto de mar, onde devia embarcar

para Cadiz.

Vai-se tornando interessante o romance. Já era tempo!

O frade franciscano Benito das Cinco Chagas, dias depois, desembarcava

em Cadiz, onde as côrtes se refugiaram com Fernando VII, que estava

prêso, a pretexto de demencia, por não ter sanccionado a constituição.

Augusto Leite apresentou-se nos congressos monachaes, e offereceu, como

fanatico pelas prerogativas reaes, e inimigo encarniçado da França, o

seu apoio, e o seu braço, sendo necessario.

Tal fôra a sua enthusiasta eloquencia, que os chefes da reacção, sem

discutirem a pessoa, abraçaram-no, victoriaram-no, e confiaram-lhe o

segredo dos seus planos, acclamando-o unanimemente seu secretario.

Era necessario fallar ao rei, que os liberaes retinham com sentinella á

vista. Empreza difficilima! Foi pedido o parecer do frade missionario,

em quem os fanaticos reconheciam o providencial redemptor de Hespanha.

Antes que elle abrisse a bôca, já todos sabiam que a sua palavra seria a

salvação, e as suas ordens immediatamente executadas.

Augusto entrou no congresso, envolto no seu habito. Não respiravam os

circumstantes. Fixavam-se todos os olhos nos labios do moço frade,

quando elle, antes de pronunciar uma palavra, deixou cahir o habito, e

deixou vêr um fardamento completo de general francez.

As escarlates physionomias dos conspiradores empallideceram, murmurando

um prolongado \_ah\_!

--Não me julguem algum magico--disse Augusto Leite, sorrindo

bondosamente.--Sou um frade, que renega por momentos o seu habito, para

vestil-o um dia, com a consciencia de ter servido a Hespanha,

fortalecendo-lhe a sua independencia, e defendendo-a das impias

aggressões da França. É necessario fallar a Fernando VII. Eu irei

apresentar-me ás côrtes, e direi que sou um enviado do duque de

Angouleme, que, a estas horas, bate ás portas de Madrid. Direi que o meu

fim é capacitar o rei a acceitar a constituição, e serei conduzido pelos

interessados ao pé do monarcha.

--E depois?--exclamaram algumas vozes.

--Depois da minha conferencia a sós com o rei, retirar-me-hei dizendo ás

côrtes que Fernando VII está doudo, e não concebeu as minhas razões. As

côrtes, que por força precisam que o seu rei seja doudo, reputar-me-hão

d'uma intelligencia muito fina, ou d'uma astucia tão cavillosa como a

sua. Fernando VII, uma hora depois que eu me retire, dirá ao seu medico

que sente uma forte dôr de cabeça; duas horas depois sentirá uma

convulsão, e cahirá...

--Morto?!

--Apparentemente morto. O medico virá dizer ás côrtes que o rei morreu

d'uma apoplexia fulminante. Far-se-hão os funeraes. O cadaver será

transportado para o palacio municipal. Tres horas depois que o julgarem

morto, o rei resuscitará, e, á frente do exercito fiel, dirá: «A

Providencia restituiu ao povo hespanhol o seu monarcha!»

Os venerandos frades sacudiram a cabeça em ar de pasmo. A alguns

afigurou-se-lhes que o seu irmão era o proprio diabo, que vestira o

habito do serafico S. Francisco, sobre a farda de jacobino, que elle

era, desde que o Senhor o expulsou do céo. Os mais circumspectos,

encarando-o com o respeito da superstição, por isso que o reputavam

embaixador d'um poder sobrenatural, não ousaram interrompel-o no extenso

discurso, que não publicamos na sua integra, porque na sala do

conciliabulo não estiveram tachigraphos, que nos transmittissem o

discurso completo.

O que sabemos é que Augusto Leite n'esse dia apresentou-se ás côrtes,

pedindo consentimento para fallar ao rei como enviado do duque de

Angouleme, commandante do exercito francez.

Perguntado pelos meios que empregára para chegar desconhecido até Cadiz,

respondeu que embarcára n'um porto da França, com passaporte que

apresentou, passado a frei Benito das Cinco Chagas. As côrtes

acreditaram o enviado, e permittiram-lhe a entrada no carcere de

Fernando VII.

O rei, quando lhe foi annunciado um emissario francez, declarou que o

não recebia, sem ter ao seu lado uma peça de calibre 40, com morrão

accêso. Esta dificuldade é que o marido de Rosa Guilhermina não previra.

Redobraram as instancias inutilmente durante tres dias, ao cabo dos

quaes o duque de Angouleme, defronte de Cadiz, bombardeava a cidade.

Augusto Leite, empregando a corrupção por meio do ouro, fez saber ao rei

que o enviado francez era um partidario do congresso sacerdotal, que

vinha offerecer á Sua Magestade valiosos serviços para a sua fuga do

poder das côrtes.

O rei recebeu-o perplexo; mas brevemente se confiou aos planos do futuro

arcebispo de Toledo, graça que desde logo lhe confirmou com a sua real

palavra.

Augusto Leite agradeceu com reverente effusão a graça, e offerecia ao

rei a beberagem que devia paralysar-lhe a vida apparentemente, quando se

ouviram exteriormente gritos que annunciavam a fuga do exercito

hespanhol, e o desembarque do duque de Angouleme.

O populacho dava \_morras\_ aos membros das côrtes; e os partidarios da

constituição, que não sabiam as intenções pacificas da França, luctavam

desesperadamente contra o povo, e contra o exercito victorioso.

Augusto Leite, persuadido de que era já desnecessaria a realisação dos

seus planos para a soltura do rei, não lhe ministrou o liquido, e dava

graças á estupida fortuna que o collocára ao lado de Fernando VII, no

momento da sua liberdade.

Um membro das côrtes, que odiava o rei, e julgava perdida a causa, e

cortada infallivelmente a sua cabeça um momento depois, resolveu um

d'esses attentados sanguinarios, que são o caracter do povo hespanhol

nas crises revolucionarias, resolveu o regicidio.

Entrou no carcere, armado d'um punhal. Foi direito á camara do rei. O

primeiro que se lhe antepôz foi o supposto official francez. Recuou

diante de duas pistolas; mas um instante. Refez-se da coragem da

desesperação, e aggrediu o timido rei, que se refugiara atraz de

Augusto. O bem provado athleta de Casal de Pedro desfechou-lhe uma

pistola no peito: mas não pôde esquivar-se a uma punhalada no coração.

Travaram por alguns minutos uma lucta feroz, e cahiram ambos estendidos.

O que recebera uma bala no peito podia viver ainda hoje, se, no dia

immediato, não fosse arrancado á enfermaria militar para padecer morte

de garrotilho, com alguns dos seus collegas. Mas, ao mesmo tempo,

Augusto Leite, que sentira mais dentro a ponta do punhal, era enterrado

com grandes honras por ter defendido, á custa da propria, a vida do seu

rei.

O que ninguem sabia dizer ao certo era a naturalidade do corajoso

defensor de Fernando VII. Os frades queriam-no para o catalogo dos

martyres franciscanos; mas um francez do estado maior do duque de

Angouleme dizia que aquelle homem vivera algum tempo em Paris, onde se

intitulava D. Affonso Vilhegas. O que tal disse, tinha razão sobeja para

sabel-o, porque era o visconde de Bellarmin, que vendera o passaporte de

frade ao seu amigo por mil libras.

Ora pois, d'este sugeito estamos nós livres. Podemos dizer que morreu

bem. Espero que este meu romance, só de per si, conduza á eternidade

individuos sufficientes para chamarem a attenção devota dos pios

leitores em dia de fieis, defuntos.

CAPITULO XXIX

Maria Elisa, com Rosa Guilhermina, e a filha viviam na casa do Sério,

unica propriedade que poderam salvar da fatal quebra do negociante

francez e do sequestro do judeu. O dinheiro, que lhes fôra enviado de

Paris, melhorára a condição precaria das afflictas senhoras, que se viam

na dura precisão de entrarem n'um convento como criadas de freiras.

Calcularam d'onde poderia vir-lhe aquelle dinheiro, e abençoaram Augusto

Leite, que parecia entrar, ao cabo de tantos desatinos, na estrada da

honra. Calaram o segredo, receando que perseguissem o assassino dos dous

soldados em Casal de Pedro, e esperaram que o tempo o rehabilitasse para

tornar a Portugal.

Passou um anno, sem novas de Augusto. Resolveram mandar a Paris o

procurador que fallára com o generoso hespanhol. Foi. Procurou-o na

mesma casa, e soube que esse homem se retirára de França um anno antes.

Disseram-lhe que existia em Paris um general, que conhecera muito D.

Affonso Vilhegas. O procurador encontrou esse general que era o visconde

de Bellarmin, e soube que o supposto hespanhol morrera em Cadiz.

Esta nova matou todas as esperanças das pobres senhoras. Pobres outra

vez! Choraram muito, como é natural, e resolveram abraçar a baixa

profissão de criadas de convento.

Mas eram bellas ainda. A desgraça, ao passar por ellas, nem lhes

desbotára o viço da formosura, nem lhes arrefecera de todo o coração.

Viuvas ambas, embora pobres, quantos anciariam por esposal-as, se ellas

viessem ao mundo com o seu sorriso de seducção?

Rosa tinha visto, em cinco mezes successivos, todos os dias, á mesma

hora, um cavalleiro que passava, com os olhos pregados na janella do seu

quarto, onde ella, na hora das saudades, á luz crepuscular, costumava

sentar-se com sua filha nos braços.

Em uma d'essas tardes, vira que o cavalleiro parava, e dissera para cima

palavras que ella não entendeu, nem quiz entender. Restirára-se a contar

á sua amiga a aventura estranha, e promettera nunca mais, a tal hora,

dar azo aos atrevimentos do senhor Alvaro de Sousa, que assim se chamava

o fidalgo enamorado.

No dia seguinte, é certo que não veio á janella; mas, por entre as

cortinas mal cerradas, teve a fraqueza de espreital-o. O fidalgo, que

não deu por isso, parou um momento, e disse ella á sua amiga que o vira

suspirar. Se isto é verdade, o senhor Alvaro de Sousa, emquanto a mim,

era poeta. Os poetas fazem monopolio dos suspiros, mas, honra lhes seja

feita, não encarecem o genero; barateiam-no de modo que não ha

consumidora que tenha razão de queixa.

E eu creio sinceramente que Rosa Guilhermina, se lhe não dava em troca

um suspiro, nem por isso se affligia da violencia com que o illustre

representante dos Sousas lhe remettia os seus anhelitos amorosos.

Hão de acreditar-me que o mancebo era um bello mancebo. Ainda hoje me

fallam d'elle como a joia das formosuras masculinas do Porto. Era uma

dama, segundo me dizem as senhoras de cincoenta annos. Tinha

intelligencia, qualidade que o exceptuava da regra geral que regulava o

entendimento opaco de seus nobres primos. Era filho segundo; mas rico, e

generoso, e dado a prazeres que lhe não arruinavam a bolsa nem a saude.

Vinha a ser, emfim, um perfeito homem o que se apaixonára sériamente

pela esquiva viuva de Augusto Leite.

Alvaro de Sousa, contrariado pela apparente frieza de Rosa, sentiu-se

vexado no seu amor proprio, e impoz-se orgulhosamente um fidalgo

desprêso por tal mulher, indigna de honrar-se com o seu amor. Isto foi

ao meio dia; mas, ás quatro horas, o soberbo moço anafava cuidadosamente

os cabellos, para não ser suprendido, em desalinho, no Sério.

N'essa tarde encontrou Rosa Guilhermina passeando, na alameda da Lapa,

com a amiga, e a filhinha que brincava com um cão de regaço. O cãosinho,

que não estava para brinquedos, encolheu a cauda, e fugiu á ama, na

direcção da casa. As senhoras chamavam-lhe \_Joli\_, que era, por esse

tempo, o nome favorito de todos os cães; mas o rebelde quadrupede não

olhava para traz.

Alvaro esporeou o cavallo, cortou a vanguarda do cão, apeou-se

gentilmente, apanhou o bichinho, que se agachava com medo, tomou-o no

collo, e foi conduzil-o ás damas, que receberam a attenciosa delicadeza

com o rubor na face.

O leitor deve ter observado que estas damas perderam o antigo estylo. Já

não fallam a guindada linguagem das novellas, nem curam de aprimorar as

ideias, enfeitando-as d'aquelles arrebiques e galanterias que eu espero

ainda encontrar na mulher, que Deus me destina, e que ha de fazer de mim

um respeitavel marido.

N'outro tempo, Alvaro de Sousa seria recebido com quatro metáphoras, e

vêr-se-ia na precisão de incommodar a mythologia para responder-lhes.

Agora, já não. A idade, o soffrimento, a experiencia, e o temor do

futuro abatera no raso da linguagem humana aquellas almas perdidas nas

maravilhas aereas. Fallavam como nós, importavam-se pouco dos livros,

sentiam-se muito decahidas no espirito, e concordavam conscienciosamente

que tinham sido embrutecidas pela desgraça.

E se não vejam:

--Agradecemos muito a sua delicadeza--disse Maria Elisa, recebendo o

cãosinho (não tenho a certeza se era cadelinha) das mãos de Alvaro.

--Só este irracional--disse Alvaro, mastigando a fineza--deixaria de

obedecer ás ordens de suas amas. Assim mesmo peço que não seja

castigado... Se elle tivesse entendimento, o remorso de ter sido

desobediente seria bastante castigo.

--Muito agradecidas ás lisonjas de v. exc.ª--atalhou Maria Elisa,

emquanto Rosa se fingia distrahida sacudindo a terra das saias da

menina.

--Não é lisonja, minhas senhoras. O que eu digo é o menos que se póde

dizer, e espero acreditem que não sei dizer tudo que sinto. Aquella

senhora parece aborrecer-se da minha presença...

--Não, senhor--disse Rosa.--A presença de v. exc.ª não aborrece... É

porque estava sacudindo a terra dos vestidos de minha filha...

--Que é linda como sua mãe... Que annos tem?

--Quasi cinco.

--Em tão tenra idade é admiravel a esperteza d'esta creança!... Venha

cá, minha menina... como se chama?

--Assucena--disse a creança.

--Que lindo nome!... Uma \_rosa\_ devia produzir uma \_assucena\_... É minha

amiga?

--Sou.

--É? Já tenho uma pessoa que seja minha amiga!... Sou mais feliz do que

pensava... Quer ir a minha casa?

--Quero.

--Pois hei de mandal-a buscar um dia. Minha mãe gosta muito de

creanças... V. exc.ª dá-me licença que ella vá?

--Pois não! É muita honra...

--N'esse caso, amanhã, se me permitte...

--Quando aprouver a v. exc.ª

Ora aqui está como começou o namoro. No dia seguinte, Alvaro de Sousa

veio de carruagem buscar a menina, subiu á sala, como era natural, e não

viu Rosa que se fechára no seu quarto banhada em lagrimas. Quiz saber a

causa de tal soffrimento, e disse Maria Elisa que a sua amiga tivera

noticia de estar viuva.

--Viuva a reputava eu, ha muito!--atalhou Alvaro.

--Não o era... Convinha que esse boato corresse...

O fidalgo deu a entender que sabia a razão d'esse boato, e retirou-se

sem \_Assucena\_, que não podia, durante o lucto, sahir de ao pé de sua

mãe. Á tarde, Alvaro veio fazer a D. Rosa a visita de pezames, e

offerecer o seu prestimo.

Na tarde do dia seguinte repetiu a visita, e passou a noite.

Nos dias immediatos entrava com familiaridade. O ferreiro que morava

defronte disse ao sapateiro visinho que o tal fidalgo não se lhe dava de

recolher as duas frangas perdidas do rebanho. Este ferreiro tinha algum

espirito. Se vivesse hoje, de certo não era ferreiro; escreveria

folhetins, ao passo que o seu visinho sapateiro, homem lido no Bandarra

e Carlos-Magno, amanharia substanciosos artigos de fundo. O fidalgo,

esse, se vivesse hoje, faria o mesmo que fez então, e que ha de fazer-se

no seculo XX. Eu, por mim, se fosse contemporaneo do mestre ferreiro,

não escrevia romances. A estas horas (são sete e meia da tarde) estava

eu rezando vesperas em algum côro de frades carmelitas, para que tenho

uma vocação imperiosa.

Agora, leitores, o meu trabalho termina aqui. As cartas, que ides lêr,

confiou-m'as a pessoa, que me contou esta historia. São textuaes. Podem

vêr-se em minha casa, desde o meio dia até ás quatro horas da tarde.

Quem as escreve é um pintor, que teve nome no Porto, e pouco tempo

furtou á desgraça para cultivar a arte. Quem as recebe é uma senhora,

que ainda vive.

CARTA I

\_22 de setembro de 1824\_

Minha estimavel amiga:

Não posso ser indiferente ao interesse, que v. exc.ª tem na minha

felicidade. Na soledade em que me vejo, as suas cartas são a unica

indemnisação que tenho das compridas horas de uma vida sósinha, escura,

e despovoada de todas as bellezas, se é que algumas a existencia póde

ter para mim.

Votei-me ao amor da arte, porque eu tinha precisão de viver para alguma

cousa; mas a arte não me galardôa a minha dedicação. Do seio da tela

tenho arrancado imagens, que são a reminiscencia d'aquella mulher que me

fugiu dos braços para os braços do tumulo.

Aqui tem, minha amiga, como a arte recompensa os meus desvelos! Pede-me

lagrimas, e não m'as paga com a esperança de crear por ella um nome,

como o de muitos desgraçados que se immortalisaram nos quadros, em que

verteram muitas.

Eu não sou egoista dos meus padecimentos. Tenho querido encontrar a

felicidade que a minha extremosa amiga me vaticina. Tenho procurado essa

segunda mulher com o reflexo luminoso da primeira, que me deixou rodeado

de trevas, e saudades. Alguma vez, abandono o meu quarto, e corro,

anhelante de não sei que esperança embriagadora, atraz d'essa visão

impossivel. Sabe o que eu encontro sempre? A fachada do templo de S.

Francisco. Lá dentro dorme o somno eterno a nossa amiga, sempre chorada!

Se posso entrar, ajoelho, chamo-a a testemunhar as minhas ancias, e

retiro-me d'alli gelado pela dúvida, gelado como a pedra que a separa

dos vivos, gelado como o cadaver, que se move impellido por não sei que

mão fatal que me não deixa resvalar no meu abysmo!

Sou bem desgraçado, não é assim? Muito! Este meu viver é alguma cousa

mais dilacerante que a dôr. Não tenho a esperança consoladora, que a

Providencia manda sentar-se no limiar de todos os infelizes. Vejo d'aqui

todos os pontos em que devo passar na minha longa viagem para o nada. O

presente conta-me o futuro. O que vem não receio que seja peor que o que

é. Ha uma cruel monotonia n'esta angustia de todas as horas!

V. exc.ª comprehende-me? Creio que sim! O infortunio illumina o

entendimento. Para o que soffreu não ha mysterios de dôr no coração do

estranho. A minha amiga tem soffrido muito. Perdeu, ha pouco, um esposo

querido. Já depois beijou os labios frios d'uma unica filha que ficára

fallando com a innocencia da saudade a linguagem singela e carinhosa de

seu pae. Ainda assim, invejo-lhe o poder que tem de prestar consolações

á amargura dos outros. Eu, hoje, não saberia consolar ninguem.

Minha amiga, dê-me a sua estima, que eu não tenho mais nada. Em

remuneração, dou-lhe a verdade da minha alma, que é um thesouro, raras

vezes, concedido.

De v. exc.ª

Verdadeiro amigo,

\_Paulo\_.

II

\_30 de setembro\_

Palpita-me com sobresalto o coração. Preciso escrever-lhe emquanto me

dura esta febre, que está sendo a minha felicidade! \_Felicidade\_! com

que ousadia pueril escrevi semelhante palavra! Já é desejar muito

possuil-a! Bem se vê que sou um homem sem presentimento nenhum alegre,

sem nenhum direito á felicidade. Um pequeno lance na minha vida

transtorna-me a cabeça; e, comtudo, estes lances, creio eu que são

frequentes, e desapercebidos, na vida de qualquer outro, mediocremente

feliz.

Hontem fui procurado por Alvaro de Sousa, que uma vez encontrei em casa

de v. exc.ª Impressionou-me um ente estranho, no meu quarto, fechado

para todo o mundo. Chamou-me «amigo» e esta palavra banal fez-me sorrir,

pronunciada por um homem, que eu apenas conhecia, e que tão distante

está da minha obscura classe!...

Disse-me que possuia um quadro meu, era que uma virgem, mais formosa que

as de Raphael, era pintada no extasis de responder a sua mãe que a

chamava do céo. Eu já sabia que v. exc.ª lhe tinha dado este quadro.

Entendi, quando o soube, que não devia magoar-me; mas quizera, antes,

que os profanos na religião do martyrio ignorassem o author daquella

pintura. Não me receba isto como queixume. É a innocente sensibilidade

de quem, pelo muito soffrimento, chegou talvez aos escrupulos

injustos...

Perguntou-me se eu continuava a pintar. Respondi-lhe a verdade, que

nunca veio desfigurada do meu coração. Disse-lhe que sim. Pediu-me, como

especial favor, que retratasse uma mulher. Hesitei um momento; mas tive

pejo de me negar. Annui, e na tarde de hontem, acompanhei-o ao Sério, a

casa da viuva d'um negociante que, penso eu, se chamou Antonio José da

Silva, e creio mesmo que v. exc.ª me fallou, ha tempos, n'esse homem,

contando-me as aventuras d'uma tal Anna do Carmo, casada com seu primo

de traz da Sé.

Em casa d'essa viuva está uma senhora, viuva tambem. Ha tres annos que a

vi casada com um tal Augusto Leite, que deixou uma triste celebridade. A

nossa chorada amiga fôra companheira d'ella nas orphãs em S. Lazaro, e

contou-me cousas que lhe não eram muito favoraveis á sua indole de

menina.

Quando a vi casada com um homem perdido, imaginei que a semelhança dos

genios aproximára dous entes, que deviam encontrar-se. Comtudo, a

Rosinha, como lhe chamava Helena, pareceu-me triste. Soube depois que

era realmente infeliz, e nunca mais tornei a vêl-a.

Vi-a hontem, sentada diante de mim, com o sereno aspecto do prazer no

rosto, um pouco macerado, mas radiante ainda d'aquelle brilho de certas

bellezas que não se apaga nunca. Quiz adivinhar-lhe o coração nos olhos,

e estes olhos, languidos de ternura, vi que se fechavam n'um espasmo

delicioso a cada olhar de Alvaro de Sousa. Entristeci-me daquillo,

porque me lembraram as mulheres do grande mundo, os typos de magestosa

immoralidade, que dificultosamente se aclimatam em Portugal, onde não

chegou ainda a cultura e o despejo da França

Eu disse-lhe que não podia prescindir dos seus olhos por algumas horas.

Sentia-me com disposição para zombar da belleza, que tinha a vaidade de

reproduzir-se para, dez annos depois, encontrar, no logar das rosas, as

rugas da velhice, no vívido scintillar dos olhos o amortecimento do

cansaço.

Principiei o retrato. Alvaro de Sousa entretinha nos braços uma pequena

creança a quem chamavam Assucena. É filha de Rosa. Conheci-a pela

semelhança com sua mãe; mas não sei o que ha na physionomia da pequena,

que prophetisa fatalidades! Serei eu supersticioso?

Emquanto esboçava os contornos, perguntei-lhe se conhecera Helena

Christina, nas orphãs. Disse-me que sim, e que chorára, quando teve a

noticia da sua morte, por causa d'uma paixão que cegamente tributára a

um homem, que não era da sua condição.

Que homem era esse?--perguntei-lhe eu--Era o filho d'um

advogado.--Pensei que a condição do advogado era nobre, repliquei eu.--É

nobre; mas a d'um general é muito mais nobre, e Helena era filha d'um

general.

Não pude continuar o retrato. A palheta tremia-me no braço, e o pincel

traçava linhas confusas. Pedi licença para retirar-me, e deixei Alvaro

enleado da minha improvisada sahida.

Passei uma noite cruelissima. Levantei-me para escrever a v. exc.ª

Cuidei que esta carta me seria um desabafo; mas a suffocação augmenta.

Para que me disse aquella mulher que eu fui a causa da morte de Helena?

Penso que o fui. Accuso-me d'esse crime; porque não posso accusar meu

pae, que devera ser general, e não advogado.

Como é a sociedade, senhora! É impossivel que a Providencia não

abandonasse o homem, depois de o ter creado! Se o espirito de Deus

presidisse á organisação do genero humano, ninguem viria dizer-me: «A

tua condição social collocou um tumulo entre ti e a filha de um

general!»

E é a isto que eu chamei \_a minha felicidade\_! É um novo crime! Aquella

mulher confirmou a certeza que eu tinha de ter sido amado por Helena até

lhe merecer o sacrificio da vida. Será isto um egoismo barbaro?

Adeus, minha boa amiga.

De v. exc.ª

Amigo do coração,

\_Paulo\_.

III

\_12 d'outubro\_

Tive hontem o desgosto de não encontrar em casa v. exc.ª Procurei-a

porque tinha muitas ideias a revelar-lhe, mas tão desordenadas, que

receei não poder escrevel-as. A bondade, com que a minha paciente amiga

costuma attender os desvarios d'este forte coração e d'esta debil

cabeça, seria mais uma vez tolerante comigo.

Não a encontrando, resolvo escrever-lhe, e v. exc.ª verá n'esta carta o

tumulto de sensações que se me atropellam na alma, ha dez dias.

Instado por Alvaro de Sousa, fui recomeçar o retrato da viuva. Era-me

preciso, para não passar por doudo, remediar de qualquer maneira a

precipitação com que sahi d'aquella casa. Não me occorreu algum

pretexto. Adoptei o silencio como explicação, e não dei uma palavra que

suscitasse recordações do dia anterior.

Reparei com animo frio na physionomia de Rosa. É uma d'estas mulheres

que o mundo chama bellas, e eu creio que o são. Sem uns traços de

soffrimento, que lhe assombram os olhos, não seria tão bella. Tem um

olhar humilde, como quem pede compaixão. Não sei que transparente brilho

de lagrimas lhe empana os olhos. As palpebras, como cansadas de se

abrirem diante do infortunio, pendem amortecidas. Se não ha estudo

n'esta attitude caracteristica, o olhar de Rosa póde exprimir muito

amor, ou muito fastio.

Muito amor, talvez... é mais natural. Alvaro de Sousa, constantemente

embebido na contemplação d'esta mulher, não a deixa um instante sósinha.

Muitas vezes a viuva do negociante vem á sala trocar algumas palavras

com Alvaro, e não consegue divertir-lhe os olhos da sua amiga. Não pude

comprehendel-os. Achei demasiada precaução no amante, e alguma frieza,

se não era pudor, em Rosa. As perguntas carinhosas, que elle lhe faz,

são correspondidas com meiguice nos labios; mas a phrase vem sêcca do

coração. Reparei n'isto, e parece que o pincel, que traçava as feições

de Rosa, copiava tambem a physionomia moral de ambos.

Á primeira secção vieram ao panno os traços formosos da viuva. Alvaro

abraçou-me com frenesi; e ella parece que encarou tristemente aquelle

jubilo, que me pareceu pueril. É que aos vinte annos é assim o amor. A

felicidade embriaga os que não provam o fel nas primeiras libações da

infancia.

No dia seguinte fui continuar o retrato.

Alvaro de Sousa não tinha chegado ainda. Rosa pareceu-me mais alegre, e

recebeu-me com um sorriso de graça e confiança. Antes de sentar-se

perguntou-me que razão tivera eu para retirar-me, na primeira vez que

alli fôra, d'um modo que a deixára cuidadosa. Pedi-lhe que me não

interrogasse. Rosa, sem offensa ao meu pedido, fallou de Helena,

recordando a conversa que precedera a minha sahida. Era uma delicada

maneira de interrogar-me. Eu creio que me desfigurei. Reparou ella que

eu estava pallido e tremulo. Assucena, que por não sei que infantil

capricho me subira para o collo, disse que eu tinha uma lagrima nos

olhos. Rosa aproximou-se, e, apertando-me a mão, com um ar de bondade, e

um desembaraço de que eu não seria capaz, disse que me conhecia, e

pediu-me perdão de ter ferido o filho do advogado, que adorára a filha

do general.

Não respondi a este lance affectuoso. Pedi-lhe que se sentasse para

continuar o retrato. Rosa parecia mais commovida que eu. Sentou-se.

N'este momento entrou Alvaro. Cortejaram-se com algumas perguntas e

respostas triviaes, e eu, com os olhos do coração no tumulo de Helena, e

os da face na physionomia da sua companheira de recolhimento, continuei,

sem vontade nem attenção, o retrato.

No dia immediato fui concluir a obra. Rosa recebeu-me com estranha

affabilidade. Perguntou-me quantas secções faltavam. Respondi que era

aquella a ultima.

--E, depois--proseguiu ella, titubeando--não torna a esta casa?

--Tornarei todas as vezes que v. exc.ª se dignar occupar-me no seu

serviço.

--Eu desejava possuir o retrato de minha filha.

--Enviarei a v. exc.ª um habil pintor.

--Pois não quer encarregar-se d'este trabalho que eu tanto queria que

fosse seu?

--Agradeço a lisongeira fineza... Se eu tivesse o amor artistico, não

teria mais incensos a desejar para o seu culto; mas eu não posso, sem

grande sacrificio, fazer retratos. Fui surprendido, quando me prestei a

este serviço; agora, se v. exc.ª me concede recusar um sacrificio que

não é necessario ao seu bem, eu declino de mim esse trabalho, e, repito,

enviarei a v. exc.ª um retratista, que de certo não posso substituir.

--N'esse caso, prescindo do seu favor... agradecendo-lh'o muito... Não

será retratada minha filha.

--Eu receio ter sido grosseiro, minha senhora... Se v. exc.ª determina

que seja eu o retratista d'esta linda menina, recebo a sua vontade como

ordem...

--Deus me livre de sacrifical-o... Pensei que lhe não seria penoso

conversar com uma companheira de Helena, alguns instantes no dia.

--É muito penoso...

--Muito?... é admiravel!... E porquê?... Mereço-lhe a confiança de me

dizer que motivos lhe dou para não ser digna testemunha de suas

lagrimas?

--Nenhuns motivos, senhora D. Rosa... É que eu não tenho a

tranquillidade de espirito precisa para receber como um prazer as

recordações d'essa mulher que amei como não posso tornar a amar... Já vê

que deve ser-me bastante amarga a convivencia com uma pessoa, que

promette fallar-me de Helena...

--Não lhe fallarei n'ella...

--Então seria eu quem fallaria, senhora D. Rosa... Tenho-a sempre

adiante dos olhos... Não posso mandal-a afastar da minha alma, para

entreter-me em cousas futeis...

--Nem tudo é futil, senhor Paulo...

--Para mim... é. Não tenho vida que não seja uma insoffrivel saudade;

mas acho esta dôr mais nobre que tudo que me rodeia... Por ella, troco

de boamente todas as felicidades que o mundo possa traiçoeiramente

offertar-me...

--Traiçoeiramente...

--Sim... Creio que o mundo não póde offerecel-as d'outro modo... Tomára

eu ser esquecido para todos, assim como o meu nome o foi para v.

exc.ª... Preciso que me deixem, porque eu não procuro alguem. Será

forçarem-me a soffrimentos com que não posso, e contra os quaes

empregarei toda a minha coragem, chamarem-me para um mundo, onde serei

como o homem sem patria, nem affeições, nem amigos.

--Não crê na amizade?

--Não, minha senhora... Eu tinha uma grande alma, cheia de todos os

sentimentos bons; essa alma foi como um raio de luz amortecida no

prestito funebre da filha do general... Apagou-se ao pé da sepultura...

Não tinha senão essa alma...

--Nem espera resuscitar d'esse lethargo?

--Nunca mais.

--Nem emprega diligencias para isso?

--Nenhumas. Eu sei que o mundo não tem nada para mim...

--Nem o senhor Paulo tem nada que dê ao mundo?

--A compaixão para os desgraçados como eu, um sorriso de escarneo para

as felicidades d'um dia, e um adeus invejoso áquelles que morrem... Bem

vê que ainda sinto impulsos nobres no coração...

--Deseja a morte?...

--Procuro-a; mas entendo que é debil o poder das paixões nas

organisações fortes... Eu lucto, ha dous annos, face a face, com uma

dôr, que me não deixa cinco minutos de descanso, e vivo... vivo assim

com o aspecto da serenidade, e talvez com o rosado juvenil d'uma saude

perfeita... Não se morre de paixão...

--E que importaria morrer?

--Importava não sentir...

--Pois o senhor não crê n'outra vida?

--Não creio n'outra vida. Procurei acredital-a. Li tudo, estudei tudo,

porque me disseram que a incredulidade era a estupidez. A cada oraculo

da immortalidade, que consultava, a minha alma, além de incredula,

sentia a cruel precisão de escarnecer a fé dos que nos mandaram crêr.

Disseram-me que eu não cria, porque a fé era uma graça especial do

Senhor. Isto fez-me rir amargamente; mas, supersticioso pela desgraça,

pedi, invoquei, suppliquei com fervor a fé. Esperei-a. Deixe-me rir,

senhora, que este riso é um insulto bem merecido às minhas crenças... O

homem é um verme. Deus não tem nada com este grão de areia, que lançou

no oceano, a turbilhões, com a ponta d'um pé...

--Deve ser muito desgraçado...

--Não sou mais do que seria: creio, pelo contrario, que sou menos. A

immortalidade de que me servia?

--De encontrar essa mulher, que tanto amou n'este mundo...

--Isso é falso... Essa mulher, que muito amei n'este mundo, antes de

entrar no esquife, principiou a desorganisar-se. As pessoas, que estavam

em redor, diziam que era insupportavel o cheiro do cadaver... A

putrefacção, a estas horas, deve tel-a consummido... De que me servia a

immortalidade a mim, se os vermes me não restituissem a mulher que teve

um dobre a finados, uma oração mercenaria, uma lagrima do costume, e a

eternidade do \_nada\_, que é a verdadeira eternidade?...

--Com uma razão tão forte é impossivel que não possa vencer os seus

soffrimentos.

--Chama v. exc.ª a isto \_razão forte\_? É uma debilidade, minha

senhora... Forte é a razão do homem que se dá voluntariamente a

esperanças chimericas, e crenças sem critica... O forte é esse, que

vence a propria razão... Fraco sou eu, que não posso subjugar o

espirito...

--Nem com as consolações d'uma verdadeira amiga?

--O que é uma verdadeira amiga?

Fomos surprendidos por Alvaro de Sousa. Reparou no embaraço de Rosa, com

ares desconfiados. Eu recebi-lhe os cumprimentos com a frieza não

calculada dos meus habitos ordinarios. Continuei o retrato, com não sei

que placidez incomprehensivel! Senti-me melhor do coração...

Agora é que eu me sinto incapaz de continuar esta longa carta... Creio

que é longa e fastidiosa... Soffra, e tolere-m'a, minha querida senhora.

Até ámanhã.

De v. exc.ª

Dedicado amigo,

\_Paulo\_.

VI

\_14 de outubro\_

O retrato de Rosa estava concluido. Na tarde d'esse dia, Alvaro de Sousa

procurou-me, agradeceu-me o emprego que eu fizera de todos os recursos

da minha arte divina, e delicadamente deixou sobre a minha mesa um

cartuxo de dinheiro. Não sei o que continha; porque, apenas o encontrei,

depois que Alvaro se despedira, mandei entregal-o em sua casa.

Alvaro voltou no dia immediato, e instou pela razão de semelhante

precedimento. Respondi-lhe, depois de importunado, que me dispensasse s.

exc.ª de dar uma categorica explicação das minhas acções. Vi-lhe um

sorriso de desconfiança, que me fez piedade. Estive quasi a pedir-lhe a

definição do sorriso; mas não quiz culpar-me no erro, que lhe censurava

a elle. Todo o homem póde chorar ou rir quando quizer.

Decorreram tres dias, sem o menor incidente, com referencia ao retrato

da viuva. Hontem, porém, recebi a carta, que remetto a v. exc.ª, já que

me impôz a obrigação de lhe não esconder os mais secretos incidentes

d'esta minha attribulada existencia, que v. exc.ª segue, desde o berço,

minuto por minuto. Communicando-lhe essa carta, entendo que não me

deshonro. A mulher, que a escreveu, ou está deshonrada de mais para não

soffrer nos seus creditos com semelhante revelação, ou está bastante

pura para não soffrer no seu pudor, confiando-se á minha discrição, e á

de v. exc.ª

«Já não sou de mim propria quando commetto a estranha temeridade de

escrever-lhe. Separo-me das leis do meu sexo, e declaro-me muito forte

na minha fraqueza para me abandonar loucamente á vontade caprichosa d'um

sentimento, que póde deshonrar-me, mas que me absolve na consciencia.

«Escrevo-lhe, Paulo, porque não tenho esperanças de encontral-o n'esta

casa. Quero deixar cahir este véo, com que me viu, porque tenho vergonha

de parecer-lhe o que a minha razão me diz que não sou.

«Que julga de mim? Como tem avaliado o meu procedimento? Reputa-me

amante de Alvaro de Sousa? Não quero essa consideração; renuncio a tal

gloria, porque eu não sou amante de Alvaro de Sousa. Este homem entra na

minha casa, e denomina-me prima. Intitula-me prima, porque dizem que

minha mãe é casada com não sei quem que pertence á alta nobreza. Vi esta

mulher; não pude amal-a; não pude reconhecel-a; e fui com ella rude como

seria com uma pessoa estranha.

«Soube que a fortuna de meu pae a fizera elevar-se até ao ponto de

nobilitar-se. Não me fez uma ligeira impressão esta mudança. Não a

procurei nunca, e morrerei de indigencia antes de pedir-lhe uma dobra de

seus velhos tapetes para resguardar do frio minha filha.

«Alvaro de Sousa tem-se-me offerecido para estabelecer entre mim e D.

Anna do Carmo uma alliança filial. Revela um interesse extraordinario

pelo meu futuro. Dedica-me extremos de irmão e encobre com muito fina

astucia as suas intenções, se ellas são más.

«Não me importa saber quaes ellas sejam. Nada ha commum entre mim e este

cavalheiro, senão uma amizade sem consequencias, e um commercio de

frivolidades como é a troca de retratos, a que eu não ligo importancia

alguma.

«Aqui tem o que eu sou para aquelle homem. Precisava abrir-lhe assim a

minha alma, Paulo. O resto do mundo deixo-o julgar a seu bel-prazer; não

me canso até em sondar a indifferente opinião da sociedade a meu

respeito.

«A sua preciso d'ella; porque preciso da sua estima, como d'um amparo

que me anime a esperar sobre a terra a felicidade, que, em poucos dias,

vi fugir diante de meus olhos, como um sonho ditoso.

«A sympathia entre dous desgraçados deve ser abençoada por Deus. Não

fuja d'uma mulher que póde, se não dar-lhe consolações, recebel-as ao

menos. Seja meu amigo, não como foi de Helena, mas como póde sêl-o d'uma

pessoa, que desejára n'este instante ter uma sepultura ao lado d'ella.

«Não ouso pedir-lhe nada, não tenho sequer coragem de implorar-lhe duas

linhas em resposta a esta carta, que me sahiu tão ingenua do coração,

que nem quero tornar a vêl-a, para que o artificio da fria cabeça não vá

manchar a pureza natural com que a escrevi.

«Adeus, Paulo. Não desdenhe a inutil estima, que lhe offerece

\_Rosa Guilhermina.\_»

Esta carta não me impressionou. Quasi que me não occupei senão do estylo

em que era escripta! Encontrou-me n'um momento de gélida atonia.

Tenho-os assim, e então a minha alma é dura, o meu coração paralysa, os

meus labios sorriem-se machinalmente, e eu escondo a face nas mãos para

contemplar este mysterioso mixto de sensibilidade e cynismo que

caracterisa as feições da minha indole.

O portador d'esta carta esperava uma resposta, duas horas depois. Eu não

pensei que devia responder; por isso não tive o cuidado de saber se

alguem esperava resposta. Quando me annunciaram o portador, mandei-o

subir. Perguntei-lhe se era forçoso responder; disse-me que tinha ordem

de esperar até que eu lhe désse resposta, ou dissesse que a não tinha.

Escrevi...

Não me lembra bem o quê. Penso que eram estas as ideias:

Que eu não mostrára o menor interesse em conhecer indiscretamente a

natureza das ligações que prendiam D. Rosa Guilhermina a Alvaro de

Sousa;

Que me eram tão indifferentes depois como antes, mas que muito

ingenuamente estimava que ellas fossem taes, que nunca a excellente

senhora tivesse de soffrer por ellas;

Que acceitava a offerta da sua estima, porque já não podia aspirar a

outros triumphos no coração das mulheres, que sabiam separar a amizade

do outro sentimento que a hypocrisia vestiu com os arminhos emprestados

d'uma affeição nobre;

Que, na minha posição, não podia dar-lhe mais consolações do que as

muito poucas que um homem qualquer póde offerecer no serviço de qualquer

senhora, que precisa d'um criado.

Penso que foi isto, pouco mais ou menos, o que eu escrevi. São passadas

vinte e quatro horas. Não tenho nada a accrescentar a este episodio, e

creio que terminará aqui.

Não concebo bem o que esta senhora quer de mim! Não creio n'estas

fascinações momentaneas, porque as não entendo, ou o meu coração está

muito abaixo d'esses vôos.

O que em verdade lhe digo, minha boa amiga, é que não preciso recordar

os juramentos que fiz a Helena, dous dias antes da sua morte, para

vencer a impressão que Rosa Guilhermina me poderá ter feito. É nenhuma.

Posso esperar com firmeza e animo frio a perseguição. Nem, ao menos, a

lastimo, porque a febre da imaginação ha de mitigar-se, e, quinze dias

depois, esta mulher terá por mim um sentimento de resentido orgulho que

ha de salval-a. Entende-o assim?

De v. exc.ª

Grato amigo,

\_Paulo\_.

V

\_19 de outubro\_

Retirou-se, n'este momento, de minha humilde casa o senhor Alvaro de

Sousa.

S. exc.ª é um lastimavel mancebo! Como seu primo, minha boa amiga, sinto

que elle seja o incentivo irrisorio d'esta carta.

Entrou de chapéo na cabeça na minha officina.

Vou tentar recordar o dialogo, que tivemos.

«--Venho exigir do senhor uma prompta resposta--disse elle, dobrando o

punho d'uma bengalinha com a ponta.

«--Tenha a bondade de fazer a pergunta--respondi-lhe eu, convidando-o a

assentar-se no canapé, inutilmente.

«--O senhor tem algumas intelligencias com D. Rosa Guilhermina?

«--Não respondo.

«--Quer dizer que tem?

«--Não quero dizer nada. Digo que não respondo.

«--Mas eu preciso que responda sim, ou não.

«--Pois por satisfazer ás suas exigencias imperiosas, senhor Alvaro de

Sousa, respondo ambas as palavras: \_sim\_ e \_não\_.

«--Não comprehendo...

«--Tanto peor para v. exc.ª que não póde esperar de mim outras

explicações.

«--O senhor parece ignorar a qualidade de pessoa com quem falla...

«--Poder-me-hei ter enganado, mas creio que fallo com um dos mais

distinctos cavalheiros do Porto... O senhor Alvaro de Sousa é muito

conhecido, para que eu não conheça a qualidade da sua pessoa, até pela

libré dos seus lacaios.

«--É preciso que nos entendamos.

«--Desejo-o de todo o meu coração...

«--O senhor tem algumas relações com D. Rosa?

«--Continuemos na mesma desintelligencia, senhor Alvaro... Essa pergunta

já foi respondida.

«--Mas a resposta não me satisfaz.

«--Não tenho outra, e falta-me até a paciencia para lhe offerecer, outra

vez, a que v. exc.ª não acceita.

«--Eu sinto que o senhor não seja um cavalheiro da minha classe para

responder-me á ponta da espada.

«--Dou, portanto, louvores á Providencia por me ter feito d'uma classe

diversa da dos heroes, que teem ponta de espada para os que não tem

ponta de lingua...

«--O senhor zomba de mim?!

«--Zombo.

«--E não receia as consequencias d'essa affronta á minha honra?

«--Não, senhor.

«--Estou em sua casa...

«--Que quer dizer com isso?

«--Não quero dizer nada... Encontrar-nos-hemos...

«--Senhor Alvaro de Sousa, eu tenho épocas em que difficilmente sou

encontrado, e esta parece-me que é uma. Se v. exc.ª tem urgencia de

encontrar-se comigo, sahirei hoje.»

Não me respondeu, e sahiu.

São tres horas da tarde. Vou dar um passeio.

V. exc.ª ha de permittir-me que, invocando o sagrado testemunho da nossa

amizade, eu lhe imponha o preceito de não fazer transpirar uma palavra

d'esta minha carta, a não desejar um completo rompimento nas nossas

relações.

De v. exc.ª

Humilde criado,

\_Paulo\_.

VI

\_20 de outubro\_

A carta de v. exc.ª, cheia de benevolos conselhos, e prudentes reflexões

a respeito do meu conflicto com o senhor Alvaro de Sousa, é uma nova

força que v. exc.ª quer dar ás minhas convicções na sua amizade.

Felizmente, o primo de v. exc.ª, sentindo por ventura que lhe não era

glorioso um desforço com o pintor, já teve a summa discrição e bondade

de encontrar-se comigo tres vezes, e deixar-me seguir pacificamente o

meu caminho.

Sinceramente lhe digo, minha nobre amiga, que o menos interessado,

n'esta ridicula lucta com um moço digno d'outro competidor, era de certo

eu.

Não me levava para este acto de suprema vaidade o coração. O meu mal

pensado cavalheirismo era todo da cabeça, que tenho cheia de

loucuras, e refractaria a tudo que é submissão a classes, cuja

superioridade--desculpe-me v. exc.ª--não reconheço debaixo do céo.

D'este orgulho, que eu supponho não existirá d'hoje a cem annos, porque

então os homens serão todos iguaes perante a lei, e irmãos perante Deus,

d'este orgulho resultou a facilidade com que fui hontem procurar D.

Rosa, que me pedia anciosamente uma entrevista.

Encontrei-a assustada, confiando de mais na superioridade de Alvaro, e

avaliando em menos que o seu valor real a minha frieza de animo para

arrostar as furias do seu fidalgo amante.

Sorri piedosamente para aquelles receios, aliás naturaes no coração

d'uma mulher.

Aquietei-lhe quanto pude o seu sobresalto, e acabei por pedir-lhe que

fosse grata aos extremos do gentil moço, que, por ella, se arriscava a

um encontro, cujas consequencias eram imprevistas para ambos nós. N'este

sentido, aconselhei-a com uma generosidade digna d'outros tempos.

Encareci o merecimento do senhor Alvaro, advoguei a causa d'elle com o

fervor d'amigo, estabeleci comparações entre nós que redundavam em

grandes vantagens para elle, e terminei este difficil papel, salvando a

minha posição falsa, com lhe offerecer a sincera estima de irmão.

Rosa Guilhermina não me quer para irmão. Achei-a de marmore para este

sentimento que seria em mim o mais vital de todos, o que eu hoje mais

lhe agradeceria, e o primeiro e derradeiro que eu posso offerecer a uma

mulher. Ella, não. Fallou-me do seu amor com estranho desembaraço.

Explicou-me os effeitos d'uma impressão violenta. Disse-me que só um

prompto desprêso poderia salval-a, porque tinha o amor proprio

necessario para não succumbir sem gloria, humilhando-se a um homem que a

não comprehendia. Empregou, na exposição eloquente da sua sympathia, as

melhores palavras da novella, e concluiu o seu não interrompido discurso

com lagrimas, que me pareceram mais eloquentes que a fecundidade

palavrosa.

Eu não sei o que ha de sublime, e mavioso nas lagrimas d'uma mulher.

Como se Deus lhe désse a humildade por instrumento de triumpho, eu

senti-me enfraquecer, ao mesmo tempo que recobrava toda a minha coragem,

pedindo-a á saudade de Helena, como se pede uma alegria ás recordações

do passado, que se nos foi com todas ellas.

Eu creio já ter dito a v. exc.ª que D. Rosa é uma linda mulher. Quando a

retratei, havia alli n'aquella physionomia um colorido de felicidade, um

sangue agitado que lhe vinha em estos ardentes do coração, uma viveza

robusta, que denunciava um feliz descuido de pezares.

Hontem não era assim. Rosa estava livida. Orlavam-lhe os olhos umas

manchas azuladas, que marcavam talvez a passagem de muitas lagrimas

escondidas, em longas noites de desesperação. Posto que vaidoso, eu não

me felicitei, minha cara amiga, por ter sido a causa d'esses

padecimentos. Se é por mim que elles existem, não se me dá da gloria

inutil que elles possam dar-me. Não tenho nenhuma: não me prestam de

balsamo para o coração; não me aquecem esta cabeça de gêlo; não me

deixam roubar ao passado um instante para com elle idear futuros de

impossivel felicidade.

Poderei amar esta mulher repetindo as minhas visitas? Não. A aproximação

é o divorcio das grandes paixões, que a distancia esposára. Aos pés do

homem cahe partido o prisma, quando o hálito da mulher é tão de perto

que lhe empana as côres.

E eu, de mais a mais, não desejei aproximar-me, quando a vi de longe.

Não senti este toque inesperado, esta surpreza electrica, uma só vez

recebida na existencia de cada homem.

Poderá o tempo fazer o que não fez um instante?

Não.

Dizem que existe um amor lentamente creado pelo habito, emanação da

amizade contrahida pela semelhança de vontades, resultado d'uma demorada

elaboração de dous espiritos que se consagram no mutuo sacrificio de

propensões e desejos. Não sei o que seja isto. A razão rejeita essas

candidas theorias.

Eu só creio no amor não esperado, não grangeado por sacrificios, não

calculado de dia para dia.

Se me dizem que essas paixões improvisadas n'um olhar, e n'um sorriso, e

n'um córar, são instantaneas, e ephemeras como o féto arrancado ao

embrião, com violencia, antes de tempo, eu direi que sim... que morrem

essas paixões na vida, porque ha a pedra do tumulo que desce quando Deus

a manda, mas ha a eterna saudade que nem a Providencia póde desvanecel-a

no coração, que se envolve n'um pedaço da mortalha, roubada a outro

coração, que o deixou viuvo de todas as esperanças, e gélido para todos

os confortos.

Minha paciente amiga, eu sou fastidioso com as minhas choradeiras.

Acolha-m'as com amor, que eu não tenho, sequer, em galardão de tantos

soffrimentos, o poder de as lançar ao papel de modo que consternem a

compaixão da unica pessoa que póde sentir comigo.

Estou pintando. É o meu sonho de ha dias. É Helena, quando me deu uma

rosa murcha, e me disse: «Ahi tens o meu amor: a rosa cahirá desfeita em

pó; mas a saudade ficará perpetuamente entre os vivos, como o germen

d'essa flôr.» Estas palavras repetiu-m'as no sonho. Vi-a tal qual era,

n'esse primeiro dia em que os medicos lhe disseram que désse um passeio

recreativo á ilha da Madeira. N'esse dia começou ella o seu curto

passeio em redor da sepultura!...

Adeus, minha estimavel senhora.

De v. exc.ª

Amigo dedicado,

\_Paulo\_.

VII

\_29 de Outubro\_

Tem decorrido sete dias, depois que lhe escrevi, minha boa amiga. V.

exc.ª não calculava a razão do meu silencio, quando na sua queixosa

carta de hontem arguia a minha reserva, ou indolencia.

Eu indolente, senhora! Eu que não tenho cinco minutos de repouso desde o

dia á noite! Eu, que conto os longos instantes do escurecer ao dia!

Não lhe escrevi... por vergonha!... Ha de crêr-me, senhora! não tenho

tido animo de ser eu o proprio accusador das minhas fraquezas

incomprehensiveis! Tenho esperado o intervallo lucido d'esta demencia de

seis dias, e as trevas cerram-se cada vez mais.

Que é o que se passa em minha alma? Que transfiguração se operou na

minha vida? Que brinquedo cruel é este que vem ludibriar-me no canto

esquecido em que me refugiei com as minhas desgraças?

A minha organisação está debaixo da terrivel influencia d'uma zombaria

providencial! Eu era, ha oito dias, o homem morto para o futuro; as

minhas alegrias resuscitava-as do tumulo mudo do passado; a minha vida

era uma saudade que devia cegar-me os olhos da razão com o seu brilho

sinistro, enlouquecendo-me, ou matando-me. Detestava o presente, porque

debaixo dos meus pés estava o ardor do deserto, e nos horisontes da

minha esperança... nem uma gôta d'agua que me apagasse este lume que me

queima, sem o poder de aniquilar-me. Eu era isto! A solidão era-me cara.

O tumulo de Helena povoava-se-me de anjos. A imagem d'ella, esboçada em

cada téla que me rodeia, tinha uns olhos que choravam, mas os seus

labios articulavam não sei que palavras animadoras, que me mandavam

subir com o sorriso da resignação as escadas do meu patibulo.

E esta vida acabou para mim. A imagem de Helena fugiu lagrimosa e

espavorida da solidão do meu quarto. A sepultura d'ella... é uma pedra

êrma de phantasmas para mim. Comecei por descrêr das minhas passadas

visões. Raciocinei friamente sobre a vida e a morte; sobre a belleza que

foi, e o cadaver que é; sobre o coração arquejante de amor, e o coração

minado de vermes.

Que é isto, pois? quem rasgou este véo diante de meus olhos? Que homem

sou eu hoje, ou que homem fui durante dous annos de amargura incuravel?

Entre mim e Helena... está Rosa Guilhermina! Tenho o rubor do pejo na

face, quando estas palavras me fogem do coração! Parece que a vejo

contrahir uma visagem de indignado pasmo por tal mudança! O meu caracter

apresenta-se-lhe uma inconcebivel monstruosidade! Vota-me um legitimo

desprêso, desde este momento?

Primeiro me despresei eu a mim. Primeiro olhei eu, com asco, para a

minha miseria. Antes de v. exc.ª recuar nauseada da baixa condição da

minha alma, entrei eu na minha consciencia, e vi-me torpe, ingrato,

insensivel, perjuro, e vil!

Tenho muito orgulho da minha honra; quero absolver-me d'esta deslealdade

á memoria de Helena, e não posso. Vejo que é necessario ser cynico para

me desculpar, escarnecendo as culpas que a sociedade me imputa. Não

posso, não sei sêl-o, não está na minha mão rasgar o contracto que fiz

com Helena, nos seus ultimos instantes.

Mas eu amo Rosa. Que sentimento é este? Como hei de convencer-me de que

amo esta mulher? Se isto é uma illusão, como é que se dissipam estas

chimeras?

Não sei! Lembra-me que senti uma commoção inexplicavel quando a vi

chorar! Lembra-me que a vi n'um sonho, de que acordei balbuciando o seu

nome com ternura. Lembra-me que desdenhei, acordado, a ternura do

sonho... Mas a minha alma estava inquieta. O meu quarto parecia-me

pequeno: este silencio entristecia-me... Faltava-me não sei que voz, que

som dos anjos que me tinha ferido uma corda no coração!... Ri da minha

fragilidade. Peguei d'um pincel... Disse á minha alma que lhe inspirasse

os traços de Helena... e os olhos amortecidos de Rosa resaltaram-me do

panno com duas lagrimas... Era a imagem d'ella, que se levantava de um

tumulo a dizer-me: «Aqui tens lagrimas minhas; aqui tens um coração, que

renasceu das minhas cinzas; aqui te dou a unica mulher, que póde supprir

a que não terá para ti um sorriso sobre a terra... Vê que os vermes

corroeram a minha face. Não te illuda uma esperança em outros mundos,

porque os limites da vida são a campa... Eterna é só a materia; mas a

materia que te feriu os sentidos, dissolveu-a o sôpro da desgraça...»

Contive-me durante dous dias de tribulação incessante. O coração

dizia-me que Rosa me escreveria. Li a carta que recebera com

indifferença, e passei por a minha alma todas aquellas palavras.

Achei-as sinceras... Acarinhei-as com soffreguidão... Recordei o que

ella me dissera, depois. Accusei-me de ingrato. Tive orgulho do meu

rival. Receei ter parecido um ente indigno de tamanho amor! Senti

ciumes... Queria vêl-a... Precisava de lhe esconder metade de minha

alma, revelando-lhe uma pequena parte dos meus sentimentos...

E procurei-a... Não sei o que lhe disse... Recordo-me que lhe apertei a

mão com ardor; que lhe pedi lagrimas de piedade, e coragem para não

transgredir um juramento... Penso que me não entendeu, porque me

respondeu com um sorriso, e fugiu de ao pé de mim com a face abrazada...

E, desde esse dia, escrevo-lhe a todas as horas. Não lhe mostro as

minhas cartas, porque não posso convencer-me de que o meu coração está

n'ellas... É impossivel!... Aqui ha uma fascinação!... Eu não posso ter

esquecido Helena!...

Preciso hoje da sua companhia, minha querida amiga!... Escrevi o que não

ousaria pronunciar...

De v. exc.ª

Grato amigo,

\_Paulo\_.

VIII

\_25 de outubro\_

A ingratidão é punida. Principio a expiar o perjurio. Helena vai ser

vingada por esta mulher, que, traiçoeiramente, me assaltou o coração,

quando eu me julgava de ferro para as paixões.

Rosa Guilhermina vai recuando diante de meus passos. Aproximar-me foi

gelal-a. Da tristeza profunda com que me olhava, antes da vergonhosa

quéda que dei do alto do meu orgulho, transformou-se n'um rosto

folgasão, n'um conversar futil e acreançado, n'um nem eu sei que de

motejo e zombaria que me escandalisa e envergonha.

Esta mulher quiz experimentar-se, experimentando a minha soberba.

Humilhou-se como a vibora, que se enrosca entre as urzes, para se

levantar d'um salto de que eu devia fugir atrozmente ferido no meu amor

proprio. Isto tudo é inexplicavel; mas o facto existe com horrorosa

evidencia! Essa mulher, que me provocou, ha de amanhã despresar-me...

despresa-me já hoje, e ousa dizer-me que me recebe, em attenção á

delicadeza com que a tenho tratado!

Esta fria linguagem é a mascara impostora dos caracteres, que se não

sustentam. Quando a mulher assim falla, é porque o amor, nos labios

d'ella, foi uma expressão mentirosa, que passou por lá, como a palavra

«Deus» que é seguida, na bôca do impio, pela palavra «demonio!»

É isso crivel, minha querida amiga?

Rosa será aquella mulher, que me escreveu? Não a veria eu chorar? As

lagrimas podem assim prestar-se a uma infamia? Ha mulheres que tiram

d'um coração gasto um tal proveito?

Hontem procurei-a com a resolução estupida de convidal-a a ser minha

mulher! Eu não podia já luctar com ella, nem comigo. Um dia antes,

perguntei-lhe a razão da sua frieza; respondeu-me que ella mesmo não

sabia explical-a. Disse-me que Alvaro de Sousa não frequentava a sua

casa, e accrescentou que desejava saber de mim a razão d'este

procedimento.

--De mim?!--perguntei eu.

--Sim... do senhor... Por minha parte não lhe dei a elle motivo algum de

abandonar uma casa, em que entrava como parente... O que fiz foi

interpôr as minhas supplicas com o senhor Paulo e com elle para que não

tivessem desintelligencias em que soffresse a minha reputação.

--A sua reputação é invulneravel...

--Não é tanto assim... A vinda frequente do senhor Paulo, e a ausencia

completa de Alvaro de Sousa, é motivo de murmuração na visinhança.

--Quer com isso dizer que não a sacrifique á murmuração dos visinhos?

--Escuso lembrar á sua honra esse dever. O senhor deve ser o primeiro a

lembrar-se da susceptibilidade em que estou na presença d'um mundo que

não distingue as mais honestas das mais torpes intenções...

--Está raciocinando com admiravel prudencia, senhora D. Rosa!... Quer em

summa dizer que não devo vir a sua casa...

--Não digo tanto; mas devo pedir-lhe que seja menos frequente nas suas

visitas...

Comprehendi-a...

E ergui-me d'um impeto para retirar-me. Parece que o coração se me tinha

despegado no peito. Ouvi um zunido estranho, que me fazia latejar a

cabeça em dolorosas pontadas. Era tudo escuro diante de meus olhos, e

não havia em mim sensação que me não fizesse recear uma demencia.

Sahi, e, só muitos passos longe d'aquella casa fatal, me lembrou a

retirada boçal que fizera. Como foi possivel que eu não respondesse

áquella mulher?! Que indignação, ou que nobreza d'alma foi a minha, que

me não inspirou uma palavra que a fizesse córar?! Será isto uma

devassidão moral, que supporta impassivel todas as offensas? A longa

desgraça petrificou-me? Um amor, todo sancto, todo saudade, o amor de

Helena, dous annos puro no sacrario do meu coração, fez-me cynico?

Tenho-me hoje feito estas perguntas. É um tormento não poder responder.

Não posso. Não sei o que sou, nem o que é aquella mulher!

Seria uma desgraça, um cancro incuravel na minha alma a certeza de que

ella é tão infame como se me ostenta!

Vejamos se posso absolvel-a... Oh! eu queria absolvel-a, sem deshonra

para mim, nem para ella!... De que modo?...

Ha, por ventura, uma intriga? Qual? Por quem? E com que fim?

Não sei, não posso comprehendel-a.

Disse-me ella que nunca me confessou amor! Será isto verdade? Fui eu que

me illudi? Então, aquella carta, aquella livre explicação d'um affecto

repentino... foi tudo um sonho?! Terei eu mentido a v. exc.ª? A cópia da

carta que lhe enviei, foi uma ignobil impostura?...

Como é especialmente horrivel a minha situação! Como eu, d'um lance

d'olhos, vejo todos os casos em que um homem póde suicidar-se na sua

honra cuspindo na face d'uma mulher!...

Esta situação não póde assim durar... Eu preciso ouvil-a... Ella ha de

saber colorir a sua depravação d'outro modo... Eu quero até que ella se

defenda, porque vai ahi n'essa defesa a salvação do meu amor proprio...

Que dirá?... Que terei eu que responder-lhe?

Minha boa amiga, ha uma conspiração sobrenatural contra mim... Eu

receio, hoje mais que nunca, uma demencia. Lamente o seu infeliz amigo

\_Paulo\_.

IX

\_2 de novembro\_

Tudo está perdido.

Rosa Guilhermina vai sahir do Porto. D. Anna do Carmo faz parar, ha

quatro dias, a carruagem á porta de sua filha. Alvaro de Sousa

reconciliou-as. Leia v. exc.ª essa carta, que recebo n'este momento:

«Confidente de minha amiga Rosa Guilhermina, devo dizer a v... que as

suas visitas a esta casa, emquanto ella fôr minha hospeda, são bastante

prejudiciaes á futura felicidade d'esta senhora. Sua mãe, informada das

relações que o chamam a minha casa, obriga Rosa a sahir do Porto.

Suspeito que a sua direcção não pare aqui em Portugal.

«Da parte de v..., tanto eu como ella esperamos a cavalheira prudencia,

que o seu bom caracter nos afiança. Se a ama, como devo acreditar das

cartas que lhe escreve, desvele-se em não prejudical-a. Até aqui a sua

união com a filha sem mãe, seria possivel. Hoje que D. Anna do Carmo

reconhece sua filha para eleval-a até onde o dinheiro a collocou,

declaro-lhe, com pesar meu, que serão, além de inuteis, nocivos todos os

seus esforços.

«Com sincera estima

«De V...

«Veneradora affectuosa,

«\_Maria Elisa\_.»

Ora aqui tem, minha boa amiga, o artista em lucta com a sociedade. Ella

ahi vem pôr-me um pé, segunda vez, no pescoço! Cá sinto já a dôr

vilipendiosa, e nem sequer sei já sorrir-me, quando a soberba me estende

na face uma bofetada! É preciso ser homem, antes de tudo. Quero tirar

nobreza da minha vilania! Esta dôr moral é mais forte que a outra. Sinto

desvanecer-se o amor, e só tenho alma para compulsar as agonias d'uma

paixão incomparavelmente maior. Cerra-se uma ferida; mas creio que me

abriram outra incuravel, rasgando-me a antiga cicatriz.

Hoje preciso da vida, porque é impossivel que eu não tenha a minha hora

de vingança...

Vou sahir de Portugal... não porque me reconheça tão pusillanime que

receie aqui uma consumpção moral... Não é isto... é que debaixo d'este

céo não ha para mim um anjo bom que me auxilie n'esta peleja desigual

com o meu inseparavel demonio.

Tenho dinheiro, que me é inutil aqui. Preciso desperdiçal-o... Quero

tocar a extrema da miseria, para que a necessidade me faça artista, e o

trabalho me salve d'estes ocios despedaçadores. Não sei onde irei... nem

mesmo quero sabel-o... De qualquer parte, minha querida amiga, virá uma

minha carta pedir-lhe uma lagrima. Quando a não receber... quando o

silencio lhe afigurar que a sua amizade fez um ingrato, poderá v. exc.ª

dizer: «Aquelle desgraçado, de quem fui tão amiga, e que tanto deveu ás

minhas consolações, morreu!»

E v. exc.ª poderá então louvar a Deus, que encravou a roda do meu

infortunio. Poderá agradecer-lhe, como unica pessoa que deixarei no

mundo com o meu nome no coração, a graça da morte concedida ao talvez

primeiro homem, que não teve cinco minutos de felicidade na demorada

existencia de vinte e seis annos.

N'este momento ha em mim alguma cousa sobrenatural. Não amo Rosa

Guilhermina; mas tambem a não detesto! O que eu muito queria era o

segredo d'aquella indole, porque eu não seria acreditado se contasse a

transição do amor ao desprêso, a infame mentira que me arrancou aos

braços d'um cadaver para me lançar nos da desesperação.

Deixal-a! Quero até pedir a Deus... \_a Deus!\_ a desgraça, que é a mãe da

piedade! Sinto-me religioso, porque, acima d'estas torpezas, ha de

necessariamente existir um Creador, que deixou aqui a dilacerarem-se o

mal e o bem. Este Creador deve ser juiz, e eu começo a temêl-o desde

este momento... Quero, pois, pedir a Deus que proteja o futuro de Rosa

Guilhermina. Os anjos vão com ella. Esta expressão do povo é a mais

expansiva e tocante que a minha alma pode dar-lhe. A derradeira

consolação do infeliz é perdoar. Eu perdôo... Offereço o meu coração

para todos os punhaes; curvo a minha cabeça a todas as desgraças; dobro

o meu joelho a todas as violencias, e prometto de nunca mais chamar

infames os instrumentos, que obedecem á vontade superior do grande motor

da vida, e da morte, da honra, e da deshonra.

Não tenho coragem de abraçal-a, minha cara irmã. Adeus.

De v. exc.ª

Amigo de toda a vida,

\_Paulo\_.

X[5]

\_Roma, 4 d'abril de 1825\_

Minha prezada amiga

Eu tinha esperanças na minha convalescença moral. O coração, aturdido

por padecimentos tumultuosos, cansado e endurecido por cicatrizes de

golpes sobre golpes, adormecera extenuado... Eu principiava agora uma

nova estação na minha vida. A insensibilidade promettia-me uma

tranquilla vegetação. Adormeceria sem lagrimas; acordaria sem

sobresaltos; veria tudo descórado em redor de mim; abriria para tudo,

que me cerca, estes olhos de estatua, sem culto para o bello, nem asco

para o repugnante.

Este ultimo baluarte sinto-o esboroar-se debaixo dos pés. Á

convalescença da alma segue-se a desorganisação da materia.

Estou doente d'uma enfermidade que eu sentia, ha annos, fermentar-se-me

no coração. Muitas vezes sentia umas palpitações extraordinarias, e

depois dores agudissimas, um suor copioso, um mal-estar physico e moral,

um mixto de aborrecimento e desesperação, que eu attribuia sempre á

inconsolavel viuvez da minha alma.

Este padecimento, nos primeiros mezes da minha viagem, diminuiu até se

extinguir. N'outro tempo, não se me dava sentir aggravar-se o mal; mas,

agora, queria vêr-me livre, queria viver muito n'este marasmo de todos

os sentidos.

Não o quiz a Providencia. Ha quinze dias que soffro muito. Dizem-me que

tenho uma aneurisma. Não sei o que é... É a morte, que me fugiu quando

eu a chamava, e me chama quando eu lhe fujo. Não posso dizer-lhe que bem

vinda seja!

Mandam-me a ares patrios... Eu não sahirei, já agora, d'aqui... Este

conselho da medicina é um futil subterfugio.

A minha doença estudo-a nos livros onde aprendem a cural-a os medicos. É

inevitavel a morte... Póde-se assim viver longos annos; mas eu, assim,

não desejo viver...

É lamuria de mais por uma cousa tão transitoria como a vida!... Eu devo

ser superior a esta pouca materia que se dissolve no dia seguinte

áquelle em que o espírito planisa mil prosperidades. Não me deve ser

penoso morrer, porque eu não tinha previsto felicidade nenhuma. O meu

futuro seria uma atonia glacial, uma sensibilidade de morte no coração,

e vida na apparencia... Viver assim, entre os homens, ou entre

cadaveres, que importa?... Morrerei resignado.

Agora posso fallar-lhe de tudo, porque tudo me é indifferente. Levanto,

hoje, a suspensão que impuz á sua bondade, minha amiga. Póde fallar-me

de Rosa. Que é feito d'essa mulher?

Incommoda-me muito o escrever. Prohibem-m'o; mas a prohibição não seria

obedecida, se a cabeça me deixasse... Sinto um desprazer semelhante á

nausea. É um esvahimento de cabeça, e uma lassidão em todo o corpo, que

só posso attenuar com o uso do opio, que me entorpece completamente.

Adeus.

De v. exc.ª

Amigo do coração,

\_Paulo\_.

RESPOSTA

\_Porto, 6 de maio de 1825\_

Meu bom amigo

Eu peço a Deus que lhe sosegue a imaginação. V... suppõe-se mais doente

do que realmente está. O seu ardente espirito engana-o. Não se entregue

ao terror da morte: viva, porque esse medo é signal de que a vida ainda

lhe é cara.

Espero ainda vêl-o em Portugal, esquecido dos seus passados dissabores,

e vivendo para a felicidade de pessoas suas amigas.

Quando v... perder um falso preconceito em que tem a sociedade, verá que

o seu elevado merecimento lhe grangeia estimas, e o seu bom coração

encontrará, por ventura, outro digno d'elle.

Não quero que se lembre da morte!

Dava-me tantas esperanças de o vêr feliz, na sua penultima carta, e

agora parece que capricha em fazer-se desditoso, communicando á sua

extremosa amiga as suas tristes previsões!

Bem sabe com que amizade lhe fallo. Affiz-me a tratal-o como irmão, e

não saberia amar com mais ternura um filho. Quando perdi um esposo, na

flôr dos annos, e uma filha que elle me deixou nos braços, tambem eu,

senhor Paulo, me julguei morta para tudo. Sentei-me no leito d'onde vira

sahir o cadaver de meu marido, e esperei ahi a morte. Abracei-me ao

berço vasio de minha filha, e pedi ao Senhor a esmola de uma mesma

sepultura para tres entes que deviam ajuntar-se.

Encontrei-o ao meu lado, chorando comigo a perda de Helena, senhor

Paulo, e os seus nobres padecimentos vieram minorar os meus. V...

fallou-me do céo, da eternidade, da perpetua união das almas no seio de

Deus, e eu acreditei-o. Como as suas palavras me vinham sanctificar a

minha dôr no coração, gravei-as ahi, e a sua imagem entrou lá com ellas

para sempre.

Não sei se o amei; mas, se o amor não era aquella extremosa amizade, que

lhe consagrei, e consagro, então não sei o que é o amor.

Não era isso o que accende o ciume, porque esse não o senti eu nunca. O

seu triste episodio com Rosa contristou-me, porque desde o principio

prophetisei desventuras. Realisaram-se muito além do meu agouro.

Nunca lhe fallei assim, porque... deixe-me tambem ceder a não sei que

triste e mysteriosa inspiração... parece-me que o não verei mais... isto

é uma loucura, uma allucinação, mas o coração sente-a tão forte, que eu

não posso suspender as lagrimas... Nunca lhe fallei assim, porque v...

tem hoje vinte e sete annos, e eu trinta e sete... As desgraças não me

poderam ainda envelhecer de todo, e eu recearia enganal-o, fazendo-o

nutrir, a respeito da minha amizade, alguma falsa supposição, que me

poderia fazer muito desgraçada, ou muito feliz.

Esses receios passaram. Agora conheço que não ha commum entre nós senão

uma amizade illimitada até á honesta confiança. Nunca podia-lhe ser

outra cousa...

Fallei já muito de mim. Quer que lhe falle de Rosa?

Depois da sua partida, a filha de Anna do Carmo foi viver na companhia

de sua mãe, levando comsigo a viuva do negociante da rua das Flôres.

Encontrei-as em casa do D. Antonio de \*\*\*, e achei-as ambas bellas.

Maria Elisa trazia douda a cabeça de S\*\*\* C\*\*\*, Rosa Guilhermina, um

pouco triste, recebia com indifferença o cortejo teimoso de Alvaro de

Sousa. Por causa de Maria Elisa houve pequenas miserias de salão, ciumes

senis, com que os nossos velhos se inculcam rapazes. Felizmente, não

lhes falta zêlo para não deixarem transpirar as fidalgas impudencias,

que sabem occultar nos seus solares.

Agora receba uma novidade, que não deve já ferir a sua vaidade, nem

mesmo alvoroçar o seu coração.

Rosa Guilhermina vai casar-se.

Quer saber com que neto de trinta avós?

É um neto sem avô conhecido.

Não sei se ha seis ou mais annos que Rosa Guilhermina viveu algum tempo

em casa do negociante Silva, da rua das Flôres, com quem seu pae, o

arcediago de Barroso, a quiz casar.

Rosa namorou-se ahi d'um tal José Bento, filho d'um retrozeiro. Este

lôrpa (diz Maria Elisa que o era de grande marca, e eu creio que

continúa a sêl-o) estudava latim em casa do Passos, cujo quintal partia

com o do arcediago, na travessa do Laranjal ou Bomjardim. Por causa

d'ella, e á sua vista, o rapaz foi castigado com uma palmatoria. No dia

seguinte, o mestre que o castigou, appareceu morto, e José Bento

desappareceu.

Foi para o Brazil, onde se demorou alguns annos, vendendo carnes sêccas.

Por fim, morre o patrão, e deixa-o senhor d'uma riqueza que parece

extraordinaria, pelo fausto com que se apresentou no Porto.

Ninguem se lembrava já do filho do retrozeiro, que tinha morrido. José

Bento de Magalhães e Castro, como elle se assigna, occultou algum tempo

o seu nascimento; mas, um dia, apresenta-se em casa de Anna do Carmo,

pedindo licença para vêr Rosa Guilhermina.

A viuva apparece; mas não se recordava já das feições do seu primeiro

namoro. José Bento declara-se, e offerece-se como marido de Rosa.

Não sei o que se seguiu a isto. O boato do proximo casamento correu

logo. O senhor Magalhães e Castro é recebido nas primeiras casas.

Alcançou fôro de fidalgo, e trata de edificar no Reimão um palacete com

as armas dos Castros e Magalhães. Dizem-me, que, dentro de oito dias,

Rosa será senhora de grandes bens de fortuna, e as suas carruagens serão

as melhores.

Eu quizera que v... se risse com a fina ironia de talento, e da

experiencia, como eu realmente me rio d'estas grutescas evoluções do

mundo.

Vai extensa a carta, e parte para Cadiz o hiate que deve leval-a.

Adeus, meu querido amigo. Escreva-me, dizendo que se desvaneceram os

seus terrores. Viva para a sua dedicada irmã.

\*\*\*

XI

\_Roma, 28 d'abril de 1825\_

Graças, minha querida amiga! A sua carta é um modelo de que deviam

servir-se os raros anjos, que receberam de Deus a divina missão de

consolar infelizes.

O meu coração sentira uma estranha alegria, duas horas antes de eu abrir

a carta de v. exc.ª Era o presentimento.

Tive uma hora de luz. Respirei o aroma de todas as flôres da vida.

Dilatava-se-me o coração. As palpitações eram impetuosas como as do

sangue, surprendido pela imagem de uma mulher, que se julga morta, e

para sempre perdida.

Era esta justamente a hora em que v. exc.ª devia assim fallar-me. Mezes

antes, esta linguagem faria a sua desgraça, que a minha está fadada

desde o seio de minha mãe.

Foi minha amiga, quanto podia sêl-o. Fui eu quem lhe esposou o seu

coração viuvo d'um esposo e d'uma filha. Eis aqui uma vaidade sancta,

que não deshonra um quasi moribundo. As suas revelações, senhora,

acolhe-as meu coração como um deposito sagrado que brevemente confiarei

ao tumulo.

A minha morte proxima não é uma chimera de imaginação ardente. Já lhe

disse que quero viver e não posso... Desfalleço, porque todos os meus

esforços são impotentes. Cravo as unhas na aresta do abysmo; mas o corpo

resvala, e a queda é infallivel.

Morro aos vinte e sete annos. Vou, envelhecido por toda a sorte de

tribulações. Resta-me saber o que é a indigencia: vai muito adiantada a

noite da vida para que a conheça. O meu dia eterno vai nascer, e a luz

matutina d'esse dia irradiou-se em volta de mim, quando as suas palavras

vieram povoar de bellas visões a solidão do meu quarto.

Foi o amor que me matou! Posso dizel-o com toda a ufania d'uma nobre

amargura: foi o amor que me matou! Esta grande alma não era para esta

sociedade. Offereci-lh'a, despresou-m'a... Lancei-lh'a aos pés...

calcaram-m'a... Fez-se-me uma villania, porque eu era muito nobre...

conheço que o era, porque tenho perdoado a todos aquelles que me

cortaram as carnes até me chegarem ao coração... Não me conheceram, e eu

não os conheci a tempo. Foi muito tarde que o mundo se me ostentou, qual

é. Eu tinha direitos a ser feliz, embora recebesse a felicidade pela

porta da deshonra. Não quiz. A minha pureza custou-me a vida, porque

fugi do mundo para a solidão a digerir o fel que me deram, e protestei

morrer antes de cuspil-o na face da sociedade.

Aconselho a infamia a todos os desgraçados, senão quizerem o martyrio.

Se forem insultados, indemnisem-se. Renunciem educação, honra, pundonor,

e dignidade, todas as vezes que a vingança depender da villania, da

deshonra, da impudencia, e do descaramento.

Desculpe-me v. exc.ª... Esqueci-me que estava escrevendo a uma senhora,

que não resolveu ainda os asquerosos problemas da infamia. A minha

cabeça é um vulcão. Não é ainda a demencia que me desvaira, mas póde

sêl-o a febre.

Ha tres dias que me não levanto. Estou quasi só. Tenho um medico alguns

minutos no dia, um frade portuguez que por aqui anda atraz da salvação

eterna, e um criado, que me serve um caldo, e não entende o que lhe

digo.

Eis-aqui a minha familia na vespera d'uma viagem infinita... Falta-me

aqui uma mulher, que me fosse esposa, mãe, ou irmã. Em Portugal, quando

estes ataques me annunciavam a morte, lembrei-me, muitas vezes, que o

meu derradeiro olhar encontraria os olhos de v. exc.ª

Aqui, será a sua imagem, o seu retrato, que me sorri, aquelle retrato

que v. exc.ª me concedeu a pedido da nossa pobre Helena...

Não posso...

Ah!... esquecia-me dizer-lhe que a historia de Rosa Guilhermina é uma

bonita farça... Fez-me sorrir; mas, no coração, lamento-a!... É uma

mulher bem trivial!...

Adeus, minha querida irmã... Será o ultimo?...

\_Paulo.\_

«--Eis-aqui a ultima carta, que eu recebi de Paulo--disse a senhora,

que me confiou a leitura, e as cópias de todas.

«--Que sentia v. exc.ª depois que a leu?

«--O que eu senti?... Nem já me recordo... Isto passou-se ha trinta

annos; e a memoria do coração, aos sessenta e seis, está embotada; mas,

se quer um facto que lhe exprima melhor que todas as palavras o que eu

senti, bastará dizer-lhe que, dous dias depois, parti para Roma...

«--Para Roma!...

«--Admira-se!?

«--Então v. exc.ª amava Paulo...

«--Se o amava!... Não se fazem essas perguntas a uma velha. O senhor ri

de mim, se eu deixar fallar o coração, como elle, ainda ha trinta annos,

lhe responderia.

«--Eu não posso rir do que a vida tem mais grave e triste...

«--O amor!... diz bem... É bem triste recordal-o; mas o ridiculo manda

suffocar as expansões d'um coração, que não envelheceu ainda. Dizem que

os cabellos brancos são veneraveis. Se o são, e só nos patriarchas, nos

prophetas, e nos apostolos... Quer que lhe diga que amei Paulo? Pois

sim... Amei-o muito... Conheci-o, já casada; mas eu fui uma esposa com

todas as virtudes, e com a resignação para todos os sacrificios.

A filha do general \*\*\* amava Paulo.

A minha casa era o unico local onde se reuniam. Impuz-me esta violencia,

e prestei-me ao doloroso serviço de os approximar, porque precisava

matar um veneno com outro veneno.

Helena morreu, e Paulo refugiou-se a chorar comigo. Eu e o tumulo d'ella

eramos o unico passatempo da sua atormentada existencia.

Enviuvei. Encontrei-o sempre a meu lado. Sondei com muita delicadeza a

sua alma, e achei-a fria. Reconheci que era meu amigo, porque eu lhe

fallava muito de Helena. Um homem assim não podia amar-me...

«--Porque não lhe revelou a sua alma?

«--Uma mulher, se não está gasta pela libertinagem, ou não é

prodigiosamente estupida, nunca faz semelhantes revelações. Se elle me

perguntasse se eu o amava, responder-lhe-ia que não, e córaria pela

vergonha da mentira, ou pelo remorso da offensa... Dizem-me que as

mulheres de hoje são faceis n'essas delações da sua alma. Se não é a

moda que as absolve, o pudor de certo não é... Emfim, eu nunca lhe disse

que o amava, nem elle me proporcionou occasiões de dizer-lh'o.

Um anno antes de conhecer essa mulher fatal...

«--Quem? Rosa Guilhermina?

«--Sim... Um anno antes de conhecel-a, raras vezes vinha a minha casa.

Vivia muito só: dizia-me nas suas frequentes cartas, que vivia namorado

da arte, que tinha muitos retratos de Helena, e que roubava á pintura o

tempo apenas necessario para visitar-lhe, em S. Francisco, a sepultura.

Relacionado com Rosa, Paulo, sem o pensar, ultrajou-me quanto era

possivel!... O ciume devorou-me alguns dias, e eu tive momentos de

detestar o infame caracter do infeliz moço... Habituada, porém, a

dominar-me, afivelei outra vez a mascara, e recebi-o com a mesma graça

em minha casa para ouvir-lhe as expansivas apologias de Rosa

Guilhermina.

Tenho remorsos de ter sentido uma cruel alegria, quando essa mulher o

despresou...

«--Naturalmente... alguma intriga...

«--Urdida por mim?...

«--O amor, muitas vezes, obriga...

«--A praticar villezas? O amor nobre, não... Eu não urdi intrigas...

Rosa despresou-o; porque o seu caracter era o caracter de sua mãe...

Anna do Carmo nascera nas palhas, fôra amante d'um padre, fôra adultera

mulher d'um livreiro, fôra repellida de casa de sua filha, e recebera-a

por fim, nos seus salões, sem vergonha do seu passado, nem resentimento

da sua dignidade. Filha de tal mãe, não podia apreciar o amor de Paulo,

que amára uma mulher, que morrera por elle.

Ia-me esquecendo o conto... Fui a Roma; cheguei lá vinte dias depois que

recebi a carta.

«--Encontrou-o?

«--Sepultado... Morrera seis dias antes... Ao lado da sua cabeceira

estava o meu retrato... É aquelle que alli se vê.»

Reparei... Ninguem diria que esta senhora podia ter sido tão bella!

Cahiam-lhe duas a duas as lagrimas... Eu quiz divertil-a d'esta dolorosa

situação, perguntando-lhe:

«--Demorou-se em Roma?

«--Tres dias... Voltei a Portugal, depois... Deixe-me chorar, porque ha

muitos annos que não fallei a ninguem n'este homem... Quer saber o resto

d'esta historia, que faz o seu romance?... Essa senhora de que faz

menção no seu prologo, póde contar-lh'a.

«--Com menos graça que v. exc.ª...

«--Pois eu lhe digo: Rosa Guilhermina morreu, ha seis annos em Lisboa,

com o titulo de viscondessa de \*\*\*. Seu marido ainda vive... É um dos

mais ricos proprietarios do paiz...

«--E Maria Elisa?

«--Essa mulher perdeu-se... Foi amante de S\*\*\* C\*\*\*, que deu escandalo

no Porto, e perturbou a tranquillidade da sua casa, e da casa das suas

amantes, que eram quasi todas casadas. Depois, como elle morresse, Maria

Elisa, que vivera na companhia de Rosa, reagiu contra os conselhos de

José Bento, e abandonou a amiga para entregar-se a uma vida dissipada

sem ao menos a colorir com as variadas tinturas da hypocrisia. Tocou o

extremo grau de miseria; mas d'esta miseria prosaica e villã, e que não

póde ser historiada n'um romance. Não era fome nem nudez. Era a negação

para todos os sentimentos d'honra. Quando desceu tão abaixo recebeu uma

boa mesada de Rosa; mas dissipou-a com amantes. Por fim envelheceu. Rosa

tinha morrido, e o visconde de \*\*\*, que a soccorrera estimulado por sua

mulher, abandonou-a inteiramente.

«--E ainda vive?

«--Morreu já depois que o senhor principiou o seu romance. Foi

justamente no dia em que sahiu o quinto folhetim na \_Concordia\_.

«--Morreu miseravelmente?

«--Não, senhor. Quem lhe prestou os ultimos soccorros fui eu. Não lhe

faltou uma cama, um medico, uma enfermeira, e um padre até ao seu ultimo

momento.

«--Devia ser terrivel, nos ultimos dias, o olhar d'essa mulher para o

passado!...

«--Creio que não... A desgraça desmemoria... Por não sei que favor da

Providencia, a mulher que se degrada não tem já o senso intimo da sua

dignidade perdida. Cahiu, do leito á sepultura, impassivel como a pedra

que tomba insensivelmente do alto da serra ao fundo do abysmo...

«--Esqueceu-me perguntar-lhe como viveu Rosa com José Bento...

«--Honradamente, e parece que feliz.

«--Deixou filhos?

«--Do segundo marido nenhum.

«--E aquella Assucena, que tão linda me pintaram? Deve hoje ter trinta

annos...

«--Morreu ha dous... Quer saber a vida d'essa mulher?

«--Desejava...

«--Mas tem de fazer outro volume.

«--Pois a vida de Assucena dá para tanto?

«--É um triste romance... Ha de escrevel-o, e intitulal-o: A NETA DO

ARCEDIAGO.

FIM

[1] Foi assim chamada a assembleia de illustrações scientificas na

França, em que avultavam a marqueza de Lafayette, Lacralpenede, M.me

de Sevigné, Jullie de Angennes, e outras que se davam o titulo de

\_preciosas\_, baptisando-se com nomenclaturas gregas, e praticando em

linguagem privativa d'ellas. Molière, o grande espirito, que

espancou da França o \_ridiculo\_ com o \_ridiculo\_, pôz esta gente em

scena, nas comedias--\_As Preciosas Ridiculas\_, e \_As Mulheres

Sabias\_. O hotel de Rembouillet não resistiu a Molière.

[2] O já morto Joseph Gregorio Lopes da Camara Sinval.

(\_Nota da 2.ª edição.\_)

[3] No Porto, onde nasceu Garrett, invocaram-se todos os Antonios

Josés coevos para idearem um monumento a Garrett!... Não se fez o

monumento; mas ficou um de vergonha na memoria dos vivos, e bom é

que passe além. (\_Nota da 2.ª edição.\_)

[4] \_A Neta do Arcediago\_, já publicada.

(\_Nota da 2.ª edição.\_)

[5] Não interessam no romance algumas cartas, que se não publicam.

Escriptas de Lisboa, Cadiz, Barcellona, Paris, Genova, e Milão,

quasi todas são descripções locaes. Vê-se que Paulo, em todas ellas,

só muito de relance, falla em, cousas passadas. Se é acinte, se

naturalidade, não o sabemos nós. A sua amiga do Porto, diz-nos que

tambem muito de proposito, se lhe escrevia, nem ligeiramente lhe

fallava de Rosa. A carta, que publicamos, é a vigesima da collecção,

escripta, segundo se vê da data, cinco mezes depois da sahida de

Paulo.

End of Project Gutenberg's A Filha do Arcediago, by Camilo Castelo Branco

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK A FILHA DO ARCEDIAGO \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 27364-8.txt or 27364-8.zip \*\*\*\*\*

This and all associated files of various formats will be found in:

http://www.gutenberg.org/2/7/3/6/27364/

Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This book was

produced from scanned images of public domain material

from the Google Print project.)

Updated editions will replace the previous one--the old editions

will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no

one owns a United States copyright in these works, so the Foundation

(and you!) can copy and distribute it in the United States without

permission and without paying copyright royalties. Special rules,

set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to

copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to

protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project

Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you

charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you

do not charge anything for copies of this eBook, complying with the

rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose

such as creation of derivative works, reports, performances and

research. They may be modified and printed and given away--you may do

practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is

subject to the trademark license, especially commercial

redistribution.

\*\*\* START: FULL LICENSE \*\*\*

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free

distribution of electronic works, by using or distributing this work

(or any other work associated in any way with the phrase "Project

Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project

Gutenberg-tm License (available with this file or online at

http://gutenberg.net/license).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm

electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm

electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to

and accept all the terms of this license and intellectual property

(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all

the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy

all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession.

If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project

Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the

terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or

entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be

used on or associated in any way with an electronic work by people who

agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few

things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works

even without complying with the full terms of this agreement. See

paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project

Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement

and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic

works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation"

or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project

Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the

collection are in the public domain in the United States. If an

individual work is in the public domain in the United States and you are

located in the United States, we do not claim a right to prevent you from

copying, distributing, performing, displaying or creating derivative

works based on the work as long as all references to Project Gutenberg

are removed. Of course, we hope that you will support the Project

Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by

freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of

this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with

the work. You can easily comply with the terms of this agreement by

keeping this work in the same format with its attached full Project

Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern

what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in

a constant state of change. If you are outside the United States, check

the laws of your country in addition to the terms of this agreement

before downloading, copying, displaying, performing, distributing or

creating derivative works based on this work or any other Project

Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning

the copyright status of any work in any country outside the United

States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate

access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently

whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the

phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project

Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed,

copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.net

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived

from the public domain (does not contain a notice indicating that it is

posted with permission of the copyright holder), the work can be copied

and distributed to anyone in the United States without paying any fees

or charges. If you are redistributing or providing access to a work

with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the

work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1

through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the

Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or

1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted

with the permission of the copyright holder, your use and distribution

must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional

terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked

to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the

permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm

License terms from this work, or any files containing a part of this

work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this

electronic work, or any part of this electronic work, without

prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project

Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary,

compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any

word processing or hypertext form. However, if you provide access to or

distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than

"Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version

posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.net),

you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a

copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon

request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other

form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm

License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying,

performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works

unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing

access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided

that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from

the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method

you already use to calculate your applicable taxes. The fee is

owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he

has agreed to donate royalties under this paragraph to the

Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments

must be paid within 60 days following each date on which you

prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax

returns. Royalty payments should be clearly marked as such and

sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the

address specified in Section 4, "Information about donations to

the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies

you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he

does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm

License. You must require such a user to return or

destroy all copies of the works possessed in a physical medium

and discontinue all use of and all access to other copies of

Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any

money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the

electronic work is discovered and reported to you within 90 days

of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free

distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm

electronic work or group of works on different terms than are set

forth in this agreement, you must obtain permission in writing from

both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael

Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the

Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable

effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread

public domain works in creating the Project Gutenberg-tm

collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic

works, and the medium on which they may be stored, may contain

"Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or

corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual

property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a

computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by

your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right

of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project

Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project

Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all

liability to you for damages, costs and expenses, including legal

fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT

LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE

PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE

LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH

DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a

defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can

receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a

written explanation to the person you received the work from. If you

received the work on a physical medium, you must return the medium with

your written explanation. The person or entity that provided you with

the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a

refund. If you received the work electronically, the person or entity

providing it to you may choose to give you a second opportunity to

receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy

is also defective, you may demand a refund in writing without further

opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth

in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER

WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO

WARRANTIES OF MERCHANTIBILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied

warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages.

If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the

law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be

interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by

the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any

provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the

trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone

providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production,

promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works,

harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees,

that arise directly or indirectly from any of the following which you do

or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm

work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any

Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of

electronic works in formats readable by the widest variety of computers

including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists

because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from

people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the

assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's

goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will

remain freely available for generations to come. In 2001, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure

and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations.

To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4

and the Foundation web page at http://www.pglaf.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive

Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit

501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the

state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal

Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification

number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at

http://pglaf.org/fundraising. Contributions to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent

permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S.

Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered

throughout numerous locations. Its business office is located at

809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email

business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact

information can be found at the Foundation's web site and official

page at http://pglaf.org

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby

Chief Executive and Director

gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide

spread public support and donations to carry out its mission of

increasing the number of public domain and licensed works that can be

freely distributed in machine readable form accessible by the widest

array of equipment including outdated equipment. Many small donations

($1 to $5,000) are particularly important to maintaining tax exempt

status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating

charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a

considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up

with these requirements. We do not solicit donations in locations

where we have not received written confirmation of compliance. To

SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any

particular state visit http://pglaf.org

While we cannot and do not solicit contributions from states where we

have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition

against accepting unsolicited donations from donors in such states who

approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make

any statements concerning tax treatment of donations received from

outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation

methods and addresses. Donations are accepted in a number of other

ways including including checks, online payments and credit card

donations. To donate, please visit: http://pglaf.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic

works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm

concept of a library of electronic works that could be freely shared

with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project

Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed

editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S.

unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily

keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

http://www.gutenberg.net

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm,

including how to make donations to the Project Gutenberg Literary

Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to

subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.